



.....
"UM DOS MELHORES AUTORES DE AVENTURAS HISTÓRICAS
DE NOSSO TEMPO." — THE WASHINGTON POST

B E R N A R D
C O R N W E L L

AUTOR DA TRILOGIA *AS CRÔNICAS DE ARTUR* E DA SÉRIE *CRÔNICAS SAXÔNICAS*

O Cerco de
S H A R P E

FRANÇA, JANEIRO DE 1814

AS AVENTURAS
DE UM SOLDADO
NAS GUERRAS
NAPOLEÔNICAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

B E R N A R D
C O R N W E L L

O Cerco de
S H A R P E

FRANÇA, JANEIRO DE 1814
AS AVENTURAS
DE UM SOLDADO
NAS GUERRAS
NAPOLEÔNICAS

Traduzido por Kleber de Souza Andrade
Da Edição Espanhola em 05/12/2014

Sinopse

Sharpe deve liderar um grupo de fuzileiros na captura de um forte na costa da França, para facilitar o desembarque das forças de Wellington. Porém, devido à incompetência de um capitão de navio e as pérfidas maquinações do espião Pierre Ducos, converte-se na mais perigosa e arriscada missão já empreendida por Sharpe.

O Cerco de Sharpe é dedicado a
Brenym McNight, Terry Farrand, Bryan Thorniley,
Diana Colbert, Ray Steele e Stuart Wilkie,
Com agradecimento.

Capítulo 1

Faltavam dez dias para a Candelária de 1814 e o vento do Atlântico vinha carregado de rajadas de uma chuva fria que açoitava as estreitas ruelas empedradas, caía das calhas da confusão de telhados e enchia de buraquinhos a água do porto interno de *Saint Jean de Luz*. Era um vento invernal, cruel como um sabre desembainhado, que formava redemoinhos com a fumaça das chaminés e os enredava com as nuvens baixas de janeiro que envolvia aquele canto no sudoeste da França, capturado pelo exército britânico em terra inimiga.

Um soldado inglês, cujo cavalo estava cansado e manchado de barro, descia por uma rua empedrada em *Saint Jean de Luz*. Abaixou a cabeça ao passar sob o letreiro de madeira de uma padaria, bordejou com sua égua uma carreta de pescado e desmontou em uma esquina onde um poste de ferro lhe proporcionava um lugar para atar o cavalo. Deu umas palmadinhas no animal e depois pôs os alforjes no ombro. Era evidente que havia cavalgado muito.

Entrou em um beco estreito, em busca de uma casa que só conhecia por sua descrição; era uma casa de porta azul e uma fileira de telhas verdes rachadas por cima do dintel. Tremia. Do quadril direito pendia uma espada longa dentro de uma bainha metálica, do ombro direito, um fuzil. Afastou-se para deixar passar uma mulher, vestida de negro e achaparrada, que levava uma cesta cheia de lagostas. Ela, agradecida por este soldado inimigo ter sido cortês, agradeceu com um sorriso, mas logo, quando se sentiu a salvo, se benzeu. Achara lúgubre o rosto do soldado que era marcado por uma cicatriz; era moreno e bonito, mas apesar disso parecia o rosto de um criminoso. Rogou a seu santo que seu filho não tivesse que enfrentar em batalha um homem como aquele e que em troca tivesse um emprego seguro e a salvo, no serviço aduaneiro francês.

O soldado, alheio ao efeito que produzia seu rosto, achou a porta azul abaixo das telhas verdes. A porta, apesar do dia frio, estava entreaberta; empurrou-a, sem bater, e abriu passagem até o primeiro aposento. Ali largou a mochila, o fuzil e os alforjes sobre um tapete surrado e ficou olhando o rosto irritado de um cirurgião do exército britânico.

— Eu o conheço — disse o cirurgião, com os punhos da camisa manchados de sangue seco.

— Sharpe, senhor, dos Voluntários do Príncipe...

— Sabia que o conhecia — interrompeu o cirurgião. — Eu lhe extraí uma bala de mosquete depois de Fontes de Onor. Tive que esgaravatar para encontrá-la, recordo.

— De fato, senhor.

Era difícil para Sharpe esquecê-lo. O cirurgião estava meio bêbado, maldizia e cutucava na carne de Sharpe à luz de uma vela que ia se apagando. Agora ambos se encontravam no aposento exterior do alojamento do tenente coronel Michael Hogan.

— Não pode entrar aí. — As roupas do cirurgião estavam empapadas de vinagre profilático que enchia o pequeno cômodo com seu odor acre. — A menos que queira morrer.

— Mas...

— Não que me importe. — O cirurgião enxugou a taça da sangria na aba de sua camisa e depois a jogou dentro de sua bolsa. — Se quer pegar a febre, major, entre.

Cuspiu no escopro escarificador, limpou o sangue e deu de ombros enquanto Sharpe abria a porta interna.

O quarto de Hogan era aquecido por um grande fogo que crepitava quando as chamas entravam em contato com a chuva que entrava pela chaminé. Hogan estava em uma cama com um monte de cobertores por cima. Tremia e suava ao mesmo tempo. Tinha o rosto cinzento, sua pele parecia escorregadia de suor, tinha os olhos

totalmente vermelhos e murmurava algo a respeito de ser purgado com hissopo.

— Está delirando — disse o cirurgião atrás de Sharpe. — É a febre, como vê. Tem negócios com ele?

Sharpe olhava fixamente o enfermo.

— É meu amigo íntimo. — Virou-se para olhar o cirurgião. — Estive no Nive neste último mês, sabia que estava enfermo, mas... — Ficou sem palavras.

— Ah. — O cirurgião pareceu amolecer um pouco. — Oxalá pudesse ajudá-lo, major.

— O senhor não pode?

— Ele pode durar dois dias. Talvez dure uma semana. — O médico pôs o paletó que havia tirado antes para abrir uma das veias de Hogan. — Está envolvido em flanela vermelha, é sangrado regularmente e o alimentamos com pólvora e conhaque. Não se pode fazer mais nada, major, salvo rezar pela graça de Deus.

A enfermaria fedia a vômito. O calor do enorme fogo havia enchido a cara de Sharpe de suor e havia provocado que lhe saísse vapor de água de chuva do uniforme empapado enquanto se aproximava do leito, mas era evidente que Hogan não o reconhecia. O irlandês de meia idade, Chefe de Inteligência de Wellington, tremia e suava e se sacudia e desvariava com aquela voz que tão amiúde havia divertido Sharpe por sua acertada agudeza.

— É possível — o cirurgião falava de má vontade do aposento exterior — que o próximo comboio traga um pouco de quina.

— Quina? — perguntou Sharpe girando para a porta.

— A casca de uma árvore da América do Sul, major, às vezes chamada quinina. Uma boa infusão pode fazer milagres. Mas é uma substância rara, major, e tremendamente cara!

Sharpe se aproximou mais da cama.

— Michael? Michael?

Hogan disse algo em gaélico. Seus olhos pestanejaram ao olhar para Sharpe, se fecharam e voltaram a abrir.

— Michael?

— Ducos — disse o enfermo com clareza —, Ducos.

— Não sabe o que diz — disse o cirurgião.

— Sabe sim.

Sharpe havia ouvido um nome, um nome em francês, o nome de um inimigo, mas, no contexto febril, não sabia de que parte secreta da mente inteligente de Hogan havia brotado tal nome.

— Ele me foi enviado pelo marechal de campo — disse o cirurgião que parecia desejoso de se explicar — mas eu não posso fazer milagres, major. Apenas o Todo-poderoso pode fazê-los.

— Ou a quinina.

— Da qual faz seis meses não vejo uma pitada. — O médico seguia na porta. — Devo insistir para que vá embora, major. Deus nos livre de um contágio.

— Sim.

Sharpe sabia que não se perdoaria nunca se não proporcionasse a Hogan algum gesto de amizade, ainda que este fosse inútil, assim que se inclinou, pegou a mão do enfermo e lhe deu um aperto suave.

— *Maquereau* — disse Hogan com clareza.

— *Maquereau*?

— Major!

Sharpe atendeu à voz do cirurgião.

— A palavra *Maquereau* lhe diz algo?

— É um peixe. A cavala. Também em gíria francesa quer dizer rufião, major. Já lhe disse, está delirando. — O cirurgião fechou a porta da enfermaria. — E outro conselho, major.

— Sim?

— Se quer que sua mulher continue viva, diga-lhe que deixe de visitar o coronel Hogan.

Sharpe se deteve junto a sua bagagem ensopada.

— Jane o visita?

— Uma tal senhora Sharpe o visita a cada dia — disse o doutor —, mas eu não sei seu nome. Bom dia, major.

Era inverno na França.

O piso era uma extensão de madeira de buxo polida, as paredes eram de mármore brilhante e o teto um disforme de carregada gessaria e pintura. No centro do piso, abaixo do lustre de luzes escuras e cheias de incrustações e diminuída pelas enormes proporções do amplo aposento, havia uma mesa de malaquita. Seis velas, cuja luz era muito fraca para chegar até os cantos da grande sala, iluminavam mapas espalhados sobre a mesa de pedra verde.

Um homem se dirigiu da mesa para um fogo que ardia em uma lareira excessivamente trabalhada. Ficou olhando as chamas e, quando finalmente falou, as paredes de mármore fizeram sua voz parecer oca de desespero.

— Não há reservas.

— A meia brigada de Calvet...

— Tem ordens de se dirigir para o sul sem demora. — O homem afastou a vista do fogo e olhou para a mesa, onde o brilho das velas iluminava dois rostos pálidos por cima de uniformes escuros. — O Imperador não gostará se nós...

— O Imperador — o homem menor que estava junto à mesa interrompeu com uma voz surpreendentemente dura — recompensa o êxito.

A chuva de janeiro repicava contra as grandes janelas voltadas para o leste. As cortinas de veludo deste cômodo haviam sido arrancadas fazia vinte e um anos, como troféus de uma multidão revolucionária que havia percorrido triunfante as ruas de Bordéus, e

não havia voltado a ter nem o dinheiro nem a vontade de pendurar cortinas novas. Em consequência, em invernos como este, havia uma corrente de ar de força malévola. O fogo quase não esquentava a lareira, menos ainda a totalidade da enorme sala, e o general, que permanecia diante das débeis chamas, tremia.

— Leste ou norte.

Era um problema bem simples. Os britânicos invadiram um pequeno canto no sul da França, não mais que um pontinho entre os rios do sul e o golfo de Biscaia, e estes homens esperavam que os britânicos voltassem a atacar. Mas para onde iria lorde Wellington? Para o leste ou para o norte?

— Sabemos que é para o norte — disse o homem pequeno. — Senão, por que estão reunindo barcos?

— Em tal caso, meu caro Ducos — perguntou o general retrocedendo para a mesa —, vai ser uma ponte ou um desembarque?

O terceiro homem, um coronel, jogou um charuto ao piso e o esmagou com o pé.

— Talvez o americano possa nos dizer.

— O americano — disse Pierre Ducos com mordacidade — é como uma mosca no traseiro de um leão. Um aventureiro. Eu o utilizo porque nenhum francês pode fazer esse trabalho, mas espero pouca ajuda de sua parte.

— Então quem pode nos dizer? — O general penetrou na auréola de luz produzida pelas velas. — Esse não é o seu trabalho, Ducos?

Para o major Pierre Ducos, dada sua importância, era raro ver-se desafiado assim, contudo a França era atacada e Ducos se sentia quase impotente. Quando, com o restante do exército francês, fora expulso da Espanha, Ducos havia perdido seus melhores agentes. Agora, ao entrar na mente de seu inimigo, Ducos só via névoa.

— Há um homem — disse em voz baixa.

— E então?

Os grossos óculos redondos de Ducos refletiram a luz das velas quando fixou o olhar no mapa. Deveria enviar uma mensagem atravessando as linhas inimigas, e se arriscava a perder seu último agente com uniforme britânico, mas talvez o risco fosse justificado se lhe proporcionasse as notícias que necessitavam com tanto desespero. Leste, norte, uma ponte ou um desembarque? Pierre Ducos consentiu com a cabeça.

— Eu tentarei.

Por esse motivo, três dias depois, um tenente francês atravessou cautelosamente uma ponte de tábuas geladas que cruzava um afluente do Nive. Gritou com entusiasmo para advertir aos sentinelas inimigos que se aproximava.

Dois casacas-vermelhas britânicos, com os rostos envolvidos em farrapos para proteger-se do frio glacial, requereram a seu oficial. O tenente francês, ao ver que estava a salvo, sorriu brincalhão para o piquete.

— Que frio, hein?

— Frio maldito.

— Para vocês.

O tenente francês entregou aos casacas-vermelhas um vulto envolvido em trapos que continha uma barra de pão e uma tira de salsichas, o comportamento usual em tais ocasiões, depois cumprimentou o seu homólogo britânico com alegre familiaridade.

— Comprei o calicô para o capitão Salmon.

O francês desafiou sua mochila.

— Mas não encontrei seda vermelha em Bayona. A mulher do coronel pode esperar?

— Terá que esperar. — O tenente britânico pagou com prata o calicô e acrescentou um pacote de tabaco negro como recompensa para o francês. — Pode comprar café?

— Há em abundância. Uma escuna americana furou o bloqueio.
— O francês abriu o pacote. — Também tenho três cartas.

Como era usual, as cartas não estavam seladas, um sinal de que podiam ser lidas. Alguns oficiais do exército britânico tinham conhecidos, amigos ou familiares nas filas inimigas e os piquetes adversários sempre haviam atuado como serviço postal não oficial entre os exércitos. O francês recusou uma caneca de chá britânico e prometeu trazer um saco de café de quatro libras, comprado no mercado de Bayona, no dia seguinte.

— Isso se ainda estiverem aqui amanhã.

— Estaremos aqui.

E assim, de uma maneira que totalmente normal e acima de qualquer suspeita, a mensagem de Pierre Ducos foi entregue a salvo.

— Por que não posso voltar a visitar Michael? É sumamente decente. Afinal de contas, ninguém achará que se pode ter um comportamento inapropriado com um enfermo.

Sharpe nem se informou da ironia de Jane.

— Não quero que pegue a febre. Entregue a comida a seu criado.

— Tenho visitado Michael todos os dias — disse Jane — e estou ótima. Além disso, você foi vê-lo.

— Pensei que minha constituição era mais forte que a sua.

— Certamente além de mais feia.

— Insisto — disse Sharpe com pesada dignidade — em que evite o contágio.

— Tenho toda a intenção de evitá-lo. — Jane estava sentada e imóvel enquanto sua nova criada francesa colocava pentes em seu cabelo. — Mas Michael é amigo nosso e não quero que se sinta esquecido. — Fez uma pausa, para deixar que seu marido rebatesse sua argumentação, mas Sharpe estava aprendendo com rapidez que na grande escaramuça que é o matrimônio, a felicidade se comprava com frequentes retiradas. Jane sorriu.

— E se resisto a este tempo, é porque sou tão forte como qualquer fuzileiro.

O vento marinho, que uivava procedente de Biscaia, fazia ranger as dobradiças de seu alojamento. Do outro lado dos telhados Sharpe via a confusão de cabos e mastros dos barcos que abarrotavam o porto interno. Um desses navios havia trazido os novos uniformes que estavam sendo fornecidos a seus homens.

Esperaram muito por eles. Os Veteranos do South Essex, que agora Sharpe tinha que chamar de Voluntários do Príncipe de Gales, há três anos não recebiam uniformes novos. Tinham as casacas feitas farrapos, descoloridas e remendadas, mas agora, aquelas casacas velhas, que haviam lutado através da Espanha, eram substituídas por tecido novo e brilhante. Algum batalhão francês, ao ver os gabões novos, pensaria que pertenciam a uma unidade recém-chegada que não conhecia o sangue e sem dúvida pagariam caro seu erro.

As ordens para o reequipamento proporcionaram a Sharpe a oportunidade de ficar com sua jovem mulher, ao mesmo tempo em que dera a oportunidade a todos os homens casados do batalhão de ficarem com as suas. O batalhão havia estacionado nas margens do rio Nive, perto das patrulhas francesas, e Sharpe havia ordenado que as mulheres ficassem em *Saint Jean de Luz*. Estes poucos dias eram preciosos para Sharpe, eram dias que o tinham arrancado da linha dura e gelada do rio, dias para ficar com Jane, e dias estragados apenas pela doença que ameaçava a vida de Hogan.

— Eu lhe levo comida do Clube — disse Jane.

— Do Clube?

— Onde comemos, Richard. — Virou-se de costas para o espelho, com a expressão de uma mulher satisfeita com sua própria imagem. — Essa é sua casaca boa, acho.

Em cada cidade ocupada pelos britânicos, e onde passavam alguns dias, um dos edifícios se convertia em um clube de oficiais. O edifício não se elegia nunca oficialmente, nem se designava como

tal, mas por algum estranho processo e dois dias após a chegada do exército, combinava-se de uma forma geral que uma casa fosse o lugar onde os cavalheiros elegantes pudessem ir para ler os diários de Londres, beber vinho quente com especiarias diante de um fogo bem cuidado, ou jogar umas mãos de *uístes* durante a noite. Em *Saint Jean de Luz* a casa escolhida dava ao porto externo.

O major Richard Sharpe, criado em um orfanato comum e que havia ascendido desde a escória da tropa do exército britânico, nunca fizera uso anteriormente de tais clubes temporários de cavalheiros, mas devem-se satisfazer os caprichos das esposas jovens e belas.

— Não sabia — disse tristemente a Jane enquanto abotoava a nova casaca verde — que se permitia a entrada de mulheres nos clubes de cavalheiros.

— Aqui, sim — disse Jane — e vão servir bolo de ostras para o almoço.

Isto resolveu a questão. O major Richard Sharpe e senhora almoçariam fora e o major Sharpe tinha que pôr o uniforme incômodo e esticado que comprara em Londres, para uma recepção real e que odiava. Pensou, enquanto subia de braços dados com Jane os amplos degraus do clube de oficiais, que era muito sábio o velho conselho de que um oficial nunca deveria levar uma mulher de boa família a uma guerra ruim.

Contudo, a irritação passou quando penetrou na sala de jantar cheia de gente. Encheu-se daquele orgulho que sempre sentia quando levava Jane a um lugar público. Ela era, sem dúvida alguma, belíssima, e sua beleza ia acompanhada por uma vivacidade que dava caráter a seu rosto. Havia fugido para casar-se com ele fazia alguns meses; fugira da casa de seu tio nas cinzentas marismas de Essex para vir à guerra. Provocava olhares de admiração dos homens de todas as mesas, enquanto que as esposas de outros oficiais, que suportavam os inconvenientes de fazer uma campanha por amor, olhavam com inveja a beleza

tranquila de Jane. Algumas, também, invejavam o homem alto, de cabelo preto e com uma cicatriz carrancuda, que parecia tão incômodo entre o luxo e as comodidades indulgentes do clube. O nome de Sharpe se sussurrava de uma mesa a outra; o nome do homem que havia capturado um estandarte do inimigo, que havia atravessado uma das atrozes brechas de Badajoz e que, isso se rumorejava, enriquecera com o butim manchado de sangue de Vitória.

Um mordomo com luvas brancas abandonou uma mesa de oficiais superiores para ir até Jane.

— O capitão queria sentar-se aqui, senhora — o mordomo estava escovando desnecessariamente o lugar de uma cadeira próxima a uma das amplas janelas —, mas eu lhe disse que estava guardada para alguém especial.

Jane sorriu para o mordomo de uma maneira que teria escravizado a um misógino.

— Muito amável de sua parte, Smithers.

— É aquele dali — disse Smithers indicando com a cabeça depreciativamente para uma mesa junto ao fogo, onde dois oficiais navais estavam sentados ao calor mais incômodos.

O oficial mais jovem era um tenente, enquanto que uma das duas dragonas do outro homem era brilhante e nova, e indicava uma recém-promoção à categoria de capitão.

Smithers voltou a olhar Jane com devoção.

— Reservei uma ou duas garrafas do clarete que lhe agrada.

Sharpe, a quem o mordomo ignorara, deu sua opinião a respeito do vinho com a esperança de não se equivocar. O bolo de ostras estava realmente bom. Jane disse que levaria um pedaço ao alojamento de Hogan nessa mesma tarde e Sharpe voltou a insistir em que ela não deveria entrar no quarto do enfermo e percebeu um indício de irritação no rosto de Jane. Mas sua irritação não fora causada pelas palavras de Sharpe, mas pela repentina aproximação do capitão da marinha que, com grosseria, havia se situado justo

atrás da cadeira de seu esposo, em um lugar de onde podia ouvir a conversa entre o major e a senhora Sharpe.

O oficial da marinha, contudo, não viera para escutar indiscretamente, mas para observar através da janela salpicada de chuva. Seu interesse estava em uma pequena flotilha de barcos que havia surgido ao redor da ponta norte. As embarcações eram pequenas e gorduchas, nenhuma tinha mais de quinze metros de comprimento, mas cada uma tinha uma grande pressão de vela que conduzia o grupo de barcos com velocidade para a entrada do porto. Eram escoltados por um bergantim que, por não ter inimigos, tinha as canhoneiras fechadas.

— São Luggeres — disse Jane a seu marido.

— Luggeres?

— Lugres costeiros, Richard. Levam quarenta toneladas de carga cada um. — Sorriu contente por sua exibição de conhecimentos. — Esqueceu que cresci na costa. Os contrabandistas de Dunkirk usavam este tipo de barco. A marinha — Jane disse alto o bastante para que o capitão intruso ouvisse — nunca os pegava.

Mas o capitão da marinha não estava atento às palavras da senhora Sharpe. Observava a frota dispersa de lugres que, surgindo de uma rajada de chuva, parecia ir à deriva de lado para evitar um banco de areia que marcado por uma linha quebrada de espuma suja.

— Ford! Ford!

O tenente enxugou os lábios com um guardanapo, tomou um gole de vinho, e se apressou para junto de seu capitão.

— Senhor?

O capitão sacou uma pequena luneta do bolso do gabão.

— Há algo interessante ali, Ford. Enfoque-o!

Sharpe se perguntava por que motivo os oficiais da marinha estavam tão interessados na embarcação costeira francesa, mas Jane disse que a marinha estava há dias reunindo os lugres. Ela

tinha ouvido que os barcos, com sua tripulação francesa, estavam sendo alugados com moeda inglesa, mas ninguém sabia explicar com que propósito.

A pequena frota já estava a quatrocentos metros do porto, e, para facilitar sua entrada na enseada abarrotada, cada barco ia baixando sua gávea. O bergantim havia se posto a pairar, com as velas tremendo, mas um dos barcos de cabotagem franceses, maior que o resto de seus companheiros, ainda tinha as cinco velas desdobradas. A água rompia branca na proa e resvalava com uma espuma cinzenta e borbulhante pelo casco, que era mais elegante que o dos outros barcos menores.

— Acha que é uma regata, senhor — disse o tenente com alegre vaidade por cima do ombro de Sharpe.

— Uma embarcação hábil — disse o capitão de má vontade. — Boa demais para o exército. Acho que deveríamos contar com ela em nossos efetivos.

— Sim, senhor.

O lugre maior e mais rápido havia se separado do grupo. Suas velas eram de um colorido cinzento sujo, a cor do céu no inverno, e seu casco pouco profundo era pintado de um negro mortiço como o breu. O convés, como todos os conveses dos lugres, era uma curvatura aberta por três mastros e a cana do leme, junto à qual havia dois homens. O aparelho estava amontoado com grande desordem sobre as tábuas do convés.

O bergantim, ao ver que o grande lugre avançava depressa, soltou uma corda com bandeiras de cores vivas. O capitão grunhiu.

— Os franchinotes de merda não vão entender isto!

Sharpe, ofendido com a proximidade indesejada do capitão da marinha, estivera buscando um motivo de discussão e agora que o capitão havia soltado um palavrão na frente de Jane, encontrara um. Levantou-se.

— Senhor.

O capitão da marinha, com lentidão deliberada, olhou com seus olhos claros de um verde brilhante para o major do exército. O capitão era jovem, gorducho e estava seguro de que tinha mais graduação do que Sharpe.

Ficaram se olhando nos olhos e Sharpe sentiu repentinamente a certeza de que ia odiar aquele homem. Não tinha razão para isso, nem justificativa, simplesmente era uma aversão física àquele rosto privilegiado e regozijado que parecia tão cheio de desprezo pelo fuzileiro de cabelos negros.

— E então? — inquiriu o capitão com uma voz que delatava uma alegre antecipação à discussão iminente.

Jane desarmou o confronto.

— Meu marido, capitão, é sensível à linguagem dos combatentes.

O capitão, sem saber se isso era um cumprimento ou uma zombaria, optou por aceitar as palavras como um tributo a sua arrogância. Deu uma olhada em Sharpe, da cara do fuzileiro ao novo tecido não descolorido de sua casaca verde. Um uniforme tão novo, evidentemente, dava a entender que Sharpe, apesar da cicatriz no rosto, era novato na guerra. O capitão sorriu altivo.

— Sem dúvida, major, sua delicadeza se verá ferida pelas balas francesas.

Jane, encantada ante a oportunidade, sorriu muito docemente.

— Estou segura de que o major Sharpe lhe agradecerá por sua opinião, senhor.

Isto provocou uma reação satisfatória; um estremecimento de surpresa e medo apareceu na cara gorducha e enfadada do jovem oficial da marinha. Então involuntariamente deu um passo para trás, depois, recordando a causa que quase provoca uma briga, inclinou-se para Jane.

— Minhas desculpas, senhora Sharpe, se a ofendi.

— Não me há ofendido, capitão...? — acrescentou Jane com tom interrogativo.

O capitão voltou a se inclinar.

— Bampfylde, senhora. Capitão Horace Bampfylde. E permita-me que lhe apresente o tenente Ford.

As apresentações se realizaram com gentileza, em sinal de paz, e Sharpe, transbordado por tão efusiva cortesia, se sentou.

— Esse homem não tem nenhuma educação — grunhiu em voz alta para que os dois oficiais da marinha pudessem ouvi-lo.

— Talvez não tenha tirado tanto proveito da vida como você — sugeriu Jane docemente, mas de novo a cena do outro lado da janela distraiu os marinheiros dos comentários incisivos.

— Cristo! — exclamou o capitão Bampfylde, sem notar que corria o risco de ofender uma dúzia de damas no refeitório.

A raiva enorme que denotava sua voz produziu um silêncio imediato e fez a atenção de todos na sala se fixarem no pequeno e impertinente drama que se desenrolava no frio mar invernal.

O lugre de casco negro, em lugar de obedecer à ordem do bergantim de arriar as velas e adentrar docilmente no porto de *Saint Jean de Luz*, havia mudado de rumo. Havia estado navegando em direção sul, mas agora ia para o oeste para cortar a popa do bergantim. Mesmo Sharpe, que não era marinheiro, via que o aparelho de velas áuricas do lugre o convertia em um barco hábil e rápido.

Não era a mudança de rumo o que havia provocado a surpresa de Bampfylde, mas que da coberta do lugre de casco negro haviam surgido de repente homens convertidos em guerreiros, e que, do mastro mezena, havia se desdobrado uma bandeira.

A bandeira não era o pavilhão azul da marinha de guerra, nem a tricolor da França, nem sequer a bandeira branca da monarquia francesa no exílio. Eram as cores do último inimigo da Grã-Bretanha; as barras e estrelas dos Estados Unidos da América.

— Um americano! — disse uma voz com indignação.

— Dispare, homem! — a ordem de Bampfylde ecoou nos confins do refeitório como se o patrão do bergantim pudesse ouvi-lo.

Contudo, o bergantim, com a proa ao vento, estava indefenso. Alguns homens corriam no convés e levantavam as canhoneiras, mas o lugre americano passava pela frente da abobadilha sem armas do bergantim e Sharpe percebeu a fumaça de um canhão, como uma flor de colorido branco-sujo, quando um bombardeio, lançado à distância de um tiro de pistola, caiu dentro do barco britânico.

O tenente Ford gemeu. Davi enfrentava Golias e vencia.

O som do canhão americano sulcou o mar encrespado como o rugido de um trovão, então o lugre começou a virar, com as velas rizadas, enquanto o patrão americano deixava que sua velocidade o impulsionasse contra o vento, até que, esticando na bordejada oposta, voltou a passar pela frente da abobadilha do bergantim em direção à frota de lugres.

O bergantim, cujos traquetes finalmente se incharam com o vento, levantou o casco e girou, recebeu uma segunda descarga de zombaria. O americano tinha cinco canhões em cada flanco, canhões pequenos, mas seu disparo perfurou a madeira de cedro das Bermudas do bergantim e semeou a morte no convés abarrotado.

Dois dos canhões do bergantim lançaram sua fumaça contra o vento frio, mas o americano havia calculado bem e o bergantim não se atreveu a disparar mais por temor de acertar os lugres, entre os quais, como um lobo em meio de um rebanho, navegava o americano.

Os barcos de cabotagem alugados não estavam armados. Cada barco, que se impulsionava com o mar e com as velas desfiadas, tinha uma dotação de quatro homens que não esperavam, sob a proteção da marinha de seu inimigo, enfrentar os disparos de um aliado.

As tripulações de civis franceses saltaram para as águas frias quando os americanos, utilizando os canhões com uma eficácia que Sharpe não podia deixar de admirar embora não pudesse aplaudir, introduziam um bala atrás de outra nos cascos dos lugres. Os canhoneiros apontavam baixo, com a intenção de destroçar, afundar e infundir pânico.

Os barcos colidiam entre si. O mastro maior de um lugre, com os amantilhos cortados, se fez lascas contra a água em uma maranha de cabos embreados e vergas caídas. Um barco se precipitou no mar revolto, outro, com o leme arrancado por um disparo, virou-se de lado e recebeu o golpe mutilador da proa de outro em sua amurada.

— Fogo! — voltou a rugir o capitão Bampfylde, mas desta vez não como uma ordem, mas em sinal de alarme.

Via-se chamas em um barco francês, depois em outro, e Sharpe adivinhou que os americanos usavam granadas como projéteis. Com o aparelho aceso como se fosse uma mecha chamejante, dois barcos mais colidiram, enredaram-se e as chamas de ambos se juntaram. Então uma milagrosa rajada de chuva varreu o golfo de Biscaia e ajudou a apagar as chamas e ao mesmo tempo permitiu que o navio americano se ocultasse.

— Não vão pegá-lo — disse o tenente Ford com indignação.

— Maldito seja! — disse Bampfylde.

O americano havia se esfumado. Podia navegar mais rápido que seus perseguidores de aparelho quadrado e assim o fez. A última coisa vista por Sharpe do navio com casco negro foram suas velas vacilantes em meio da trovoada cinzento e o lampejo brilhante de sua chamativa bandeira.

— Aquele é Killick! — exclamou o capitão da marinha com uma fúria que acrescentava a impotência. — Aposto que é Killick!

Os espectadores, horrorizados pelo que haviam visto, contemplavam o caos na entrada do porto. Dois lugres estavam afundando, três estavam em chamas e outros quatro estavam

caoticamente enredados. Dos dez barcos restantes pelo menos a metade encalhou no banco do porto e se viam empurrados de modo inexorável para dentro pela força da maré que fluía guiada pelo vento. Um americano maldito, em um barco de berbigão, havia bailado fazendo círculos arrogantes ao redor da marinha de guerra britânica e, o que era pior, diante dos olhos do exército.

O capitão Horace Bampfylde dobrou a luneta e a deixou cair no bolso. Olhou para Sharpe.

— Guarde bem isto! — disse o capitão —, guarde bem! Procurarei o senhor para dar-lhe um justo castigo.

— A mim? — respondeu Sharpe surpreso.

Mas não houve resposta, pois os dois oficiais da marinha se afastaram deixando Sharpe preocupado ante uma confusão de restos queimados que cabeceavam sobre a superfície cinzenta do mar e flutuavam para terra, onde um exército, em uma margem do rio de um país inimigo, se concentrava para realizar o próximo avanço. Embora ninguém soubesse na França, ainda, se seria pelo norte ou pelo leste, atravessando uma ponte ou em barcos.

Capítulo 2

Tinha um rosto de esporão, anguloso, enrugado e selvagemmente curtido; era um rosto perigoso e belo envolvido por uma mata de cabelo emaranhado de cor castanho-claro. Estava cheio de machucados, fora golpeado por ventos e mares, marcado por cicatrizes de espadas e queimado por explosões de pólvora, mas ainda era um rosto atraente; o suficiente para que as garotas o olhassem duas vezes.

Era precisamente o tipo de rosto que incomodava o major Pierre Ducos, a quem não agradavam os homens altos, seguros e bonitos como aquele.

— Qualquer coisa que o senhor possa me dizer — disse Ducos com forçada cortesia — seria de máxima utilidade.

— Posso dizer-lhe — disse Cornelius Killick — que um bergantim britânico está enterrando seus mortos e que os sacanas têm cerca de quarenta lugres no porto.

— Cerca de? — perguntou Ducos.

— É difícil fazer um inventário exato enquanto se disparam canhões, major.

O americano, sem saber do sinistro poder de Ducos, se inclinou sobre a mesa de malaquita e acendeu um charuto com a chama de uma vela.

— Não vai me agradecer?

A voz de Ducos era amarga e não ocultava ironia.

— O Império lhe está muito agradecido, capitão Killick.

— Agradecido o bastante para conseguir-me algumas chapas de cobre? — disse Killick com um francês excelente. — Isso foi o que combinamos.

— Ordenarei que lhe mandem algumas. Seu barco está em Gujan, correto?

— Correto.

Ducos não tinha intenção alguma de ordenar que lhe fizessem chegar chapas de metal à laguna de Arcachon, mas tinha que satisfazer o americano. A presença do capitão corsário havia sido muito fortuita para Ducos, mas o que ocorresse agora ao americano não tinha importância para uma França em ordem de batalha.

Cornelius Killick era o capitão do *Thuella*, uma escuna rápida e de linhas elegantes. Havia sido construída com um único propósito: esquivar-se do bloqueio britânico. Ao comando do capitão Killick, o *Thuella* havia se convertido em um espinho cravado na autoestima da marinha de guerra britânica. Tanto como navio de carga que esquivava as patrulhas britânicas, ou como corsário que não deixava escapar os retardatários dos comboios britânicos, o experiente marinheiro havia tido muita sorte na vida até que, a princípios de janeiro, quando o *Thuella* saía sigilosamente da desembocadura do Gironda em um amanhecer brumoso, uma fragata britânica surgira proveniente do norte prateado e desde a proa havia golpeado a popa do *Thuella* com balas de nove libras.

A escuna, que portava uma carga de canhões de doze para o exército americano, virou para o sul. Seu armamento não podia competir com uma fragata, nem sua velocidade podia protegê-la com aqueles ventos suaves envolvidos em bruma. Durante três horas sofreu o bombardeio. Um disparo atrás de outro se chocou contra a popa e Killick sabia que os artilheiros britânicos disparavam baixo para arrebentar suas pranchas e afundar seu amado barco. Mas o *Thuella* não havia afundado, e a bruma começou a se levantar. Depois o vento se converteu em brisa e, ainda que ferida, a escuna conseguiu deixar para trás seu perseguidor e se refugiara na ampla laguna de Arcachon. Ali, a salvo atrás dos canhões do forte *Teste de Buch*, o *Thuella* ficou encalhado para ser reparado.

O *Thuella*, ferido, necessitava de cobre, madeira de carvalho e breu. Os dias passavam e os suprimentos prometidos não chegaram nunca. O cônsul americano em Bordéus suplicou em nome de Cornelius Killick e a única resposta que se recebeu foi o estranho pedido, proveniente do major Pierre Ducos, de que o americano se levasse um lugre para o sul e investigasse por que os britânicos reuniam tais embarcações em *Saint Jean de Luz*. Não havia marinha de guerra francesa que pudesse realizar tal reconhecimento e não se podia confiar o trabalho a nenhuma tripulação civil francesa, seduzida pelo ouro britânico, assim que Killick fora. Agora, tal como havia prometido, estava naquela luxuosa sala em Bordéus para apresentar seu relatório.

— O senhor tem alguma ideia — perguntava Ducos ao americano alto — de por que os britânicos alugam os lugres?

— Talvez queiram fazer uma regata? — disse Killick passando a rir, mas viu que aquele francês não tinha nenhum senso de humor e que suspirava. — É de supor que tenham planejado desembarcar em nossa costa.

— Ou construir uma ponte?

— Para onde? Para a América? Estão enchendo o maldito porto de barcas. — Killick chupou de seu charuto. — E se fossem fazer uma ponte, major, não tirariam os mastros? Além do mais, onde poderiam construí-la?

Ducos desenrolou um mapa e deu um golpezinho no lugar onde se situava o estuário do Adour.

— Aqui?

Cornelius Killick ocultou sua impaciência, recordou que os franceses nunca haviam entendido o mar e que por esse motivo as frotas britânicas navegavam agora com tal impunidade.

— Nesse estuário — disse o americano suavemente — a maré baixa mais de cinco metros, com correntes terríveis. Se os britânicos construírem uma ponte aí, major, afogarão um exército.

Ducos achava que o americano tinha razão, mas ao francês não lhe agradava que um rufião do Novo Mundo lhe desse lições. O major Ducos teria preferido que suas próprias fontes lhe confirmassem, mas não havia chegado resposta alguma à carta que fizera passar através das linhas para o agente que servia à França com uniforme britânico. Ducos temia pela segurança de tal homem, mas o rosto olheirudo e com aspecto culto do francês não deixava ver nenhuma de suas preocupações enquanto interrogava o atraente americano.

— Quantos homens — perguntou Ducos — um lugre pode carregar?

— Uma centena. Talvez mais se o mar estiver calmo.

— E eles têm quarenta. O suficiente para quatro mil homens. — Ducos ficou olhando o mapa que estava sobre sua mesa. — E de onde virão, capitão?

O americano se inclinou sobre a mesa. A chuva repicava na janela e uma lufada de ar levantou um canto do mapa. Killick o segurou com um castiçal.

— O Adour, Arcachon ou o Gironda — disse dando um golpezinho em cada lugar enquanto pronunciava o nome.

No mapa se via a costa francesa do golfo de Biscaia. A costa era uma extensão vertical, quase reta como uma régua, e sugeria praias compridas de ondas perigosas e revoltas. Contudo, a costa se via quebrada por duas desembocaduras de rio e pela ampla laguna de Arcachon, quase totalmente rodeada de terra. E de Arcachon a Bordéus, viu Ducos, havia a distância de uma marcha curta, e se os britânicos tomassem Bordéus poderiam isolar o exército do marechal Soult no sul. Era uma ideia atrevida e arriscada, mas sobre um mapa e em um escritório de inverno, Ducos achou que fosse viável. Retirou a vela, enrolou o mapa e o meteu em um tubo rígido.

— Aconselho, capitão Killick, que esteja a muitas léguas de Arcachon se os britânicos desembarcarem ali.

— Então me mande cobre.

— Enviaremos pela manhã — disse Ducos. — Tenha um bom dia, capitão, e obrigado.

Quando o americano já tinha ido, Ducos voltou a desenrolar o mapa. A pergunta ainda o inquietava. Era a movimentação no porto de *Saint Jean de Luz* uma simples farsa para desviar a atenção do leste? Ducos maldisse ao homem que não havia respondido sua carta e se perguntou que credibilidade podiam ter as palavras do aventureiro americano. Norte ou leste, ponte ou barcas? Ducos se sentiu tentado a acreditar no americano, mas o fato de saber que uma invasão era planejada era inútil a menos que se conhecesse o lugar do desembarque. Contudo, ainda havia um homem que talvez pudesse dizer, e saber essa resposta implicaria uma vitória, e a França, neste inverno duro e úmido de 1814 necessitava de uma vitória.

— Está nos procurando, senhor? — perguntou um guarda-marinha vestido com casaca alcatroada situado no extremo superior dos degraus cheios de algas e limo do cais de *Saint Jean de Luz*.

— É do *Vengeance*? — perguntou Sharpe olhando com apreensão o diminuto bote, frágil sobre as águas cheias de porcaria, que tinha de levá-lo até o *Vengeance*.

Sharpe havia recebido uma ordem repentina, peremptória e dura, que não lhe dava explicações e que simplesmente exigia que se apresentasse de imediato no cais onde um bote do *Vengeance*, o barco de sua majestade, o estaria esperando.

Quatro remadores sorridentes, sem dúvida esperando ver o oficial dos fuzileiros escorregar nos empinados degraus de pedra, aguardavam na canoa.

— O capitão teria mandado seu lanchão, senhor — disse o guarda-marinha a modo de desculpa pouco convincente —, mas o estão usando para os outros cavalheiros.

Sharpe se meteu na canoa que se balançava.

— Que outros cavalheiros?

— Não me falaram, senhor.

O guarda-marinha não devia de ter mais de catorze anos, mas dava as ordens com certeza e garbo, enquanto o major Sharpe se acocorava na bancada de popa e se perguntava qual dos barcos atracados no porto exterior era o *Vengeance*.

Parecia que não era nenhum deles, pois o guarda-marinha conduziu sua diminuta embarcação para fora da entrada do porto, corcoveando e golpeando com sua proa contra a forte corrente da maré do outro lado da barra de areia. Agora, diante dele, na enseada aberta, estava ancorada uma flotilha de embarcações. Sobressaindo entre os outros barcos havia um navio de linha.

— Aquele é o *Vengeance*? — perguntou Sharpe.

— É, senhor. Um 74, do mais suave que há.

O entusiasmo do guarda-marinha pareceu pouco pertinente a Sharpe. Não havia nada no *Vengeance* que sugerisse suavidade; além do mais, ancorado no forte fluxo de ondas do oceano cinzento, parecia uma massa cruel de vigas, corda e ferro; um dos assassinos com costados metálicos da frota britânica de alto mar. Seus lados enxadrezados eram como escarpados e o casco pesado, à medida que a canoa de Sharpe ia se aproximando do grande barco, desprendia o fedor de podridão do alcatrão, dos corpos sem lavar e da sujeira; o odor normal em um navio de guerra acalmado.

O guarda-marinha gritou umas ordens, os remos se jogaram para trás, a cana do leme se pôs de lado e, como desejava, a canoa atracou quase sem dar um golpe na madeira. Sharpe tinha sobre sua cabeça uma escada, que conduzia ao convés e de cujos primeiros degraus gotejavam água.

— Quer que desçam um guincho, senhor? — perguntou solícito o guarda-marinha.

— Eu me viro.

Sharpe esperou que uma onda levantasse a canoa e então saltou para a escada escorregadia devido à chuva. Ele a alcançou, agarrou-se a ela e depois foi subindo com dificuldade e vergonha, até que recebeu o assobio de saudação do contramestre.

— Major Sharpe! Bem-vindo a bordo.

Sharpe viu a um tenente, impaciente e afável, que sem dúvida esperava ser reconhecido. Sharpe franziu o cenho.

— O senhor estava com...

— Com o capitão Bampfylde, verdade, senhor. Sou Ford.

O senhor Ford, elegantemente Vestido, foi dando-lhe conversa enquanto conduzia Sharpe para as cabines de popa. Era uma honra, disse, ter a bordo um soldado tão distinto, e era possível que Sharpe tivesse parentesco com sir Roderick Sharpe de Northamptonshire?

— Não — respondeu Sharpe enquanto recordava as palavras de despedida do capitão Bampfylde no Clube de Oficiais. Eram por acaso o motivo deste requerimento?

— Talvez de um dos Sharpe de Wiltshire? — Ford parecia desejoso de situar o fuzileiro em um contexto social acomodado.

— Middlesex — disse Sharpe.

— Cuidado com a cabeça. — Ford sorriu enquanto indicava para Sharpe a baixa escada do castelo de popa. — Não conheço os Sharpe de Middlesex.

— Minha mãe era prostituta, eu nasci em um orfanato e me alistei no exército como soldado raso. É simples assim.

O sorriso de Ford não falhou.

— O capitão o está esperando, senhor. Entre, por favor.

Sharpe passou sob o dintel da porta aberta e se encontrou em um camarote luxuosamente mobiliado que ocupava a largura da ampla popa do *Vengeance*. Uma dúzia de oficiais, cujas taças de

vinho refletiam a luz proveniente das janelas, estava sentada ao redor de uma grande mesa.

— Major! Vemo-nos em melhores circunstâncias. — O capitão Horace Bampfylde cumprimentou Sharpe com efusivo e falso prazer. — Não há nenhum maldito americano que possa estragar nossa conversa, hein? Venha e una-se a nós.

Ao ver Bampfylde em seu navio Sharpe se deu conta do jovem que era o capitão da marinha. Bampfylde devia ter uns vinte e oito anos, contudo o capitão tinha uma confiança exultante e uma autoridade natural que compensavam sua falta de experiência. Seu rosto era carnosos, tinha olhos vivos e um ar impaciente que ele tentava ocultar enquanto fazia as apresentações.

A maioria dos homens sentados à mesa eram oficiais da marinha cujos nomes não diziam nada a Sharpe, mas também havia dois oficiais do exército, a um dos quais Sharpe reconheceu.

— Coronel Elphinstone?

Elphinstone, um engenheiro grande e robusto, cujas mãos estavam calejadas e cheias de cicatrizes, lhe deu as boas-vindas com um sorriso.

— Não conhece meu companheiro de armas, o coronel Wigram, Sharpe? — perguntou ironicamente o capitão Bampfylde.

Wigram era um ser de rosto cinzento, austero e pálido que respondeu à apresentação com um movimento seco da cabeça.

— Sente-se, major, para podermos por fim começar — acrescentou, conseguindo manifestar assim que Sharpe havia atrasado a reunião.

Sharpe se sentou junto de Elphinstone em uma cadeira próxima às janelas cuja vista oferecia a visão da maré, grande e cinzenta, do Atlântico, que quase não conseguia mover o casco do pesado *Vengeance*. Percebeu certo incômodo na cabine e considerou que Wigram e Elphinstone não estavam de acordo, uma impressão que se confirmou quando o alto engenheiro se inclinou para ele.

— Tudo isto é uma maldita loucura, Sharpe. Os soldados da infantaria naval estão com varíola e em seu lugar querem o senhor e seu regimento.

O comentário, aparentemente realizado baixo, havia alcançado com facilidade o extremo da mesa onde se sentava Bampfylde. O capitão franziu o cenho.

— Nossos soldados têm uma febre contagiosa, Elphinstone, não a varíola.

Elphinstone ofegou ironicamente, enquanto o coronel Wigram, à esquerda de Sharpe, abria uma caderneta encapada em pele. Wigram, de meia idade, tinha o ar de ser um daqueles homens que passou a vida em um escritório; como se toda sua impetuosidade e seu prazer tivessem se consumido entre processos empoeirados e carcomidos. Sua voz era precisa e suscetível.

Contudo, nem mesmo a voz áspera de Wigram podia esgotar a excitação proveniente das propostas que trazia a este conselho. A cem milhas ao norte, no interior das linhas inimigas, havia uma fortaleza chamada *Teste de Buch*. A fortaleza vigiava a entrada de um porto natural, a laguna de Arcachon, que ficava a apenas quarenta quilômetros da cidade de Bordéus.

Elphinstone, ao mencionar Bordéus, emitiu um grunhido desdenhoso, ao qual não fizeram caso as demais pessoas.

A fortaleza de *Teste de Buch*, continuou Wigram, tinha de ser capturada por uma força combinada da marinha e do exército. O comandante da expedição naval seria o capitão Bampfylde, enquanto que o oficial de terra de maior graduação seria o major Sharpe. Este, ao entender que aquele Wigram pedante e frio não ia se dirigir ao norte, sentiu um grande alívio.

Wigram lançou para Sharpe um olhar frio e inexpressivo.

— Uma vez que a fortaleza esteja segura, major, o senhor avançará por terra para estender uma emboscada na rota principal para a França. Uma emboscada com êxito alarmará o marechal

Soult, e inclusive poderia destacar algumas tropas francesas para vigiar contra outros ataques desse tipo.

Wigram fez uma pausa. Sharpe achava, enquanto escutava os golpes de água contra a popa do *Vengeance*, que havia uma tensão exagerada na cabine, como se Wigram se aproximasse de um tema que já fora discutido antes da sua chegada e pelo qual haviam brigado.

— É de desejar — Wigram girou a página de sua caderneta — que qualquer prisioneiro que o senhor faça na emboscada confirme os informes que nos chegaram da cidade de Bordéus.

— É uma estupidez — disse Elphinstone em voz alta.

— Seu desacordo já foi percebido — assinalou Wigram com desdém.

— Informes! — soltou Elphinstone. — Histórias de crianças, rumores, estupidezes.

Sharpe, pego com grande incomodidade entre ambos os homens, falou em voz baixa.

— Informes, senhor?

O capitão Bampfylde, evidentemente o aliado de Wigram na discórdia, optou por responder.

— Ouvimos, Sharpe, que a cidade de Bordéus está pronta para se rebelar contra o Imperador. Se isso for verdade, e desejamos profundamente que seja assim, então acreditamos que a cidade talvez se levante espontaneamente quando ouçam que as forças de sua majestade estão simplesmente a um dia de marcha.

— E se se sublevam — o coronel Wigram pegou o fio —, enviaremos tropas por barco para o norte até Arcachon, invadiremos a cidade e desta maneira a França ficará partida em duas.

— Percebe, Sharpe — Elphinstone desfrutava desta oportunidade para meter discórdia — que o senhor, um simples

major, foi escolhido para fazer o reconhecimento? Deste modo, se algo der errado, a culpa será sua.

— O major Sharpe tomará suas próprias decisões — disse Wigram Brandly — depois de interrogar seus prisioneiros.

— O que significa que o senhor não irá a Bordéus — disse Elphinstone a Sharpe de forma confiada.

— Mas o senhor foi escolhido, major — Wigram olhava para Sharpe com seus olhos pálidos —, não por seu posto inferior, tal como acredita o coronel Elphinstone, mas porque se sabe que é um oficial valente que não teme as decisões audazes.

— Em resumo — Elphinstone continuou a guerra que se travava na mesa —, porque o senhor será um bode expiatório ideal.

Os oficiais da marinha pareciam estar perturbados com os contratempos, todos salvo Bampfylde que evidentemente se deleitava com o enfrentamento dos coronéis. Agora o capitão da marinha sorriu.

— O senhor apenas deve entender, major, que seu primeiro trabalho consiste em tomar a fortaleza. Talvez, antes de revisar as operações subsequentes, o coronel Wigram poderia nos falar das defesas de *Teste de Buch*.

Wigram passou as folhas de sua caderneta.

— Nossos últimos informes de inteligência demonstram que a guarnição quase não pode utilizar quatro canhões. O restante dos homens foi para o norte para reforçar o exército do Imperador. Duvido que o major Sharpe tenha muitos problemas com uma força tão débil.

— Mas quatro canhões de fortaleza — disse Elphinstone asperamente — poderiam reduzir um batalhão a picadinho. Eu já o vi acontecer! — exclamou, deixando assim em evidência que Wigram, certamente, não.

— Se imaginarmos o desastre — disse Bampfylde com calma —, então deixaremos que o abatimento nos impeça de agir.

Tal comentário implicava que Elphinstone adotava uma atitude covarde, mas parecia que Bampfylde era inconsciente da ofensa que fizera e desdobrou um mapa sobre a mesa.

— Pondere o objetivo final, Sharpe! Agora! Para mim parece que só há uma maneira de proceder.

Deu uma ideia geral de seu plano, que era sem dúvida a única maneira sensata de proceder. A flotilha, ao comando de Bampfylde, navegaria para o norte e desembarcaria tropas na costa sul da ponta de Arcachon. Esta força, ao comando de Sharpe, se dirigiria para a fortaleza, um trajeto de umas seis horas, e a escalaria enquanto os defensores estariam distraídos com a incursão de uma fragata na boca do canal de Arcachon.

— A fragata receberá algum tipo de castigo — disse Bampfylde com equanimidade —, mas estou seguro que o major Sharpe dominará com rapidez os artilheiros.

No mapa se via a grande laguna de Arcachon, com o estreito canal de entrada, e a fortaleza *Teste de Buch* marcada na margem leste desse canal. Um perfil do forte, como um ponto de referência para marinheiros, estava desenhado no mapa, mas isso proporcionava poucos dados a Sharpe a respeito das defesas da fortaleza. Olhou para Elphinstone.

— O que sabemos do forte, senhor?

Elphinstone havia se ofendido com o trato descortês de Bampfylde e por isso optou por utilizar a linguagem técnica de seu ofício, sem dúvida com a intenção de molestar ao capitão convencido.

— É uma fortificação velha, Sharpe, de traçado quadrangular. Tem um talude de três metros, com uma contraescarpa de dois metros e meio que penetra no fosso exterior. Com largura de vinte e um, escarpa de três metros. É revestido de granito, por certo, como o restante do maldito lugar. Subirá a escarpa e se encontrará em uma contraguarda. Já o estarão crivando e terá que correr doze metros até a próxima contraescarpa.

O coronel falava com macabro prazer, como se estivesse vendo as figuras correndo e caindo sob o fogo inimigo.

— Esta é de quatro metros, está cheia de água, e a altura do recinto é de seis metros.

— A largura desse último fosso? — perguntou Sharpe enquanto tomava notas.

— Bem, bem, cinco metros. — Elphinstone deu de ombros. — Acreditamos que não está cheio de água mais que trinta ou sessenta centímetros.

Ainda que os oficiais da marinha não pudessem entender todos os tecnicismos de Elphinstone, podiam entender a importância do que estava dizendo. O *Teste de Buch* talvez fosse um forte velho, mas efetivamente era um sacana, um assassino.

— Armas, senhor? — perguntou Sharpe.

Elphinstone não tinha necessidade de consultar suas notas.

— Têm seis de trinta e seis libras em um baluarte semicircular que se mete no canal. Os outros canhões são de vinte e quatro e estão na muralha.

O capitão Horace Bampfylde havia escutado a linguagem técnica e percebeu que acreditavam ter marcado um ponto. Então sorriu.

— Temos de agradecer que não haja tenalhão.

Elphinstone franziu o cenho, dando-se conta de que Bampfylde havia entendido tudo o que havia dito.

— Certamente.

— Não há lunetas? — perguntou Bampfylde com expressão seráfica.

Elphinstone franziu o cenho marcadamente.

— Baluartes nos cantos, mas pouco mais que guaritas.

Bampfylde olhou para Sharpe.

— Surpresa e rapidez, major! Não podem defender todo o lugar e a fragata os distrairá.

Isto foi tudo, ao que parece, a respeito dos problemas para capturar a fortaleza. A conversa girou então para as operações navais que se propunham no interior da laguna de Arcachon, onde mais lugres esperavam a captura, mas Sharpe, pouco interessado nesta parte da discussão, deixou vagar seus pensamentos.

Não se fixou no camarote reluzente e luxuoso de Bampfylde, imaginou uma ladeira por cima da grama bem cortada, chamada talude. Atrás do talude havia um desnível de dois metros e meio que descia para um fosso revestido de granito de seis metros de largura.

No outro extremo do fosso seus homens se encontrariam com uma escalada de três metros que os conduziria a uma ladeira suave descendente; a contraguarda. A contraguarda era como um grande alvo que se exibia ao atirador postado na muralha interna, o recinto. Os homens atravessariam a contraguarda gritando e retorcendo-se enquanto as balas os golpeavam, e encontrariam um desnível de quatro metros que dava para um fosso cheio de água que tinha uma largura de cinco metros.

Por então, o inimigo já estaria lançando projéteis ou mesmo pedras. Uma pedra, lançada dos seis metros de altura da muralha interior, esmagaria o crânio de um homem como se quebrasse um ovo, contudo ainda lhes restaria escalar a muralha com escadas se tinham que penetrar na *Teste de Buch*. Se lhe dessem um mês e artilharia de sítio, Sharpe poderia abrir com explosões um caminho amplo através de todos os fossos e muralhas, mas não tinha um mês. Apenas tinha alguns instantes durante os quais tinha de salvar uma fragata do terrível fogo dos canhões pesados do forte.

— Major? — De repente a imagem da muralha de seis metros se desvaneceu e se viu substituída pelo sorriso brincalhão e curioso de Bampfylde. — Major?

— Senhor?

— Estamos falando, major, de quantos homens necessitaríamos para defender a fortaleza capturada enquanto esperamos os reforços procedentes do sul.

— Quanto tempo a guarnição tem que aguentar? — perguntou Sharpe.

Wigram respondeu.

— Poucos dias, no máximo. Se constatarmos que Bordéus está pronta para uma rebelião, então poderemos fazer um corpo do exército marchar para o norte em dez dias.

Sharpe deu de ombros.

— Duzentos? Trezentos? Mas é melhor que usem a infantaria naval, porque eu necessitarei de todo meu batalhão se quiserem que avance para o interior.

Era a primeira afirmação mordaz de Sharpe e atraiu curiosos olhares por parte dos oficiais da marinha mais jovens. Todos eles haviam ouvido falar de Richard Sharpe e observavam com interesse seu rosto curtido atravessado por uma cicatriz.

— Seu batalhão? — perguntou Wigram com uma voz muito seca.

— Uma brigada seria preferível, senhor.

Elphinstone espirrou com riso, mas a expressão no rosto de Wigram não mudou.

— E o que lhe faz supor, major, que Os Voluntários do Príncipe de Gales irá a Arcachon?

Sharpe assim havia suposto porque o haviam convocado e porque ele tinha o comando de fato do batalhão, mas o coronel Wigram agora o desenganava com brutalidade.

— O senhor está aqui, major, porque sua graduação se deve aos requerimentos do regimento. — A voz de Wigram, assim como seu olhar eram implacáveis. — Seu posto, major, é o de capitão. Os capitães, por mais ambiciosos que sejam, não comandam batalhões. Deveria saber que um novo oficial, com a conveniente

hierarquia e competência, vai se apresentar aos Voluntários do Príncipe de Gales.

Houve um silêncio horrível e perturbador no camarote. Todos os homens que ali, salvo o jovem capitão Bampfylde, conheciam as pontadas amargas de uma ascensão denegada e todos sabiam que estavam vendo como as esperanças de Sharpe se lançavam contra a roda do regulamento do exército. Os oficiais reunidos desviaram o olhar ante a evidente dor de Sharpe.

E Sharpe estava ferido. Ele havia recuperado aquele batalhão. Instruía-o, dera-lhe o nome do Príncipe de Gales e o havia conduzido às vitórias do inverno nos Pirineus. Tinha desejado, mais que isso, que seu comando à frente do batalhão se fizesse oficial, mas o exército havia decidido de outra forma. Um homem novo se encarregaria; além do mais, Wigram havia dito que o novo oficial comandante era esperado dentro de alguns dias com o próximo comboio proveniente da Inglaterra.

A notícia, dada com tanta frieza e de forma tão pouco compassiva no ambiente formal do camarote do *Vengeance*, cortou Sharpe até o osso, mas não podia objetar nada. Supôs que isso era por que Wigram havia escolhido esse momento para fazer o anúncio. Sharpe se sentia consternado.

— Naturalmente — disse Bampfylde inclinando-se —, a glória que implica a captura de Bordéus será mais que compensatória desta decepção, major.

— E o senhor se reincorporará a seu batalhão, como major, quando o dever esteja cumprido — disse Wigram, como se isso fosse um consolo. — Ainda que a guerra — acrescentou sorrindo para Sharpe — bem poderia terminar graças a seus esforços.

Sharpe se recuperou da amarga decepção.

— Esforços sem ajuda, senhor? Seus marinheiros estão de varíola, meu batalhão não pode ficar, o que se espera que eu faça? Instrua vacas para que lutem?

Parecia que Bampfylde franzia o cenho.

— Haverá soldados da infantaria naval, major. Buscaremos os homens adequados no esquadrão de Biscaia.

Sharpe, depois de haver dado a conhecer sua beligerância devido à notícia de Wigram, ficou olhando o jovem capitão da marinha.

— É uma boa coisa, não é mesmo, que a doença não tenha contagiado seus marinheiros, senhor? Parecia que o senhor tinha toda uma companhia quando subi a bordo?

Bampfylde ficou olhando para Sharpe como um basilisco. O coronel Elphinstone soltou uma risada rápida e ácida, mas Wigram deu um golpe sobre a mesa como um tímido mestre de escola para impor ordem na classe.

— Receberá tropas, major, o número necessário para sua missão.

— Quantos?

— O suficiente — disse Wigram com irritação.

Abandonou-se o assunto das tropas de Sharpe. Então Bampfylde começou a falar de um bergantim que fora enviado para observar a fortaleza e perguntar a qualquer pescador local encontrado no mar. A presença do corsário americano foi discutida e Bampfylde sorria enquanto falava do castigo que cairia sobre Cornelius Killick.

— Devemos considerar aquele condenado americano como um extra.

Depois, a conversa derivou para sinais navais, algo em que Sharpe era ignorante, pelo que voltou a pensar na questão da fortaleza. Mesmo uma fortaleza com poucos homens era uma coisa formidável e ninguém no amplo camarote parecia estar interessado em se assegurar de que lhe iam proporcionar a força adequada. Ao mesmo tempo, enquanto as vozes iam zumbindo ao seu redor, tentava digerir a profunda dor que lhe produzia a perda do comando de seu batalhão.

Sharpe sabia que o regulamento lhe impedia de ficar ao comando do batalhão, mas havia outros batalhões mandados por majores e parecia que para esses homens não se tinha em conta o regulamento. Mas para Sharpe sim. Dariam a outro homem o magnífico instrumento de infantaria que Sharpe comandara durante as batalhas de inverno e, uma vez mais, Sharpe estava à deriva e não era desejado naquele exército. Pensou amargamente que se tivesse sido um Sharpe de Northamptonshire, ou um Sharpe de Wiltshire, com uma etiqueta honorável junto a seu nome e um parque ao redor da casa de seu pai, então isto não tivesse sucedido. Mas ele era um Sharpe de Middlesex, concebido durante uma transação de uma prostituta e parido em uma pocilga, e por isso um bode expiatório adequado para chatos como Wigram.

O coronel Elphinstone, percebendo que Sharpe voltara a estar a milhas de distância, deu-lhe um chute no tornozelo e Sharpe voltou a prestar atenção a tempo de ouvir Bampfylde convidar os oficiais reunidos a jantar com ele.

— Temo que não possa.

Sharpe não queria permanecer em um camarote onde sua decepção o havia envergonhado ante tantos oficiais. Era um motivo mesquinho, de orgulho, mas um soldado sem orgulho era um soldado condenado à derrota.

— O major Sharpe — explicou Bampfylde com desdém mal dissimulado — se casou, assim que devemos renunciar a sua companhia.

— Eu não me casei — disse Elphinstone com beligerância — mas tampouco posso. Seu criado, senhor.

Ambos os homens, Sharpe e Elphinstone, fizeram a viagem de regresso juntos a *Saint Jean de Luz* na gabarra de Bampfylde. Elphinstone, envolvido em uma ampla capa negra, sacudiu a cabeça com tristeza.

— Maldita loucura, Sharpe. Maldita loucura de merda.

Começou a chover. Sharpe desejava ficar sozinho com sua desgraça.

— Sente-se decepcionado, não é mesmo? — comentou Elphinstone.

— Sim.

— Wigram é um sacana — disse Elphinstone selvagememente — e você não tem que se importar com ele. Você não vai a Bordéus. São ordens.

Sharpe, tirado de sua autopiedade pelas ferozes palavras de Elphinstone, olhou para o engenheiro.

— Então por que tomaremos o forte, senhor?

— Porque necessitamos dos lugres, não ouviu ou estava dormindo durante toda a explicação?

— Sim, senhor — respondeu Sharpe consentindo com a cabeça.

Começou a chover com mais força, enquanto Elphinstone explicava que toda a expedição a Arcachon havia sido planejada simplesmente para liberar as três dúzias de lugres que estavam protegidas atrás dos canhões da fortaleza.

— Necessito dessas barcas, Sharpe, não para dançar valsa em Bordéus, mas para construir uma maldita ponte. Mas pelo amor de Deus não diga a ninguém que é uma ponte. Estou lhe dizendo porque não o quero vagando por Bordéus, entende?

— Totalmente, senhor.

— Wigram acredita que queremos as barcas para um desembarque, porque isso é o que Wellington quer que todos achem. Mas vai ser uma ponte, Sharpe, uma grande ponte maldita para surpreender os franchinotes de merda. Mas não posso construir a maldita ponte a menos que o senhor capture o maldito forte e me consiga os barcos. Depois disso, divirta-se. Arme uma emboscada na via principal, depois vá a Bampfylde e diga-lhe que os franchinotes ainda são leais a Bony. Nem rebelião, nem bobagens, nem glória. — Elphinstone olhava fixamente a água. —

Foi Wigram quem meteu na cabeça sobre Bordéus. O grande tonto senta-se atrás de sua maldita escrivania e acredita em todo rumor que ouve.

— É um rumor?

— Alguns franceses o plantaram. — Elphinstone se abrigou mais na capa enquanto a gabarra lutava contra a corrente que varria o banco de areia. — Michael Hogan não foi de ajuda. É seu amigo, não?

— Sim, senhor.

Elphinstone sorveu pelo nariz.

— Lástima que esteja doente. Não consigo entender por que Wigram acreditou, mas o fez. Mas você não deve acreditar, Sharpe. Wellington espera que você tome a fortaleza, deixe que o maldito Bampfylde saque as barcas, e depois regresse aqui.

Sharpe ficou olhando para Elphinstone e recebeu uma confirmação com a cabeça. Então Wellington não estava ciente dos planos de Wigram, mas colocara seu próprio homem, Sharpe, na operação. Era este o motivo, perguntava-se Sharpe, pelo qual perdera seu batalhão?

— Não importaria — continuou Elphinstone —, salvo que necessitamos da maldita marinha para nos levar lá e não podemos controlá-los. Bampfylde acha que vai conseguir um condado conquistando Bordéus, mesmo que encontre a morte. Nem levante, nem rebelião, nem esperanças, nem glória, nem o maldito condado.

Sharpe sorriu.

— Não haverá fortaleza a menos que tenha tropas decentes, senhor.

— Você terá as melhores possíveis — prometeu Elphinstone — mas não em grande número, pois isso seria uma tentação para invadir Bordéus.

— Verdade, senhor.

Os remadores gemiam ao esforçar-se lutando contra o último refluxo da maré enquanto a gabarra dobrava o cais norte do porto. Sharpe entendia bem o que estava acontecendo. Necessitava-se de uma simples expedição fulminante, que devia capturar um forte costeiro, para liberar os lugres. Mas alguns oficiais ambiciosos, ávidos de fazer nome por sua conta nos últimos meses da guerra, queriam converter essa operação rotineira em uma ilusão. Sharpe, que realizaria o reconhecimento no interior, foi ordenado a destroçar essas esperanças.

O timoneiro dirigiu a proa do barco para um vão de degraus verdes e escorregadios. A gabarra pintada de branco, agora em águas mais quietas, se dirigiu rapidamente para o cais. A chuva virou tempestade, fazendo as pedras do cais parecerem mais escuras e tamborilando sobre a boina de Sharpe.

— Recolher remos! — gritou o timoneiro.

Os remos de pás brancas se levantaram como asas e o barco avançou descrevendo uma curva suave até o pé da escada. Sharpe levantou a vista. A muralha do porto, vertical, negra e molhada, se levantava por cima dele como um escarpado.

— Qual a altura? — perguntou a Elphinstone.

O coronel deu uma espiada para cima.

— Cinco metros? — Então se deu conta de o porquê da pergunta de Sharpe e deu de ombros. — Esperemos que Wigram tenha razão e não haja defensores suficientes na *Teste de Buch*.

Porque se o forte estivesse defendido, Sharpe não teria nenhuma oportunidade, nenhuma; seus homens morreriam e o oficial da marinha poderia pôr a culpa do fracasso no exército. Era um pensamento cortante para um entardecer invernal no qual a chuva caía inclinada de um céu cinzento como o aço e perseguia Sharpe através dos cantos onde sua mulher costurara um rasgão em sua casaca velha; a casaca das batalhas, a casaca verde que levaria à muralha de uma fortaleza que o estava esperando em Arcachon.

Capítulo 3

— Suponho — disse Richard Sharpe asperamente — que o exército não pôde encontrar soldados autênticos?

— É típico — respondeu o capitão de fuzileiros.

— Desculpe, suponho que o exército tampouco pode encontrar autênticos oficiais para o comando?

Sharpe riu. O coronel Elphinstone fizera o que pudera e o que fizera fora estupendo, pois Sharpe, se não pudesse entrar na batalha com seus homens, não teria feito melhor do que com a unidade do capitão William Frederickson, os fuzileiros do 60º. Deu a mão a Frederickson.

— Alegro-me, William.

— Nós não estamos descontentes.

Frederickson era um homem malvado, inclusive de aspecto vil. Perdera o olho esquerdo e cobria a órbita com um couro mofado. A maior parte de sua orelha esquerda fora arrancada por uma bala, e dois de seus incisivos eram próteses grosseiras. Todas estas feridas sofrera no campo de batalha.

Os homens de Frederickson, com engenho carinhoso ainda que carente de tato, o chamavam de Doce William. O 60º, criado para lutar contra as tribos dos índios americanos, ainda era conhecido como os Fuzileiros Reais Americanos, apesar de metade de a companhia ser alemã, um quarto ser de espanhóis que se alistaram durante a longa guerra e o restante serem britânicos, salvo por um único homem, de rosto severo e que, ele sozinho, justificava o antigo nome do regimento. Sharpe havia lutado ao lado desta companhia há dois anos e ao ver o rosto amargo, lembrou o nome.

— Aquele é o americano, não?

— Sim.

Frederickson e Sharpe estavam o bastante longe das duas companhias em formação, de maneira que os homens não podiam ouvi-los.

— Talvez nos topemos com algum americano — disse Sharpe. — Há um sacana chamado Killick rondando Arcachon. Taylor se importará se tiver de lutar contra um compatriota?

Frederickson deu de ombros.

— Deixe-o comigo, senhor.

Haviam entregado a Sharpe as duas companhias de fuzileiros de casacas verdes. Frederickson estava ao comando de uma e um tal tenente Minver da outra; juntos somavam cento e vinte e três homens. Não muitos, pensava Sharpe, para assaltar uma fortaleza na costa francesa. Seguiu caminhando ao longo do cais com Frederickson e se deteve junto a uma carreta com pescado, cujas escamas gotejavam sangue em um charco.

— Entre nós dois, William, é uma bagunça.

— Achava que fosse assim.

— Partimos amanhã para capturar uma fortaleza. Espera-se que não seja bem defendida, mas ninguém está seguro disso. Depois disto, sabe Deus o que virá. Há um louco que quer que invadamos a França, porém, entre você e eu, não devemos fazê-lo.

Frederickson sorriu zombeteiro, depois se virou e olhou para onde estavam as duas companhias de fuzileiros.

— Temos que capturar um forte nós sozinhos?

— A marinha diz que alguns soldados da infantaria naval poderiam nos ajudar.

— Isso é muito bom de sua parte.

Frederickson ficou olhando o grande bloco que era o *Vengeance*. As gabarras, impulsionadas por enormes remos compridos e pesados, levavam barris de água do porto para o enorme barco.

— Obterá munição extra. A Primeira Divisão pagará por isso.

- Roubarei os sacanas — disse Frederickson alegremente.
- E esta noite me dará a honra de jantar com Jane e comigo?
- Gostaria de conhecê-la — disse Frederickson com cautela.
- É maravilhosa — disse Sharpe com efusão.

E Frederickson, ao ver o entusiasmo de seu amigo, desejou que uma nova esposa não diminuísse sua vontade de participar no maldito assunto que lhes esperava lá, em Arcachon.

O major Henri Lassin achou detectar água e neve ao amanhecer, mas não pôde ficar seguro até que escalou até o baluarte do oeste e viu que dois flocos se assentavam brevemente nas grandes faces de seus canhões e depois se fundiam e se convertiam em fios de água fria. Os canhões estavam carregados, como sempre, mas as bocas e os respiros estavam tapados para protegê-los da umidade.

- Bom dia, sargento!
- Senhor!

O sargento deu pisadas contra o piso e umas palmadas para espantar o frio.

O ordenança de Lassin subiu pela rampa de pedra com uma bandeja com canecas de café. Lassin sempre levava canecas de café para a guarda da manhã e os homens agradeciam esse pequeno gesto. O major, diziam, era um cavalheiro.

Alguns meninos atravessaram o pátio correndo e se ouviam as vozes das mulheres nas cozinhas. Não deveria haver mulheres no forte, mas Lassin havia permitido que as famílias das dotações dos canhões ocupassem os alojamentos liberados pela infantaria, que fora combater no norte. Lassin achava que as probabilidades de que seus homens desertassem seriam menores se suas famílias estivessem no interior das muralhas.

— Ali está, senhor — disse o sargento apontando por entre a chuva.

Lassan olhou para baixo para o estreito canal de Arcachon. Do outro lado dos bancos de areia, o vento destroçava as ondas cinzentas formando um branco redemoinho de água onde volteava um barquinho.

O barco era um bergantim britânico com dois altos mastros e uma ampla carangueja na popa. Lassan sabia que seu casco de faixas brancas e negras ocultava dezoito canhões. Suas velas estavam rizadas, mas mesmo assim parecia cabecear entre as ondas e Lassan viu a altura que salpicava a espuma na proa do bergantim.

— Nossos inimigos — disse suavemente — têm um café da manhã acidentado.

— Sim, senhor — respondeu o sargento rindo.

Lassan embalava sua caneca de café. Havia algo vulnerável em seu rosto, um olhar assustado e cansado que fazia seus homens serem protetores com ele. Sabiam que o major Lassan queria ser sacerdote quando acabasse a guerra e gostavam disso, mas também sabiam que lutaria como um soldado até que o último tiro da guerra fosse disparado. Agora observava o bergantim britânico.

— Você o viu na noite passada?

— Ao entardecer, senhor — disse o sargento com certeza. — E havia luzes acesas ali de noite.

— Está nos observando, verdade? — Lassan sorriu. — Está olhando para ver do que somos feitos.

O sargento deu um golpezinho no canhão em resposta.

Lassan virou-se e olhou detalhadamente o pátio do forte. Havia chegado um aviso de Bordéus de que se preparasse para um ataque britânico, mas Bordéus não lhe havia enviado nenhum homem para reforçar sua minguada guarnição. Lassan podia dotar os enormes canhões ou proteger as muralhas que olhavam para terra, mas não podia fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Se os britânicos desembarcassem tropas e enviassem navios de guerra dentro do canal, Lassan seria pego entre a espada e a parede.

Virou-se para observar o bergantim britânico. Se Bordéus tivesse razão, esse barco inquisitivo estaria fazendo um reconhecimento e Lassan tinha que enganar os observadores. Tinha que fazê-los acreditar que o forte estava tão mal defendido que um desembarque de tropas não seria necessário.

O tenente Gerard apareceu bocejando pela porta pintada de verde do alojamento dos oficiais. Lassan lhe gritou.

— Tenente!

— Senhor?

— Hoje não terá bandeira! E não pendurem roupa para secar no telhado do quartel! Tampouco acredito que alguém queira secar roupa com este tempo.

Gerard, com sua casaca azul desabotoada sobre os suspensórios, franziu o cenho.

— Bandeira não, senhor?

— Já me ouviu, tenente! E nenhum homem nas frestas, entendeu? Apenas sentinelas nos baluartes.

— Sim, senhor.

Lassan virou-se e viu a virada do bergantim entre o vento empapado de chuva. Viu as velas que tremiam, a espuma e imaginou os oficiais vestidos com capas e com os galões deslustrados pelo sal, observando o forte, cinzento e achaparrado, com suas lunetas. Sabia de barquinhos desses que enviavam espiões para a costa francesa e depois detinham os barcos dos pescadores que trabalhavam perto desta. Hoje, portanto, e como cada dia durante a próxima semana, apenas os pescadores nos quais Henri Lassan confiava poderiam passar ante os canhões da *Teste de Buch*. Seriam convencidos a aceitar o ouro dos ingleses e a beber uma taça de rum em seus camarotes e a vender lagostas aos ingleses vestidos de azul; em troca lhes diriam uma ou duas mentiras plausíveis da parte de Henri Lassan.

Depois Henri Lassan lançaria um disparo pela França com seus grandes canhões passivos que esperavam ser utilizados.

Sorriu satisfeito com sua ideia e foi desjejuar.

Antes de jantar, Sharpe enfrentava momentos tristes e infelizes.

— A resposta — repetiu — é não.

O sargento-mor do regimento, Patrick Harper, estava na salinha do alojamento de Jane e retorcia seu gorro molhado com os dedos grossos e fortes.

— Falei com o senhor D'Alembord, senhor, foi o que fiz, e ele disse que posso ir. É que só andamos por aí sem nada o que fazer, é isso o que fazemos.

— Vem um coronel novo, Patrick. Ele precisará de seu sargento-mor.

Harper franziu o cenho.

— Também precisará de seu major.

— Não pode perder nós dois. — Sharpe não tinha poder para privar Os Voluntários do Príncipe de Gales dos serviços de seu imenso irlandês. — E se não o encontrar, Patrick, o que o novo comandante fará é designar outro sargento-mor. Você não gostaria disso.

Harper franziu o cenho.

— Eu preferiria estar em uma briga se houver, senhor, e o senhor Frederickson não acharia minha ajuda ruim, senhor.

— Não — disse Sharpe, que não podia se dar por vencido.

O homem enorme, dez centímetros mais alto do que Sharpe, sorriu irônico.

— Poderia pegar uma baixa por doença, senhor, poderia fazer isso.

— Primeiro tem que ficar doente.

— Mas se o estou! — exclamou Harper indicando sua boca. — Tenho uma dor de dente que é algo terrível, senhor. Aqui!

Abriu a boca com os dedos e Sharpe viu que Harper realmente tinha a gengiva superior avermelhada e inflamada.

— Dói?

— É horroroso, de verdade! — Harper, percebendo uma fenda na armadura de Sharpe, se entusiasmou descrevendo a dor. — É mais uma pontada, senhor. Vai e vem e vai e vem, como o redobre de um tambor dentro da cabeça. Desesperador, é isso!

— Então vá ver um cirurgião esta noite — disse Sharpe sem compaixão — e que o arranque. Depois regresse ao batalhão a que pertence.

O rosto de Harper se decompôs.

— De verdade, senhor? Não posso ir?

Sharpe suspirou.

— Preferiria tê-lo comigo, sargento-mor do regimento, antes que a uma dúzia de homens. — Isto era mais que verdade. Sharpe não conhecia nenhum homem que lutasse melhor, mas em Arcachon não podia ser. — Sinto muito, Patrick. Além do mais, você é pai agora. Deve ter cuidado.

A mulher de Harper, espanhola, havia dado à luz fazia um mês a um menino que fora batizado com o nome de Richard Patrício Augustine Harper. A escolha do nome de Richard havia perturbado a Sharpe, mas Jane se ficara encantada quando Harper lhe pedira permissão para usar o nome.

— E estou lhe fazendo um favor, sargento — continuou Sharpe.

— Como assim, senhor?

— Porque seu filho seguirá tendo pai dentro de duas semanas.

Sharpe imaginava a muralha, negra, vertical e molhada e aquela imagem fez sua voz se tornar cruel. Então se virou com a abertura da porta.

— Querida.

A bonita Jane, vestida com seda azul, sorriu encantada para Harper.

— Sargento-mor! Como está o pequeno?

— Simplesmente estupenda senhora!

Harper havia constituído uma firme aliança com a senhora Sharpe que parecia destinada a subverter a autoridade do major Sharpe.

— E Isabella lhe agradece pela roupa.

— Está com dor de dente? — exclamou Jane franzindo o cenho com preocupação. — Tem a bochecha inchada.

Harper se ruborizou.

— É uma dorzinha de nada, senhora.

— Tem que pôr óleo de cravo! Tem na cozinha. Venha!

Encontraram o óleo de cravo e depois Harper, desconsolado, se adentrou na noite.

— Não pode vir — disse Sharpe depois do jantar, quando Jane e ele regressavam caminhando pela cidade.

— Pobre Patrick.

Jane insistiu em parar no alojamento de Hogan, mas não havia novidades. Ela o visitara antes naquele mesmo dia e achara que o doente estava melhor.

— Preferia que não se arriscasse — disse Sharpe.

— Já me disse isso uma dúzia de vezes, Richard, e lhe garanto que ouvi todas elas.

Foram para cama e justo quatro horas depois, a patroa chamou a sua porta. Lá fora era noite escura e fazia frio dentro do quarto. A geada gravava desenhos nas janelas pequenas, desenhos que resistiam a se fundir apesar de Sharpe ter reanimado o fogo da diminuta lareira. A patroa havia trazido velas e água quente.

Sharpe se barbeou e depois vestiu seu uniforme de fuzileiro, velho e descolorido. Era o uniforme com o qual lutava, manchado de sangue e rasgado por balas e espadas. Não entraria em ação com nenhum outro uniforme.

Lubrificou o mecanismo de seu fuzil. Sempre entrava em batalha com uma arma longa, ainda que já fizesse dez anos que era oficial. Sacou sua pesada espada de cavalaria da bainha e comprovou como estava o fio. Achava estranho ir à guerra deixando sua mulher na cama, mais estranho ainda era não marchar com seus homens ou com Harper, e este pensamento lhe produziu um certo desassossego, pois não estava acostumado a lutar sem Harper a seu lado.

— Duas semanas — disse. — Estarei de volta dentro de duas semanas. Talvez menos.

— Parecerá uma eternidade — disse Jane fielmente, depois, com um tremor exagerado, retirou os lençóis e agarrou a roupa que Sharpe havia pendurado junto ao fogo para que se esquentasse. Seu cachorrinho, agradecido diante da oportunidade oferecida, saltou dentro da cama quente.

— Não tem que vir — disse Sharpe.

— Certamente que vou. É dever de toda mulher ir ver seu marido embarcar para a guerra.

Jane estremeceu de repente, depois espirrou.

Meia hora depois avançavam por uma ruela que cheirava a pescado e o vento lhes açoitava a cara como uma navalha. Algumas tochas chamejavam no cais, onde o *Amelie* se elevava sobre a maré ascendente.

Uma linha escura de homens, cujas armas reluziam suavemente, avançava para o interior do mercante que ia ser o transporte de Sharpe. O *Amelie* não era nenhuma joia da frota mercante britânica. Havia começado como barco carvoeiro, transportando carvão do Tyne para a espessa fumaça do Tâmis e suas madeiras escuras ainda fediam muito a pó de carvão.

Os barris, caixas e redes com provisões eram lançados a bordo na escuridão prévia ao amanhecer. As caixas com a munição dos fuzis se empilhavam no cais e junto com elas havia barris de carne de boi recém sacrificado asquerosamente salgada. O bolo se envolvia em lonas e se metia em caixas de pinheiro resinoso. Havia barris de água para a travessia, pederneiras de reserva para o combate e pedras de amolar para as lâminas das baionetas. Escadas de corda se enrolavam nos embornais para que os fuzileiros, ao chegar à praia onde desembarcariam, pudessem descer até as chalupas que o *Vengeance* enviaria.

Uma mancha cinzenta-prateada anunciou o amanhecer e foi avançando lentamente até que se deixou ver a água suja e cheia de porcaria do porto. A bordo da *Scylla*, uma fragata atracada no porto, luzes amarelas no camarote de popa indicavam sem dúvida onde desjejuava o capitão da fragata.

— Embrulhei um queijo para você. — A voz de Jane parecia débil e assustada. — Está em sua mochila.

— Obrigado.

Sharpe se inclinou para beijá-la e de repente desejou não ter que partir. Uma mulher, costumava dizer o general Crawford, debilita um soldado. Sharpe apertou sua mulher um instante e sentiu suas costelas sob a capa de lã e seda, depois, de repente, seu corpo magro deu uma sacudida e voltou a espirrar.

— Estou pegando um resfriado.

Estava tremendo. Sharpe tocou sua testa, estava muito quente.

— Não está bem.

— Odeio levantar tão cedo. — Jane tentou sorrir, mas seus dentes estalavam e voltou a tremer. — E parece que o pescado não me caiu bem esta noite.

— Vá para casa!

— Assim que tenha ido.

Sharpe, ainda que uma centena de homens o observasse, voltou a beijar sua mulher.

— Jane...

— Querido, tem que ir.

— Mas...

— É apenas um resfriado. Todo mundo se resfria no inverno.

— Senhor! — o Doce William cumprimentou Sharpe e se inclinou para Jane. — Bom dia, senhora! Que disposição!

— Certamente, senhor Frederickson — respondeu Jane tremendo de novo.

— Todo mundo está a bordo, senhor — disse Frederickson voltando-se para Sharpe.

Sharpe queria ficar com Jane, queria se assegurar que não pegara a febre de Hogan, mas Frederickson o estava esperando, os homens seguravam as cordas com as quais se retiraria a passarela e não podia mais ficar. Deu um último beijo em Jane e sua testa ardia como fogo.

— Vá para casa, para a cama.

— Eu irei — disse, tremendo, encurvada e encolhida para se proteger do vento glacial.

Sharpe parou, queria dizer algo memorável, algo que abarcasse o incipiente e extraordinário amor que sentia por ela, mas não achou as palavras adequadas. Sorriu, depois se virou e seguiu Frederickson para o convés do *Amelie*.

A luz do dia era tênue agora, se filtrava através da paisagem montanhosa pelas costas do porto e convertia a água em um prata frisado, borbulhante e cabeceante. A prancha batia contra as pedras do cais.

Lá longe, no mar, como uma montanha impossível que se elevasse na superfície das águas, uma estrutura ligeira de velas cinza e sujas atraía a luz do dia. Era o *Vengeance* que se punha em

marcha. Era tremendamente enorme; uma grande arma flutuante que podia fazer o ar tremer e o mar se sacudir quando lançava toda sua descarga, mas não seria útil nas águas diante do forte *Teste de Buch*. Este teria que ser tomado por homens com armas nas mãos.

— Está fazendo sinais. — Tremgar, o capitão do *Amelie*, cuspiu para lado. — Significa que partimos. Preparados, em frente! — gritou.

Uma gávea se deixou cair das vergas da próxima *Scylla* e o movimento, que sugeria uma marcha iminente, fez Sharpe se voltar para o cais. Jane, envolvida em seu gabão azul, ainda estava lá. Sharpe a via tremer.

— Vá para casa!

— Espere! Espere! — gritava uma voz.

O sotaque era francês e quem falava era um homem mal vestido, evidentemente um criado, que cavalgava em um cavalo e guiava um cavalo de carga com a rédea principal.

— *Amelie!* Espere!

— Maldição — disse Tremgar, que estivera enchendo o cachimbo com tabaco negro e agora o metia num bolso de seu gabão asqueroso.

Detrás do criado e do cavalo de carga e, majestoso como um bispo em uma procissão, cavalgava um homem alto e elegante sobre um cavalo grande e elegante. Seu rosto era delicado e sensível, uma capa branca com broches de prata e um chapéu bicorne com encerado o protegiam da chuva.

Voltaram a baixar a prancha e o homem, com um débil estremecimento como se o fedor do *Amelie* fosse demais para um cavalheiro de gostos tão delicados, subiu a bordo.

— Procuro o major Sharpe — anunciou com sotaque francês aos oficiais que haviam se reunido no castelo do navio.

— Eu sou Sharpe — respondeu desde o castelo de popa.

O recém-chegado virou-se dando um movimento que teria sido elegante em um salão de baile, mas que de alguma maneira era ridículo na coberta cheia de golpes de um navio carvoeiro antigo. Sacou um pincenê da manga e, com a ajuda deste, inspecionou o uniforme esfarrapado do major Richard Sharpe. Fez uma reverência, como sugerindo que ele tinha que ter sido o digno receptor de tal honra, então tirou o chapéu impermeável e deixou ver seu cabelo prateado e lustroso penteado para trás e arrumado com um laço de veludo negro. Estendeu um envelope selado.

— Ordens.

Sharpe, que havia saltado da popa, abriu o envelope.

Para o major Sharpe. O portador desta nota é o conde de Maquerre. Ele lhe prestará toda a ajuda que esteja em seu poder.

Bertram Wigram, coronel.

Sharpe cravou o olhar na cara magra tão empoada que parecia pálida. De repente lembrou que Hogan, em seus desvarios de doente, havia mencionado o nome de Maquereau, que significava cafetão, e se perguntava se o insulto era um apelido para este homem elegante e suscetível.

— O senhor é o conde de Maquerre?

— Tenho essa honra, senhor, e viajarei para Arcachon com os senhores.

A capa de De Maquerre havia se aberto e caído e deixava ver o uniforme dos Chasseurs Britanniques. Sharpe conhecia a reputação desse regimento. Os oficiais eram franceses leais ao *antigo regime*, enquanto que a tropa era formada por desertores do exército francês e todos eles eram verdadeiros sem-vergonhas. Sabiam lutar quando queriam, mas não era um regimento que Sharpe quisesse em seu flanco em uma batalha.

— Capitão Frederickson! Quatro homens para subir a bagagem do francês a bordo! Agora mesmo!

De Maquerre tirou suas luvas de pelica e com botões.

— Têm estábulos para meu cavalo? E a besta de carga.

— Cavalos não — disse Sharpe azedamente.

Essa resposta fez o conde de Maquerre lançar um mal-humorado ataque de protestos entre os quais destacou, sobretudo, o nome do duque de Angulema, Luiz XVIII e lorde Wellington.

Enquanto isso, uma mensagem de indignação procedente da *Scylla* queria saber por que o *Amelie* não havia largado amarras com a maré. Finalmente, Sharpe teve que ceder.

Isso significou um novo atraso, pois se teve de convencer os cavalos do conde a subir a bordo e uma seção dos fuzileiros de Frederickson teve que ceder o porão dianteiro para dar lugar às bestas. Os barris e as caixas foram levados para cima pela prancha.

— Eu, certamente — disse o conde de Maquerre —, não posso viajar neste navio.

— Por que não? — perguntou Sharpe.

Como única resposta, Sharpe percebeu um tremor nas narinas do francês. Aquilo significava um novo atraso; foi enviada uma mensagem para a *Scylla* perguntando se sua excelência o conde de Maquerre poderia se alojar a bordo da fragata, ou melhor, do *Vengeance*.

O capitão Grant da *Scylla*, sem dúvida pressionado pelo *Ventanee*, respondeu com brevidade. O conde, desgostoso, desceu ao camarote que dividiria com Frederickson.

Já estavam à plena luz do dia, as nuvens se dissipavam e deixavam ver a sujeira, amarela e preta, que flutuava no porto cinzento. O corpo de um cachorro morto golpeava contra o casco do *Amelie* ao mesmo tempo em que os cabos dianteiros se soltaram, a popa ficou livre e, proveniente de cima, se ouviu o som ameaçador das grandes velas que se soltavam ao poder do vento. Uma gaivota

emitiu um grito solitário e áspero; os marinheiros acreditavam que aquele som era a dor de uma alma afogada.

Sharpe ficou olhando para a garota de cabelos dourados envolvida em uma capa azul e prateada e culpou o vento pelas lágrimas que brotaram de seus olhos. Jane segurava um lenço contra seu rosto e Sharpe rogou para que o que havia visto não fossem os primeiros sintomas da febre. Tentou se convencer de que Jane estava bem e de que simplesmente não tinha se dado bem com o pescado da noite anterior, mas maldição, pensou, por que tinha que visitar Hogan?

— Vá para casa! — gritou apesar da distância que os separava.

Jane tremia, mas ficou. Observou o *Amelie* que abria passagem torpemente para o outro lado da barra e Sharpe, voltando a olhar para o porto, viu que a figura que segurava o diminuto lençinho branco e lhe dizia adeus ficava cada vez menor e finalmente desapareceu quando uma rajada de chuva sussurrou sobre o mar encrespado.

O *Vengeance* sobressaía entre os outros navios. O *Amelie* com as bombas em funcionamento se dirigiu para trás enquanto que a *Scylla*, rápida e impaciente, avançou para frente saltando com as rajadas. Os bergantins se aproximaram até situar-se atrás do *Amelie* e a costa da França se converteu em apenas uma mancha no mar cinzento.

Uma boia, embreada e negra, que indicava sabe Deus o quê, deslizou pela popa e deste modo se punha em marcha a expedição para Arcachon, em meio ao caos e à incerteza.

Capítulo 4

Durante todo o dia o major Henri Lissan observou os navios passarem, de um dos baluartes cobertos do forte e com a ajuda de uma luneta com tubo de cobre que pertencera ao seu avô.

No castelo não fora hasteada nenhuma bandeira. Um dos pescadores locais, que tinha a confiança de Lissan, havia levado sua barquinha até os bancos de Lacanau onde o bergantim britânico convidara o capitão a bordo. Tinha lhe servido rum, haviam pagado o pescado com moedas de ouro e o pescador havia informado com toda solenidade ao inimigo que o forte estava totalmente vazio; a guarnição o havia abandonado. Haviam se dirigido ao norte, disse, para servir ao Imperador e apenas uma reduzida milícia local fazia a ronda nas muralhas. Se acreditassem no embuste, Lissan conseguiria que os britânicos se pusessem a tiro de seus pesados canhões. Tinha motivos para pensar que o ardil fora aceito, pois o bergantim havia caçado as velas e navegava para o sul.

Agora, em lugar do bergantim, uma larga linha de velas cinza salpicava o horizonte a oeste. O major Lissan calculou que os navios estavam a oito ou nove milhas mar adentro e se deu conta de que se tratava de um comboio britânico que levava homens, armas, cavalos e munições para seu exército no sul.

Ao ver aquilo Henri Lissan se sentiu sozinho. Seu Imperador estava muito longe, ele estava sozinho na costa da França e seu inimigo navegava com impunidade com um grande comboio, contra o qual fazia falta uma frota para criar-lhe problemas. Mas já não havia frota francesa; a última fora destruída por Nelson há nove anos e os navios sobreviventes apodreciam nos ancoradouros.

Alguns barcos corsários, americanos e franceses, sulcavam o oceano, mas eram como cachorrinhos ladrando nos calcanhares de um grande rebanho. Nem mesmo Cornelius Killick, com seu esplêndido *Thuella*, poderia ter apresado um navio daquele

comboio. Killick poderia ter esperado um retardatário talvez, mas somente uma frota poderia romper aquela extensa linha de navios.

Era doloroso comprovar o poderio inimigo e ver-se tão despido, tão impotente. Os grandes porões daqueles navios continham os meios que levariam a morte ao exército de Soult no sul e Lassan não podia fazer nada. Podia ganhar sua batalhinha, se esta se apresentasse, mas não podia ser de ajuda no grande combate.

Este pensamento fez que repreendesse a si mesmo pela falta de fé e, como penitência, foi à pequena capela do forte e rezou por um milagre. Talvez o Imperador, que fazia marchar e contramarchar seus homens pelas estradas geladas do Norte, conseguisse uma grande vitória e rompesse a aliança que cercava a França; contudo o forte vazio era uma mostra da situação desesperada do Imperador. Havia penteado a França em busca de homens, depois havia voltado a pentear e muitos dos recrutas já haviam fugido para os bosques ou para as colinas para escapar daqueles sargentos que vinham em busca de rapazes, que não homens, para os canhões.

O estalido de botas, um grito e o chiado das dobradiças da porta que, mesmo lubrificada com frequência, se empenhava em gritar como uma alma que penetra no purgatório, anunciaram a chegada de um visitante ao forte. Lassan meteu o rosário no bolso, se benzeu e se adentrou no crepúsculo.

— Sacanas! Sacanas de merda! Boa tarde, Henri. — Cornelius Killick, com seu rosto selvagem enfurecido, cumprimentou o major.
— Sacanas!

— Quem?

— Bordéus! Não há cobre! Não há carvalho! O que esperam que eu faça? Colar papel para tapar os malditos buracos?

— Talvez deseje um pouco de vinho? — sugeriu Lassan diplomaticamente.

— Tomarei vinho.

O americano seguiu Lassan para o interior do alojamento do major, que parecia mais uma biblioteca que o quarto de um soldado.

— Aquele sacana do Ducos! Gostaria de puxar seus dentes através de seu traseiro.

— Eu achava — disse suavemente Lassan — que o dono da funerária de Arcachon havia lhe dado um pouco de madeira de olmo.

— Dado? O sacana nos fez pagar o triplo do que vale! E não me agrada navegar com um barco cujo fundo é feito com madeira de morto.

— Ah, superstição de marinheiro.

Lassan verteu vinho em taças de cristal que tinham o escudo de armas de sua família. O último conde de Lassan havia morrido na guilhotina, contudo Henri nunca estivera tentado de fazer uso do título que era, com todo direito, seu.

— Viu todos aqueles grandes mercantes dirigindo-se para o sul?

— Durante todo o dia — disse Killick com desalento. — Consiga um desses e terá uma pequena fortuna. Não tanto como um navio das Índias Orientais, certamente. — Acabou sua taça de vinho e pôs um pouco mais. — Já lhe falei do barco das Índias que aprisionei?

— Certamente que sim — disse cortesmente Henri Lassan —, três vezes.

— E seu porão ia talvez carregada de sedas? De especiarias? De tesouros do distante Oriente? De plumas de pavão real e safiras? — Killick deu uma risada. — Não, meu amigo. Estava carregado até a borda de salitre. Salitre para fazer pólvora, pólvora para mover balas, balas para matar os britânicos. Não é típico de nossos inimigos, hem, proporcionar os meios para sua própria destruição? — Sentou-se junto ao fogo e ficou olhando o rosto magro e culto de Lassan. — Então, amigo, os sacanas estão vindo?

— Se querem os lugres — disse Lissan suavemente —, terão que vir aqui.

— E o tempo — disse o americano — os deixará desembarcar a salvo.

A longa costa de Biscaia, que podia chegar a retumbar com grande fluxo de ondas, estava esta semana de bom humor. As ondas de arrebentação fora do canal tinham uma altura de um metro e meio, suficiente para espantar marinheiros de água doce, mas não altas o bastante para impedir que os botes dos barcos desembarcassem.

Lissan, ainda com a esperança de que seu truque persuadissem os britânicos de que não havia necessidade de desembarcar homens na costa do Sul, reconhecia, contudo a possibilidade.

— Efetivamente.

— E se vierem por terra — disse Killick com crueldade — o derrotarão.

Lissan deu uma olhada para o crucifixo de ébano que estava pendurado entre suas prateleiras cheias de livros.

— Talvez não.

O americano parecia não perceber a súplica que Lissan alçava ao Todo-poderoso.

— E se tomarem o forte — continuou —, terão o comando de toda a laguna.

— De fato.

— E capturarão o *Thuella*. — Killick disse isto em voz baixa, mas em sua mente via seu belo barco capturado por marinheiros britânicos. Levariam o *Thuella* para a Inglaterra como troféu e uma escuna elegante de Nova Inglaterra, feita para pegar os ventos dos oceanos vazios, se converteria em um barco costeiro dedicado ao comércio. — Por Deus que não o capturarão!

— Faremos o que possamos — disse Lissan inutilmente, ainda que não soubesse como a dotação de quatro canhões resistiria a

um ataque britânico; certamente era um problema cuja solução exigia um milagre. Lassan não duvidava que seus canhões pudessem causar danos, mas uma vez que os britânicos descobrissem que os canhões eram insuficientes para defender o forte, fariam desembarcar seus soldados da infantaria naval e o rodeariam. E Lassan, cujo Imperador havia cobiçado seus homens, não podia defender a muralha que dava para o mar e a que dava para terra ao mesmo tempo.

A triste notícia deixou o americano em silêncio. Olhava fixamente o pequeno fogo, com seu rosto de falcão franzindo o cenho e quando por fim falou sua voz foi estranhamente indecisa.

— E se lutarmos?

— Você? — perguntou Lassan sem poder ocultar sua surpresa.

— Podemos combater, Henri. — Killick sorriu brincalhão. — E temos aqueles malditos canhões de doze em nosso porão. — De repente lhe invadiu o entusiasmo, agarrou um mapa de Lassan que estava sobre a mesa e o prendeu nos cantos com livros. — Desembarcarão ao sul da ponta de Arcachon?

— Sem dúvida.

— E há apenas duas rotas que possam tomar para vir ao norte. As veredas junto à praia ou a estrada!

O rosto de Killick se iluminava ao pensar na ação e Lassan viu que o americano era um homem que desfrutava muito com os problemas simples da guerra. Lassan havia conhecido outros homens como ele; homens valentes que se tornaram famosos por toda a França e haviam escrito páginas de história com seu amor pela ação violenta. Perguntava-se o que ocorreria com tais homens quando a guerra acabasse.

— Você é um marinheiro — disse Lassan suavemente — e lutar em terra não é o mesmo que uma batalha naval.

— Mas se os sacanas não nos esperam, Henri! Se os sacanas acham que estão a salvo! Então lhes faremos uma emboscada! — Killick tinha certeza que seus homens, artilheiros qualificados,

poderiam manejar a artilharia francesa e via, em sua esperançada imaginação, a metralha triturando as filas dos soldados da infantaria britânicos que avançavam. — Por Deus, que podemos fazê-lo, Henri!

Lassan alçou levemente a mão para deter aquele fluxo de entusiasmo.

— Se realmente quer ajudar, capitão Killick, então ponha seus homens no forte.

— Não.

Killick sabia muito bem o que os britânicos fariam à tripulação de um navio corsário capturado. Se Killick lutasse para salvar o *Thuella* tinha de ter uma retirada a salvo em caso de ser derrotado. Contudo, em seu plano, consistente em armar uma emboscada para os britânicos quando se aproximassem do forte, não via nenhuma possibilidade de derrota. A infantaria naval inimiga se veria surpreendida, esfolada pela metralha e o *Thuella* estaria a salvo.

Henri Lassan, com o olhar fixo no mapa, se perguntava se o plano do americano era um esboço do milagre pelo qual ele havia rezado. Se os britânicos não capturassem o forte, não poderiam pegar os lugres e sem os lugres se veriam barrados pelos rios que fluíam com as águas caudalosas do inverno.

Barrados. E talvez o Imperador, que esfolava seus inimigos do norte, se dirigiria para o sul e infligiria ao exército britânico uma grande derrota.

Wellington, que vencera todo marechal ou general francês contra quem combatera, nunca havia enfrentado ao gênio do Imperador. Lassan se perguntava se este americano grande e bonito havia encontrado a pequena solução que reteria os britânicos o tempo suficiente para permitir que o Imperador viesse para o sul e desse aos malditos uma lição militar. Então uma pontada de realismo o obrigou a considerar a possibilidade de uma derrota.

— O que você fará, meu amigo, se os britânicos ganharem?

Killick deu de ombros.

— Desaparelhar o *Thuella* e fazer que pareça um barco naufragado e rezar para que os britânicos o ignorem. E você, major, o que fará?

Lassan sorriu com tristeza.

— Queimar os lugres, certamente.

Com esse ato, condenaria os duzentos homens que formavam as tripulações e suas famílias à penúria. O alcaide e o padre haviam lhe rogado que protegesse as barcas, que mesmo em caso de derrota francesa, dariam vida e alimento às comunidades da costa de Biscaia, mas em caso de derrota Lassan cumpriria seu dever.

— Esperemos que isso não seja necessário — disse Lassan.

— Não será. — Killick brandiu seu charuto e soltou uma baforada de fumaça como a que fazia a mecha de uma granada de morteiro. — É uma ideia brilhante, Henri! Então vamos esperar os sacanas se aproximarem, hein?

Beberam pela vitória sob o anoitecer invernal enquanto, longe, em direção sul, por onde navegava um grande comboio, Richard Sharpe e sua reduzida força se dirigiam para o norte para travar uma batalha.

Durante a noite nevou. Sharpe permaneceu junto aos enfrechates embreados na cobertura de popa do *Amelie* e observou os flocos que se amontoavam contra a luz. O fogo da galera ainda estava aceso e lançava uma grande capa vermelha vacilante sobre o traquete. Sua fumaça se desviava para o norte, para as luzes do *Vengeance*.

O *Amelie* navegava bem. Assim dizia o timoneiro, mesmo o capitão Tremgar, que saiu de sua maca as duas, estava de acordo.

— Nunca havia visto este maldito navegar tão bem, senhor. Não vai dormir agora?

— Não.

— Quer um pouco de rum?

— Não, obrigado.

Sharpe sabia que o capitão do mercante pretendia ser amável com ele, mas não queria que o sono se misturasse também com a bebida.

Permaneceu sozinho junto à amurada. Algumas vezes, quando o barco se inclinava por uma rajada de vento, uma lanterna lançava um raio reluzente sobre o mar liso e diligente. A neve se amontoava e desaparecia. Uma hora depois da breve conversa com Tremgar, Sharpe viu uma distante e diminuta chispa de luz, muito vermelha, ao leste.

— Outro navio? — perguntou ao timoneiro.

— Santo Deus, não, senhor! — o vento, brilhante graças à neve levava a voz do timoneiro e a devolvia a Sharpe entrecortada. — Aquilo é terra!

Uma cabana? A fogueira de um soldado? Sharpe nunca saberia. O fogo brilhava com luz tênue, algumas vezes inclusive desaparecia, e depois voltava a pestanejar e avançar a passo de tartaruga pelo escuro horizonte. Ao ver aquela luz distante e anônima Sharpe sentiu a inquietação de um soldado no mar. Sua imaginação, que o perseguia no combate, via o *Amelie* naufragado, viu as águas frias e cinzas sobre as madeiras quebradas e entre elas os corpos de seus homens girando como ratos em um tonel. Aquela chispinha vermelha era a única que estava a salvo, a única que era segura, e percebeu que preferiria estar a cento e sessenta quilômetros atrás das linhas inimigas e em solo firme, que a bordo de um barco em um mar traiçoeiro.

— Não consegue dormir? Eu tampouco.

Sharpe virou-se. A figura fantasmagórica do conde de Maquerre, cujo cabelo era tão branco como a grande capa que se abotoava com prata no colarinho, dirigiu-se para ele. O conde cambaleou, pois a proa do *Amelie* se chocou com uma onda maior e o homem teve que se agarrar ao braço de Sharpe.

— Desculpe, major.

Apoiado por Sharpe, o conde apoiou seu traseiro em um dos pequenos canhões que o *Amelie* era dotado para sua proteção.

O conde, com o cabelo exageradamente liso para aquelas horas da manhã, ficou olhando para o leste.

— A França — disse com reverência, inclusive com amor.

— *Saint Jean de Luz* é França — disse Sharpe em uma tentativa descortês de mostrar que a companhia do conde não era bem-vinda.

O conde de Maquerre não ligou para o comentário e ficou observando a diminuta chama, como se fosse o mesmíssimo Gral.

— Estou fora, major, há dezoito anos — disse com entoação trágica. — Esperando que a liberdade renasça na França.

O barco mergulhou novamente e Sharpe entreviu uma espiral de água cinzenta que desapareceu com a mesma rapidez com que havia se iluminado. A neve derretia em seu rosto. Todo mundo falava de liberdade, pensou. Os monárquicos e os antimonárquicos, os republicanos e os antirrepublicanos, os bonapartistas e os Borbones, todos levavam daqui para lá a palavra como se fosse um gênio em uma garrafa e eles fossem os únicos que possuíssem o saca-rolha do mundo. Contudo, se Sharpe descesse ao porão e despertasse os soldados que dormiam com tanta sujeira e desconforto no fedido *Amelie* e perguntasse a cada homem que ele queria na vida, sabia que, além de o acharem louco, não ouviria a palavra liberdade. Queriam uma mulher por companheira, bebida barata, um fogo no inverno e boas colheitas no verão e queriam um pedaço de terra e uma taberna própria. A maioria não conseguiria o que desejava.

Mas tampouco Sharpe. De repente teve uma visão clara e assustadora de Jane que jazia enferma, suando com os frios tremores da febre mortal. A imagem, tão extraordinariamente real sob aquela noite gelada, o fez estremecer.

Tentou tirar aquela visão da cabeça, depois se disse que Jane não sofria mais que uma dor de barriga e o frio do inverno, mas a superstição de um soldado se apoderou de repente da imaginação de Sharpe e sentiu, com absoluta certeza, que se afastava de uma esposa moribunda. Queria uivar seu sofrimento para a noite escura e nevada, mas ali não havia auxílio. Não o havia em nenhum lado. Ela estava morrendo.

— Maldita liberdade a sua — disse Sharpe violentamente.

— Major? — inquiriu o conde, ao ouvir a voz de Sharpe sem entender suas palavras, movendo-se ao longo da amurada.

Jane estaria morta e Sharpe regressaria junto ao monte de terra fria de sua tumba. Queria chorar por essa perda.

— Disse algo *monsieur*? — insistiu o conde.

Sharpe então se virou para o conde. O fuzileiro estivera abstraído em seus pensamentos, mas agora se concentrava no aristocrata alto e pálido.

— Por que o senhor está aqui?

— Aqui, *monsieur*? — perguntou De Maquerre na defensiva. — Pelo mesmo motivo que o senhor. Para levar a liberdade à França!

Os instintos de Sharpe se puseram alerta. Intuíu que um novo jogador entrava em ação, um jogador que ia trazer confusão nos assuntos da expedição.

— Por quê? — insistiu.

De Maquerre deu de ombros.

— Minha família é de Bordéus, major, recebi uma carta, contrabandeada, na qual se afirma que os cidadãos estão preparados para se rebelar. Fui ordenado a descobrir quanta verdade existe nessa carta.

Maldita seja, pois seus instintos tinham razão. Esperava-se que Sharpe descobrisse a disposição dos franceses, mas Wigram, conhecedor de que ele lhe daria uma resposta pessimista, havia enviado este aristocrata no último momento. Sem dúvida De

Maquerre daria a Wigram a resposta que queria; a resposta que os conduziria à loucura. Sharpe riu azedamente.

— O senhor acredita que duas companhias de fuzileiros podem fazer Bordéus deflagrar uma rebelião?

— Não, *monsieur* — *respondeu* o conde de Maquerre e fez uma pausa quando o golpe de uma onda fez que o navio desse um solavanco.

— Acho que duas companhias de fuzileiros, com a ajuda de alguns soldados da infantaria naval, podem manter o forte de Arcachon até que levem mais homens ao norte com os lugres. Por acaso não é esse o motivo para reunirem as barcas? Para uma invasão? E onde melhor para isso que em Arcachon?

Sharpe não respondeu. Elphinstone havia ordenado que frustrasse as ambições de Wigram, mas agora este francês presunçoso lhe dificultaria a tarefa. Seria mais simples, pensou Sharpe, lançar o homem pela borda agora.

— Mas se a cidade de Bordéus estiver pronta para uma rebelião — De Maquerre era felizmente alheio aos pensamentos de Sharpe — então podemos derrocar o regime agora, major. Podemos provocar uma insurreição nas ruas, podemos humilhar o tirano. Podemos terminar com a guerra!

Mais uma vez, Sharpe não respondeu, e o conde ficou olhando o lampejo de luz entre a fria escuridão.

— Certamente — continuou o conde —, se consigo levantar a cidade contra o ogro, espero que suas tropas venham em minha ajuda imediatamente.

Surpreso, Sharpe virou-se e olhou o pálido perfil do conde de Maquerre.

— Eu não tenho tais ordens.

O conde também se virou e mostrou a Sharpe o par de olhos mais pálidos e frios que se pudesse imaginar.

— O senhor tem ordens, major, de me oferecer toda a ajuda que esteja a seu alcance. Levo uma comissão do príncipe regente e uma comissão de meu rei. Quando ordenado, major, o senhor obedecerá.

Sharpe livrou-se de responder, pois se ouviu o som metálico e discordante do sino do barco. Perguntava-se, irritado, por que os marinheiros não davam a hora como as outras pessoas e se empenhavam em produzir mensagens gnômicas, de significado indeterminado, com seus sinos. Ouviram-se passos sob o convés com a mudança do turno. A lanterna da bitácula chamejou brilhante quando a tampa foi levantada.

— Sua primeira obrigação, major — prosseguiu o conde ignorando as figuras escuras que subiam pelas escadas do castelo de popa —, é desembarcar meus cavalos sãos e salvos.

Para Sharpe já era demais.

— Minha primeira obrigação, senhor, é com meus homens. Se o senhor não conseguir desembarcar seus cavalos então eles ficarão aqui e eu não vou levantar um maldito dedo para ajudá-lo. Bom dia.

Afastou-se indignado pelo convés; aquele gesto ficou embaçado porque cambaleou quando o *Amelie* chiou ao tomar um novo rumo, obedecendo às luzes que de repente chamejaram na popa do *Vengeance*.

O amanhecer avançava lentamente desde o leste cinzento. Parou de nevar e Sharpe viu, na penumbra, que ninguém havia se estabelecido em terra, que já estava surpreendentemente perto. Um bergantim próximo à costa e bandeiras de sinalização brilhavam na verga de mezena.

— Ele não estava conosco ontem — disse o Doce William, indicando com a cabeça o bergantim que fazia sinais e com aspecto de ter dormido asquerosamente bem. Levava para Sharpe uma caneca de chá.

— Devia estar xeretando a fortaleza. Dormiu bem?

— Não dormi.

Sharpe embalava a caneca e bebeu um pouco do líquido quente e amargo. A costa parecia estéril; dunas de areia cinzenta atrás da espuma e além das dunas se viam as formas escuras de pinheiros raquíticos. Não havia casas à vista. Longe, terra adentro, se viam as silhuetas das colinas baixas e encurvadas e, para o norte, um promontório de terreno escurecido que sobressaía e se metia nas águas desagradáveis.

O capitão Tremgar apontou para o cabo.

— A ponta de Arcachon.

Deixou os dois oficiais dos fuzileiros e gritou ordens através de um alto-falante. Sharpe ouviu o tremendo estrondo que produziam os cabos das âncoras ao serem desenrolados e atirados a chicotadas do escovéns. As velas, que um momento antes estavam infladas pelo vento, ondearam como monstruosas asas de morcego quando os gavieiros enrolaram a lona esticada nas vergas. O *Vengeance*, que surgia enorme sob a luz da manhã, já estava ancorado e jogava ao mar seus primeiros botes.

— Cristo na cruz! — soltou o Doce William com repentina ira.

Observava os botes que se apinhavam junto ao *Vengeance*.

Sharpe pegou sua luneta do bolso das calças e estendeu os tubos de marfim. A luneta era um presente do Imperador dos franceses a seu irmão, o rei da Espanha, mas o presente se perdera no saque de Vitória e agora pertencia a um fuzileiro inglês.

— Santo Cristo! — Sharpe repetiu a blasfêmia de Frederickson.

O *Vengeance* havia jogado ao mar três chalupas e cada uma delas estava cheia de soldados da infantaria naval com casacas vermelhas.

— Deve de ter pelo menos cem!

Observou que os homens iam descendo com cuidado e entravam nas barcas que se mexiam. O mar, milagrosamente, estava calmo esta manhã, com seu movimento próprio, mas sem o agito de

ondas quebrando. Sharpe levantou a luneta amaldiçoando, porque os pequenos vaivéns do *Amelie* tornavam difícil rastrear com a luneta e viu mais soldados com casaca vermelha que esperavam na coberta principal do *Vengeance*.

— Aquele sacana absolutamente não necessitava de nós!

— Não para tomar esse forte, talvez — disse o Doce William acendendo um charuto —, mas uma força de fuzileiros bem instruídos será mais que útil para marchar sobre Bordéus.

— Maldito seja!

Agora Sharpe entendia tudo. Wigram havia enviado De Maquerre para realizar seu plano. Apesar dos obstáculos, Wigram e Bampfylde queriam tomar Bordéus e Sharpe estava preso no centro. Observou as chalupas cheias que avançavam para a arrebentação das ondas e sentiu uma raiva amarga contra Bampfylde que havia mentido a respeito da doença, para poder contar com alguns fuzileiros treinados e executar assim seu disparatado plano. Inclusive o sol, que se deixava ver entre as nuvens pela primeira vez em semanas, era incapaz de diminuir a ira de Sharpe.

— Ao meu entender — disse Frederickson — ele queria você pessoalmente.

— A mim?

— Provavelmente tenha uma grande opinião de suas capacidades — disse Frederickson secamente. — Se o célebre major Sharpe fracassar, nenhum homem esperaria que o capitão Bampfylde tivesse êxito. Por outro lado, certamente, quem melhor que você para assegurar o êxito?

— Sacana de Bampfylde — disse Sharpe.

As chalupas desembarcaram as tropas de casacas vermelhas e depois regressaram rompendo contra a espuma. Os timoneiros, lutando apesar dos obstáculos, se sacudiam como pequenas marionetes ao tentar livrar as barcas da força da arrebentação. Não

foram ao *Amelie*, voltaram para o *Vengeance*, onde esperavam mais soldados da infantaria naval para desembarcar.

A manhã transcorria. Um desjejum à base de pão untado em molho de carne se repartiu entre os fuzileiros que esperavam na coberta do *Amelie*. Aquela infantaria naval que já estava na praia formou em filas e, para grande surpresa de Sharpe, a metade de uma companhia abandonou a margem e se dirigiu ao abrigo dos escuros pinheiros. Era para Sharpe estar ao comando das operações terrestres, mas o ignoravam absolutamente.

— Capitão Tremgar!

— Senhor?

— Sua barca pode me levar a terra?

Tremgar, um homem de meia idade envolvido em uma casaca asquerosa de lona, golpeou seu cachimbo contra a tampa de cobre do armário da bitácula, por causa disso, cheia de pequenos amassados.

— Não tenho ordens para fazer isso, major.

— Estou lhe dando as ordens!

Tremgar virou-se. Uma das chalupas se afastava do *Vengeance* e levava, em lugar da infantaria naval, um grupo de oficiais da marinha com capas azuis. Tremgar deu de ombros.

— Não vejo por que não, major.

Tardaram vinte minutos para baixar o bote do *Amelie* à água e outros cinco transcorreram antes que Sharpe estivesse sentado com desconforto na bancada de popa. O conde de Maquerre, que viu a oportunidade de escapar daquela barco pestilento, insistiu em compartilhar o bote. Havia trocado o uniforme britânico por um traje de tecido marrom.

Do convés do *Amelie* o mar parecia benigno, mas aqui, no pequeno bote, se levantava e ameaçava e fazia que um terror gelado percorresse as costas de Sharpe. Os remos o salpicavam, as ondas se lançavam pela borda e Sharpe esperava que em qualquer

momento o bote a remos virasse. O conde, envolvido em sua capa, parecia enjoado.

Sharpe virou-se. O casco do *Amelie*, manchado de sal e breu, ficou para trás. Um cozinheiro jogava pela borda um balde de porcaria e as gaivotas, gritando como espíritos malignos, se lançavam do ar entre as vergas e brigavam pelos restos.

O conde, ofendido pela indiferença que Sharpe mostrara nessa madrugada, não disse nem uma palavra. Lentamente, um movimento de remo atrás de outro, os quatro homens foram afastando o pequena barco do *Amelie* e o burburinho da espuma, como o rugido de uma batalha distante, foi crescendo.

Sharpe apalpou suas armas instintivamente. Seu fuzil tinha o cano tapado para protegê-lo dos salpicos de água do mar, e o mecanismo estava envolvido em um trapo velho. Era difícil manejar sua espada naquela barquinha. Uma onda levantou a barca e a lançou adiante para a arrebentação das ondas, que era como uma espuma açoitada pelo movimento brusco do vento, depois o bote se deixou cair em um vale de água cinzenta e transparente salpicada de algas marinhas flutuantes.

Este era o momento perigoso. O momento em que os barquinhos tinham que ir do mar até a arrebentação das ondas na margem. Anos atrás, em uma praia como esta em Portugal, Sharpe havia visto chalupas que viraram na arrebentação e jogaram na água mortífera os homens que levavam como se fossem marionetes. Recordava-se que os corpos chegaram à praia brancos e inflados, com os uniformes arrebentados pela carne inchada e que alguns cachorros perturbaram os cadáveres durante dias.

— Remem! — gritou o contramestre. — Remem, sacanas!

Os homens remaram e, como um vagão carregado de balas de canhão, a barca lutou onda acima. Os remos se dobravam com o esforço, depois o imenso poder do mar agarrou o jugo da chalupa e esta começou a avançar, sem impedimento algum, e o contramestre gritou para os homens que recolhessem os remos

enquanto inclinava todo seu peso na cana do leme que ficava atrás de Sharpe.

Os gritos do contramestre eram como um bramido prolongado que se misturava com o rugido das ondas. O mundo era branco e cinza, sulcado de cor verde-garrafa no centro, onde a onda rompia e fazia avançar a diminuta barca. A mão direita de Sharpe, com a qual se agarrava à borda, era de um branco frio e pálido, depois a proa da chalupa desceu, caiu e a água salpicou as orelhas de Sharpe com pingos brancos e gelados. O grito seguia retumbando em seus ouvidos e sentiu o pânico de um homem que se vê preso em um perigo que não pode controlar.

A proa desceu, a barca se estremeceu, tremeu e, de repente, começou a deslizar por entre a água borbulhante, sob a qual rangia a areia.

— Agora! — gritou o contramestre. — Agora, selvagens!

E os remadores saltaram pela borda, a água redemoinhava à altura de seus joelhos, e começaram a puxar da barca para levá-la até a praia.

— Vê, major. Foi fácil — disse o contramestre com calma.

Sharpe, tentando não mostrar o terror que havia sentido, deu um passo por das bancadas. Os dois remadores que restavam sorriram irônicos ao ver que avançava inseguro e o ajudaram. Outra onda rompeu e ascendeu pela margem, levantou a barca e a fez virar; Sharpe caiu sobre um negro enorme que riu ao perceber o apuro do soldado.

Levantou-se, equilibrou-se na proa e depois saltou sobre a onda que regressava. Nenhuma terra firme, nenhuma terra exuberante do povoado mais pacífico e verde da Inglaterra o teria feito se sentir melhor que aquela. Foi chapinhando até a areia seca e exalou um agradecimento silencioso por ver-se finalmente a salvo quando suas botas rangeram sobre as algas, as conchas e os pedaços de madeira que indicavam a altura das marés de inverno.

— Major! — gritou-lhe uma voz. O tenente Ford, o ajudante de Bampfylde avançava sobre a areia pegajosa. — Bem-vindo a terra. Não se precipitou, senhor?

— Precipitado? — respondeu Sharpe, enquanto tirava o tecido de seu fuzil, gritando para ser ouvido entre o ruído do vento e da espuma.

— Não recebeu ordem para desembarcar, senhor.

Ford falava com respeito, mas Sharpe estava seguro de que o jovem tenente fora enviado por Bampfylde para reprová-lo. O próprio capitão, resplandecente, vestido de azul, branco e ouro, dirigia os assuntos cinquenta metros praia adentro.

— Permita-me que lhe recorde, tenente — disse Sharpe —, que os atos em terra estão sob meu comando.

O conde de Maquerre, com a cara cinzenta depois de tê-la empoadado, alisou sua capa e se dirigiu pela areia para Bampfylde.

Ford deu uma olhada para o conde e depois para Sharpe.

— Como pode ver, senhor — o tenente não podia ocultar seu incômodo —, nossa infantaria se recuperou milagrosamente.

— Isso é o que parece.

Devia de haver centenas de soldados na praia e Sharpe havia visto pelo menos outros cinquenta marchando terra adentro.

— O capitão é da opinião — Ford havia se situado cuidadosamente em uma posição que impedia Sharpe de se dirigir para Bampfylde — que podemos nos encarregar do assunto sem risco.

Sorriu, como se tivesse trazido esplêndidas notícias.

Sharpe ficou olhando para o tenente, jovem e nervoso.

— O assunto?

— A captura da *Teste de Buch* — respondeu Ford ainda sorrindo como se pudesse envenenar Sharpe com suas boas notícias.

Sharpe olhou fixamente para Ford.

— O senhor está bloqueando a passagem, tenente.

— Oh! Peço que me desculpe, senhor! — disse Ford pondo-se de lado.

Bampfylde recebia o conde de Maquerre com evidente familiaridade, porém, ao ver que Sharpe se aproximava, fez um gesto para o francês esperar, então se dirigiu rapidamente para o fuzileiro.

— Bom dia, Sharpe! Muito adequado, hein?

— Adequado, senhor?

— O tempo! Deus sorri aos homens do mar.

Uma rajada de vento levantou alguns grãos de areia que se chocaram contra suas botas altas.

— O tenente Ford, senhor, me disse que não precisam de meus serviços.

— Não na *Teste de Buch*, certamente. Um de nossos bergantins interrogou um pescador ontem, Sharpe. Parece que os franchinotes abandonaram o forte! O que acha, hein? Deixaram algumas defesas, mas não vejo por que devemos incomodá-lo com escória desse tipo. Eu acho que o mais prudente, major, é que se dirija para o interior.

— Interior, senhor?

— Não tinha que armar uma emboscada na estrada principal? Mas o quero de regresso aqui, com seu relatório, na quinta-feira pela manhã. Está claro?

Sharpe olhou para trás daquele Bampfylde gorducho e seguro e viu a infantaria naval formando sobre a areia. Estavam em ordem ligeira, tinham deixado as mochilas e os gabões no *Vengeance*. Também parecia que estavam em plena forma e ao ver isso Sharpe se irritou.

— Seus homens se recuperaram de forma milagrosa, capitão?

— Realmente foi, major? — respondeu Bampfylde com o melhor dos humores e sorrindo. — Um *ruse de guerre*, major. Entende?

Sharpe conteve sua ira.

— Um *ruse*, senhor?

— Não queríamos que os agentes inimigos de *Saint Jean de Luz* adivinhassem nossos planos. Provavelmente terão informado que a infantaria naval está enferma e que uma escassa força de soldados, quase insuficiente para rodear um rebanho de ovelhas e muito menos para marchar sobre Bordéus, hein? — Bampfylde percebeu a incredulidade de Sharpe e sorriu. — Tenho mais infantaria naval a bordo, Sharpe, caso sejam necessários.

— Para tomar Bordéus? — inquiriu Sharpe em tom brincalhão.

— Se Maquereau disser que se pode fazer, o faremos. Cavalgará direto para Bordéus, Sharpe. Um tipo valente, hein? Seu conselho será inestimável, certamente, mas será Maquereau quem julgará o fracasso ou o êxito.

Bampfylde, a ponto de conseguir o êxito, tentava por todos os meios ser afável.

— Maquereau, senhor?

— Ah, o conde de Maquerre. Não deve usar seu apelido, Sharpe, não é educado — disse Bampfylde rindo. — Mas está a ponto de viver grandes acontecimentos, major. Ficará agradecido por esta oportunidade.

A gratidão de Sharpe se afogava em raiva. Bampfylde havia mentido descaradamente. Havia querido contar com Sharpe e seus fuzileiros para seus sonhos de glória e, agora, em uma fria praia francesa, se encontrava exposto à loucura contra a qual Elphinstone o advertira.

— Pensava, senhor, que a decisão a respeito de Bordéus era uma responsabilidade minha.

— Certamente reservamos para o senhor essa decisão. Mas não acha que De Maquerre será uma testemunha mais convincente? —

Fez uma pausa ao perceber a ira de Sharpe. — Naturalmente aceitarei seu conselho, major. — Bampfylde abriu a tampa de seu relógio para indicar a Sharpe que ele o estava retendo. — Regresse na quinta-feira, major! É quando Maquereau nos trará as notícias de Bordéus. E recorde! Rapidez e surpresa, major. Rapidez e surpresa!

Bampfylde virou-se para partir, mas Sharpe o chamou.

— Senhor! Os senhores acreditam no pescador?

Bampfylde mostrou seu desagrado.

— É assunto seu, Sharpe?

— Vai enviar piquetes à frente, senhor?

Bampfylde fechou bruscamente a tampa de seu relógio.

— Se desejar lições sobre operações militares, major, então as pedirei a meus superiores, não a meus inferiores. Minhas barcas irão recolher seus homens agora, major Sharpe, e lhe desejo um bom dia.

Bampfylde se afastou. Não necessitava de Sharpe para capturar o forte, assim que não queria que sua vitória fosse embaçada caso seu nome aparecesse junto ao de Sharpe no boletim que enviaria ao almirantado. Esse comunicado já tomava corpo na cabeça de Bampfylde, um boletim que seria impresso na *Naval Gazettey* que trataria, com modéstia impressionante por sua evidência, de uma fortaleza tomada, de uma baía desimpedida e de uma vitória conseguida. Mas a pequena vitória não seria mais que um sussurro comparada com a glória que se anunciaria a bumbo e prato quando Bordéus caísse. Assim, Bampfylde foi caminhando pela areia rangente e pegajosa e sua cabeça ia se enchendo com sonhos de vitória, e sonhos mais doces ainda, com fama e riqueza incomensuráveis.

Capítulo 5

Cornelius Killick cuspiu os sedimentos de café no fogo que havia acendido debaixo dos pinheiros. O vento era gelado, mas pelo menos não chovia, ainda que Killick suspeitasse que aquele momento de calmaria no mau tempo não ia durar.

Alguns de seus homens dormiam, outros se agarravam aos mosquetes e outros jogavam cartas ou dados. Estavam nervosos, mas se consolavam ao ver seu capitão alegre e confiante.

A confiança de Killick era só aparência. Estava tão nervoso como qualquer de seus homens e lamentava ter se oferecido de forma impulsiva para defender os acessos por terra ao forte. Não que o americano temesse um combate, mas uma coisa era lutar no mar, onde ele conhecia o significado de cada brisa e onde podia usar suas habilidades ao leme do *Thuella* para criar confusão entre seus inimigos, e outra coisa muito distinta era entrar em combate em terra firme. Era, tal como diria seu tenente irlandês, um cavalo de outra cor, e Cornelius Killick não estava seguro se lhe agradaria aquela cor.

Detestava o fato de a terra ser uma plataforma tão rígida para o combate. Um navio movia os canhões muito mais depressa que as rodas e não tinha onde se esconder no mar. Ali, sob o céu limpo, um combate era aberto e franco, enquanto que aqui qualquer arbusto podia ocultar um inimigo. Killick era consciente de que nunca havia recebido instrução, nem sequer havia vivido uma batalha em terra, contudo fizera a oferta ao major Lissan, assim que, sob aquele vento gelado, estava se preparando para oferecer batalha se a infantaria britânica viesse.

Contudo, ainda que Cornelius Killick tivesse dúvidas que minguavam sua confiança, também tinha estímulos que compensavam. Tinha com ele seis canhões de doze que tiraram do porão do *Thuella* e os haviam montado em suas carretas. Sua

solidez proporcionava a Killick um consolo estranho. Os canhões, tão belamente desenhados e de aspecto tão funcional, ofereciam uma promessa implícita de vitória. O inimigo viria com mosquetes e se enfrentaria a estas armas que Napoleão chamava suas “belas filhas”. Eram Gribeauval de doze, monstros assassinos do campo de batalha, enormes.

Para utilizar esses canhões Killick contava com sessenta homens; todos eles instruídos em seu uso. O americano sabia bem o destino que a tripulação de um navio corsário capturado teria com os britânicos, assim que não havia ordenado a seus homens que lutassem, convidara-os a ajudá-lo. Tal era a fé que tinham nele e tanto seu apreço, que apenas doze homens declinaram o convite. Portanto, Killick se encontraria rodeado este dia de voluntários, todos combatentes. Como, perguntava-se Killick, homens como estes podiam ser vencidos por tropas impressionadas, conduzidas por oficiais arrogantes e janotas.

O vento sacudiu os pinheiros e carregou a fumaça do fogo para o povoado. Não havia ninguém à vista nas distantes muralhas do forte, tampouco havia bandeira alguma.

— Talvez os sacanas não venham hoje.

O tenente Docherty se serviu um pouco de café turvo.

— Talvez não.

Killick se inclinou para o fogo e acendeu um charuto. De repente sentiu que se via forçado àquela luta para não perder seu navio. Não era capaz de enfrentar a perda do *Thuella*.

— Mas se finalmente vierem, Liam, arrancaremos a pele daqueles sacanas.

Essa era a terceira carta de Killick; contava com a surpresa que implica uma emboscada.

Uma hora mais tarde chegou a primeira mensagem proveniente da ponta de Arcachon. Killick havia postado quatro exploradores, cada um deles montado em um cavalo de carga, e a notícia que chegou era que haviam desembarcado soldados da infantaria naval

e já estavam avançando pelo labirinto de veredas que bordejava a praia.

— Eles o viram? — perguntou Killick ao capitão que trouxe a mensagem.

— Não — respondeu o homem, menosprezando o que pudessem ter visto os soldados.

Killick se levantou e deu umas palmadas.

— Em marcha, rapazes! Em marcha!

A tripulação do *Thuella* havia esperado com os canhões em um lugar a meio caminho entre as veredas da praia e a estrada que ia ao interior. Agora Killick sabia a rota tomada pelos britânicos e por isso teria que levar os canhões em direção oeste para cortar esse caminho.

Chegaram outras mensagens enquanto deslocavam os canhões. Cento cinquenta soldados da infantaria naval haviam desembarcado; não tinham nem artilharia nem cavalos e todos eles se dirigiam para o norte. Outros homens seguiram a infantaria para terra, mas tinham ficado na praia. Os quatro exploradores regressaram ao lugar da emboscada.

O lugar fora escolhido por Henri Lassan, e o fizera bem. Os canhões foram dispostos nos limites de um pinheiral; este cobria uma crista plana e dava para uma extensão de areia situada na borda das dunas da praia. Havia duas cabanas naquele areal, mas ambas se incendiaram há poucos anos e somente suas ruínas carbonizadas se destacavam naquela área pela qual a infantaria teria de marchar.

A localização dos canhões também oferecia proteção aos homens de Killick. Os canhões de doze estavam ocultos pelos pinheiros, de maneira que os projéteis surgiriam da escuridão de repente. E ainda que a infantaria naval contra-atacasse e fizesse frente à chuva de fogo que a açoitaria em diagonal e em direção ao mar, teria de subir uma lombada de areia que media dois metros de altura e tão empinada que era preciso usar as mãos para subi-la.

Vinte homens regressaram em busca das armações dos canhões, enquanto o restante preparava os grandes canhões para o combate. Tinham que mudar os canhões sobre as carretas da posição de transporte para a posição de combate, depois fixar os munhões e embutir a pólvora e a metralha dentro das bocas frias. A metralha foi preparada com o que havia no paiol do *Thuella*; cada fardo de balas envolvidas em lona saíria impulsionado por dois quilos de pólvora francesa que estava em um saco de sarja encaixada na recâmara do tubo. Meteram punções pelos ouvidos para furar os sacos de pólvora e depois introduziram tubinhos finos cheios de pólvora bem fina para que o fogo chegasse à carga.

Killick se inclinou na recâmara de um canhão. Semicerrou os olhos e olhou pela mira tangente, procurou o alvo e girou um quarto de volta a alavanca de latão do parafuso elevador. Satisfeito, se dirigiu a cada um dos outros canhões e fixou a vista nas miras e imaginou a confusão mortal que ia ter lugar no areal. O terrível poderio que prometiam aqueles canhões, agora ainda mudos, proporcionou a Killick uma grande confiança.

— O major lhe agradece, Cornelius — disse o tenente Liam Docherty que havia advertido ao major Lassan do desembarque dos britânicos. — Deseja que desfrute com o encontro.

Killick soltou sua risada sonora antecipando-se à vitória.

— Tardarão mais de seis horas em chegar aqui, Liam — fez uma pausa para acender um charuto —, mas mataremos aqueles filhos do diabo quando chegarem, hein?

— Certamente.

Para Liam Docherty a batalha que se aproximava constituiria uma pequena vingança contra os britânicos pela forma selvagem como haviam sufocado a rebelião dos Irlandeses Unidos. O pai de Docherty havia morrido enforcado como rebelde na Irlanda, enforcado de qualquer maneira junto a um riacho escuro com a mesma cerimônia que se ofereceria a um cachorro raivoso morto, e a mãe do garoto, que o criara na América, não lhe havia deixado esquecer aquilo. E Liam Docherty não havia querido esquecer.

Imaginava os casacas-vermelhas adentrando-se na clareira e desfrutava pensando na surpresa brutal que constituiriam os disparos dos seis canhões.

Alguns aldeãos, sentindo curiosidade pelos estranhos fatos que sucediam no sul, se posicionaram nas árvores para observar como os americanos se preparavam. Cornelius Killick lhes deu as boas-vindas. Durante a noite tivera medo, havia imaginado um desastre, mas agora, que o avanço do inimigo se apresentava com clareza e a localização da emboscada era propícia, estava convencido do êxito e lhe agradava que esta vitória tivesse espectadores e testemunhas.

— Pergunto-me o que diriam em Marblehead se nos vissem agora — disse alegremente a Docherty.

Liam Docherty pensou que pouca gente em Marblehead se surpreenderia com esta nova aventura de Killick. Cornelius Killick sempre havia tido reputação de ser um pilantra temerário.

— Talvez ponham seu nome em uma rua?

— Uma rua? E por que não na maldita cidade?

Somente faltava fazer uma coisa e se fez com a devida solenidade. Cornelius Killick desencapou a grande bandeira que havia trazido do *Thuella*. Suas barras e estrelas foram costuradas por um grupo de damas de Marblehead e fora benzida por um ministro presbiteriano que havia rogado para que a bandeira visse muitas matanças dos inimigos da república. Neste dia, Killick prometeu, o faria. A bandeira, caída pela falta de vento e sob as árvores, avançaria com o primeiro disparo e se ergueria orgulhosa enquanto os artilheiros faziam seu trabalho e o inimigo ia caindo.

Cornelius Killick e os homens do *Thuella* estavam preparados.

Estranhamente, a praia ficou deserta depois que a infantaria partiu. O vento era frio quando os homens de Sharpe avançaram cambaleando por entre a espuma, arrastando as mochilas, os gabões e as armas até as dunas.

— Outra barca, senhor — disse Frederickson desnecessariamente.

Sharpe grunhiu. As nuvens haviam voltado a ocultar o sol e a terra que conseguia ver com sua luneta era pouca. Em uma colina distante parecia que havia uma vereda que serpenteava para cima, mas não havia nem povoação nem igreja à vista que se correspondesse ao esquemático mapa aberto por Frederickson sobre a areia.

— O capitão disse que ficavam a três milhas ao sul da ponta de Arcachon, aqui.

Sharpe conhecia o mapa de memória e não se incomodou em dar uma olhada.

— Não há caminhos indo para o leste. A rota mais rápida para nós é por cima até Arcachon para dali pegar a estrada de Bordéus.

— Seguindo a infantaria?

— Deus, não. — Sharpe não se importava se não voltasse a ver Bampfylde. — Tomaremos a estrada para o interior. — Virou-se. O conde de Maquerre estava desconsolado na borda que deixava a maré e observava como descarregavam seus dois cavalos, cada um com uma comprida corda, sem delicadeza alguma. Agora os cavalos teriam que nadar amarrados ao bote do *Amelie* e o conde temia perdê-los.

Frederickson seguia olhando o mapa.

— Como vai impedir que Bampfylde invada a França?

— Negando-me a acreditar nesse sacana presunçoso — disse Sharpe indicando com a cabeça o francês. — Devia tê-lo lançado pela borda na noite passada.

— Eu poderia ter um acidente com o fuzil? — ofereceu-se solícito Frederickson.

Era um pensamento muito alentador naquela fria manhã, mas Sharpe sacudiu a cabeça em sinal de negação e se virou para

observar um grupo de fuzileiros que lidava com mantimentos entre a espuma.

— Podemos jogar pela borda as malditas escadas — disse Sharpe com amargura.

Perguntava-se como Bampfylde pensava atravessar os fossos e as muralhas da *Teste de Buch* sem escadas, mas decidiu se esquecer daquele problema, pois era irrelevante nesse momento. A missão de Sharpe consistia em se dirigir para o interior, armar uma emboscada para um comboio militar na estrada principal que ia para o sul e procurar descobrir que ambiente havia em Bordéus conforme o que dissessem os homens capturados.

— Repartiremos os mantimentos entre os homens. Deixamos o que não possamos levar.

— Sim, senhor. — Frederickson dobrou o mapa e o meteu na mochila. — Deixará que dê a ordem de marcha?

Mas Sharpe não respondeu. Estava observando um grupo de fuzileiros sentados que se resguardavam do vento glacial em uma dobra das dunas de areia.

— Vocês! — gritou. — Aqui!

Os rostos dos fuzileiros, com a inocência com que se recebia a ira de um oficial, giraram para olhar para Sharpe, mas um dos homens se levantou, sacudiu a areia de sua casaca verde e se dirigiu para os dois oficiais.

— O conhece? — perguntou Sharpe furioso virando-se para Frederickson.

— Não — respondeu Frederickson mentindo.

Sharpe olhou para o homem para quem havia gritado.

— Seu maldito tonto estúpido!

— Senhor.

— Santo Deus! Eu o faço sargento-mor do regimento e o que você faz? Joga fora!

A bochecha de Patrick Harper estava mais inchada por causa da dor de dente e, como se isso explicasse tudo, tocou o inchaço.

— Foi isto, senhor.

A resposta aplacou a ira de Sharpe. Ficou olhando para o enorme irlandês que lhe respondeu com um sorriso brincalhão.

— Sua boca? — perguntou Sharpe ameaçador.

— Fui ao cirurgião para que extraísse o dente, de verdade, senhor, e me deu um pouco de rum para a dor e eu acho que tomei algum gole a mais, senhor, e depois só me lembro de estar em um navio, senhor, e o sacana ainda não me tocou o dente, de verdade que não, senhor, e a única explicação que encontro, senhor, é que em meu estado ébrio alguma alma caridosa supôs que eu era um dos homens do capitão Frederickson e me subiu a bordo do *Amelie*.

Harper fez uma pausa em sua mentira fluida e preparada.

— Era realmente a última coisa que queria, senhor. Eu juro!

— Sacana mentiroso — disse Sharpe.

— Talvez, senhor, mas Deus sabe que lhe digo a verdade.

Patrick Harper, encantando tanto com a façanha como com a explicação, sorriu irônico para seu oficial. Aquele sorriso expressava a autêntica verdade, que os dois homens sempre haviam lutado juntos e que Harper estava determinado a que seguisse sendo assim. O sorriso também implicava que o major Richard Sharpe arranjaria para evitar que a ira justificada do exército caísse sobre a cabeça inocente de Harper.

— Então ainda não lhe arrancaram o dente? — perguntou Sharpe.

— Sim, senhor.

— Então vou arrancá-lo agora — disse Sharpe.

Harper deu um passo para trás. Era dez centímetros mais alto do que Sharpe, que media um metro e oitenta e três, e tinha uma musculatura própria de sua estatura, levava pendurado ao ombro

um fuzil e sua temível arma de sete canhões, mas em seu rosto amplo e inchado apareceu de repente um olhar de autêntico terror.

— Não vai arrancar meu dente, senhor.

— Sem dúvida que sim. — Sharpe virou-se para Frederickson. — Arranje umas pinças, capitão.

A mão de Frederickson se dirigiu instintivamente para sua mochila, depois parou.

— Perguntarei aos homens, senhor.

Harper empalideceu.

— Senhor Sharpe! Senhor! Por favor!

— Cale-se!

Sharpe ficou olhando para o enorme irlandês. Na realidade era um alívio que Harper estivesse ali, mas o exército era o exército e o alívio não podia ser demonstrado.

— O senhor é um maldito tonto, sargento-mor do regimento. E seu filho?

— Ainda é jovem demais para lutar, senhor.

Harper sorriu irônico e Sharpe teve que desviar o olhar para não sorrir também.

— Não temos pinças, senhor! — disse Frederickson como se decepcionado, ainda que Sharpe suspeitasse que o Doce William não se esforçara muito para encontrá-las. — Quer que iniciemos a marcha, senhor?

— Para o interior. Harper!

— Senhor?

— Incorpore-se à companhia do capitão Frederickson e assuma o posto que ele ache conveniente.

— Senhor!

Como bestas de carga, os fuzileiros puseram ao ombro mochilas, cantis, armas, gabões e mantimentos. Entraram no bosque em

direção leste e depois para o norte pelo caminho que se estendia entre as poucas aldeias da marisma daquela costa erma.

Não era sequer um caminho, apenas uma vereda, sulcada pelas rodadas, que serpenteava entre matos e pinheiros e passava beirando grandes lamaçais onde umas aves ançadas pairavam baixo no vento invernal enquanto os fuzileiros passavam. Os casacas-verdes avançavam depressa, como foram instruídos, e sempre, quatrocentos metros à frente, os piquetes faziam sinais para Sharpe indicando que o caminho estava livre.

Era estranho estar tão dentro da França. Esta era a terra de Bonaparte, a terra do inimigo, e entre Sharpe e Bordéus, mais ainda, entre Sharpe e Paris, não havia tropas amigas. Um único esquadrão de cavalaria inimiga poderia converter este avanço em picadinho e, contudo, os casacas-verdes avançavam imperturbáveis e sem ser vistos.

— Indo a este passo — disse Frederickson — vamos ultrapassar a infantaria.

— Eu também acho — disse Sharpe sutilmente.

O homem com o tapa-olho olhou fixamente para Sharpe.

— Não estará pensando em tomar...

— Não — interrompeu Sharpe. — Se Bampfylde quer tomar o forte, pode fazê-lo. Mas se o mapa for bom devemos nos aproximar de Arcachon, de forma que poderíamos dar uma olhada no forte antes de virar para o leste.

Como castigo, Patrick Harper carregava as mochilas e gabões dos piquetes, mas o peso extra não afetava seu ritmo. O dente o incomodava; a dor era terrível e lhe produzia pontadas, mas não tinha outras preocupações no mundo. Havia seguido Sharpe porque era impensável ficar e ver Sharpe marchar sozinho. Harper já havia vivido esta situação antes e como resultado o major quase se mata no castelo de Burgos. Além do mais, Jane Sharpe, quando lhe proporcionava o óleo de cravos, tinha sugerido que viajasse clandestino, Isabella havia insistido em que permanecesse com o

major e o capitão Frederickson fizera vista gorda ante a presença de Harper. Harper sentia que estava no lugar adequado; com Sharpe e uma coluna de fuzileiros avançando para o combate.

As casacas verdes e as calças escuras se confundiam com os pinheiros escurecidos pelas nuvens. Os homens do 60º foram treinados para terrenos precisamente como aquele, a América selvagem, e Sharpe, que ia virando para observar seus homens, entendia o quão bem a cor do uniforme tinha sido escolhido. A uma centena de passos, um homem imóvel era invisível. Por um momento, Sharpe sentiu o orgulho repentino de ser fuzileiro. Os fuzileiros, acreditava ele como um ponto de sua fé de soldado, eram simples e indiscutivelmente as melhores tropas do mundo.

Lutavam como demônios e eram mais mortíferos porque eram instruídos, ao contrário de outras infantarias, para combater de forma independente. Estes homens, em caso de perigo, não procuravam instruções de um oficial ou um sargento, sabiam exatamente, graças a seu treinamento, o que deviam fazer. Em sua maioria eram homens achaparrados e feios, desdentados e olheirudos, vilões e de boca suja, mas eram os reis no campo de batalha, e a vitória era moeda comum para eles.

Sabiam combater e marchar. Deus, como sabiam marchar! Em 1809, avançando para a carnificina de Talavera, a divisão ligeira havia percorrido sessenta e oito quilômetros montanhosos em vinte e seis horas e havia chegado em ordem, com as armas escovadas e disposta para lutar. Agora estes homens avançavam. E o faziam sem pensar, sem saber que o passo que usavam de forma inconsciente era o passo de marcha mais rápido de todos os exércitos do mundo. Eram fuzileiros, os melhores entre os melhores, e se dirigiam para o norte: para a guerra.

Enquanto a oeste, nas veredas que bordejavam as dunas, a infantaria naval fraquejava.

Não era culpa deles. Estavam há meses com uma dieta a base de bolachas cheias de vermes, carne apodrecida, água má e rum. Estiveram encerrados nos castelos de proa dos grandes navios que

suportavam as tormentas do golfo de Biscaia. Não eram endurecidos para marchar e a areia pela qual caminhavam dificultava sua marcha e fazia seus pés arderem cheios de calos. Seus mosquetes, todos eles do pesado modelo do Serviço Naval, tornavam-se mais pesados a cada quilômetro que avançavam. As correias do peito, brancas e tensas, oprimiam seus pulmões fatigados. O dia era frio, mas o suor lhes caía nos olhos e os músculos das pernas ardiavam como o fogo. Alguns dos homens iam carregados com cordas e ganchos que seriam utilizados para escalar a muralha do forte, em lugar das longas escadas que Bampfylde havia considerado desnecessárias para a infantaria naval.

— Façamos uma parada.

O capitão Bampfylde não pensava em seus homens, mas nele mesmo. Se eles estavam fatigados, ele sofria. As botas feitas a mão haviam rasgado seu calcanhar direito até deixá-lo em carne viva e tinha bolhas nos dedos gordos. A fita de couro de seu bicorne era como um aro de aço e os suspensórios brancos feriam sua virilha.

O capitão lamentava sua audácia. Havia se mostrado impaciente para conduzir seus homens ao combate e isso já não podia ser realizado desde o convés do *Vengeance* nem do castelo de popa da *Scylla*. Essa fragata, ao comando do capitão Grant, entraria no canal de Arcachon para abrir fogo contra os poucos defensores que pudessem estar postados nas defesas do forte. Enquanto os defensores se ocupassem da fragata e mantivesse a vista fixa no mar, a infantaria assaltaria as muralhas vazias que dão para terra. Era este assalto que ficaria gravado na imaginação do público britânico quando aparecesse impresso na *Gazeta Naval*, não a velha história de um navio que bombardeia uma bateria.

O capitão de infantaria Palmer cumprimentou Bampfylde.

— Estamos atrasados, senhor.

— Maldição, Palmer, se quiser sua ajuda eu pedirei.

— Senhor!

Palmer era insensível à ira de Bampfylde. Neil Palmer era dez anos mais velho que Bampfylde e muito experiente para se preocupar com a petulância de outro ambicioso capitão jovem que se ressentia da fama ganha pelo bando de irmãos de Nelson.

— Envio piquetes, senhor?

— Faça-o!

Bampfylde deixou-se cair contra o tronco de uma árvore. Queria livrar-se de suas preciosas botas e molhar os pés no mar, mas não se atrevia a mostrar tal fraqueza a seus homens.

— Água, senhor? — o tenente Ford lhe ofereceu um cantil.

— Você primeiro, Ford.

Bampfylde sabia que tal comportamento era o correto e era um homem ansioso para que considerassem seu comportamento heroico em todos os aspectos.

Consolou-se pensando que aquele incômodo era um preço baixo para o renome que ganharia nesse dia. A infantaria talvez chegasse tarde à fortaleza, mas a fortaleza cairia igualmente e as chagas de seus pés seriam esquecidas sob o resplendor da glória. Abriu seu relógio, viu que já haviam descansado dez minutos, mas decidiu que uns poucos minutos a mais não podiam machucar. Estirou as pernas cansadas, pôs o chapéu para frente e foi polindo a notícia da vitória que escreveria de noite.

Enquanto isso, a cem metros dali e situado sobre uma elevação do terreno arenoso que formava uma crista entre os finos pinheiros, o capitão Palmer observava a paisagem através de uma luneta antiga e pesada. Longe, ao norte, além das cristas de areia e coníferas, uma tormenta cobria de neblina a terra como se fosse uma grande cortina. A chuva parou durante um breve instante e Palmer viu a figura escura e malévola do forte no horizonte, porém, como a chuva voltou a cruzar de novo sua visão, não estava seguro do que havia visto.

Dirigiu a luneta para o interior. A dois quilômetros de distância e de repente visíveis onde as árvores davam passagem para uma

extensão de terreno pantanoso e reluzente, viu as diminutas figuras dos fuzileiros com casacas verdes que avançavam. Palmer sentiu inveja. Desejaria ser um deles e não se sentir atado às saias de Bampfylde, mas então uma ordem como um latido proveniente das dunas o fez dobrar a luneta e regressar para seus homens.

— Atacaremos — disse Bampfylde a Ford e a Palmer — ao anoitecer.

— Sim, senhor.

Ambos os homens sabiam que a *Scylla* tinha ordens de entrar no canal duas horas antes do pôr do sol, mas não havia esperanças de chegar a esse encontro. Só o que podiam fazer era avançar, com os pés machucados e doloridos, e se consolar pensando que a noite lhes traria a vitória, alguns mantimentos provenientes dos navios e um bendito descanso ao abrigo de uma fortaleza capturada.

Na *Teste de Buch*, o major Henri Lassan rezava o rosário, mas não podia apagar de sua mente um trecho de um ensaio de Montaigne que lera na noite anterior. Dizia algo a respeito da vida de um homem que não era mais que um esforço para construir uma casa da morte, e temia, sem deixar que esse temor afetasse seu comportamento, que a *Teste de Buch* pudesse ser nesse dia sua casa da morte. Pensou que tais temores eram totalmente naturais em um homem que entra em combate pela primeira vez.

Ajoelhou-se na diminuta capela caiada que, nos primeiros anos da Revolução, havia se convertido primeiro em um Templo da Razão e depois em um armazém. A luzinha vermelha da Presença Eterna, que o próprio Lassan fizera colocar neste templo quando se restaurou o culto, o reconduziu à oração. Se hoje tivesse de morrer neste forte úmido e miserável em um extremo da França, essa luz era uma promessa segura de salvação. Debaixo de um simples crucifixo de madeira havia um altar com um frontal branco. Era um frontal pascoal, utilizado simplesmente porque o forte não tinha nenhum outro; contudo, de alguma maneira a promessa pascoal de ressurreição era um consolo para o major enquanto se levantava.

Dirigiu-se para o pátio. A chuva havia deixado charcos nas pedras e havia desenhado veios escuros nas paredes interiores. O forte parecia estar estranhamente vazio. Lissan havia enviado as famílias da guarnição para o povoado para que nenhuma mulher ou criança pudesse receber balas inimigas. A tricolor, que não havia ondeado nos dias anteriores, estava envolvida na adriça pronta para ser içada quando o primeiro canhão retrocedesse bruscamente em sua carreta.

— Senhor! — chamou o tenente Gerard da muralha oeste.

Lissan subiu pela rampa de pedra que facilitava o transporte dos projéteis quentes desde o forno para os canhões. Não que tivesse homens suficientes para ocupar-se do fogo, mas os disparos a frio teriam de ser suficientes para qualquer barco que tentasse desafiar as estreitas águas do canal.

— Aqui, senhor.

O tenente sinalizou em direção ao mar por onde se aproximava uma fragata britânica. As gáveas novas do navio de guerra eram tão brancas que brilhavam enquanto o vento fazia o navio sulcar para a entrada do canal.

— Essa é a fragata que perseguia o *Thuella*, não? — perguntou Lissan.

— Sim, senhor — disse Gerard. — A *Scylla*.

Detrás da fragata havia outros navios. Lissan viu que um era um navio de linha; um das grandes navios que haviam estrangulado as conquistas do Imperador. Lissan preferiria vomitar seus projéteis contra aquela grande barriga do que contra a beleza frágil e esbelta da fragata, mas o major alvejaria no que pudesse, naquele dia de combate por Deus e pelo Imperador.

— Espere até que passe a marca exterior.

— Senhor.

A *Scylla* se aproximava, com os dourados do mascarão de proa reluzindo, e Lissan sabia que a fragata viera para fazê-lo olhar para

um lado enquanto a infantaria se aproximava por detrás; mas tinha um guerreiro americano oculto nos bosques e Lassan tinha de confiar naquele aliado inesperado. Sabia que nenhum soldado podia passar por onde Killick estava sem disparar, e mesmo se os americanos fossem obrigados a recuar, o ruído do combate proporcionaria a Lassan a oportunidade de defender as muralhas junto à entrada da fortaleza. No momento naquela defesa só havia três homens enfermos.

Se o ataque da *Scylla* estivesse bem sincronizado, pensou Lassan, a infantaria deveria estar perto. Lassan olhou para o sul, mas não viu nada até mais além do povoado, depois se virou para o mar a tempo para contemplar como a giba da fragata tremia enquanto virava para o canal. Ao mesmo tempo, o grande pavilhão de guerra da *Scylla* se desenrolou em uma verga.

Os homens de Lassan se acoraram junto a seus canhões. As mechas lançaram fumaça cinzenta para o ar e Lassan pensou em como estariam com as bocas secas e o quanto se sentiriam fracos. No pique de proa da fragata via alguns homens apinhados ao redor dos canhões. Lassan sabia que os oficiais que estariam no castelo de popa teriam posto seus melhores trajes em honra ao inimigo enquanto, muito adentro no ventre da fragata, o cirurgião estaria esperando junto a escalpelos bem afiados.

A fortaleza aguardava. Havia um cabo postado junto ao mastro pronto para, ao primeiro grito dos canhões, içar a bandeira da França. Uma gaivota, com as amplas asas quietas, se deixava levar pelo vento sobre o canal.

Lassan imaginava os casacas-vermelhas da infantaria no ponto de mira dos americanos, então se esqueceu do que ocorria ao sul porque o elegante perfil da fragata mudava e sua proa penetrava adornada com o costado decorado com a espuma branca do canal.

Pareceu que a fragata estremecia ao se chocar com toda a força com o refluxo da laguna de Arcachon, depois as velas inchadas a fizeram avançar cabeceando e o longo bordão do gurupés da *Scylla* partiu em dois o mastro de olmo embreado que marcava o banco

interior e o tenente Gerard, com sua voz dura e orgulhosa, deu a ordem de disparar.

Os artilheiros franceses levaram as mechas aos ouvidos dos canhões e a batalha de Arcachon começou.

Capítulo 6

O rugido dos canhões retumbou como um trovão sobre a terra empapada pela chuva. De forma instintiva, sem receber ordens, os fuzileiros se ajoelharam como para resguardar-se da artilharia.

Sharpe correu. Sua bainha metálica batia em um lado, seu fuzil escorregou do ombro e ficou pendendo do cotovelo e a mochila golpeava suas costas.

O sargento Rossner, à cabeça do reduzido grupo de piquetes que espiava a rota, estava agachado junto a uma maranha de tojos que beirava o caminho no cume de uma suave elevação. Soltou um grunhido em alemão quando Sharpe se jogou ao seu lado e depois levantou o queixo meio a barbear para indicar de onde provinha o trovão.

Sharpe não necessitava de tal indicação. Uma fumaça escura se elevava sobre a paisagem a dois quilômetros e meio diante deles e a sua esquerda. Justo em sua frente se estendiam as águas prateadas da laguna de Arcachon; esta aparecia para sua surpresa graças à elevação do caminho, mas Sharpe apenas observava a fortaleza, que parecia meio enterrada na areia, e a fragata de velas brancas que lançava sua própria nuvem de fumaça branca e se misturava com a baforada de cor mais escura que provinha da fortaleza.

— Infantaria naval, hein? — disse o sargento alemão e para mostrar sua indignação cuspiu no chão.

Sharpe sacou sua luneta enquanto Frederickson se encolhia junto dele. Dali o forte da *Teste de Buch* não parecia grande coisa. Era uma construção baixa rodeada por um talude protetor cheio de terra e areia onde, tal como observava Sharpe, os pequenos disparos da fragata quicavam como bolas de críquete.

A fumaça proveniente dos canhões do forte se deslocou para o norte e deixou o canal livre para que os artilheiros apontassem. Existiam apenas quatro canhões disparando, mas eram servidos com destreza e rapidez, o que revelava que as dotações eram formadas por artilheiros de verdade. Maldito aquele pescador de Bampfylde, pensou Sharpe, pois a *Teste de Buch* apresentava uma quietude mortal. Ela estava ocasionando danos à *Scylla* e a fragata pouco podia fazer contra suas muralhas maciças.

Sharpe dirigiu a luneta para a esquerda. Parou quando viu uma massa de gente, vestida de escuro, então percebeu, ao ver as pesadas saias usadas pela maioria da gente, que estava contemplando aos aldeãos que, por sua vez, estavam observando a batalha desigual desde o cume das dunas situadas junto ao canal. Sharpe olhou mais para o sul, buscando os gabões novos da infantaria naval, então voltou a deter o percurso da luneta.

Viu outro grupinho de gente, mas estes não observavam o combate da fragata, que parecia estar agrupado na borda de um conjunto de pinheiros escuros. Alguns, poucos, haviam avançado para o norte para observar o combate no canal, mas haviam escolhido uma posição pouco estratégica para serem testemunhas de um cenário tão infrequente em suas duras vidas.

— Por quê? — se perguntou em voz alta.

— Senhor? — perguntou Frederickson.

Sharpe pensava por que alguns aldeãos, que podiam ser testemunhas de uma contenda que depois poderiam explicar a seus netos como se fosse um grande acontecimento na história do povoado, escolhiam um lugar tão estranho para observar o fato. A maioria dos aldeãos tinha ido para as dunas para ter a melhor vista possível, contudo alguns estavam ali apinhados nos limites do bosque. Ficou olhando-os e teve um vislumbre de uma figura debaixo das sombras das árvores.

— William? Aquele bosque, onde estão aquelas pessoas, diga-me o que vê.

Frederickson pegou a apreciada luneta. Ficou olhando fixamente durante vinte segundos, depois sacudiu a cabeça.

— Parece uma maldita carroça de munição!

— Verdade?

Sharpe recuperou a luneta e, ao ver que sua suspeita se via reforçada com a confirmação de Frederickson, percebeu com maior clareza a forma de caixa pendurada entre as altas rodas. Já havia visto antes esses objetos; as carroças que carregavam a munição lisa para os canhões franceses.

— Maldito Bampfylde — disse enquanto observava a sombra atrás das árvores —, se equivocou em tudo. O forte está defendido, não se trata de uma maldita milícia e aposto o pagamento de um ano que têm uma emboscada de merda esperando-os.

Sharpe voltou a olhar para o forte com a luneta. Viu os artilheiros trabalhando no baluarte. Por cima deles, preguiçosa entre a brisa que amainava, destacava-se a bandeira tricolor, enquanto que mais perto, nas muralhas situadas acima da entrada do forte, não via ninguém.

Baixou a luneta um pouquinho. Era difícil afirmar de um lugar tão pouco idôneo, mas parecia que os acessos ao forte atravessavam um terreno acidentado de dunas movidas pelo vento. Uma coisa era certa; todos os olhos franceses estavam postos em direção ao mar.

— Acho que deveríamos tirar o dente dele.

Frederickson sorriu irônico.

— Sem escadas? — disse, não para desanimar Sharpe, mas para provocar a busca de uma solução.

Sharpe retirou a luneta.

— Deixaram a ponte levadiça baixa.

Lá onde a rota de acesso atravessava o fosso interno havia uma ponte de madeira maciça suspensa por correntes. Dava a uma porta fechada. O fato de a ponte levadiça estar abaixada convenceu

Sharpe de que havia outra força francesa oculta no bosque. Se essa força tivesse que recuar empurrada pela infantaria, seus cavalos arrastariam os canhões de campanha até levá-los a salvo a seu interior.

Sharpe fechou a luneta e correu as proteções de latão sobre a lente. O que ele planejava era arriscado, inclusive temerário, mas a infantaria naval avançava para uma emboscada e o forte nunca voltaria a ficar tão desprotegido para um ataque surpresa. Uma vez os canhões ocultos abrissem fogo, a guarnição saberia que o inimigo estava na retaguarda e os homens se apressariam para as muralhas voltadas para terra e colocariam seus mosquetes sobre as defesas.

A rota diante deles descia para um moinho de pedra situado junto a um riacho. Entre este e o forte havia pastos pobres e pálidos e alguns estábulos destroçados onde se alojava um punhado de vacas. Mais além, podiam ser vistos os mastros de uma frota costeira que se apinhava perto de outra aldeia situada no limite da laguna. Os fuzileiros tinham de atravessar o riacho, deslizar através da escassa cobertura oferecida pelos pastos e depois abrir passagem até a extensão arenosa que rodeava o forte. Sharpe sorriu.

— Para dizer a verdade, não sei como vamos escalar a maldita muralha.

— Batemos na porta principal? — sugeriu Frederickson.

Sharpe colocou a luneta na caixa de latão que a protegia e depois em um bolso.

— Mande dois homens bons ao sul para prevenir Bampfylde. Depois desçam a ladeira em grupos pequenos. Em ordem aberta. Encontrar-nos-emos no primeiro estábulo.

Tinha a suspeita crescente de que este era um trabalho adequado para um grupo reduzido, um grupo muito reduzido. Sharpe se virou.

— Sargento Harper!

O enorme irlandês, sorrindo com antecipação, se aproximou.

— Senhor?

— Você queria que o matassem, assim que venha comigo.

— Sim, senhor.

Sharpe e Harper iam à guerra.

Os canhões da *Teste de Buch* disparavam cargas de trinta e seis libras; cada disparo impulsionado quatro quilos e seiscentas gramas de pólvora negra. As bolas de ferro, que atingiam a *Scylla*, lascavam o carvalho como gravetos, arrancavam os canhões das carretas e enchiam de morte a dotação.

Eram armas mortais que defendiam o baluarte em forma de semicírculo que dava para o mar. Cada um ficava montado sobre uma travessa e uma superfície escorregadia. A travessa ficava articulada na seteira da muralha do forte e girava pela parte posterior de maneira que a dotação podia fazer girar todo o tubo para dirigi-lo a qualquer lugar dentro do arco de fogo indicado. As rodas da travessa, de ferro, perfuraram profundas guias na pedra. Para esta batalha os canhões tinham girado para disparar para o sudoeste e os homens de Lissan haviam cravado pinos de ferro dentro dos buracos feitos nas ranhuras curvadas para que as travessas não balançassem e desalinhassem com a expansão do ar do canhão.

O retrocesso era amortecido pela superfície escorregadia. Um canhão de campanha, ou o canhão de um barco, era montado sobre rodas e o golpe da explosão do disparo na recâmara lançava a arma com força para trás. Depois de cada disparo, a dotação tinha que empurrar o canhão para frente e voltar a apontar, enquanto as dotações atacavam com o escovilhão e recarregavam. Mas estes canhões não. As grandes armas de Lissan também tinham rodas, mas as rodas eram encaixadas sobre rampas de madeira inclinadas para cima, para a parte posterior da travessa. O retrocesso lançava os canhões para trás e a gravidade os enviava de novo para baixo até situá-los de novo em seu lugar. E assim uma e outra vez, e

outra bala de ferro de trinta e seis fazia estremecer a *Scylla* quando os monstros de Lassan vomitavam chamas e fumaça para o outro lado das águas do canal.

A fumaça dos canhões se dirigia para o norte, porém, por um estranho fenômeno que todos os artilheiros conheciam, mas nenhum podia explicar, o próprio disparo dos canhões parecia amainar o vento. A fumaça se espessava ante as seteiras formando uma névoa podre que cobria o alvo dos artilheiros.

A névoa cegante não importava. Henri Lassan havia pensado muito na ciência da artilharia e tinha ordenado que se pintassem linhas brancas sobre os baluartes de granito. Linhas similares foram pintadas sobre o telhado do quartel de onde, sem que a fumaça pudesse cegá-lo, um sargento observava o alvo e gritava o alinhamento.

— Três! — gritava.

— Três! — gritaram os capitães de artilharia.

E quatro alavancas arrancaram os pinos dos buracos furados e outras quatro forçaram as travessas até que a roda de ferro ficou alinhada com o sinal branco número três, então voltaram a meter os pinos nos novos buracos e os canhões, apesar da névoa produzida pelos disparos, lançaram sua munição com precisão mortal.

— Dois!

O grito indicou a Lassan que o alvo se movia e adivinhou, sem se equivocar, que a fragata girava para partir. Dirigiu-se para o sul, a fumaça dos canhões se afastou e o *Vengeance*, de duas cobertas, levantou as canhoneiras. Aquela batalha naval ocorria para lá de Cap Ferraty longe de seu alcance. Observava. O grande navio, de quadros brancos e negros, desapareceu em uma grande nuvem de fumaça, porém, tal como Lassan havia suspeitado, a descarga havia caído no mar.

— Sigam disparando!

— Um! — gritou o sargento do telhado e as dotações moveram os grandes canhões enquanto os rapazes corriam rampa acima com mais cargas. Uma bala procedente da fragata retumbou acima de seus cabeças, outra acertou a pedra da seteira mais próxima de Lassan com um ruído que fez disparar seu coração, mas a maioria dos disparos da fragata caía inutilmente na muralha do mar ou na parte sul do talude.

— Ele se foi! — gritou o sargento.

— Cessar fogo! — gritou Lassan. O fragor parou de repente.

A fumaça foi se dissipando lentamente e deixou ver que a fragata, malferida, havia partido para o sul, para fora do alcance dos grandes canhões. Lassan pensou em utilizar alguns dos canhões de vinte e quatro que ficavam nas muralhas do sul, então viu que os traquetes rasgados pelos disparos voltavam a se inchar de ar e percebeu que o capitão britânico, cuja ordem era manter os artilheiros do forte ocupados, se dirigia de novo para o canal. A visão das velas rasgadas e dos cabos soltos e rompidos o fez pensar que alguns de seus disparos tinham sido altos demais.

— Baixem os canhões, tenente!

Lassan queria que seus disparos atingissem aquele casco frágil.

Os canhões da *Scylla* estavam para fora, prontos para disparar quando a fragata virasse, mas os canhões de caça de proa longos, de nove libras, retumbavam desafiantes. As balas rangeram contra os baluartes de pedra sem causar estrago e então o sargento situado no telhado do quartel voltou a ter o inimigo em sua linha de fogo.

— Um! — gritou o sargento.

— Disparem! — gritou Gerard.

Os grandes canhões deram uma sacudida para trás e para cima, as rodas retumbaram ao retroceder para baixo rodando e a fumaça, que fedia a ovos apodrecidos, foi lançada de novo para o ar frio. A guarnição de Lassan podia ser destroçada por completo, talvez não tivesse dotação para todos os canhões, mas cumpriria com seu

dever e mostraria aos britânicos que um forte com poucos soldados ainda podia causar-lhes danos e que ainda, pela graça de Deus e a serviço do Imperador francês, podia ganhar batalhas.

A carroça era feita com partes de madeira frágil, presas com pregos torcidos e oxidados e com correias de barbante negro, delgado e desfiado. Alguns dos raios das rodas estavam quebrados.

Sharpe empurrou a carroça para fora do estábulo e escutou o chiado horrível do eixo de madeira que atravessava os dois blocos de cedro sem lubrificar. Supôs que a carroça era utilizada para levar feno à vila, que talvez servisse como palha nas camas do forte, mas fora abandonada durante os meses gelados e jazia naquele estábulo, onde as aranhas haviam tecido grossas teias nos raios.

— Pode servir — disse Sharpe comprovando a solidez do fundo da carroça. — Salvo que não falamos francês.

— O Doce William sim, senhor — disse Harper, depois, ao ver a cara de Sharpe, retificou. — O capitão Frederickson fala em franchinote, senhor.

Um grupo de homens armados que se aproximasse do forte seria hostil, mas dois homens que empurrassem um carro com um companheiro ferido não suporia ameaça alguma.

— Jesus — disse Frederickson sobressaltado quando, chegando ao estábulo, ouviu os planos de Sharpe. — Espera que subamos caminhando para pedir um médico?

— Você sugeriu que chamássemos à porta — disse Sharpe. — E por que não?

Os fuzileiros seguiam descendo a suave ladeira. Vinham em grupos dispersos, repartidos na formação em cadeia com a qual combateriam e não havia perigo à frente. Sharpe duvidava que algum francês tivesse sequer visto as escuras sombras que desciam pela colina. Uma vez no terreno baixo, do outro lado do riacho e ocultos pelos fossos bordejados por cercas de abrunheiro, os fuzileiros eram invisíveis. O forte seguia trovejando com sonoridade.

— O que necessitamos — disse Sharpe — é de sangue.

Calculava que o forte não negaria a entrada a um ferido de morte, mas as feridas mortais costumavam estar cheias de sangue e ao pensar nela, ambos os oficiais olharam instintivamente para Patrick Harper.

Este lhes devolveu o olhar horrorizado, havia entendido tudo.

— Não! Santo céu, não!

— Tem que tirá-lo, Patrick — disse Sharpe com voz doce e razoável.

— O senhor não é um cirurgião, senhor. Além disso! — De repente o rosto inchado de Harper mostrava alegria. — Não tem pinças, senhor, lembra?

O Doce William desafivelou sua mochila.

— Os barbeiros-cirurgiões de Londres, meu caro sargento, pagariam seis xelins e seis peniques por um saco de trezentas gramas de dentes sãos extraídos de cadáveres. O senhor se surpreenderia de quantos londrinos que seguem a moda usam dentes falsos extraídos de franceses mortos. — Frederickson sacou umas pinças de aspecto horrível. — São tão úteis para os saques...

— Deus salve a Irlanda — disse Harper com a vista cravada nas pinças.

O capitão Frederickson sorriu.

— Vai fazer pela Inglaterra, sargento Harper, pelo seu amado rei.

— Cristo, não, senhor!

— Dispa-se até a cintura — Sharpe lhe ordenou.

— Que me dispa?

Harper havia retrocedido até um canto do sujo estábulo.

— Necessitamos que seu peito fique empapado em sangue — disse Sharpe como se fosse o procedimento mais normal do mundo.

— Quando eu estiver arrancado seu dente, Patrick, deixe que o sangue escorra para a pele. Não levará muito tempo.

— Oh, Deus no céu! — disse Harper benzendo-se.

— Se não dói, homem! — Frederickson mostrou seus dois dentes falsos e sorriu para Harper irônico. — Vê?

— Fizeram-lhe isso com uma espada, senhor. Não com malditas pinças!

— Podemos fazer com uma espada — disse Sharpe amavelmente.

— Oh, Santa Maria mãe de Deus! Cristo!

Harper, ao não ver no rosto de seus oficiais mais que intenções malvadas, percebeu que tinha que se amotinar ou sofrer.

— Os senhores me darão um traguinho primeiro?

— Conhaque? — disse Frederickson estendendo seu cantil.

Harper pegou o cantil, o destampou e o levou à boca.

— Não muito — disse Frederickson.

— Não é seu maldito dente. Com todo respeito, senhor.

Frederickson olhou para Sharpe.

— Quer brincar de cirurgião, senhor?

— Na realidade nunca extraí um dente.

Sharpe, diante dos fuzileiros curiosos que haviam se apinhado para observar a perturbação de Harper, mantinha uma linguagem formal.

Frederickson deu de ombros.

— Necessitaríamos de uma trincha, certamente, mas as pinças servem bastante bem para os cadáveres. Cuidado que tem truque.

— Truque?

— Não puxe. — Frederickson foi ilustrando suas palavras com alguns movimentos das pinças oxidadas. — Empurre o dente para a

mandíbula, gire para um lado, para o outro, e depois o extraia. Não custa nada.

— Jesus! — exclamou o grande sargento irlandês, que havia ficado tão branco como o papel de um cartucho.

— Eu acho — disse Sharpe com certo receio — que como o sargento Harper e eu estamos juntos há tanto tempo eu mesmo deveria fazê-lo. Empurrar, retorcer e puxar?

— Precisamente, senhor.

Levaram cinco minutos para persuadir Harper e prepará-lo. O irlandês não mostrava temor nas batalhas; havia se enfrentado com rosto impassível à carnificina de uma dúzia de campos de batalha e tinha saído vitorioso, mas agora, enfrentado uma bobagem como a extração de um dente, estava sentado aterrorizado e tremendo. Agarrou-se ao conhaque de Frederickson como se fosse o único que pudesse consolá-lo.

— Mostre-me o dente — pediu Sharpe solícito.

Harper abriu a boca e indicou um dente na mandíbula superior rodeado da gengiva inflamada.

— Aqui.

Sharpe usou um dos braços das pinças e, com a maior suavidade possível, deu uns golpezinhas no dente.

— Este?

— Santo Cristo! — gritou Harper e se afastou. — O senhor vai me matar, maldito!

— Sua linguagem, sargento!

Frederickson fazia esforços para não rir enquanto os outros fuzileiros sorriam com grande alegria.

Sharpe girou as pinças. Estavam amassadas e oxidadas. Era um instrumento muito útil para o roubo e sem dúvida ideal para obter dentes postiços dos cadáveres destroçados, mas Sharpe não era

capaz de assegurar que fosse realmente adequado para uma operação cirúrgica.

— Não será pior que ter um filho — ele disse a Harper. — E Isabella não montou este número.

— As mulheres não se importam com a dor — disse o irlandês. — Eu sim.

— Não agarre o dente tão forte — observou Frederickson amavelmente — ou o pode quebrar, senhor. É um trabalho espantoso extrair os restos de um dente quebrado. Vi o que aconteceu a Jock Callaway antes de Salamanca e quase lhe estraga a batalha. Recorda-se de Jock, senhor?

— O do 61º? — perguntou Sharpe.

— Morreu de febre no inverno seguinte, pobre rapaz.

Frederickson se inclinou para ver o que sucedia.

A palavra “febre” ressoou na cabeça de Sharpe como o toque de defuntos, mas não era o momento de pensar nisso.

— Abra a boca, sargento.

— Será gentil? — perguntou Harper com voz mal-humorada e rebelde.

— Serei tão gentil como um cordeirinho recém-nascido. Agora, abra a boca.

A boca enorme com dentes amarelados se abriu. O irlandês vigiava e soltou uma débil lamúria, um meio gemido, quando Sharpe levantou as pinças.

Lentamente, muito lentamente, fazendo todo o possível para não dar um golpe no dente ruim, Sharpe fechou as pinças na parte do dente acima da gengiva inchada.

— Não é tão mau, hein? — perguntou tranquilizador.

Agarrou os braços das pinças e fez força, mas não muita, e sentiu que o enorme homem tremia.

— Pronto?

Puxou para baixo. Sentia o hálito de Harper e percebia seu medo. Simpatizava com ele. Sharpe tivera que arrancar um dente na Índia e recordava daquela dor como a de qualquer ferida de guerra. Puxou com força. O dente não se moveu, ainda que Harper tremesse enquanto tentava fazer força em direção contrária à de Sharpe.

— Mais forte — murmurou Frederickson.

Sharpe puxou com mais força, as pinças de metal deslizaram até as gengivas inflamadas e se soltaram enquanto Harper gritava e se agitava.

— Cristo e toda sua corte de santos! Deus! — gritava o sargento com as mãos na boca jorrando sangue. — Santo Deus! — lamentava-se pela terrível dor.

— Escorregou — disse Sharpe desculpando-se.

— Quase me mata, maldito! — Harper deu outro trago de conhaque e cuspiu uma mistura de álcool e sangue ao piso. — Jesus!

— Talvez eu devesse tentar — Frederickson se ofereceu.

O tenente Minver, assim como seus homens, sorria irônico.

— Malditos sejam todos os oficiais! Todos! — Harper estava enfurecido agora. — Malditos sacanas assassinos!

Pegou as pinças, abriu a boca e explorou com um dedo. Estremeceu. Sharpe se afastou. Os fuzileiros, já sem rir, observaram como o enorme homem de torso despido colocava as pinças sobre seu dente. A grande mão se fechou e os olhos azuis de Harper se abriram. Puxou e Sharpe ouviu um rangido claro, como o estalido de uma cartilagem, então as pinças giraram para a direita e esquerda. Harper gemeu e de novo se ouviram os ruídos de um tecido que se desprendia ou de um osso que rangia.

Sharpe conteve a respiração. Ninguém se movia. Um menino de dez anos poderia ter aprisionado aquela tropa naquele momento e

Harper, com o torso despido, tremendo de dor e frio, começou a puxar.

Sua mão tremia. Uma gota de sangue brotou no lábio inferior; depois outra, e imediatamente um grande gemido e um jorro de pus e sangue, o enorme dente estava extraído. Uns restos de sangue estavam aderidos à raiz, mas um sangue de um vermelho brilhante jorrava para o peito de Harper em grandes jorros que fumegavam sob o ar frio.

— Levem-no para a carroça! — ordenou Sharpe.

— Cristo em sua glória! — gritava Harper.

A dor havia enchido seus olhos de lágrimas. Levantou-se, tossindo sangue; era uma visão temível. Chorava, não por fraqueza, mas de raiva e de dor. Estava manchado de sangue, jorrava sangue quente, tossia sangue e tinha o peito e o rosto empapados em sangue.

— Eu deveria ir — disse Frederickson para Sharpe; achava que era um bobagem que dois oficiais veteranos se arriscassem ao mesmo tempo.

Sharpe não ligou para o conselho bem-intencionado.

— Tenente Minver. Tão logo a porta se abra, ataque! As espadas preparadas!

— Senhor.

O tenente, um homem magro, sorriu nervoso.

Harper estava deitado na carroça, tremendo.

— Leve seus homens ao limite do areal — disse Sharpe enquanto tirava a mochila, a faixa de oficial, o cinturão com fivela de serpente, a casaca de fuzileiro e a boina.

Frederickson fazia o mesmo.

— Sargento Rossner? Você levará estas coisas.

— Senhor!

Colocaram a arma de sete canos de Harper, carregada e escorvada, junto a sua mão direita manchada de sangue. Seu fuzil estava na parte esquerda da carroça onde a espada de Sharpe, desembainhada, estava ao alcance da mão. Sharpe queria dar a impressão de que eram três homens levando uma vítima de um acidente ocorrido no grupo da emboscada. Contudo o êxito dependia dos guardas franceses verem apenas o horrível sangue de Patrick Harper.

Harper, deitado de boca para cima sobre a carroça, corria o perigo de se afogar em seu próprio sangue. Cuspiu um grande coágulo, girou a cabeça e voltou a cuspir.

— Cuspa sobre o peito! Não desperdice! — disse Sharpe.

Harper gemeu chateado, depois cuspiu outro coágulo de sangue estupendo sobre seu umbigo. Sharpe pegou uma das barras da carroça, Frederickson a outra e Sharpe fez um sinal com a cabeça.

— Em marcha.

Os disparos procedentes do forte haviam parado; isso significava, tal como sabia Sharpe, que a fragata estava fora de alcance ou que estava se afundando. Não se ouviam ruídos provenientes do localização da emboscada.

A carroça chiava terrivelmente ao rodar pela vereda escabrosa que conduzia para a *Teste de Buch*, passando ao lado de raquíticos amieiros. Mais além, atrás das casas e após as dunas, Sharpe viu algo branco que tremia e percebeu que só podiam ser os traquetes da fragata. Então escutou o retumbar de um trovão e viu uma nuvem de fumaça que lhe indicou que Grant havia voltado a abrir fogo. O capitão Grant, pelo menos, estava fazendo seu dever. Mesmo à custa de seu navio e de seus homens, fazia que disparassem do forte e seu êxito se mediu com o repentino estalido de outro trovão procedente dos canhões da fortaleza que voltaram a disparar.

O eixo da carroça chiava como para despertar os mortos, quicava sobre o caminho desigual e Harper gemia. Com a mão

direita, sulcada por jorrinhos de sangue, buscou às apalpadelas sua arma de sete canos e Sharpe, ao perceber aquele movimento, percebeu que o enorme irlandês estava se recuperando.

— Muito bem, sargento.

— Não pretendia ser desagradável com o senhor, senhor — disse Harper quase se afogando com o sangue.

— Sim, você pretendia — respondeu Frederickson alegremente. — Qualquer homem teria feito o mesmo. Agora se cale. Supõe-se que está morrendo.

Patrick Harper não disse nada mais enquanto a carroça pegava uma curva sobre um sulco lodoso e depois ascendia por uma vereda que levava diretamente para a ponte que havia sobre o fosso interior do forte. As rajadas de vento traziam o fedor da fumaça da pólvora. Do sul não provinha nenhum som e Sharpe sabia que a infantaria naval ainda estava longe de Arcachon. Só quem podia evitar um maior castigo para a *Scylla*, seriam os fuzileiros.

Já estavam ao alcance dos canhões do forte, mas nenhum artilheiro observava desde as seteiras.

— Corra — disse Sharpe. — Corra como se ele estivesse morrendo.

— Eu estou morrendo — gemeu Harper.

Sharpe tinha que empurrar com força para alcançar o passo de Frederickson e viu que aparecia uma cabeça na muralha da fortaleza e a bandeira tricolor ondeando entre o vento pintado de fumaça. Então o Doce William, junto dele, começou a gritar em francês e Sharpe percebeu que era uma loucura que três homens tomassem um dos fortes costeiros da França, mas agora tinha se comprometido e só o que podiam fazer era empurrar, rezar, e depois lutar como soldados que eram; o melhor que pudessem.

Capítulo 7

Pararam como se envergonhados sobre as pranchas cheias de pó de areia da ponte levadiça. As portas não se abriram, não podiam avançar mais e Sharpe e Frederickson, ofegantes depois de ter empurrado o obstinado carro com o peso de Harper, levantaram a vista e olharam para um rosto perplexo que apareceu pelas muralhas.

Frederickson gritou ao sentinela em francês, este respondeu e Harper, temendo que de repente um mosquete estourasse lá de cima, gemia terrivelmente na carroça. O sangue que tinha sobre o peito começava a secar e se converter em uma crosta rachada.

— Quer saber — disse Frederickson a Sharpe revelando surpresa na voz — se somos americanos.

— Sim! — gritou Sharpe. — Sim, sim!

— *Attendez!* — disse o guarda e sua cabeça desapareceu.

Sharpe virou-se e olhou para a estreita passagem que formava a rota de acesso ao penetrar no talude. Observava o lugar onde estavam os aldeãos, junto às árvores e também o lugar em que havia entrevisto a sombra do carroça de munição de um canhão entre os pinheiros.

— São dos americanos aqueles canhões? — perguntou surpreso.

— Devem de ser — respondeu Frederickson encolhendo os ombros.

Sharpe se virou, suas botas faziam um ruído oco sobre as grossas pranchas da ponte levadiça. À direita e esquerda se estendia o fosso interno cheio de água. O fosso de água, alimentado por um riacho procedente do moinho, parecia pouco profundo, mas não deixava de ser um obstáculo para os homens que tentassem assaltar a muralha, sinistra e tosca, que formava o recinto do forte.

Os canhões do forte retumbavam à esquerda de Sharpe, lançavam fumaça e chamas para a fragata que se encontrava agora além de Cap Ferrat. O combate havia se convertido em um duelo de longo alcance, pois Grant provocava os do forte e, sem dúvida, amaldiçoava as forças de terra por seu atraso.

— O que o maldito franchinote está fazendo? — tentava adivinhar Sharpe.

Harper tremia. A luz estava se pondo no oeste, era um entardecer frio que indicava que durante a noite gelaria e o enorme irlandês estava despido da cintura para cima.

— Falta pouco — disse Sharpe, com mais nervosismo que consolo.

De repente se ouviu o tilintido de um ferrolho, um atrito e depois uma barra caiu ao chão com um ruído surdo.

— Cristo!

A voz de Frederickson mostrava o alívio que sentia ao ver que sua artimanha, concebida com rapidez e que pode ser realizada pelo problema de Harper, funcionava.

— Esperem até que eu fale.

Sharpe disse estas palavras em voz baixa ao ver que os músculos de Harper, sob a trêmula capa de sangue seco, ficavam repentinamente tensos.

As dobradiças da porta chiaram como alma atormentada. O tenente Minver, a cento e oitenta metros de distância, estaria observando e veria que a enorme porta se abria e teria que se pôr imediatamente em movimento.

— Agora! — disse Sharpe.

O guarda francês estava ansioso para ajudar o ferido. O próprio guarda estava ferido, tinha a perna engessada, e fez um sinal para o gesso como para explicar a lentidão com a qual puxava a grande porta de ferro.

Harper, estirado na carroça, não via o gesso grosso que cobria a perna do homem, tampouco percebeu seu sorriso tranquilizador e de boas-vindas; apenas viu um homem vestido com uma casaca inimiga, um homem que obstruía uma porta que tinha que ser aberta, e Harper surgiu da pista com uma baioneta na mão direita e o francês lançou um gemido de horror quando a folha de sessenta centímetros, brandida como um adaga longa, penetrava em seu ventre. Sharpe viu que o sangue jorrava como água sobre o pavimento da arcada principal enquanto empurrava com todo seu peso a porta meio aberta.

Harper torceu a baioneta e a puxou, deixando o guarda sangrando e se sacudindo sobre a ponte levadiça. Deu um chute no mosquete do francês para o interior do fosso, depois foi em busca de seu fuzil e da arma de sete canos que estavam na carroça. Frederickson, com a espada na mão, arrastou a carroça vazia até o interior do túnel que atravessava as muralhas. Ninguém os havia visto, ninguém deu o alarme; tinham tomado a guarnição totalmente de surpresa.

Sharpe retirou os ferrolhos das portas. Tinha seu fuzil pendurado, a espada desembainhada e esperava que em qualquer momento gritassem em alarme ou se ouvisse o disparo de um mosquete, mas os três fuzileiros não haviam sido detectados. Sorriam entre si, nervosos pelo êxito conseguido, então seus ouvidos ficaram feridos pelo estrondoso pulso do ar; os canhões da fortaleza disparavam contra a *Scylla*. Harper empunhou sua espingarda de sete canos.

— Vou ensinar a esses sacanas como se dispara um canhão.

— Sargento! — exclamou Sharpe, mas Harper já ia correndo, com a arma montada, pelo pátio.

Soou um disparo procedente das dunas de areia e ao mesmo tempo dois mosquetes estouraram por cima de Sharpe. Percebeu que devia existir outros guardas no telhado da entrada, homens que podiam ver o assalto de Minver que se aproximava e Sharpe

procurou um caminho que o levasse para as muralhas. A sua direita havia um portal em arco e se meteu por ele.

Encontrou-se no quartel da guarda. Em um armário envernizado e polido, havia oito mosquetes colocados de pé. Sobre uma mesa estavam espalhadas cartas de baralho ante um aquecedor de chumbo negro que tampava a fumaça procedente de um tubo de chaminé mal encaixado. No outro extremo da sala havia uma escada atrás de uma arcada e, depois de trocar a espada pelo fuzil, Sharpe a subiu depressa.

Acima, ouvia o tamborilado das varetas nos tubos. Os degraus giravam em ângulo reto, o céu sobre sua cabeça era cinzento. Então, um rosto bigodudo, a apenas três metros de distância, virou-se para onde se ouviam os passos na escada e Sharpe apertou o gatilho de sua arma e viu que o homem retrocedia de um golpe. Mais sangue.

Percebeu um movimento a sua esquerda, quando deixava a escada, que o fez girar em redondo. Um segundo homem puxava com desespero a vareta para tirá-la do cano do mosquete e ao ver que não conseguia sacá-la, o francês levou a arma ao ombro.

Sharpe se jogou ao piso e rodou para a direita.

O mosquete largou seu estampido e a vareta, que podia ter empalado Sharpe como um espeto, atravessou o pátio dando um giro e caiu ressoando contra a rampa de pedra.

— *Non! Non!*

O homem se afastava retrocedendo enquanto Sharpe, ileso, se levantava das pedras com a espada na mão direita.

— *Non!*

O guarda soltou o mosquete, ergueu as mãos e Sharpe aceitou sua rendição e o lançou pelas muralhas até o fosso inundado que havia seis metros mais abaixo. Os fuzileiros de Minver, com as mochilas, bainhas, cantis e cornos batendo ao correr, já estavam no caminho; os homens mais rápidos já se aproximavam do talude.

Sharpe virou-se para o som dos canhões da fortaleza. Via uma muralha vazia onde os canhões, grandes e frios permaneciam mudos. No extremo da muralha havia um pequeno baluarte de pedra, pouco mais que um refúgio coberto para sentinelas, e mais além ficava o baluarte semicircular que sobressaía às águas do canal de Arcachon e de onde os pesados canhões disparavam. Os artilheiros franceses, aturdidos, ensurdecidos e meio cegos por seus próprios disparos, ainda não tinham visto a pequena carnificina que ocorrida na entrada. Limpavam e carregavam suas armas enormes, atentos apenas à fragata que se atrevia a desafiá-los.

Então uma voz os desafiou. Alguns se viraram. Os outros, perdendo seu ritmo de trabalho, deram a volta para ver o que os interrompia.

Patrick Harper lhes gritara com uma voz que teria feito emudecer o próprio inferno, era uma voz acostumada a fazer formar os batalhões nas grandes praças de armas sacudidas pelo vento, e os artilheiros olharam surpresos para baixo, para o interior do pátio, onde um gigante banhado em sangue segurava um canhão pequeno nas mãos.

— Sacanas!

Harper gritou, depois apertou o gatilho da arma de sete canos. As balas de meia polegada açoitaram aqui e ali, em leque e atingiram a dotação do canhão da esquerda. Dois homens caíram, depois Harper deixou a arma enorme e tirou o fuzil do ombro.

— Patrick! — gritou Sharpe que havia visto que um francês se ajoelhava no telhado do quartel com uma carabina na mão e que apontava para baixo. — Proteja-se!

Harper rodou para a direita, olhou para cima e passou a correr.

Um oficial francês, ao comando da bateria do canhão grande, ficou olhando para o gigante manchado de sangue, depois para Sharpe e o fuzileiro percebeu um olhar de autêntica surpresa naquele rosto magro e pálido. Frederickson, a espada em mão,

atravessou o pátio, sem se preocupar com a carabina que estava acima e gritando para os artilheiros que se rendessem.

O oficial francês de repente se sacudiu, como se despertasse de um pesadelo real e gritou a seus homens que abandonassem os canhões e agarrassem as carabinas que tinham nos armários junto às seteiras. Sharpe havia esquecido que os artilheiros franceses usavam armas longas e gritou a Frederickson que se protegesse, então percebeu que o francês que havia no telhado mudava a direção do tiro.

Sharpe se afastou, sabia que o disparo apontava para ele. Teve a visão fugaz da labareda com sua auréola de fumaça e a bala da carabina cortou sua testa. Meia polegada mais perto e o teria matado, teria morrido pelos fragmentos de crânio que lhe teriam penetrado no cérebro. Mas não fora assim e cambaleava, aturdido e de repente a vista se cobriu de vermelho e ele se retorceu, caindo enquanto ouvia a espada tilintar ao quicar nas pedras das muralhas. Tinha a cabeça como se um atizador em vermelho vivo lhe tivesse atravessado a cara. Estava cego.

Uma cruel pontada de dor lhe atravessava a cabeça e o fazia gemer. A cegueira lhe produzia pânico e esse enjoo o impedia de se levantar. Encostou-se contra a muralha e notou o gosto salgado de sangue em sua língua. Tateava inutilmente em busca de sua espada caída.

Uma ordem em francês o fez girar a cabeça para a esquerda, mas não via nada. As carabinas dispararam. Uma bala passou por cima de sua cabeça, outra bateu contra a muralha ao seu lado. Então ouviu o estalido rápido de um fuzil Baker, que Sharpe havia ouvido um milhão de vezes, souou a sua direita e percebeu um esfregar de botas sobre a pedra; eram os fuzileiros que penetravam no pátio. Outro estalido, um grito e outro fuzil Baker atingiu uma vítima. Então Frederickson começou a dar ordens.

Uma descarga lascou o anoitecer, jogando faíscas dos canos dos fuzis, e metade dos casacas-verdes avançaram enquanto seus companheiros os cobriam e as longas baionetas com espadas foram

subindo a rampa de pedra. Sharpe ouviu que aclamavam e percebeu que tomaram o forte. Ele estava cego.

Lentamente, com medo, Sharpe levantou a mão até a cabeça que zumbia e se procurou o olho direito. Foi esfregando o sangue e viu um resplendor de luz. Tinha os olhos cheios de sangue, selados com sangue e cuspiu em uma das mãos sujas e foi esfregando o sangue derramado para limpar o olho direito e de forma borrada viu que os homens de Frederickson revistavam o baluarte com as baionetas. Sentiu alívio, como água de primavera, ao perceber que podia ver. Viu que o inimigo saltava das seteiras, abandonava o forte e os canhões e viu que um disparo da *Scylla*, que estava disparando em vão durante noventa minutos, arrancava a cabeça de um fuzileiro nas muralhas ocidentais. O corpo, jorrando sangue como um odre de vinho, caiu sobre os paralelepípedos do pátio.

— Retirem a bandeira! — gritou Sharpe.

Estava de joelhos e apoiando-se com as mãos no piso, o sangue empapava sua camisa e podia voltar a fechar seu olho direito outra vez.

— A bandeira!

O tenente Minver entendeu, cortou a adriça com sua espada e a tricolor parou de ondear. Isto faria que parassem os canhões da *Scylla*.

— Fechem a porta! — Sharpe voltou a gritar e o esforço lhe produziu tamanha dor no crânio que soluçou.

Sacudiu a cabeça, como querendo livrar-se da dor, mas o espetava como uma agulha de fogo atrás dos olhos.

Uma descarga potente se ouviu ao sul e Sharpe, com a cabeça dolorida a cada movimento, virou-se e viu a nuvem de fumaça procedente do bosquezinho.

— Capitão Frederickson! Capitão Frederickson!

Frederickson subiu os degraus que levavam à parte superior das muralhas de três em três.

— Jesus!

Inclinou-se junto a Sharpe e tentou limpar-lhe o sangue da cara, mas Sharpe, ainda apoiando-se nos joelhos e nas mãos, se afastou.

— A companhia de Minver para as muralhas. Pegue a sua e cale aqueles malditos canhões americanos — viu que Frederickson hesitava. — Vá!

Frederickson se foi e Sharpe, com uma dor terrível, percebeu que a *Scylla* havia parado de disparar e que os canhões de campanha tinham cessado sua descarga fechada. Apoiou-se contra a parede, fechou o olho bom e deixou que a dor o invadisse. Havia capturado um forte.

Cornelius Killick podia ter agarrado facilmente Nicolás Leblanc e ter torcido o pescoço do francês.

Era a fábrica de Leblanc, em St. Denis, perto de Paris, que elaborava o nitrato de potássio que se misturava com carvão vegetal e sulfeto para fazer pólvora.

Não que Cornelius Killick tivesse ouvido falar de Nicolás Leblanc, mas os americanos conheciam a pólvora e ele, no instante em que seus canhões dispararam, percebeu que a pólvora francesa servia apenas para os fogos de quatro de julho. A culpa era do nitrato de potássio, salitre, mas isso tampouco Killick podia saber, o que sabia era que quando um canhão tossia em lugar de retumbar. Tinha carregado os canhões como teria feito com os seus e como se utilizasse pólvora americana, mas deveria ter elevado os tubos para compensar a débil qualidade das cargas.

Havia elevado os canhões ligeiramente, conhecedor de que os primeiros disparos, com o metal frio, sairiam baixo, mas nunca teria imaginado quão baixo. O primeiro estouro de metralha, em lugar de submergir os casacas-vermelhas em uma tormenta metálica e mortífera, se espalhou pela areia. Algumas das balas quicaram para cima, mas Killick não viu nem um só corpo tocado pelos projéteis.

Killick amaldiçoou, pois seus problemas se multiplicavam. Os sacanas deviam ter se informado de que estava ali. Vira as primeiras casacas vermelhas dez minutos antes e havia esperado que penetrassem sem suspeita na clareira. Mas tinham bordejado as árvores do outro lado e Killick, cansado pelo atraso, havia disparado sua primeira descarga contra aquela fila de árvores. E a desperdiçara. Voltou a amaldiçoar.

Seus homens estavam passando as esponjas, metendo as varetas e voltando a colocar os canhões em sua posição. Um mosquete britânico disparou e Killick ouviu que a bala sobrevoava os pinheiros. Depois surgiram mais chamas dos arbustos situados no extremo da clareira e as balas de mosquete se incrustaram no banco de areia ou acertaram nas árvores ou fizeram cair agulhas de pinheiros sobre os artilheiros.

Killick correu para a esquerda. Se a infantaria fosse atacar viria dali, por entre as árvores, e o anoitecer impedia que se vissem suas casacas escarlatas. Gritou para que os homens do canhão da esquerda o girassem e cobrissem o acesso, depois ficou contemplando a escuridão crescente. Não via nada.

Cornelius Killick estava nervoso. Seus homens estavam nervosos. Isto não era a guerra tal como ele a conhecia. Killick conhecia outro tipo de guerra, ali onde o vento favorecia ao melhor homem e aonde os mortos iam para o mar. Não em este maldito vale de sombras onde o inimigo rondava e se escondia, espreitava e matava.

Um galhinho rangeu e Killick se virou, mas era apenas Marie, uma aldeã, que o observava com os olhos bem abertos.

— Para trás — soltou Killick.

— O forte — disse Marie.

— O que tem o forte?

Killick escrutinava as sombras ao sul buscando um sinal que revelasse o movimento do inimigo.

— Não há bandeira — disse Marie.

— Devem tê-la derrubado! — gritou Killick e depois se virou para a garota porque os mosquetes britânicos soltavam chispas e a distante linha de árvores se encheu de nuvens de fumaça de pólvora. — Para trás, Marie! Para trás!

Os homens da tripulação do *Thuella* responderam aos disparos usando os mosquetes franceses que se vendiam em toda América. Se ao menos os sacanas se deixassem ver, pensou Killick, então seus seis canhões os destroçariam.

— Liam! Liam! — gritou.

— Senhor?

— Você vê algo?

Killick correu para sua bateria principal pisando na folhagem seca dos pinheiros.

— Apenas sua fumaça de merda. Sacanas, não se deixarão ver!

Um soldado, pensou Killick, saberia o que fazer neste momento. Talvez devesse fazer os homens entrarem no bosque com os alfanjes e os mosquetes preparados, mas que sentido tinha isso? Simplesmente se converteriam em carne para os mosquetes da infantaria naval. Talvez outra descarga, pensou, os provocasse.

— Liam? Apontem alto e disparem!

— Senhor!

Giraram os parafusos elevadores de cobre, as mechas tocaram os ouvidos e o fogo deslizou para a pólvora grossa que lançou mais metralha entre o mato do outro lado da clareira. Um pássaro grasnou e se afastou sobrevoando as árvores trituradas, mas este foi o único resultado visível da descarga.

A fumaça se elevava sobre a clareira. O senso comum de Cornelius Killick lhe indicou que este era o momento de correr sem parar. Perdera sua maior arma, a surpresa, e se arriscava a perder muito mais, mas não era um homem que aceitasse a derrota. Assim que imaginou uma vitória. Talvez, pensou, os sacanas tivessem partido. Não havia mosquetes disparando agora do outro lado da

clareira, não havia casacas-vermelhas que se movessem, não se via nada. Talvez, surpreendidos e destroçados pelas descargas de projéteis, os covardes tivessem dado a volta e passado a correr. Killick lambeu o lábio, calibrou aquele pensamento surpreendente e decidiu que podia ser verdade.

— Derrotamos aqueles sacanas, garotos!

— Não a estes sacanas.

Killick virou-se com grande rapidez e então ficou gelado. De pé atrás dele havia um homem com um só olho cujo rosto teria atemorizado a um diabinho de Satanás. O capitão William Frederickson, como gozação, sempre tirava o tapa-olho do olho e os dentes postiços antes de um combate e a falta desses elementos embelezadores, junto com o horror que produzia a órbita vazia, lhe outorgavam o rosto de um homem saído de uma tumba pestilenta e apodrecida. Killick percebeu com grande assombro que a voz do oficial dos fuzileiros era estranhamente educada, atrás dele e movendo-se com rápida confiança, alguns homens com casacas verdes com longas baionetas, escorriam através das árvores.

Killick levou a mão à empunhadura da pistola e o caolho sacudiu a cabeça.

— Não me agradaria matá-lo. Sinto uma certa simpatia por sua República.

Killick deu sua opinião a respeito disto com uma palavra curta e eficaz.

— É a sorte da guerra — disse Frederickson. — Sargento Rossner! Quero prisioneiros, não mortos!

— Senhor!

Os fuzileiros que apareceram de repente pela retaguarda dos americanos com as armas preparadas não deram nenhuma oportunidade de luta à tripulação do *Thuella*. Docherty desembainhou sua espada, mas a baioneta de Taylor tocou o irlandês no pescoço e os olhos cruéis do fuzileiro mostraram ao tenente o que sucederia se levantasse a arma. Docherty a deixou

cair. Alguns membros da tripulação do *Thuella*, ao não poderem fugir pela clareira que estava coberta pelos mosquetes da infantaria, soltaram as armas e correram em busca de refúgio com os aldeãos assombrados.

— Quem diabo é o senhor? — perguntou Killick.

— O capitão Frederickson, Fuzileiros Reais Americanos. O senhor deveria me entregar sua espada.

Killick deu brevemente seu ponto de vista a respeito de tal sugestão e Frederickson sorriu.

— Eu a posso tomar. O senhor é o comandante?

— O quê?

A hostilidade mostrada por Killick fazia Frederickson ser mais paciente.

— Se querem lutar contra meus rapazes, asseguro que ficarão encantados. Estão combatendo há seis anos e a única consolação oferecida pro nosso exército é o saque dos inimigos mortos.

— Merda — disse Killick.

Não haveria combate algum, pois os fuzileiros já estavam reunindo as dotações dos canhões. Um dos sacanas de casaca verde, o que fizera Docherty prisioneiro, fazia um volume com a bandeira das barras e estrelas. Killick viu que alguns de seus homens fugiam para os aldeãos, mas tinham abandonado suas armas para que não os tomassem por combatentes. Cornelius Killick sentiu a impotência de ser um marinheiro condenado a lutar fora do mar. Teria chorado de raiva e impotência e vergonha ao ver que retiravam sua bandeira. Assim que, aferrando-se a um resquício de dignidade, sacou a espada da bainha e a ofereceu pela empunhadura a Frederickson.

— Se tivéssemos combatido no mar... — Começou a dizer Killick.

—... Eu seria seu prisioneiro. — Frederickson acabou a frase com educação. — E se o senhor me der sua palavra de que não tentará escapar, pode ficar com sua espada.

Killick voltou a meter a espada na bainha.

— O senhor tem minha palavra.

Frederickson pegou um apito de prata que pendia do cinturão e assobiou seis vezes.

— É apenas para que nossos amigos saibam que cumprimos nosso trabalho.

Abriu a mochila e pegou o tapa-olho e os dentes postiços.

— Pode desculpar minha vaidade? — perguntou Frederickson enquanto punha o tapa-olho. — Regressamos?

— Regressar?

— Ao forte, certamente. Dado que é meu prisioneiro, asseguro que receberá um tratamento de cavalheiro.

Killick ficou olhando para o fuzileiro, cujo rosto, mesmo com o tapa-olho e os dentes, era pouco tranquilizador. Cornelius Killick achava que um oficial britânico tinha de ser um covarde arrogante, todo elegância, forçado e delicadezas, e se achava surpreendido ao ver-se frente a um homem que parecia tão curtido.

— O senhor me dá sua palavra de que nos tratarão de forma adequada?

Frederickson franziu o cenho, como se a pergunta fosse imprópria.

— Tem minha palavra de oficial. — Sorriu repentinamente. — Não sei o que haverá para comer esta noite, mas sem dúvida terá vinho em abundância. Estamos, afinal de contas, no Médoc, e a colheita deste ano foi boa, eu acho. Sargento! — deu de ombros como se desculpando e deu volta. — Que fiquem com as armas! Voltaremos para o forte!

— Senhor!

Cornelius Killick, que havia ansiado ter tanto êxito em terra como no mar, acabava de conhecer um fuzileiro e o único que podia fazer era acender um charuto e se consolar pensando que, para um

marinheiro, não era nada vergonhoso ser vencido em terra. Mas chateava igualmente, Deus, como lhe chateava!

E a laguna de Arcachon, onde estava encalhado o *Thuella*, havia caído.

Henri Lassan, ao ver que seus homens estavam encurralados no baluarte e reconhecendo a farda dos temidos casacas-verdes e suas compridas e cintilantes baionetas, havia se dado conta de que não se podia lutar.

— Saltem! Saltem! — gritou apontando o baluarte e a faixa de areia que rodeava as muralhas do oeste.

Ali, na parte do forte que dava ao mar, não havia fosso inundado, pois a água das marés era melhor. Seus artilheiros saltaram das seteiras e caíram sobre a areia. Lassan, ao saltar, sentiu uma pontada aguda ao pensar que perdia seus livros, mas a sacudida que recebeu ao aterrissar fez que se esquecesse disso. Dois de seus homens torceram o tornozelo, mas os ajudaram a pôr-se a salvo ao abrigo das dunas e Lassan conduziu seus homens para o norte. Duas balas de fuzil os seguiram, mas uma ordem como um latido mandou cessar o fogo.

A fortaleza havia caído, não em mãos da infantaria naval, mas dos casacas-verdes, e Lassan se perguntava como haviam chegado tão silenciosamente e como tinham atravessado as muralhas sem seu conhecimento; mas aquelas especulações eram inúteis naquele momento em que ele havia fracassado.

Perdera a *Teste de Buch*, mas ainda podia frustrar os planos de seu inimigo. Achava que tinham vindo para buscar os lugres e Lassan, cambaleando na areia, iria a *Le Moulleau* e faria queimar as barcas.

O cair da noite trouxe consigo uma chuva que foi enchendo a areia de diminutas crateras. A vereda serpenteava entre dunas, passava por armadilhas de peixe abandonadas e por costelas negras de barcos apodrecidos. A vila pesqueira ficava a duas milhas

ao norte e Lassan via a densa maranha de mastros e vergas onde estavam encalhados os lugres seguindo suas ordens. Muitos dos patrões das barcas viviam nelas e esperavam e resmungavam até que os soltassem e lhes permitissem voltar ao trabalho.

Alguns restos de fumaça dos canhões se dirigiam para o norte junto com Henri Lassan. A maré estava mudando. Diminutas ondas banhavam os leitos onde cresciam mexilhões e ostras. As mulheres já não poderiam levar-lhe as cestas de marisco e deter-se a fofocar sobre os preços no mercado de Arcachon ou a sussurrar, com aparente surpresa, as façanhas de cama do capitão americano. Lassan se perguntava o que teria ocorrido a Killick, mas pensar nisso era tão inútil como saber como havia caído a *Teste de Buch*. O major Henri Lassan, com uma espada na cintura e uma pistola no cinturão, tinha algo a fazer e se dirigiu para o norte, entre a escuridão, para levá-lo a cabo.

E em *Le Moulleau* as tripulações dos lugres se rebelavam. Estavam reunidos no exterior do edifício de Aduanas, em desuso durante muitos anos por causa do bloqueio da Armada Real, mas ainda havia dois homens uniformizados encarregados, que abriram sua pesada porta e escutaram o alvoroço. Atrás das tripulações estavam as estacas de madeira que beiravam os tablados onde se abria o marisco e onde o burburinho crescia até converter-se em um protesto violento. Os navios eram seu sustento. Sem as barcas passariam fome, seus filhos passariam fome e suas mulheres passariam fome.

Os homens de Lassan, abalados pelo aperto, olhavam para o piso. Na fachada das Aduanas ardiavam umas tochas que lançavam uma luz vermelha nos rostos furiosos. Do sul chegava chuva. Lassan, um homem amável e razoável, levantou as mãos.

— Meus amigos!

Explicou por que os ingleses necessitavam das barcas, como as usariam para fazer uma ponte ou para desembarcar seu exército ao norte do Adour.

— O que será então de seus filhos e de suas esposas? Digam-me?

Não houve resposta, salvo o ruído da maré e o sussurro da chuva sobre as tochas. Os rostos denotavam desconfiança. Lissan sabia que os camponeses franceses não lhes agradavam as tropas francesas, pois o Imperador havia decretado que podiam pegar os mantimentos que quisessem e sem pagá-los. O próprio Lissan havia se negado a obedecer esse decreto, mas a desobediência teve que financiá-la de seu bolso. Alguns destes homens sabiam que Lissan sempre fora um oficial decente, mas agora os ameaçava com a fome.

— Os ingleses — gritou uma voz desde o anonimato da multidão — oferecem vinte francos ao dia. Vinte!

O burburinho voltou a começar, cresceu e Lissan viu que ia ter que usar a força para impedir que esses homens interferissem em seu dever. Havia tentado dar-lhes razões, mas a razão era uma arma muito fraca frente à cobiça dos aldeãos, assim que agora teria de ser cruel.

— Tenente Gerard!

— Senhor?

— Ponha fogo nas barcas! Comece pelos ancoradouros do sul!

Houve vaias e Lissan de forma instintiva levou a mão à pistola, mas seu sargento lhe tocou o braço.

— Senhor — disse o sargento com voz triste.

Ouviram um rangido, depois outro. O chiado de um remo no tolete, depois chapinhos e Lissan viu, na escuridão, as marcas brancas de pás em contato com a água. Seguiu observando e, na brilhante escuridão onde a luz das tochas refletia na água, viu as sombras fantasmagóricas de barcas pintadas de branco. Ajudadas pela maré, os britânicos haviam remado canal acima e Lissan, enquanto escutava as zombarias de seus compatriotas, viu que os marinheiros vestidos de azul, com alfanjes nas mãos, saíam como

um enxame de suas chalupas para os lugres. As tripulações francesas, deram as boas-vindas ao ouro inglês e aplaudiram.

Lassan virou-se e partiu.

— Vamos para o leste, tenente.

— Senhor.

Henri Lassan com seu pequeno grupo de artilheiros se afastou do povoado. Seguiria a costa sul da laguna de Arcachon, depois se meteria terra adentro até Bordéus e informaria a seus superiores de que tinha fracassado e que os britânicos tinham as barcas.

E assim, a batalha de Arcachon, que começara com tantas esperanças para seus defensores, acabava com uma noite de frio, chuva e derrota total.

Capítulo 8

Cinco franceses e um fuzileiro mortos jaziam na capela do castelo, não por respeito, mas simplesmente porque era o lugar mais conveniente para deixar os cadáveres até que houvesse tempo para enterrá-los. O tenente Minver agarrou o frontal branco do altar e ordenou a dois de seus homens fizessem tiras com ele a modo de vendas; depois, e como um jovem bem educado que era cujos pais haviam acostumado a não deixar uma luz ardendo em um quarto vazio, apagou a chama da Presença Eterna antes de regressar ao pátio.

O caos reinava na *Teste de Buch*. Os fuzileiros vigiavam as muralhas, enquanto que o pátio era um ferredouro de marinheiros e infantaria naval. Os seis canhões de campanha, com suas carroças de munição, foram arrastados até o interior do forte e ali eram objeto da curiosidade dos homens do mar. A *Scylla*, com os flancos fendidos pelo grande número de disparos, estava encalhada abaixo dos canhões silenciosos.

As mochilas e os suprimentos da infantaria eram transportados por um bergantim ancorado abaixo da *Scylla*, depois eram subidos pela muralha através de um sistema de cordas e polias. A infantaria naval avançava em ordem ligeira, mas havia chegado ao forte duas horas depois que os fuzileiros de Sharpe.

— Tenho que lhe agradecer, major Sharpe.

O capitão Bampfylde entrou coxeando, por causa de seus pés machucados, no quarto onde um cirurgião da marinha estava vendando Sharpe. Bampfylde estremeceu ao ver tanto sangue no rosto e na camisa de Sharpe.

— Caro, permita-me que lhe diga quanto sinto muito.

O cirurgião, um biritado mal-humorado, respondeu em lugar de Sharpe.

— Não é nada, senhor. As feridas da cabeça sangram como um porco. — Acabou de vendar a cabeça de Sharpe e lhe deu uma palmada. — Mas estou seguro de que sua cabeça está como um bumbo.

Se o homem se referia à dor, tinha razão, e a palmadinha amistosa não lhe fizera nenhum bem, mas pelo menos Sharpe havia recuperado a vista tão logo lhe limparam o sangue dos olhos. Levantou o olhar para Bampfylde, cujo rosto jovem e gorducho revelava cansaço.

— O forte não estava exatamente deserto.

— É o que parece!

Bampfylde se aproximou da mesa e examinou uma garrafa de vinho abandonada pela guarnição francesa. Tirou a rolha e pôs um pouco em um copo. Cheirou, deu-lhe umas voltas, examinou e depois bebeu.

— Delicioso. Eu diria que um pouco jovem. — Verteu mais vinho no copo. — Nenhum osso quebrado, hein?

— Eu perdi um homem.

Bampfylde deu de ombros.

— A *Scylla* perdeu dezesseis! — disse como se quisesse indicar que a marinha havia levado a pior.

— E a infantaria naval? — perguntou Sharpe.

— Dois homens receberam algum arranhão — disse Bampfylde irado. — Sempre pensei que a clareira era o lugar mais provável para uma emboscada, Sharpe. Contudo, se querem pegar aos que são como nós, têm que ir a um bom passo, hein? — riu.

Bampfylde era um sacana de merda, pensou Sharpe. Os dois fuzileiros que Frederickson havia enviado tinham avisado à infantaria da presença dos canhões de campanha e o capitão Palmer já tinha agradecido a Sharpe por isso. Mas Bampfylde falava como se ambos tivessem detectado e derrotado a emboscada,

enquanto que aquele maldito não fizera nada. Bampfylde bebeu o vinho.

— Algum americano escapou? — perguntou com um tom um pouco acusatório.

— Acho que sim.

Sharpe não se importava. Bampfylde tinha trinta prisioneiros americanos para enviar para a Inglaterra e provavelmente isso era mais que suficiente. O forte estava tomado, os homens da *Scylla* adentraram no canal em busca dos lugres e nenhum homem esperaria mais daquele dia.

— Então que partirá pela manhã, Sharpe? — Bampfylde olhava a ferida de Sharpe na cabeça. — Isso é apenas um arranhão, não? Nada que o faça atrasar seu reconhecimento?

Sharpe não respondeu. Tomaram o forte, Elphinstone teria os lugres que lhe faziam falta e o resto desta operação era absurdo. Além do mais, para ele não importava se em Bordéus havia descontentamento ou não, só o que lhe importava era que Jane não morresse enquanto ele não estava. Sharpe se virou e olhou para o cirurgião.

— Qual é o primeiro sintoma da febre?

O cirurgião estava se servindo de vinho.

— Amarela, malária, Walcheren? Que febre?

— Qualquer uma — grunhiu Sharpe.

O cirurgião deu de ombros.

— Pele quente, tremores incontrolados, intestinos soltos. Não posso afirmar que o senhor não tenha algum sintoma febril, major.

Sharpe sentiu um medo atroz. Durante um momento teve a tentação de dizer que sua ferida lhe incapacitava e pedir que o devolvessem a *Saint Jean de Luz* no primeiro navio.

— Então, Sharpe? — Bampfylde se sentia ofendido porque Sharpe ignorara sua pergunta. — Vai ir ao interior?

— Sim, senhor.

Sharpe se levantou. Qualquer coisa a ter que aguentar esse capitão da marinha arrogante. Sharpe se dirigiria terra adentro, armaria uma emboscada na estrada, depois regressaria e se negaria a participar de qualquer outra loucura de Bampfylde. Sabia que tinha que secar sua espada se não quisesse que ficasse com manchas de ferrugem pela manhã, mas estava muito cansado. Na noite anterior não havia dormido, marchara durante todo o dia e tinha tomado uma fortaleza. Agora ia dormir.

Passou por Bampfylde e foi em busca de uma cama de campanha em um dos quartos vazios do quartel. Ali, rodeado dos pequenos pertences de um artilheiro que seus casacas-verdes desalojaram, deitou-se e dormiu.

Já era de noite, uma noite fria. Os sentinelas tremiam nas muralhas e o fosso cheio de água tinha uma fina capa de gelo. O vento havia amainado, não chovia e as nuvens se desfaziam e deixavam o céu cheio de estrelas brilhantes, frias e brancas sobre marismas que brilhavam com a água gelada.

Do outro lado daquelas marismas silenciosas, e procedente das águas planas e prateadas de Arcachon, se elevava uma débil neblina, uma neblina baixa em uma noite tranquila e de geadas lá em um forte onde o sangue derramado em uma escaramuça gelava e endurecia sob a escuridão.

No pátio da *Teste de Buch* havia algumas tochas acesas. A respiração se convertia em vapor. A geada cobria o calçamento de branco e envolvia os canhões que das muralhas.

Bampfylde havia ordenado aos casacas-verdes que descansassem e os substituiu com infantaria naval, cujos gabões escarlatas e cintos brancos pareciam brilhar sob a noite estrelada.

Nove prisioneiros franceses, um deles o sargento que havia disparado em Sharpe do telhado do quartel, estavam encerrados em um armazém vazio. Os navios de Bampfylde os levariam para as horríveis prisões do Tâmis ou para o novo cárcere de pedra, que

os prisioneiros franceses haviam construído nas selvagens regiões de Dartmoor.

Os demais prisioneiros estavam encerrados no armazém de bebidas que Bampfylde havia ordenado esvaziar de conhaque e vinho. Meteram trinta homens em um espaço no qual não cabiam mais que doze. Eram os americanos.

— Pelo menos dizem que são americanos! — Bampfylde, descalço e com os pés apoiados em uma caixa de munições, estava sentado em frente a um fogo que fora aceso nos antigos aposentos de Lassan. — Mas creio que a metade deles são desertores nossos!

— Certamente, senhor.

O tenente Ford sabia que os navios americanos, tanto os da marinha como os outros, estavam cheios de marinheiros que haviam fugido da férrea disciplina da Armada Real.

— Assim que ajustemos as contas um a um. — Bampfylde fez uma pausa e deu uma mordida em uma coxa de frango que seria parte da janta de Henri Lassan. Deixou o osso limpo e depois o lançou ao fogo. — Fale com eles, tenente. Utilize dois contramestres de confiança, entende?

— Sim, senhor. — Ford o entendia perfeitamente.

— Os que ache desertores, ponha em um quarto separado. Os verdadeiros americanos podem regressar ao armazém.

— Sim, senhor.

Bampfylde se serviu de mais vinho. Devia ser um vinho jovem, mas era muito, muito esperançado. Fez uma nota mental para que levassem todas as caixas para o *Vengeance*. Também havia encontrado algumas taças de cristal, gravadas com um escudo de armas, que ficariam muito bem em sua casa de Hampshire.

— Acha que estou sendo exigente com os prisioneiros americanos, Ford?

Ford achava que sim.

— Vão enforcar todos eles, senhor.

— Verdade, mas é importante que sejam enforcados da maneira apropriada. Não podemos castigar um pirata a chicotadas, não é? Isso seria muito grosseiro! — Bampfylde riu.

Os tripulantes do *Thuella* suspeitos de serem marinheiros britânicos e desertores enfrentariam o pior dos destinos. Seriam colocados no bote de um navio e passaria remando por todos os navios ao comando de Bampfylde. Diante de cada navio, debaixo do olhar das tripulações, os açoitariam com o chicote de nove caudas, como aviso visível e sangrento do preço que um desertor pagaria. As correias cheias de nós lhes esfolariam a pele e a carne até deixar-lhes ossos descobertos, mas esperariam até que voltassem a recuperar a consciência antes de enforcá-los do penol do *Vengeance*. Os outros, os americanos, seriam enforcados em terra, sem açoites, como simples piratas.

O tenente Ford estava duvidoso.

— O capitão Frederickson, senhor... — Começou um pouco nervoso.

— Frederickson. — Bampfylde franziu o cenho. — É o tipo com a cara de mendigo, não?

— Verdade, senhor. Disse que eram seus prisioneiros. Que lhes havia garantido um trato honroso.

Bampfylde riu.

— Talvez ache que devem ser enforcados com uma corda de seda. São piratas, Ford, piratas! Isso os converte em assunto da marinha e peça ao capitão Frederickson que guarde suas opiniões. — Bampfylde sorriu para seu tenente para dar-lhe segurança. — Falarei com o oficial americano eu mesmo. Mande-me meus barqueiros, hein?

A captura de Cornelius Killick havia proporcionado ao capitão Bampfylde um grande prazer. Os marinheiros americanos haviam zombado da Armada Real; haviam ganhado os combates navio contra navio com asquerosa facilidade e homens como Killick se converteram em heróis populares para seus compatriotas. A notícia

de sua captura e de sua morte ignominiosa ensinaria aos republicanos que a Grã-Bretanha podia devolver os açoites se quisesse. Bampfylde sabia que suas Senhorias do Almirantado se sentiriam bem satisfeitos com esta notícia. Não eram muitos os inimigos que desafiavam a Grã-Bretanha nos mares e a queda de um só, ainda que fosse um pirata comum, seria uma vitória inusitada naqueles dias.

— Eu não sou um pirata — disse Cornelius Killick quando o levaram à presença de Bampfylde.

Uma divertida ironia se refletiu no rosto carnosos de Bampfylde.

— O senhor é um simples e comum pirata, Killick, um criminoso e como tal será enforcado.

— Levo a patente de corso de meu governo e como o senhor bem sabe.

Killick, assim como o tenente Docherty, haviam sido despojados de suas espadas e tinham as mãos atadas às costas. O americano estava gelado de frio, furioso e indefenso.

— Onde estão suas patentes de corso? — perguntou Bampfylde olhando inocentemente para Killick.

— Estão comigo, senhor.

O contramestre de Bampfylde extraiu um grosso maço de papéis que Killick levava em uma bolsa impermeável em seu cinturão. Bampfylde pegou os papéis, os desdobrou e os leu com escasso interesse. O governo de Estados Unidos, de acordo com as leis habituais, dava permissão ao capitão Cornelius Killick para fazer a guerra aos inimigos da República lá onde os encontrasse e fazia extensível ao capitão Killick toda a proteção do governo de Estados Unidos.

— Eu não vejo patentes de corso.

Bampfylde jogou o documento ao fogo.

— Sacana.

Killick, como qualquer pirata, sabia que tais cartas ofereciam pouca proteção, mas nenhum capitão gostava de perder seus papéis.

Bampfylde riu. Deu uma espiada nos outros papéis que eram os certificados de cidadania americana dos tripulantes do *Thuella*.

— Um nome caprichoso para um navio pirata, *Thuella*?

— É grego — disse Killick desdenhoso — e significa “nuvem de tormenta”.

— Um americano educado nos clássicos! — exclamou Bampfylde com zombaria. — Que milagres nos traz esta nova centúria!

O contramestre de Bampfylde, o homem que governava a gabarra privada do capitão, deu uma cotovelada no tenente Docherty nas costelas.

— Este não é americano, senhor, é irlandês.

— Um irlandês! — sorriu Bampfylde. — Em rebeldia contra seu próprio rei, não?

— Sou cidadão americano — disse Docherty.

— Não mais — disse Bampfylde e atirou todos os certificados ao fogo onde produziram uma grande labareda e logo se enrugaram. — O senhor me cheira a peido irlandês. — Bampfylde voltou a olhar para Killick. — Então, onde está o *Thuella*?

— Já lhe disse.

Bampfylde não sabia se acreditava na história de Killick de que o *Thuella* estava encalhado, desaparelhado e inservível, mas amanhã os bergantins iriam revistar a laguna de Arcachon para se assegurar. Bampfylde também esperava que o restante da tripulação pirata fosse caçada e pudesse ser levada diante da justiça.

— Quantos homens de sua tripulação são súditos britânicos? — perguntou a Killick.

— Nenhum — respondeu ameaçador. Um terço de seus homens servira na Armada Real e Killick sabia bem o destino maldito que os esperava se fossem descobertos.

— Nenhum.

Bampfylde pegou um charuto, o cortou e depois pôs fogo em um pedaço de papel retorcido feito com uma página arrancada do livro *Ensaíos de Montaigne* pertencente a Lassan.

— Nós vamos enforcar a todos, Killick, a todos. Poderia alegar que todos vocês são desertores, inclusive você! — Acendeu o charuto e depois deixou cair o papel aceso. — Quer que o açoitemos, Killick? Ou prefere me dizer a verdade?

Killick, cujo charuto lhe fora arrebatado por um soldado, observava com inveja o capitão britânico que dava uma tragada no tabaco aceso.

— Vá à merda, senhor.

Havia sete gabarheiros, todos preferidos de seu capitão e todos robustecidos pelo tempo passado nos remos. Também eram veteranos de incontáveis brigas em tabernas portuárias e das lutas que haviam ganhado quando formavam parte de uma patrulha de alistamento, e dois homens maniatados, por fortes que fossem, não estavam a sua altura.

Bampfylde observava impassível. Para ele, estes dois americanos eram piratas, pura e simplesmente, que não usavam um uniforme conhecido e cujo destino não o perturbava mais do que o dos ratos do *Vengeance*. Permitiu que seus homens batessem neles, observou como sangravam pelos lábios e narizes quebrados e até que os homens não estivessem no piso com os rostos ensanguentados e as costelas machucadas não levantou a mão para deter a violência.

— Quantos de seus homens, Killick, são desertores?

Antes que Killick pudesse responder a porta se abriu. Ali de pé e mostrando fúria em seu rosto estava o capitão William Frederickson.

— Senhor!

Bampfylde virou-se em sua cadeira e franziu o cenho por causa da interrupção. Não lhe importava que o fuzileiro fosse testemunha da surra, mas o que ofendia Bampfylde era que o homem não ter tido a mínima cortesia de bater na porta.

— O senhor é Frederickson, não? Pode esperar?

Era evidente que Frederickson fazia grandes esforços para controlar-se. Engoliu saliva, ficou em posição de sentido e procurou fazer seu rosto refletir cortesia.

— Eu dei ao capitão Killick minha palavra de cavalheiro de que seria tratado com respeito e honra. Exijo que isso seja cumprido.

Bampfylde estava realmente assombrado ante o protesto.

— São piratas, capitão!

— Dei minha palavra — afirmou Frederickson com teimosia.

— Então eu, como superior, a retirei. — De repente a voz de Bampfylde se tingia de ira ante a impertinência do soldado. — São piratas e pela manhã penderão do cadafalso. Esta é minha decisão, capitão Frederickson, minha, e se o senhor disser uma palavra mais a respeito, só uma, então por Deus que o porei sob prisão como eles. Agora vá embora!

Frederickson ficou olhando para Bampfylde. Por um momento ficou tentado a fazer Bampfylde cumprir suas ameaças, depois, sem dizer nada, virou-se e saiu do aposento.

Bampfylde sorriu.

— Feche a porta, contramestre. Bem, onde estávamos, cavalheiros?

No pátio do forte, os carpinteiros da *Scylla* martelavam alguns pregos de seis polegadas em vigas que, quando o trabalho tivesse acabado, seriam levantadas para fazer um cadafalso para que pela manhã Cornelius Killick, em lugar de bailar com a marinha, bailasse pendurado em uma corda.

Thomas Taylor, o fuzileiro de Tennessee que havia cumprido com seu dever sem murmurar nem protestar, deteve o capitão Frederickson perto dos laboriosos carpinteiros.

— Senhor?

— Isso vai parar, Taylor, eu lhe prometo.

Taylor, satisfeito ao ver a ira no rosto do capitão, se afastou. O ar que envolvia o forte era fantasmagórico, com uma neblina que embaçava as estrelas e que gelava o rosto cheio de cicatrizes de Frederickson. Havia visto refletida sua própria ira nos olhos de Taylor e sabia que naquela noite se estreitaram laços de lealdade. “Isso vai parar”, voltou a prometer, e foi despertar Sharpe.

Sharpe acordou lutando em um sonho no qual via sua mulher como um esqueleto com carne apodrecida dirigindo um lanche. Procurou às apalpadelas sua espada, se estremeceu com uma pontada de dor em sua cabeça vendada e depois reconheceu a cara com o tapa-olho sob a luz levada por Frederickson.

— Já amanheceu? — perguntou Sharpe.

— Não, senhor. Mas estão matando os prisioneiros à porrada, senhor.

Sharpe se ergueu, fazia um frio de demônios no quarto.

— Estão fazendo o quê?

— Os americanos.

Frederickson explicou que os marinheiros eram levados arrastados à presença de Ford, enquanto que os oficiais eram recebidos pelo capitão Bampfylde. O fuzileiro Taylor havia despertado Frederickson com a notícia e agora Frederickson despertava Sharpe.

— Já encontraram dois desertores.

Sharpe emitiu um gemido, sua cabeça parecia que arrebentaria de dor.

— Os desertores terão que ser enforcados.

Seu tom mostrava que tais homens não mereciam outra coisa.

Frederickson consentiu com a cabeça.

— Mas eu dei minha palavra a Killick de que seria tratado como um cavalheiro. Estão quase matando o pobre diabo. E Bampfylde disse que vão enforcar todos, desertores ou não.

— Oh, Deus. — Sharpe calçou as botas, sem se preocupar em meter as calças por dentro. Pôs a casaca e se levantou. — Sacana do Bampfylde.

— A página nove, parágrafo primeiro do Regulamento Real seria mais apropriado, senhor.

— O quê? — perguntou Sharpe, franzindo o cenho.

— “Os capitães a quem se tenha outorgado — citou Frederickson — o comando de barcos ou navios que não sejam posto, terão a classe de comandantes apenas enquanto estejam ao comando de tais barcos.”

Sharpe abotoou a casaca e fechou a fivela, com forma de serpente, do cinturão.

— Como diabo sabe disso?

— Eu me preocupei de olhar as páginas a respeito antes de partir, senhor.

— Deus. Eu é que tinha de ter feito isso! — Sharpe agarrou a boina, colocou-a e o conduziu degraus abaixo. — Mas está ao comando do *Vengeance*! Isso lhe outorga o classe e o converte em coronel!

— Mas não está a bordo — disse Frederickson persuasivamente — e o *Vengeance* está a meia milha mar adentro. Se está ao comando de algo é da *Scylla* e das fragatas que não são postos.

Sharpe deu de ombros. Aquelas sutilezas eram duvidosas na hora de tomar o comando de Bampfylde.

Frederickson descia com estrépito atrás de Sharpe.

— E me permite que lhe recorde o parágrafo seguinte?

— Você vai fazê-lo mesmo que não.

Sharpe abriu uma porta de um empurrão e penetrou na frieza do pátio. O ar punçava em suas bochechas e encheu seus olhos de lágrimas.

— “Nada neste regulamento autoriza a nenhum oficial de terra a mandar em nenhuma das esquadras ou navios de sua majestade, nem em nenhum oficial da marinha a mandar em terra”. — Frederickson fez uma pausa, levantou os calcanhares e golpeou os paralelepípedos gelados. — Terra, senhor.

Sharpe ficou olhando para Frederickson. Os golpes dos carpinteiros eram como pequenos canhões trovejando e lhe produziam mais dor de cabeça.

— Pouco me importa, William, se enforcam Killick. De toda maneiras os malditos americanos não deveriam se meter nesta guerra de merda e também não me importa se enforcarem a todos. Mas você deu sua palavra?

— Sim, senhor.

— O que me importa é que se cumpra a seu palavra.

Sharpe não se incomodou em bater na porta de Bampfylde, deu um chute e o estalido da madeira ao girar e golpear contra a parede fez o capitão Bampfylde saltar alarmado.

Desta vez eram dois oficiais dos fuzileiros, ambos cheios de cicatrizes, ambos com os rostos mais duros que as culatras de um fuzil e ambos mostravam uma raiva que gelava o aposento esquentado pelo fogo.

Sharpe não ligou para Bampfylde. Atravessou o aposento e se inclinou para os homens que estavam no piso e que haviam recebido ainda mais socos e chutes desde que Frederickson havia saído. Sharpe se endireitou e olhou para o contramestre.

— Desamarre-os.

— Major Sharpe... — Começou a dizer Bampfylde, mas Sharpe virou-se para ele.

— Poderia me fazer o favor, capitão Bampfylde, de não interferir em meu exercício de comando em terra?

Bampfylde entendeu no mesmo instante. Conhecia a citação do regulamento e sabia que perdera a batalha. Mas uma batalha não era uma campanha.

— Estes homens são prisioneiros da Armada.

— Estes homens foram capturados pelo exército, em terra, onde lutavam para o exército imperial francês. — Sharpe ia inventando à medida que falava. — São meus prisioneiros, responsabilidade minha e ordeno que os soltem!

A ordem foi dirigida ao capitão da gabarra que, assustado pelo grito repentino, se inclinou para os homens atados.

O capitão Bampfylde queria estes americanos, mas queria, sobretudo, conservar sua dignidade. Sabia que em uma luta pela prioridade, uma luta alimentada por interpretações legalistas do regulamento, não teria chance. Também sentia um medo terrível na presença daqueles homens. Bampfylde conhecia bem a reputação de Sharpe e Frederickson e seus olhares de rufiães e seus rostos marcados com cicatrizes sugeriam que esta não era uma batalha que Bampfylde pudesse ganhar pela força. Então teria que fazer uso da sutileza e conhecedor disso, sorriu.

— Discutiremos seu destino pela manhã, major.

— Certamente.

Sharpe, de certa forma surpreendido por uma vitória tão fácil, virou-se para Frederickson.

— Mande os outros americanos a um lugar de reclusão apropriado, senhor Frederickson. Ponha seus homens de guarda. Depois desaloje as cozinhas e diga ao sargento Harper que se reúna comigo lá. Traga-os — disse indicando com a cabeça os oficiais americanos.

Nas cozinhas, Sharpe apresentou uma desajeitada desculpa.

Cornelius Killick, que estava partindo uma barra de pão, franziu o cenho ensanguentado.

— Desculpa?

— Um oficial deu sua palavra e ela foi quebrada. Minhas desculpas.

Patrick Harper apareceu pela porta da cozinha.

— O capitão Frederickson disse que quer me ver, senhor?

— Para servir de cozinheiro, sargento. Há um pouco de sopa dos franchinotes no fogo.

— Será um prazer, senhor.

Harper, cujo rosto já estava quase normal e que parecia surpreendentemente recuperado da cirurgia que ele mesmo fizera, jogou lenha no fogão. Afortunadamente o aposento estava aquecido.

— O senhor é irlandês? — perguntou o tenente Docherty de repente a Harper.

— Sou. De Tangaveane em Donegal e não há lugar melhor no mundo. É sopa de pescado, senhor — disse a Sharpe.

— Tangaveane? — o tenente de rosto magro ficou olhando para Harper. — Então deve conhecer Cashelnavean?

— Na estrada para Ballybofey? Onde há o antigo forte? — A cara de Harper se encheu de repente de uma alegria mágica. — Fiz essa rota mais vezes que perdi a conta, de verdade.

— Cultivávamos a terra nas ladeiras. Antes que os ingleses a tomassem. — Docherty dirigiu um olhar amargo e desafiante para Sharpe, mas o oficial inglês estava apoiado contra a parede, aparentemente alheio a tudo aquilo. — Docherty — disse Docherty a Harper.

— Harper. Havia um Docherty — disse Harper — que tinha uma ferraria em Meencrumlin.

— Meu tio.

— Deus salve a Irlanda. — Harper ficou olhando assombrado para o tenente. — E o senhor é americano? Ouviu isso, senhor? Seu tio consertava as frigideiras de minha mãe.

— Já ouvi — respondeu Sharpe com acritude.

Ele estava pensando que havia se arriscado praticamente em vão. Salvara aqueles homens por doze horas, não mais, e tinha vezes, pensava, em que um soldado tem de saber quando não deve lutar. Então se lembrou de como Ducos, o francês, o havia tratado em Burgos e que um oficial francês havia posto em perigo sua carreira para salvar Sharpe e percebeu que não poderia viver com sua consciência se tivesse permitido que Bampfylde continuasse com a carnificina. Aquelles poderiam ser piratas, provavelmente mereciam a forca, mas Frederickson havia se comprometido. Sharpe se aproximou da mesa.

— Como estão seus ferimentos?

— Eu perdi um dente — disse Killick sorrindo para mostrar o buraco.

— Isso está na moda ultimamente — disse Harper equânime.

Sharpe pegou uma garrafa de vinho e golpeou o gargalo contra a mesa.

— São piratas?

— Corsários — disse Killick com orgulho — e legalmente autorizados.

Frederickson entrou tremendo por causa do frio que fazia no pátio.

— Coloquei os outros americanos no quartel da guarda. Rossner está de vigia. — Olhou para os americanos sentados. — Sinto muito, senhor Killick.

— Capitão Killick — disse Killick sem rancor —, e obrigado pelo que fizeram. — Estendeu um copo metálico para que lhe servissem vinho. — Quando nos enforcarem direi que nem todos os britânicos são bastardos.

Sharpe lhe serviu vinho.

— Eu o vi em *Saint Jean de Luz* — disse.

Killick soltou uma risada que lembrou a Sharpe a forma de mostrar regozijo de Wellington.

— Aquele dia foi esplêndido! — disse Killick. — Fizemos que molhassem bem suas calças!

Sharpe consentiu com a cabeça, recordando a ira de Bampfylde no refeitório, enquanto o capitão da marinha observava o americano.

— Foi mesmo.

Killick meteu a mão no bolso, percebeu que não tinha charutos e deu de ombros.

— Não há nada em tempos de paz que proporcione mais alegria, não?

Sharpe não respondeu e o americano olhou para seu tenente.

— Talvez devêssemos nos converter em verdadeiros piratas em tempos de paz, Liam?

— Se vivermos para isso — respondeu Docherty olhando com amargura para o fuzileiro.

— Para um irlandês — disse Killick a Sharpe — tem um senso da realidade anormal. Vão nos enforcar, major?

— Estou lhes dando de comer — respondeu Sharpe esquivando a resposta.

— Mas pela manhã — disse Killick — os marinheiros nos reclamarão, não?

Sharpe não disse nada. Patrick Harper, junto ao fogo, observava Sharpe e aproveitou a ocasião.

— Pela manhã — disse suavemente — estaremos longe daqui, isso sim, e é uma pena.

Sharpe franziu o cenho porque o sargento havia achado oportuno interromper, contudo na realidade havia requerido a presença de Harper porque o bom senso do enorme irlandês era algo que ele valorizava. As palavras de Harper haviam servido para duas coisas: primeiro, para advertir aos americanos que os fuzileiros não podiam controlar seu destino, e segundo, para dizer a Sharpe que, pelo menos entre os casacas-verdes, enforcá-los não seria bem visto. Os fuzileiros capturaram aqueles americanos, fizeram-no sem derramamento de sangue algum e sentiam amargamente que a Armada decidisse de forma despótica executar adversários cujo único crime fora lutar com esperanças pouco realistas.

Ninguém disse nada. Harper, após pôr sua par de areia, regressou para junto do fogo. Docherty olhava a mesa manchada, enquanto que Killick, meio sorrindo com seu rosto machucado, observava Sharpe e pensava que ali estava outro oficial inglês que não se encaixava com a imagem que encorajados pelos folhetos americanos.

Frederickson, quieto junto à porta, pensava na semelhança entre Sharpe e o americano. O americano era mais jovem, mas ambos tinham o mesmo rosto duro, mas gracioso, e ambos tinham a mesma temeridade no olhar. Seria interessante, decidiu Frederickson, ver se homens tão similares se gostariam ou se odiariam.

Sharpe parecia incomodado pelo encontro, como se não soubesse o que fazer com um inimigo tão exótico e pouco familiar. Virou-se para Harper.

— A sopa não está pronta?

— Não, a menos que a queira fria, senhor.

— A barriga cheia — disse Killick — para nos fazer cair mais pesado?

Ninguém respondeu.

Sharpe pensava que de manhã, quando os fuzileiros tivessem partido, Bampfylde enforcaria aqueles americanos como peças de carne. Dez minutos antes, aquele pensamento não lhe preocupava. A cada dia se enforcavam homens e um enforcamento era um entretenimento de primeira em qualquer cidade com uma população nutrida. Os piratas sempre foram enforcados e, ademais, estes americanos eram inimigos. Havia razões suficientes, portanto, para deixar que enforcassem a tripulação do *Thuella*.

Contudo, deduzir isto, com frieza, era uma coisa, e algo muito diferente era olhar para o outro extremo da mesa e aplicar aquele raciocínio gélido a homens cuja única falta fora procurar briga com alguns fuzileiros. Havia soldados franceses veteranos na guerra que hesitariam na hora enfrentar os casacas-verdes, assim que se devia enforçar um marinheiro por causa de seu otimismo? Além disso, e mesmo que Sharpe soubesse que esta não era uma objeção razoável, tinha dificuldade de ver como inimigos homens que falavam sua própria língua. Sharpe combatia contra os franceses.

Contudo, a lei era a lei, e pela manhã as ordens que tinha o levariam para longe do forte e de Cornelius Killick que, abandonado à mercê de Bampfylde, seria enforcado. Isto, decidiu Sharpe, era verdade e, portanto, incapaz de oferecer algum consolo, serviu-se de mais vinho. Desejava que Harper se apressasse com a maldita sopa.

Cornelius Killick, que entendia todas as dúvidas de Sharpe, refletidas em seu olhar preocupado, disse uma única palavra.

— Escute.

Sharpe olhou para Killick nos olhos, mas o americano não disse nada mais.

— Então? — inquiriu Sharpe franzindo o cenho.

Killick sorriu.

— Não se ouve nada. Não há vento, major. Não há nem um sopro de vento aí fora, nada mais que névoa e geada.

— E?

— Em minha terra temos um ditado, major — o americano olhava só para Sharpe —, que se um marinheiro é enforcado quando não sopra o vento, sua alma não pode ir ao inferno. Assim que fica na terra para levar outra vida como vingança. — O americano apontou para Sharpe. — Talvez sua vida, major?

Killick não podia ter dito nada mais benéfico a sua causa. Suas palavras fizeram Sharpe se recordar de Jane, tremendo por causa do suor frio da febre, e pensou, com repentina autopiedade, que se ela não pudesse se salvar, ele preferiria pegar a febre e morrer com ela antes que estar neste forte frio e coberto de gelo escorregadio onde a névoa se enroscava silenciosa por entre as pedras.

Killick, que observava o rosto duro atravessado por uma cicatriz, percebeu que um arrepio percorria o fuzileiro. Intuiu que Docherty estava a ponto de falar e, para que a situação não se complicasse com a hostilidade irlandesa, deu um chute em seu tenente para que se calasse. Killick sabia que suas palavras abriram um raio de esperança e queria pressionar com esta vantagem e falou com voz suave.

— O próprio homem que enforca um marinheiro em calmaria não encontra a paz.

Seus olhares se cruzaram. Sharpe se perguntava se as palavras do americano eram certas. Sharpe se disse que era uma bobagem, uma superstição tão infundada como qualquer talismã dos soldados, contudo aquele pensamento havia colado nele. Anos atrás, amaldiçoaram Sharpe, haviam enterrado seu nome em uma pedra e sua primeira mulher havia morrido poucas horas depois daquela maldição. Franziu o cenho.

— Os desertores tem que ser enforcados. É a lei.

Ninguém disse nada. Harper esperava que a sopa fervesse e Frederickson estava apoiado contra a porta. Docherty lambeu seus lábios ensanguentados e Killick sorriu.

— Todos meus homens são cidadãos dos Estados Unidos, major. O que foram antes não é assunto seu, nem de meu presidente nem

da maldita lei. Todos têm seus papéis de cidadania!

Killick ignorou o fato de que os certificados tinham sido queimados por Bampfylde.

— Dão esses pedaços de papel a qualquer um, qualquer um! — disse Sharpe em tom brincalhão. — Se um burro pudesse apertar o gatilho o converteriam em cidadão dos Estados Unidos!

— E o que dão vocês a seus voluntários? — Killick replicava com o mesmo desdém. — Todo mundo sabe que se perdoa um criminoso que se alista no exército! Espera que sejamos mais delicados? — Ninguém respondeu e Killick sorriu. — E agora lhe direi que nenhum de meus homens desertou da Armada Real. Alguns talvez tenham âncoras tatuadas, o sotaque de alguns talvez pareça britânico e alguns talvez tenham cicatrizes nas costas, mas lhe digo agora que todos eles, absolutamente todos, são cidadãos livres da República.

Sharpe olhou aqueles olhos duros e brilhantes.

— Está apenas me dizendo? Ou me jura?

— O juro ante toda maldita Bíblia de Massachusetts se me o exige.

Isso significava que Killick mentia, mas que mentia para proteger seus homens e Sharpe sabia que ele mesmo diria tal mentira pelos seus.

— Thomas Taylor é americano — observou Frederickson com suavidade. — O senhor gostaria se o enforcassem?

E se os deixasse ir, pensou Sharpe, a Armada se queixaria ao Almirantado e o Almirantado iria ofegando à Guarda Real e a Guarda Real escreveria para Wellington e todos iriam em busca do major Richard Sharpe. Os homens como Wigram, os chatos que adoravam os procedimentos adequados, lhe pediriam explicações e o castigariam.

E se não deixasse os americanos partirem, pensou Sharpe, uma garota poderia morrer, e quando ele regressasse a *Saint Jean de Luz* lhe mostrariam a terra úmida e recém-cavada de sua tumba.

De certa forma, acreditava, com o fervor de um homem que se agarraria a qualquer esperança, que podia comprar a vida de Jane se não enforcasse um marinheiro em bonança. Perdera uma mulher por causa de uma maldição; não podia voltar a se arriscar.

Estava calado. A sopa fervia e Harper a retirou das chamas. Killick, como se não se importasse com o desenlace daquele encontro, sorriu.

— Uma calma total, major, e o gelo cobrirá nossos rostos mortos como uma máscara, simplesmente porque lutamos como homens por nosso país.

— Se eu os deixasse partir — Sharpe falava em voz tão baixa que mesmo naquela noite silenciosa, Killick e Docherty tiveram que se inclinar para ouvi-lo —, o senhor me daria sua palavra de cidadão americano de que nem você, nem nenhum homem de sua tripulação, presente ou ausente, empunhariam uma arma contra a Grã-Bretanha durante o restante desta guerra?

Sharpe esperava a aceitação imediata, inclusive gratidão, mas o alto americano desconfiava.

— E se me atacarem?

— Então corra. — Sharpe esperava uma resposta que não vinha e então, para sua surpresa, se viu suplicando a um homem para que não escolhesse ser enforcado. — Eu não posso impedir que Bampfylde os enforque, Killick. Não tenho poder para isso. Não posso escoltá-lo estando em cativeiro; estamos a cento e sessenta quilômetros atrás das linhas inimigas. Portanto a Armada tem que tirá-los daqui e a Armada enforcará a todos. Porém, dê-me sua palavra e os soltarei.

Killick respirou intensamente o primeiro sinal da tensão que havia vivido.

— Tem minha palavra.

Sharpe olhou para o irlandês.

— E o senhor?

Docherty ficou olhando para Sharpe assombrado.

— Vai nos deixar partir? Toda a tripulação?

— Foi o que disse.

— E como sabemos que...?

Harper de repente falou em gaélico. Foram palavras breves, ásperas e um mistério para todos os que estavam no cômodo, salvo para ele próprio e Docherty. O tenente americano escutou o enorme irlandês, depois olhou para Sharpe com uma repentina e anormal humildade.

— Tem minha palavra.

Cornelius Killick levantou uma mão.

— Mas se me atacarem, major, e eu não puder correr, então, por Deus que lutarei!

— Mas não o procurará.

— Não o farei — disse Killick.

Sharpe, com a cabeça a ponto de arrebentar de dor, se reclinou. Harper levou o caldeirão à mesa e serviu sopa em quatro tigelas. Frederickson se aproximou e se sentou, Harper se colocou junto dele e apenas Sharpe não comeu. Ficou olhando para Killick e de repente sua voz mostrou cansaço.

— Seu navio está afundado?

— Sim — disse Killick mentindo.

— Então sugiro que vá a Paris. O ministro americano poderá arrumar seu regresso para casa.

— Certamente — respondeu Killick sorrindo. Levou uma colherada de sopa à boca. — E agora, major?

— Acabem a sopa, recolha seus homens e partam. Eu me assegurarei que não tenham problemas na porta. Deixem suas armas, certamente, salvo a espada de oficial.

Killick ficou olhando para Sharpe como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

— Simplesmente partimos?

— Sim, sem mais — disse Sharpe.

Retirou a cadeira e se dirigiu para a porta. Entrou no pátio, olhou para cima e se assegurou de que a bandeira da União, que os marinheiros haviam içado até o extremo do haste, pendesse naquela noite sem vento.

A calma era total, absoluta; nenhum vento com o qual enforcar um marinheiro e por isso Richard Sharpe deixaria o inimigo partir e diria que o fez pela honra, ou porque a guerra já estava tão próxima do fim que não havia necessidade de mais mortes ou porque simplesmente fazê-lo era um prazer.

Sentiu que seus olhos, antes fechados pelo sangue, se enchiam de lágrimas; depois se dirigiu para a porta de entrada para se assegurar que nenhum homem deteria a tripulação do *Thuella* quando se fossem. Sua mulher viveria e Sharpe, pela primeira vez desde que o *Amelie* havia zarpado, sentiu que ele, assim como os americanos, era livre.

Capítulo 9

“É um prazer informar aos Lordes membros do Almirantado — escreveu o capitão Horace Bampfylde enquanto fazia o rascunho do primeiro boletim ao secretário do Almirantado. Dito cavalheiro não apenas informaria aos Lordes da comissão, mas também ao editor da *Gazeta Naval* que estava em uma posição que proporcionaria as honras ao capitão Bampfylde — de que, julgando oportuno que suas senhorias recebam o quanto antes informação da derrota das forças francesas na laguna de Arcachon, no dia de hoje ordenei que o cúter *Lily* zarpasse com o presente boletim.” O *Lily* estava esperando lá fora.

“Eu havia averiguado — a caneta de Bampfylde rangia sobre o grosso papel —, a partir da informação de piquetes adiantados, que uma fortificação com artilharia, parapeito, fosso e um bloqueio, no qual havia seis peças de artilharia defendidas pela infantaria, que se opunha ao plano que eu tinha a honra de comandar.”

Bampfylde havia decidido não revelar que o bloqueio era defendido por marinheiros americanos, pois a vitória contra tais adversários não seria considerada tão valiosa como um triunfo contra forças de terra francesas. Faria que os Lordes acreditassem que havia se enfrentado com uma parte do exército de Napoleão e o vencera.

Voltou a travar a batalha com tinta e caneta, não como havia sucedido na realidade, mas como ele estava convencido de que tinha que ter ocorrido; certamente a maneira que descrevia com precisão era a que Bampfylde acreditava que teria sucedido se o major Sharpe não tivesse desobedecido suas ordens e tivesse assaltado a *Teste de Buch*, em lugar de avançar terra adentro. A pluma fez uma pausa e Bampfylde se convenceu de que fazia um favor ao major Sharpe ao não mencionar a desobediência do fuzileiro, e ainda mais, se convenceu de que seria melhor, se o

nome de Sharpe não aparecesse absolutamente na descrição da captura do forte. Por que abordar o tema do descumprimento de ordens de um oficial companheiro?

“Avançando com uma fila de homens, ao comando do tenente de infantaria naval Fytch — Bampfylde ia resumindo —, consegui que o inimigo abrisse fogo e assim marcasse a posição da bateria habilmente oculta a minha força de flanco, que estava ao comando do capitão Palmer. Os canhões foram tomados na ponta de alfanje e espada. Devido à temeridade e valentia magistral demonstradas pelos homens que estavam a meu comando, as perdas que sofremos foram insignificantes.”

Isto parecia eminentemente justo a Bampfylde. Afinal de contas, os canhões foram tomados fisicamente pela infantaria e não parecia necessário mencionar o detalhe de que as dotações dos canhões já estavam capturadas. Os canhões eram os canhões e junto com as bandeiras inimigas eram troféus valiosos. Com este pensamento Bampfylde fez uma pausa. Já havia se apropriado da bandeira tricolor francesa que havia ondeado na *Teste de Buch*, mas seu guarda-marinha não havia encontrado a bandeira americana. Teria que procurá-la com diligência, pensou Bampfylde, e voltou a se inclinar em seus escritos literários.

“Naquele momento, a *Scylla*, do capitão Ducan Grant, estava, por ordens minhas, mantendo totalmente ocupados os canhões do forte com suas principais baterias. Distráídos, os defensores se viram desconcertados com a repentina aparição, vindo do bosque, de minha força de terra. Quando considerei oportuno, avancei para a escalada. É um grande prazer e uma imensa satisfação para mim, dar constância a suas senhorias do comportamento tão valente do tenente Ford, que com a maior audácia, encabeçava o ataque. Ao atravessar dois fossos, duas muralhas e o recinto da posição inimiga, o tenente Ford mostrou um autêntico espírito britânico, assim como a infantaria naval que nos seguiu no assalto.”

Bampfylde franziu o cenho, se perguntava se não havia exagerado um pouco, mas era essencial que Ford, que tinha

contatos importantes em Londres, se sentisse satisfeito com o aparte. Para Bampfylde, que seguia franzindo o cenho, interessava que suas senhorias se dessem conta de que Ford, descrito como tão valente, estava em todo momento ao lado de Bampfylde e que o elogio tão generosamente descrito se considerasse, na realidade, como concernente ao autor.

O capitão Bampfylde não estava seguro de que o significado estivesse claro, contudo sabia que suas senhorias eram homens sutis e tinha que confiar em sua perspicácia. Voltou a revisar suas palavras para comprovar a verdade. Ele e Ford em realidade haviam atravessado dois fossos e duas muralhas, tudo isso graças à ponte levadiça que os fuzileiros de Sharpe haviam capturado, mas a palavra “escalada” não faria nenhum dano para sugerir uma luta desesperada.

“Apanhados na retaguarda e com as defesas destroçadas, o inimigo se retirou para as galerias interiores da fortaleza onde, com força e determinação, a infantaria que eu tinha o honra e a alegria de mandar, esgotou ao inimigo. Este sofreu uma grande baixa antes que se aceitasse sua rendição, com o que tive o privilégio de içar a bandeira de sua majestade na haste capturada.”

Certamente, Bampfylde havia ordenado que se içasse a bandeira e isso dava a impressão de que estivera presente na captura do forte.

E com toda honestidade, se convenceu Bampfylde, ele havia capturado a *Teste de Buch*. O plano fora seu, sua execução, e, ainda que os fuzileiros indubitavelmente tivessem chegado antes ao forte e tomado posse da porta de entrada e das muralhas, a infantaria naval, ao explorar os túneis labirínticos e armazéns, havia descoberto seis artilheiros franceses ocultos em uma latrina. A existência de tais homens provava que os fuzileiros não haviam tomado posse de toda a fortaleza e que haviam sido os soldados da infantaria, ao comando de Bampfylde, que tinham acabado o trabalho. O capitão Bampfylde estava seguro de que seu relato, que

não tinha nada de injusto, era um exemplo de objetividade generosa.

“Entre os prisioneiros capturados estavam os homens do navio corsário americano, *Thuella*, cuja tripulação incluía alguns desertores da Armada de sua majestade.” O capitão Bampfylde se encheu de satisfação ao escrever esta linha. Amanhã enforcaria esses homens. Sharpe partiria e quando já estivesse longe o capitão Bampfylde mostraria a seus homens como se tratava a tripulação de um navio corsário.

Chamaram à porta. Bampfylde franziu o cenho pela interrupção, mas levantou o olhar.

— Entre!

— Senhor? — Era o tenente Ford assombrado. — Eles os estão deixando partir, senhor. Os americanos.

— Partir? — inquiriu Bampfylde olhando incrédulo para seu tenente.

— Sim, partir, senhor. — Ford deu de ombros. — Ordens do major Sharpe, senhor.

Bampfylde se sentiu invadido por um ódio tão feroz e profundo que pensou que nunca chegaria a saciar esse sentimento. Então entendeu que tinha que tentá-lo.

— Espere.

Colocou a caneta na tinta e pena saiu envolvida em vitríolo.

“Esses prisioneiros, condenados por deserção ou pirataria, foram soltos, sem meu conhecimento nem consentimento, pelo major Richard Sharpe, dos Voluntários do Príncipe de Gales, a quem havíamos conduzido até a *Teste de Buch* junto com uma pequena força, para operações no interior. Ainda, com todos os deveres urgentes que esta vitória provocou e ocupado em fazer partícipe dos prêmios que se estenderão aos navios de sua majestade amanhã, não tive a ocasião nem o tempo de exigir do major Sharpe os motivos desta... — Bampfylde fez uma pausa, depois continuou

— traição.” Mas estejam seguros de que tais razões se investigarão e se comunicarão a suas senhorias, por seu mais humilde e obediente servidor, Horace Bampfylde.

Areou o relatório, dobrou e depois o selou. Ford o envolveria em papel encerado, depois o levaria ao *Lily* à espera dos ventos que levariam a mensagem a Londres para maior glória de Horace Bampfylde e para a merecida condenação do major Richard Sharpe.

A neblina se espessava lentamente, assim como o gelo se espessava nas marismas. Não ventava quando o amanhecer prateava a laguna de Arcachon e quando Cornelius Killick, com seus homens, acabava seu avanço gelado para a vila de Gujan onde estava enalhado o *Thuella*.

Liam Docherty estava assombrado pelos acontecimentos da noite. Primeiro, um inglês salvara sua vida, depois, quando partia do forte, um fuzileiro com rosto selvagem lhe tinha colocado um fardo em suas mãos. Esse volume era a bandeira do *Thuella* e, para Docherty, mais uma prova de que alguma força sobrenatural havia dado proteção à tripulação do *Thuella* naquela noite fria e tranquila.

Cornelius Killick tomou sua libertação com mais cautela, como se soubesse que seu tempo naquela terra ainda não tivesse terminado.

— Nunca houve ditado algum, Liam, de que se enforcar um marinheiro quando não há vento pudesse trazer vingança. Mas parecia uma tentativa que valia a pena, hein? — riu. — E funcionou! — Levantou a vista para sua escuna enalhada, sabendo que necessitaria de dias de trabalho antes que se pudesse pô-la flutuando. — A esconderemos com a madeira de olmo e seja o que Deus quiser.

— Pelo menos os sacanas não nos encontrarão entre a neblina — disse Docherty com otimismo.

— Se não houver vento.

Killick ficou olhando por cima da salina que havia do outro lado da enseada e viu que a brancura lentamente progressiva ia engrossando até se converter-se em um véu vaporoso que poderia ser a salvação de sua escuna.

— Mas se a incendiarmos — disse lentamente — os britânicos não poderão.

— Incendiá-la? — inquiriu Docherty horrorizado.

— Baixe os mastaréis. Tirem o gurupés. Que pareça um casco, Liam. — Killick, apesar de não ter dormido, estava invadido de repente por uma energia terrível. — Depois, acenda fogos de fumaça no porão. — Ficou olhando o elegante vulto que era o casco virado. — Use breu. Que pareça abandonada, queimada e destroçada.

Deste modo, se os britânicos vissem um casco sem mastro, virado e ressumando fumaça achariam que o *Thuella* não poderia ser recuperado. Não saberiam que alguns homens se ocupavam com cuidado de manter fumaça nos fogos ou que os mastaréis, os canhões e as velas estavam a salvo em terra.

— Faça-o, Liam! Agora, rápido!

Killick sorriu irônico para seus homens e a esperança os invadiu, depois se dirigiu à pequena taberna onde o major Henri Lissan, empapado e desconsolado, se encolhia diante de um fogo.

— Não vai ficar conosco, Henri?

Lissan se perguntava que destino teria sua pequena e valiosa biblioteca. Sem dúvida a queimariam. Os britânicos, pela perspectiva pessimista de Lissan, eram totalmente capazes de queimar livros e era surpreendente que tivessem soltado os americanos.

— Como se chamava o oficial?

— Sharpe.

Killick, com alívio, havia encontrado alguns de seus charutos entre a bagagem armazenada em Gujan. Acendeu um e comprovou

que a bruma se espessava e se convertia em névoa.

— Sharpe? — inquiriu Lissan, franzindo o cenho. — Um fuzileiro?

— Casaca-verde, de qualquer modo.

Killick observava como Lissan rabiscava em uma cadernetinha. O oficial francês, que fizera uma parada em Gujan para descansar em sua viagem para o leste, queria saber tudo o que Killick pudesse lhe dizer a respeito da força britânica e o americano considerou o pedido, e decidiu que dar essa informação não rompia a promessa que fizera a Sharpe.

— Tem importância quem seja?

— Se é o homem que eu acredito, sim. — Parecia que Lissan estava abatido por sua derrota. — O senhor conheceu um de seus soldados mais famosos.

— Ele conheceu um dos marinheiros mais famosos da América — disse Killick, contente.

Perguntava-se se essa calma anormal pressagiava tormenta. Viu que o lápis de Lissan se detinha e suspirou.

— Deixe-me pensar. Eu calculo que uns cem fuzileiros, talvez um pouco mais.

— Infantaria naval? — perguntou Lissan.

— Pelo menos uma centena — disse Killick dando de ombros.

Lissan olhou pela janela, viu a névoa e percebeu que tinha de encontrar um cavalo, qualquer cavalo, e levar essas informações aos que pudessem fazer bom uso delas. Os britânicos tinham chegado, haviam conseguido sua vitória, mas ainda não tinham partido de Arcachon, portanto Lissan iria a Bordéus e lá procuraria os homens que pudessem organizar a vingança contra um fuzileiro.

A névoa se retorcia por entre as muralhas baixas da *Teste de Buch* e as defesas estavam totalmente escurecidas desde o pátio onde Sharpe, ao amanhecer, fazia formar seus fuzileiros.

— Não é que esteja muito satisfeito com o senhor — disse indeciso o capitão Palmer.

Sharpe replicou brevemente dando sua opinião a respeito do capitão Bampfylde e o duro soldado de infantaria sorriu.

— Tenho que lhe entregar isto — disse Palmer entregando a Sharpe um documento selado.

Sharpe supôs que o papel era um protesto ou uma repreensão por parte de Bampfylde, mas era apenas um lembrete de que o major Sharpe devia estar de volta a *Teste de Buch* no meio-dia da quinta-feira. Não havia dúvida de que Bampfylde não queria enfrentar Sharpe em pessoa e ele não se importava. Sua cabeça doía, algumas vezes sentia como uma facada de terrível dor e não estava de bom humor.

— Partiremos com o senhor — disse o capitão Palmer.

Havia cinquenta soldados da infantaria formados. Também tinha duas das carroças de munição capturados, cada uma delas engatadas atrás de uma parrelha de cavalos de carga que descobriram no pasto próximo ao povoado e que levavam as mochilas e os mantimentos dos soldados da infantaria naval.

— Os homens não estão acostumados à marcha — explicou Palmer.

— Vocês vêm conosco? — perguntou Sharpe surpreendido.

Palmer negou com a cabeça.

— Supõe-se que vamos à caça dos americanos.

— Se têm algo na cabeça — disse Sharpe —, estarão bem longe.

A porta do forte chiou ao se abrir, as botas ressoaram sobre o calçamento e a reduzida força que tinha que cortar a rota de aprovisionamento se pôs em marcha entre a fria brancura da névoa. Se seu mapa estivesse certo, Sharpe calculava que teriam todo um dia de marcha. Primeiro seguiria a estrada principal, guiando-se pelos sulcos sob a névoa cegante, até a ponte que havia em uma vila chamada *Facture*. Lá girariam em direção sudeste e

seguiriam o rio Leire até alcançar a rota de aprovisionamento. Um dia na estrada para provocar o caos que pudesse e depois um dia de volta.

Uma vez mais os fuzileiros deixaram para trás a infantaria naval. Pouco a pouco o ruído dos tirantes dos cavalos foi ficando para trás e os homens de Sharpe avançavam em meio de uma névoa úmida, branda e pegajosa como se estivessem atravessando uma nuvem silenciosa.

Nada se movia em Arcachon. A névoa quase escurecia as construções, as basculantes permaneciam fechadas, mas o caminho levava direto à praça do mercado.

— Quero lhe agradecer — disse Frederickson — pelas ações da noite passada.

Sharpe estava um tempo perdido na dor privada que lhe proporcionava sua cabeça. Teve que se recordar dos acontecimentos da noite, depois deu de ombros.

— De nada.

— Duvido que Bampfylde considere que não é nada.

Sharpe respondeu com um sorriso respeitoso. Uma pontada de dor fez que se estremecesse.

Frederickson percebeu o estremecimento.

— Está bem, senhor?

— Estou bem — disse cortante.

Frederickson avançou alguns passos em silêncio.

— Duvido que o capitão Palmer encontre os fugitivos com esta névoa — disse com o tom de quem quer claramente mudar de tema.

— Bampfylde tem os lugres — disse Sharpe —, o que diabos mais quer?

— Quer a escuna americana como prêmio em espécie. Já conheceu algum capitão da marinha que não quisesse um prêmio

em espécie? — perguntou Frederickson com desdém. — Os da marinha travam uma batalha e passam os dez anos seguintes litigando pela divisão do butim. A Armada fez a advocacia se tornar rica!

Era uma antiga queixa do exército. Um capitão da marinha podia fazer-se rico com a captura de um mercante inimigo desarmado, enquanto que um soldado travava uma vintena de combates terríveis e nunca via nem uma moeda por mais armazéns que capturasse. Sharpe não podia se queixar muito, pois Harper e ele se tornaram ricos graças ao campo de batalha, mas persistia o costume invejoso dos soldados veteranos de desprezar a Armada por legalizar o roubo. O exército também premiava em espécie; uma sela de montar, conseguida em uma batalha, representava três xelins e nove peniques, mas tal soma repartida entre uma companhia de infantaria não fazia nenhum homem rico, nem engordava os advogados. Sharpe sorriu forçado e alimentou o ressentimento de Frederickson.

— Não deve ser grosseiro com a marinha, William; eles são os heróis, lembra?

— Malditos.

Frederickson, como o restante do exército se ressentia pela marinha receber tantas aclamações na Grã-Bretanha, enquanto que o exército era desprezado. A queixa ciumenta, tão bem praticada e reconfortante, manteve Frederickson volúvel durante toda a marcha da manhã.

Pela tarde, os fuzileiros se afastaram da névoa que ficou atrás deles como uma grande nuvem sobre a laguna de Arcachon. Volutas de neblina, como escoltas do banco de névoa, seguiam elevando-se sobre a paisagem plana e pantanosa e do outro lado a estrada deslizavam para um desnível.

Patos assobiadores, cercetas e narcejas alçavam voo e se afastavam dos homens que avançavam. Harper, que amava os pássaros, os observava, ainda que não tão de perto a ponto de não ver a corda retorcida de uma armadilha para enguias. Havia duas

enguias dentro que foram cortadas com a espada de uma baioneta e repartidas entre os fuzileiros.

Fazia frio, mas a marcha os esquentava. No final da tarde, viram dois povoados e chegaram a uma ponte de pranchas apodrecidas sobre um pobre riacho.

— Suponho que isto deve ser *Facture* — disse Sharpe observando o mapa. — Sabe Deus.

Enviou o tenente Minver com seis homens para descobrir os nomes dos povoados mais próximos e com eles uma bolsa de francos franceses de prata para comprar a comida que os aldeãos pudessem proporcionar. As moedas de dez francos de prata eram falsas, feitas por ordem de Wellington por falsificadores recrutados entre as filas do exército. Wellington insistia em que todas as provisões da França fossem pagas com moedas boas, mas os camponeses franceses não queriam a prata espanhola, somente a francesa, assim fizera fundir uma e fazer a outra. O conteúdo em prata era bom, as moedas não se distinguiam das que eram cunhadas em Paris e todo mundo ficava contente.

— São tremendamente pobres, senhor. — Minver regressou com cinco barras de pão, três enguias e um cesto de lentilhas. — E este é o rio Leire, senhor.

— Carne, não?

Frederickson estava indignado. Cada fuzileiro levava na mochila rações de carne de boi seca para três dias, mas Sharpe sabia que Frederickson gostava muito de porco.

— Carne não — disse Minver. — A menos que a escondam.

— Certamente que a escondem — disse Frederickson mordazmente. — Quer que eu vá, senhor? — perguntou olhando desejoso para Sharpe.

— Não. — Sharpe olhava o caminho que haviam feito e, ao longe, apareceu um grupo de casacas-vermelhas. Tinha frio, sua cabeça doía muito e agora tinha a infantaria naval atrás. — Maldição!

— Esperava que estivesse aqui, senhor — disse Palmer cumprimentando Sharpe.

— Esperava?

— Se Killick partiu para o interior, o que parece provável, o melhor é que sigamos o senhor. Ou que vamos com o senhor — acrescentou Palmer sorrindo irônico.

Sharpe percebeu que o capitão não tivera a intenção de perseguir Killick, mas que apenas queria formar parte da expedição de Sharpe. Estender uma emboscada em uma estrada principal da França era para o capitão Palmer algo adequado a um autêntico soldado, enquanto que perseguir um punhado de fugitivos quase sem armas, por uma zona pantanosa e fria, era simplesmente uma perda de tempo. O tenente de Palmer, um jovem magro chamado Fytch, rondava junto a seus superiores para poder escutar a decisão de Sharpe.

— Devo supor, capitão — disse Sharpe com cuidado —, que lhe deram carta branca a respeito da busca pelo capitão Killick?

— Certamente, senhor. Disseram-me para não regressar até que não encontrasse o sem-vergonha. Em qualquer caso, até a quinta-feira.

— Então não posso impedir que me acompanhe, não? — Cinquenta mosquetes seriam terrivelmente úteis, desde que a infantaria pudesse seguir o passo dos fuzileiros. — Avançamos por ali.

Sharpe apontou em direção sudeste para as úmidas pradeiras que beiravam o Leire.

— Sim, senhor — consentiu Palmer.

Avançaram, e se não fosse pela dor de cabeça pungente e perfuradora, Sharpe teria se sentido um homem feliz. Durante três dias era livre para causar confusão, para levar a guerra, que os franceses haviam estendido por toda Europa, para o coração da própria França. Interrogaria respeitosamente seus prisioneiros, mas Sharpe já sabia que não recomendaria um avanço para Bordéus e,

se De Maquerre regressasse com tal conselho, Sharpe, como oficial superior em terra, proibiria aquela loucura. Sentia-se aliviado, sentia-se livre, era um soldado que soltaram para travar sua própria guerra; com esse fim e reforçado por cinquenta soldados da infantaria com os pés machucados, avançou para o sudeste para estender uma emboscada.

— Eu esperava uma resposta a minha carta — disse Ducos —, não esperava absolutamente que viesse em pessoa.

O conde de Maquerre estava gelado de frio. Havia cavalgado através dos gelados pântanos e pelas colinas baixas, mas cheias de vinhedos onde o vento era cortante como uma lâmina de gelo; e tudo para ser recebido daquela maneira em uma sala espaçosa que iluminada por seis velas sobre uma mesa de malaquita.

— A notícia que trago é muito importante para enviá-la por carta.

— Do que se trata?

— Um desembarque. — De Maquerre se acorou junto ao fogo e colocou suas delgadas mãos perto das pequenas chamas. — Em Arcachon. O forte provavelmente já tenha sido tomado e vão embarcar mais homens em para o norte na próxima semana. — Virou-se para observar o rosto magro de Ducos. — Então marcharão sobre Bordéus.

— Agora? Com este tempo?

Ducos apontou para a janela sem cortinas, contra cujo negro vidro o vento lançava uma chuva gelada. Naquela mesma manhã Ducos havia encontrado três pardais mortos de frio na sacada de seu alojamento.

— Ninguém é capaz de desembarcar com este tempo!

— Já desembarcaram — disse De Maquerre. — Eu vim com eles. E uma vez que ocupem a laguna de Arcachon terão águas tranquilas para desembarcar uma força maior.

O conde tentava avivar as brasas brilhantes, para conseguir chamas mais ferozes, então relatou que se esperava que voltasse até Bampfylde com notícias que incentivassem os planos britânicos.

— Se lhes disser que a cidade se rebelará, então enviarão suas tropas para o norte.

— Quantas?

— A Primeira Divisão.

Ducos recortou a mecha de uma vela fumegante.

— Como sabe tudo isto?

— Graças a um homem chamado Wigram, um coronel...

—... Do comando da Primeira Divisão Britânica.

Os conhecimentos que Ducos tinha sobre inimigo eram enciclopédicos e se encantava de demonstrá-lo.

— Um homem meticoloso.

— Certamente — De Maquerre tremeu com violência —, e um homem que ofereceria indiscrições para ter uma companhia aristocrática. Mesmo que seja um aristocrata francês! — De Maquerre riu e depois se voltou para a mesa. — Hogan está doente.

— Muito? — o interesse de Ducos ia aumentando.

— Morrerá.

— Bom, bom.

Pierre Ducos observava seus mapas. Havia conseguido a resposta que buscara com tanta desespero, porém, como um homem ao qual lhe apresentaram um presente de preço incalculável, começou a duvidar da generosidade do que lhe era oferecido. Suponhamos que a notícia vazada para De Maquerre fosse um truque. Suponhamos, afinal de contas, que os britânicos planejassem uma ponte que atravessasse o Adour, mas quisessem que os franceses concentrassem suas tropas em Arcachon. Ou suponhamos que a força invasora chegasse a terra pela boca do

Gironda. A resposta não tinha lhe proporcionado alívio, mas mais dúvidas.

— Quantas tropas já estão em terra?

— Três companhias de infantaria naval, duas de fuzileiros.

— Isso é tudo! — soltou Ducos.

— Acham que seja suficiente — disse De Maquerre. — Planejam tomar a fortaleza e depois estender uma emboscada na estrada principal.

— Ambiciosos eles — disse Ducos em voz baixa.

— Têm a um sacana ambicioso que o faz. — De Maquerre disse com rancor. — Um verdadeiro bastardo. Seria um prazer enterrá-lo.

— Quem?

Ducos fez a pergunta por cortesia. Sua atenção se fixava no mapa no lugar em que seu dedo ia seguindo a linha delgada que era o curso do rio Leyre. Se planejavam tal emboscada então teria lugar no trecho de rota mais próximo ao lugar onde os britânicos desembarcaram.

— Major Richard Sharpe, dos Voluntários do Príncipe de Gales. É realmente um fuzileiro. Sabe Deus por que luta em um batalhão de linha.

— Sharpe?

Algo na voz de Ducos fez que De Maquerre girasse.

— Sharpe.

O rosto de Ducos mostrou um espasmo, se retorceu de ódio e desapareceu com a mesma rapidez que havia aparecido, mas foi contudo uma rara amostra do autêntico homem que se escondia atrás da máscara de prudência.

Richard Sharpe. O homem que zombara de Ducos, que uma vez quebrara seus óculos e que havia destruído todos seus cuidadosos planos na Espanha.

Sharpe. Um bruto, um bárbaro selvagem cuja espada havia desmontado tantas intrigas elaboradas e elegantes. Sharpe, a quem Ducos havia abandonado a sua sorte no castelo de Burgos e que havia enchido um pequeno quarto com sangue, do qual Ducos fugira horrorizado. Sharpe.

— Você o conhece? — perguntou De Maquerre hesitoso.

Conhecê-lo? Se Ducos conhecia Sharpe? Se Pierre Ducos fosse um homem supersticioso, e ele se orgulhava de não sê-lo, acharia que Sharpe era seu demônio pessoal. Afinal não surgia esse fuzileiro tão amiúde para arruinar seus planos?

Pois Ducos era um homem que traçava os planos com grande cuidado, quase matematicamente. Era um soldado cuja patente não estava relacionada com sua responsabilidade, um homem reservado que mexia os pauzinhos da política e do exército, da polícia e da espionagem, tudo isso para a glória do Imperador. Agora em Bordéus, Ducos era o responsável de defender o flanco sul da França prevendo os planos do inimigo e, pela primeira vez, a menção do nome de Sharpe lhe produzia alívio.

Se Sharpe fora enviado a Arcachon, não havia dúvida de que a notícia trazida por De Maquerre era certa. Wellington não esbanjaria Sharpe para distrair o inimigo. Puseram-no nas mãos de seu inimigo. Sharpe estava condenado.

O júbilo que este pensamento produziu em Ducos fez com que se dirigisse para a janela. Algumas luzes na cidade que o major tanto desprezava eram visíveis. Os comerciantes de Bordéus estavam sofrendo o bloqueio britânico, seus armazéns e cais estavam vazios e sem dúvida dariam as boas-vindas a uma vitória britânica se esta voltasse a encher-lhes o estômago e as caixas fortes.

— O senhor fez bem, conde.

De Maquerre agradeceu o cumprimento dando de ombros.

Ducos virou-se.

— Parta amanhã. Procure Sharpe. Eu lhe direi onde e lhe dê a ordem de ir a Bordéus.

— Se obedecer — disse De Maquerre duvidoso.

Ducos riu; era um som estranho, como um grasnido.

— Nós o persuadiremos! Nós o persuadiremos! Depois vá a Arcachon e dê exatamente a mensagem oposta. Entendeu?

De Maquerre, encolhido junto ao fogo, sorriu lentamente. Se dissesse a Bampfylde que não haveria rebelião em Bordéus, desmontaria as esperanças britânicas de um desembarque, enquanto que ao mesmo tempo deixaria Sharpe abandonado na França. De Maquerre consentiu com a cabeça.

— Entendo.

Ducos voltou a repetir sua risada estranha. A meia brigada do general Calvet estava aquartelada em Bordéus a caminho do sul para se unir ao exército de Soult. Meio batalhão já havia partido com o mais pesado dos apetrechos, mas Calvet devia ter ainda pelo menos dois mil homens que poderiam destruir Sharpe em Arcachon. Ducos destroçaria as esperanças britânicas de marchar sobre Bordéus e ele perseguiria seu inimigo, seu inimigo mais odiado, até a morte nos pântanos da França. A vingança, dizem os espanhóis, é um prato que se come frio e esta vingança, em este inverno, seria tão fria e dura como nenhum homem, nem mesmo o implacável Pierre Ducos, poderia desejar.

Capítulo 10

Os fuzileiros e a infantaria naval poderiam dormir naquela noite. O amanhecer era frio, muito frio. Farrapos de neblina se elevavam sobre os pastos esbranquiçados por causa da geada.

Sharpe despertou com umas pontadas de dor na cabeça vendada. Sentou-se apoiando as costas contra um salgueiro desmochado e sentiu um piolho na axila que devia provir do *Amelie*, mas estava muito cansado e tinha frio demais para procurá-lo.

— Jesus, Jesus, Jesus. — Frederickson, estalando de frio, se agachava junto a Sharpe. — Ontem não se passou nada.

Ali, sombrio entre a neblina, a umas cem metros corrente acima, uma elegante ponte de pedra com urnas trabalhadas que marcavam os limites das muretas, se estendia sobre o Leire. Perto da ponte e na margem oeste, para a qual Sharpe e sua reduzida força haviam avançado na noite anterior, havia uma casa de pedra da qual saía um fio de fumaça que atormentava os sentidos com sua promessa de fogo quente.

— É a casa de um cobrador de pedágio — disse Frederickson — e o grande sacana não nos dará café.

Sem dúvida, refletiu Sharpe, os cobradores de pedágio da França seriam tão desatentos como seus colegas ingleses. Havia algo naquele trabalho que causava mau humor.

— Se tivéssemos pólvora suficiente poderíamos destroçar a maldita ponte.

— Não temos — disse Frederickson em vão.

Sharpe se levantou. Frederickson fizera a última guarda e seus piquetes estavam postados nas margens do pasto, onde a reduzida força havia pernoitado. Havia sido um acampamento miserável. Alguns dos soldados da infantaria haviam se protegido sob a escassa proteção das carroças de munição, mas a maioria dos

homens de Sharpe simplesmente havia se envolvido nos gabões, tinha utilizado como travesseiro as mochilas e tremiam enquanto o amanhecer avançava.

Uma vaca, na outra margem, mugia suavemente e observava dois homens que caminhavam junto ao rio. Uma vaca em um pasto em fevereiro sugeria um clima mais suave que o da Inglaterra, mas fazia um frio terrível. Um cisne, belo e como um fantasma, apareceu debaixo da ponte, seguido pouco tempo depois por seu par e ambas as aves, sem se importar com o movimento anormal nos campos, deslizaram suavemente corrente abaixo.

— A comida — disse Frederickson.

— Nunca gostei de seu sabor — disse Sharpe —, tem gosto de plantas aquáticas.

Uma repentina pontada na cabeça o fez estremecer. Perguntava-se se o cirurgião da marinha se teria equivocado e se a ferida não seria mais grave que um mero arranhão de bala de carabina. Achava recordar que Johnny Pearson dos Buffs havia recebido um ferida desse tipo em Busaco, que não era nada, e depois tinha morrido uma semana mais tarde.

Uma cerca de madeira desconjuntada, descuidada e coberta por estalactites brancas da geada, cortava o empinado desnível que resguardava a estrada principal da França para o sul. Sharpe subiu na pista pavimentada por uma pedra branca que fora se aplainado bem até ficar lisa, mas que apesar disso era cheia de sulcos e de charcos gelados. Não cresciam ervas daninhas, o que indicava que era frequentada. Para o sul, ali onde a estrada desaparecia entre a neblina, viu as silhuetas de casas, uma igreja e alguns choupos altos e pelados. Lá o rio descrevia uma curva, e sem dúvidas aquele povoadozinho era onde a antiga estrada atravessava o rio, enquanto que esta ponte, mais nova e larga, fora construída nos pastos que rodeavam a povoação, para que os exércitos apressados não tivessem que passar pelas estreitas ruas medievais em sua rota para Espanha. Por aquela pista, durante os últimos seis anos, passaram canhões, homens, munições e cavalos, espadas, selas de

montar e todas as incontáveis trivialidades da guerra para alimentar os exércitos franceses. E estrada abaixo, pensou Sharpe, aqueles mesmos exércitos marchariam derrotados.

— O que há na cidade?

Frederickson sabia que a pergunta de Sharpe significava que forças inimigas haveria na cidade.

— O cobrador de pedágio diz que nada.

Sharpe se virou e olhou para o norte.

— E por ali?

— Umás faias quatro quilômetros acima e uma fazenda. Servirá.

Sharpe grunhiu. Confiava totalmente em Frederickson, e se Frederickson dizia que as faias e a fazenda eram o melhor lugar para uma emboscada, Sharpe sabia que não tinha sentido procurar outro lugar.

Um grito forte, um bater de asas e uma maldição repentina indicaram que os cisnes iriam ser o almoço. O capitão Palmer, coçando a virilha e bocejando, pulava a cerca.

— Bom dia, senhor.

— Bom dia, Palmer — disse Sharpe. — Está gostando do frio?

Palmer não respondeu. Os três oficiais se dirigiram para a casa do cobrador de pedágio que se destacava por um portão branco que cruzava a estrada. Uma placa pintada de branco e preto, assim como na Inglaterra, anunciava as tarifas de pedágio. Havia um vau à direita da ponte, mas o vau ficava meio bloqueado com pedregulhos para que nenhuma carruagem ou carroça pudesse se livrar do pedágio.

O cobrador de pedágio, com perna de pau e calvo, estava postado com aspecto hostil junto à entrada. Falou com Frederickson, que, por sua vez, falou com Sharpe.

— Se não tivermos o *laissez-passer*, teremos que pagar seis moedas.

— “Lesé-pasé”? — perguntou Sharpe.

— Eu o fiz acreditar que somos tropas alemãs lutando por Bonaparte — disse Frederickson. — O “lesé-pasé” nos livra de todos os pedágios.

— Diga-lhe que se vá ao inferno.

Frederickson transmitiu os cumprimentos do capitão Sharpe ao cobrador de pedágio, que respondeu escarrando aos pés de Sharpe.

— *Trois hommes* — disse o homem levantando três dedos para o caso daquelas tropas alemãs não o entenderem — *Six sous*.

— Vá à merda.

Sharpe levantou o trinco de metal pintado de preto que fechava a entrada e, acima dele, se ouviu um estalido e olhou para cima e viu a mulher do cobrador de pedágio em uma janela do andar superior. Era uma mulher achaparrada, de uma feiura terrível, tinha o cabelo coberto em um lenço de musselina e brandia um trabuco de cano de cobre que apontava para os três oficiais.

— *Six sous* — disse o cobrador de pedágio estoicamente.

A vida dos cobradores de pedágio era cheia de surpresas e as tropas estranhas não eram nada novo para eles.

O capitão Palmer, que sentia um grande respeito pela reputação de Sharpe, estava surpreso ao ver o fuzileiro a contragosto pegar uma moeda de prata de dez francos. A seguir o cobrador de pedágio regressou ao interior, abriu a caixa forte, procurou o troco correto e depois deu a Sharpe um recibo com o qual, conforme explicou Frederickson, lhe reembolsariam a quantidade gasta no quartel general da zona, em Bordéus.

— Não posso deixar que esse sacana nos faça pagar por todos — disse Sharpe. — Melhor que desarmar seus granadeiros, William, faremos que atravessem pelo vau.

— Sim, senhor — respondeu Frederickson muito divertido com toda aquela transação.

— E não poderíamos...? — começou a perguntar Palmer duvidoso.

— Não — respondeu Sharpe. — Temos ordem de não inquietar os civis, capitão. Nem roubos, nem estupros. Se alguém infringir essa ordem será enforcado. Por mim. No mesmo instante. — A dor de cabeça o fizera falar com mais dureza do que pretendia.

— Sim, senhor — respondeu Palmer dominado.

Dirigiram-se para o faial pelo qual Frederickson havia patrulhado durante a noite.

— É o lugar adequado — disse Sharpe grunhindo — se vier alguém. Coisa que duvido.

Qualquer pessoa sensata ficaria em casa com aquele dia tão frio.

As faias ficavam à direita da estrada, a fazenda à esquerda. A fazenda era uma choça miserável; uma simples cabana com paredes de barro rodeada de gelo lodoso com dois celeiros em ruínas onde galinhas viviam entre palha suja.

Do outro lado de uma cerca baixa havia uma pocilga. Sharpe virou-se e olhou para onde a estrada passava entre as faias e a cerca da fazenda.

— Utilizaremos sua infantaria ali, Palmer. Você os para e os fuzileiros os matam.

Palmer, sem querer deixar ver que não entendia, consentiu com a cabeça. Mas Frederickson entendeu no mesmo momento. Ao usar a infantaria, com a pesada potência de fogo que lhes proporcionavam os mosquetes rápidos de recarregar, como uma tampa em uma garrafa, Sharpe obrigaria o inimigo a se dispersar para a direita e a esquerda para transbordar o bloqueio da estrada. Nesses flancos topariam com os fuzileiros ocultos. Seria rápido, sangrento e efetivo.

— E se vierem do sul?

— Deixem que passem.

Sharpe sabia que qualquer comboio em direção norte viajaria vazio.

Levaram duas horas para preparar a armadilha. Ninguém devia ficar à vista, assim que a companhia de fuzileiros de Minver e a infantaria de Palmer estavam como podiam, socados no interior das exíguas construções da fazenda. A companhia de Frederickson, com pior sorte porque Sharpe confiava em seu oficial, estavam na zona mais exposta do bosque de faias. Harper, com dois dos fuzileiros de Frederickson, estava de guarda a oitocentos metros ao norte.

O granjeiro, com sua mulher e sua filha, estavam agachados em um canto da cozinha que estava cheia de homens grandes, fedidos e armados com os pesados mosquetes da marinha. A filha, com aspecto abandonado sob seu cabelo sujo e assanhado, parecia bela e atemorizada. A infantaria naval, que estava a meses de abstinência, a olhava com desejo.

— Um lampejo de problemas — avisou Sharpe a Palmer — e mato o responsável.

— Sim, senhor.

Sharpe visitou os fuzileiros que estavam no pequeno celeiro. A parede externa, assim como na Inglaterra, servia de armazém do granjeiro. Havia um arminho cravado na madeira, com a pele velha e seca aberta pela geada. Ali havia alguns corvos que se descomporiam e uma pele de lontra pendia vazia. Os fuzileiros, apesar do desjejum frio e da noite gelada, sorriram irônicos para Sharpe.

Dirigiu-se para o norte seguindo a cerca viva. Viu dois homens que passeavam pela estrada com um cachorro perambulando entre seus calcanhares. Um quarto de hora depois, uma mulher levava uma vaca esquelada para o norte, sem dúvida para vendê-la no mercado e conseguir dinheiro para passar o inverno. Nenhum deles viu os fuzileiros.

Para Sharpe era extraordinário se encontrar ali, no interior da França, sem se ver ameaçado. Apenas a Armada, supunha, podia

fazer tal coisa possível. Os franceses, privados de sua frota, nunca poderiam estender uma armadilha desse tipo em uma estrada de Hampshire. Mas Sharpe podia chegar até ali, atacar como uma serpente e partir com o pôr de sol seguinte, enquanto que a flotilha de Bampfylde, avançando na boca do canal de Arcachon, estava tão a salvo como se estivesse ancorada no rio Hamble.

Sharpe regressou para a fazenda. O dia frio e o vazio da estrada o fizeram duvidar que viajasse algum comboio. Sua cabeça doía muito e longe de qualquer olhar, estremeceu de dor e esfregou com cuidado a testa vendada.

Recordava que Johnny Pearson simplesmente havia se inclinado ante um prato quente de bucho; sem aviso e ruído algum, simplesmente caiu fulminado segundos depois de ter dito com alegria que era momento de tirar a venda da cabeça. Sharpe apertou sua testa para ver se o osso rangia. Não era assim, mas doía demais.

De volta à choça da fazenda, um caldeirão fervia no fogo onde os soldados da infantaria haviam posto suas folhas de chá e a pequeno aposento havia se enchido de um odor caseiro. Sharpe percebeu que a garota oferecia aos estranhos sorrisos tímidos. Seus olhos felinos eram verdes e sorria quando os homens tentavam falar com ela.

— Levem um pouco de chá ao celeiro — ordenou Sharpe.

— São nossas folhas — disse uma voz proveniente do fundo da cômodo.

Sharpe virou-se, mas ninguém se importou com a objeção e levaram chá para os fuzileiros.

No exterior, a geada ia derretendo. A neblina se limpava e deixava ver os choupos do norte, onde Harper estava oculto em um fosso. Uma garça cinzenta, inimiga dos pescadores de trutas, sulcava o céu batendo lentamente as asas para o norte.

Sharpe, à medida que a manhã avançava e os soldados da infantaria seduziam a garota de olhos verdes com risinhos bobos,

decidiu que o dia estava perdido. Não viria ninguém. Foi até o lugar em que estavam os homens de Frederickson e os encontrou ocultos sob os montes de folhas secas e disse ao Doce William que se não aparecesse nada nas duas horas seguintes, começariam a se retirar.

— Iremos para Fature e alojaremos os homens esta noite.

Dessa maneira restaria uma distância curta para marchar pela manhã até Arcachon, onde Sharpe insistiria para que se abandonasse a bobagem de tomar Bordéus.

Frederickson se sentiu decepcionado ao pensar que aquela viagem tinha sido em vão.

— Não podemos esperar até o anoitecer?

— Não.

Sharpe tremia debaixo de seu gabão. Estava seguro de que não viria nada, ainda que em parte suspeitasse preferir que não viesse nada para poder iniciar o caminho de volta para casa. Além do mais, sua cabeça o incomodava. Pensou que necessitava de um médico, mas não se atreveu a confessar o tamanho de sua dor a Frederickson. Sharpe se esforçou em sorrir.

— Não vai vir nada, William. Eu pressinto.

— O senhor tem um pressentimento de confiança?

— Não se equivoca nunca — disse Sharpe.

O inimigo chegou ao meio-dia.

Harper e seus dois homens chegaram com a novidade. Vinte soldados de cavalaria, a pé, com seus cavalos os acompanhando, conduziam seis vagões cobertos com lonas, duas carruagens e cinco companhias de infantaria. Sharpe, tentando não ligar para as pontadas que sentia na cabeça, estudou o informe de Harper. O inimigo era forte, mas Sharpe decidiu que o fator surpresa anularia essa vantagem. Fez um sinal para Palmer com a cabeça.

— Vá.

Depois correu para o celeiro e ordenou aos fuzileiros de Minver que se colocassem em suas posições ocultas.

— Se eu assobiar, “retirada” — disse —, já sabem para onde devem ir.

— Para a ponte. — Minver desembainhou sua espada e lambeu os lábios. — E cubram a retirada.

Sharpe voltou sobre seus passos, e Harper com ele, para onde os soldados da infantaria estavam agachados atrás da cerca.

— Vê o marco? — disse Sharpe a Palmer.

Palmer consentiu com a cabeça. A cinquenta metros estrada acima havia um marco com os números das milhas rabiscados e que depois havia se sobrescrito em quilômetros, recentemente introduzidos na França. A pedra indicava que estavam a 43 quilômetros de Bordéus, uma distância que não era nada para Sharpe.

— Não nos moveremos até que cheguem a essa pedra, entendido?

— Sim, senhor — respondeu Palmer, empalidecendo só de pensar que tinha que deixar o inimigo se aproximar tanto, mas não objetou nada.

O normal seria que todos os pressentimentos de Sharpe, alguns pessimistas, tivessem desvanecido à vista do inimigo, mas a dor de cabeça o mantinha distraído. Queria se deitar em um lugar escuro, queria se esquecer de tudo dormindo; tentava afugentar a dor, mas ali estava ela, atormentando-o e se obrigou a centrar a atenção, em lugar de em sua cabeça, na cavalaria que surgia de entre os últimos farrapos de neblina. Através de sua luneta viu que os cavalos estavam magros por causa do inverno. O exército britânico, em seu diminuto canto da França, nem sequer havia trazido a cavalaria do outro lado dos Pirineus, sabendo que até que os pastos primaverais não tivessem engordado os cavalos, a cavalaria seria mais um fardo que uma ajuda., mas os franceses sempre haviam sido mais descuidados com suas montarias.

— Se um cavalo se aproximar de vocês — disse Sharpe para os soldados da infantaria que, pensou, talvez não tivessem tido experiências com a cavalaria —, golpeiem-no com toda força no focinho.

Os soldados, tremendo ao abrigo da cerca, sorriram nervosos.

Atrás da cavalaria, chiando como é típico nesses carros, avançava o transporte pesado pela estrada. Cada um era puxado por oito bois. Atrás dos carros vinha a infantaria e atrás da infantaria as duas carruagens com as janelas e cortinas bem fechadas para proteger do frio.

Sharpe guardou a luneta no bolso. Sabia que no bosque de faias, os homens de Frederickson estariam preparando seus fuzis carregados. Isto era como disparar em peixes em um barril, pois o inimigo, em seu próprio terreno, avançaria com os mosquetes descarregados e distraído. Estariam pensando nos amores que tinham deixado para trás, no alojamento da próxima noite e no inimigo que os esperava longe, bem longe, ao final da longa estrada.

Um oficial francês de cavalaria, com o capacete de bronze protegido com lona e uma capa preta sobre seu chamativo uniforme, de repente montou. Esporeou o cavalo para se colocar à frente do comboio, sem dúvida alguma atraído pela cidade do outro lado do rio onde as adegas estariam abertas e os fogos ardendo em lareiras de tijolo.

— Maldição — disse Sharpe para si.

O homem veria a emboscada e a poria em marcha cinquenta metros antes do previsto., mas nada saía conforme o planejado na guerra e a desvantagem deve ser assumida e depois ignorada.

— Ocupe-se daquele sacana, Patrick. Espere até que nos veja.

— Sim, senhor — respondeu Harper enquanto com o polegar engatilhava seu fuzil.

Sharpe olhou para Palmer.

— Quando eu dê a ordem avançamos. Duas filas.

— Sim, senhor.

— Nem gritos, nem vivas.

As tropas francesas e espanholas lançavam vivas enquanto avançavam, mas o silêncio de um ataque britânico era uma coisa sinistra e inquietante. Os soldados da infantaria, pálidos, estavam bem agachados. Um se benzeu, enquanto que outro, com os olhos fechados, parecia estar rezando em silêncio.

O oficial francês pôs o cavalo a trote. O homem tinha um charuto que expelia fumaça e seu rosto largo parecia alegre naquela paisagem molhada e neblinosa. Deu uma olhada para fazenda, inclinou-se para soltar sua capa dos estribos de couro onde havia se enredado ao montar e então viu os casacas-vermelhas com os cinturões brancos cruzados, lá onde se ocultaram os soldados da infantaria na sombra da cerca, que ainda estava branca pela geada.

Ficou tão surpreso que seguiu avançando, com a boca aberta para fazer uma pergunta e quando ainda estava a uns quinze metros da cerca, Harper disparou.

A bala de fuzil acertou uma couraça oculta pela capa. A bala, que golpeou o aço em ângulo reto, atravessou a armadura e se desviou para cima, atravessando da garganta do francês para seu cérebro. O sangue, brilhante como o entardecer, começou a sair da boca aberta do homem.

— Em linha! — gritou Sharpe. — Avançar!

O cavalo, aterrorizado, retrocedeu.

O francês, que surpreendentemente ainda sustentava o charuto, caiu para trás sobre a sela. Estava morto, mas seus joelhos ainda agarravam os dorsos do cavalo e quando a besta afundou seus cascos, o cadáver caiu para frente como em grotesca obediência aos soldados da infantaria que iam saindo do fosso e formavam uma linha dupla que atravessava a estrada.

— Avançar!

O cavalo virou, os olhos mostrando branco, e o francês morto parecia sorrir para Sharpe com um sorriso injetado em sangue antes de o cavalo girar o rosto medonho para longe. O corpo se inclinou para a esquerda e caiu, mas a bota do homem estava bem agarrada ao estribo e o corpo morto foi arrastado, quicando, atrás do cavalo descontrolado.

— Não disparem! — advertiu Sharpe aos soldados. — Não queria que nenhum homem nervoso desperdiçasse um disparo de mosquete. Desembainhou a espada. Passo duplo!

A cavalaria restante havia se detido, horrorizada. Os carros, com seu enorme peso, ainda avançavam pesadamente. A infantaria parecia alheia ao tiro que iniciara a emboscada.

A infantaria naval subiu correndo pela estrada que estava manchada com grandes charcos de sangue. A bota de Sharpe esmagou o charuto caído do oficial de cavalaria morto.

Dois cavaleiros pegaram carabinas que tinham nos coldres da sela.

— Alto! — gritou Sharpe.

Estava postado de um lado da estrada.

— Primeira linha, de joelhos! — Isto não era realmente necessário, mas uma linha com o joelho no piso sempre tranquilizava as tropas novatas e Sharpe sabia que esta infantaria, apesar de toda sua boa vontade, tinha pouca experiência no combate em terra.

— Capitão Palmer? Disparem baixo, por favor.

Palmer, com um alfanje na mão, ficou surpreso com a repentina cortesia que mostrava Sharpe ao lhe permitir dar a ordem de disparar. Limpou a garganta, calculou a distância do inimigo, viu que um punhado de cavalaria subia nas selas e se espalhava pelos lados e gritou a ordem.

— Fogo!

As balas de cinquenta mosquetes saíram expulsadas de cinquenta canos.

— Recarreguem! — gritou um sargento.

O tenente Fytch, com uma pesada pistola com a empunhadura de bronze na mão direita, balançou para cima e para baixo nas pontas dos pés com entusiasmo.

Harper tinha ido para a direita para se esquivar da nuvem suja e amarelada de fumaça de mosquete. Viu seis cavalos caídos esperneando contra as pedras do caminho. Dois homens caíram, enquanto outros dois se arrastavam para o bosque de faias. Um dos bois do primeiro carro gritava de dor.

Soou uma carabina, depois outra. Atrás, na retaguarda do comboio, a infantaria francesa se apressava pelos lados, com os oficiais gritando. Os carros puxados por bois, com os freios chiando, vibravam ao tentar parar bruscamente.

Harper procurava os oficiais. Viu um, um cavaleiro com o sabre desembainhado, que gritava para seus homens que formassem uma linha e carregassem.

Harper levou vinte segundos para recarregar seu fuzil Baker. Outra descarga da infantaria saiu expelida, causando desta vez menos danos porque os casacas-vermelhas, sem poder ver por causa da fumaça de seus mosquetes, disparavam às cegas. Harper levou o fuzil ao ombro, apontou para o oficial e apertou o gatilho.

A pólvora negra se acendeu, restos de chamas saltaram em sua bochecha, depois desceu a espingarda de sete canos e saltou de lado outra vez. O oficial virou-se e se afastou, agarrando o ombro com uma mão, mas uma meia dúzia de cavaleiros avançava, com os sabres desembainhados e esporeando com força seus cavalos.

— Cuidado com a cavalaria, senhor! — gritou Harper para Palmer e depois, ao ouvir as varetas de madeira da infantaria que seguiam esfregando nos canos, disparou sua descarga.

O impacto o lançou para trás, mas o ruído da espingarda de sete canos, como um bala de canhão pequena, pareceu aturdir o

diminuto campo de batalha. Dois cavaleiros foram arrancados de suas selas, um cavalo girou jogando seu cavaleiro e a pequena ameaça da cavalaria havia terminado. Então, atrás dos cavalos feridos e de alguns dos primeiros mortos do dia, as duas companhias de infantaria francesa que iam à frente apareceram diante dos carros. Seus mosquetes estavam com as baionetas caladas.

Frederickson abriu fogo.

A descarga, procedente dos flancos, esfolou as filas de vanguarda da infantaria e Frederickson gritava ordens como se tivesse mais homens ao comando. Os franceses davam olhadas nervosas para o faial quando o capitão Palmer disparou sua terceira descarga.

Os restos de neblina iam ficando mais densos por causa da fumaça. O cheiro do sangue se misturava com o da pólvora.

Sharpe havia se aproximado de Harper. Os homens de Minver, mais lentos no ataque, disparavam da esquerda.

— Não recarreguem! — gritou Sharpe para a infantaria naval. — Primeira linha acima! Calem as espadas! — havia esquecido a dor de cabeça com a luta.

— As baionetas, senhor — murmurou Harper. A ordem era só servia para os casacas-verdes, que usavam baionetas com espadas.

— Baionetas! Baionetas! Palmer! Capitão Palmer! Avance! Agora!

Sharpe percebeu a totalidade da batalha, a sentiu de forma instintiva e percebeu que estava ganha. Era uma exultação, uma excitação, um sentimento, que nenhuma outra experiência terrena era capaz de proporcionar. Também podia causar a morte e feridas tão terríveis que fariam um homem estremecer se lhe aparecessem nos sonhos, mas a guerra também proporcionava esse sentimento superior de querer impor a própria vontade ao inimigo e de conseguir que um fracasso se torne em êxito.

As forças francesas eram três ou quatro vezes maiores que as de Sharpe, mas estavam aturdidas, desorganizadas e alteradas. Os homens de Sharpe estavam acostumados a lutar, estavam preparados, e se atacasse agora e se comportasse como se já tivesse vencido, esse inimigo meio aturdido perderia.

Sharpe olhou para os soldados da infantaria.

— Avancem! Avancem!

A cavalaria havia partido, destroçada pela arma de sete canos e pelos grandes atiradores de Frederickson. Os cavalos mortos ou feridos jaziam nos campos e os cavaleiros sobreviventes fugiram para pôr-se a salvo nos carros, que ofereciam um pouco de proteção contra as balas. Diante das carroças, uma turba de infantaria se preparava para formar uma linha e a infantaria de Sharpe, surgindo da fumaça com os mosquetes e as baionetas caladas, carregou contra eles.

Sharpe sabia que se o inimigo resistisse, a infantaria naval seria massacrada.

Se o inimigo resistisse, cada um desses soldados enfrentaria três ou quatro baionetas.

Bastaria que apenas um oficial inimigo, um daqueles homens com capa azul e a cavalo, examinasse a débil força, a infantaria estaria perdida.

— Carreguem! — gritou Sharpe, como se o volume de sua voz fosse aumentar o número de homens que enfrentariam a linha inimiga que, ainda que fosse irregular, estava toda eriçada com as lâminas das armas.

— Fogo!

Frederickson, o bom Frederickson, o havia entendido tudo. Fizera formar os homens de sua companhia em filas, e os fizera sair detrás das árvores que lhe ofereciam proteção, e agora, a uma distância de sessenta metros, lançava uma descarga controlada de fogo de fuzil contra o flanco da infantaria inimiga.

Essa descarga, junto com a de Sharpe, destroçou os franceses. Justo quando os franceses aterrorizados começavam a perceber a fraqueza da força que atacava, apareceu outro inimigo e outra voz que gritava que carregassem e então, ao ver as baionetas, surgiu o pânico, como sempre ocorria.

A infantaria francesa, em sua maioria formada por recrutas jovens que não tinham o estômago habituado à luta, rompeu filas e fugiu. Um oficial os golpeava com o canto de seu sabre, mas os franceses retrocediam correndo. O oficial virou-se, sacou uma pistola, mas uma bala de fuzil se enterrou em sua barriga e se dobrou para frente, com os olhos abertos. Um dos fuzileiros de Frederickson agarrou o bridão no momento em que o oficial caía de lado contra a fria terra.

— Formem na retaguarda do primeiro carro! — gritou Sharpe para Palmer enquanto iam avançando correndo.

A linha de infantaria naval se rompia progressivamente porque os homens tinham que ir evitando os mortos e moribundos que estavam espalhados pela terra. Harper, que era incapaz de ver um animal sofrer, recolheu uma pistola francesa que havia caído e disparou entre os olhos de um cavalo ferido que gritava.

O disparo de uma carabina de um cavaleiro desmontado derrubou um soldado da infantaria. Os homens de Minver dispararam contra o cavaleiro, seis balas o acertaram de uma vez, o derrubaram como um marionete e de repente ficou imóvel e ensanguentado sobre a erva esbranquiçada.

Debaixo do primeiro carro havia fugitivos. Um ainda tinha o mosquete e Sharpe, pensando que estava carregado, lhe deu um golpe com a espada. O rapaz, aterrorizado, gritou, mas Sharpe seguia avançando, escalando sobre os casacas azuis mortos. Em sua frente, envolvida em pânico, uma massa de infantaria se retirava em debandada. Um oficial, que surgiu de uma carruagem, gritou para eles e alguns, mais valentes que o restante, diminuíram a marcha, giraram e formaram uma nova linha.

— Capitão Frederickson!

— Já os vi, senhor!

Sharpe correu atrás da carroça. À esquerda da estrada, onde estavam ocultos os homens de Minver, toda uma companhia de infantaria francesa estava formada em três filas.

— Os do 60º! — Sharpe teve que gritar duas vezes para Minver pois a descarga de Frederickson abafou suas primeiras palavras. — Ataque de flanco! Ataque de flanco!

Os soldados de Palmer ofegavam. Alguns tinham as baionetas avermelhadas, e outros estocavam os franceses acovardados debaixo da pesada carroça, mas Palmer e seus sargentos os faziam manter a linha e lhes gritavam para que recarregassem os mosquetes.

A companhia francesa disparou primeiro.

A distância era de setenta metros, demasiada para os mosquetes, mas dois soldados foram derrubados, um terceiro se pôs a gritar e os demais seguiam metendo as varetas, a pólvora e as balas. Sharpe achava que a infantaria naval usava varetas de madeira, porque as de metal se oxidariam no mar, depois se esqueceu de semelhante suposição pois mais balas inimigas golpearam contra as pesados madeiras dos carros. Os atrasados da primeira companhia haviam se juntado à tropa e os mosquetes dos franceses já se inclinavam quando o inimigo começou a recarregar.

— Apontar! — gritou Palmer.

— Não disparem! Não disparem! — Sharpe tomou o comando à frente da infantaria. Com voz segura. Havia um momento para excitar os homens e um momento para acalmá-los. — Infantaria avançar. Em marcha! Avançar!

Sharpe levava a infantaria pelo flanco esquerdo dos carros, deixando que Frederickson controlasse a zona direita da estrada.

Os fuzileiros de Minver se deixavam ver neste flanco francês, eram homens com casacas verdes que surgiam de atrás das árvores e dos edifícios da fazenda, homens que avançavam formando a

corrente de escaramuçadores, cada um cobrindo seu companheiro, e seus disparos foram minando o flanco da companhia francesa.

Um oficial francês olhou de soslaio e pensou em fazer girar uma fila para sacudir os fuzileiros com uma descarga controlada, depois olhou mais além, para onde avançavam os casacas-vermelhas.

Aquela não era uma carga louca, com intenção de espalhar o pânico, mas um avanço lento e firme para demonstrar confiança. Sharpe queria encurtar a distância, queria que esta descarga de mosquete fosse mortal. Observava os movimentos do inimigo. As varetas, novas e de metal brilhante, reluziam ao elevar-se. Ele as ouvia quando se introduziam nos mosquetes que os soldados seguravam entre os joelhos dobrados.

— Infantaria! Alto!

As botas dos homens que avançavam na estrada rangeram ao deter-se e emitiram um grande ruído.

Os homens de Minver seguiam disparando, suas balas acertavam constantemente procedentes do flanco. As balas das carabinas, que os cavaleiros desmontados disparavam, assobiavam ao passar junto a Sharpe. Um boi, alheio à carnificina que tinha lugar ao seu redor, urinou na estrada e o cheiro do vapor entrou pelas fossas nasais Sharpe.

— Para frente! Apontar!

Sharpe queria que a coisa fosse lenta e segura. Queria que os franceses vissem como ia ser sua morte antes que chegasse. Queria aterrorizá-los.

A linha de infantaria naval virou-se um quarto de volta para a direita quando os mosquetes regressaram a seus ombros. Um ou dois homens que ainda não tinham engatilhado as peças puxaram para trás as pederneiras e o som foi ameaçador. Sharpe se dirigiu pelo flanco da formação e levantou sua espada. Alguns dos franceses escorvavam seus mosquetes, mas a maioria olhava fixa e nervosamente a fina linha de casacas vermelhas que parecia tão

decidida e selvagem. Sharpe os fez esperar, dando tempo à imaginação para que se atormentassem.

Harper se situou junto a Sharpe. Tinha o fuzil carregado, apontou e esperou a ordem. Para Harper, aqueles franceses eram garotos, camponeses que haviam engrossado os exércitos de Napoleão. Não eram os veteranos bigodudos e experientes que haviam morrido nas cruéis batalhas da Espanha, mas voluntários tirados a contragosto do colégio ou da fazenda para morrer por uma causa que de toda maneira estava perdida.

Os voluntários escorvaram suas armas. Alguns haviam se esquecido de sacar as varetas dos canos, mas não importava.

— Apontem baixo! — gritou Sharpe com dureza. Sabia que a maioria de tropas apontava alto. — Apontem para suas bolas! Fogo! — baixou a espada.

A descarga saiu disparada, o som dos mosquetes foi ensurdecido quando as pesadas armas recuaram contra os ombros machucados. A fumaça, que fedia a ovos podres, se converteu em névoa.

— Ao piso! — gritou Sharpe. Viu os rostos surpreendidos e sua voz se elevou furiosa. — Ao piso! Ao piso!

Os soldados, admirados, se deitaram. Sharpe se ajoelhou a um lado da nuvem venenosa de fumaça de mosquete.

A companhia francesa havia se estremecido ao receber a descarga. Assim como um homem que recebe um soco no estômago, pareceu que a totalidade da companhia se dobrava. Então, os oficiais e sargentos, gritando ordens, voltaram a formar a fila aos empurrões e Sharpe viu que as últimas filas tinham que pisar nos que se retorciam e nos mortos deixados pela descarga certa da infantaria naval.

O comando francês não se importava com os fuzileiros que estavam em seu flanco. Eles se ocupariam deles depois dos casacas-vermelhas.

— *Tirez!*

Para uma companhia nova, que não conhece o sangue, era uma boa resposta. Sessenta ou setenta mosquetes dispararam contra a fumaça, mas os soldados estavam no solo e os voluntários dispararam alto.

— Atacar! Atacar!

Sharpe se sentia triunfante. Esta companhia fora o último perigo, mas evitara fazendo seus homens deitarem.

— De pé! De pé! Vamos! Gritem, sacanas!

Este era o momento do ruído, o momento do terror.

Os soldados, que um segundo antes haviam sido o alvo de uma descarga controlada, se puseram em pé e carregaram. Gritavam como se abordassem um navio inimigo. O tenente Fytch disparava selvagememente com sua pistola, depois tentou sacar sua pesada espada da bainha.

Os voluntários, olhando através da fumaça de seus próprios mosquetes, viram que o inimigo ileso avançava com compridas baionetas e, assim como as duas primeiras companhias à frente do comboio, desmoronaram.

Alguns eram lentos, e estes os soldados os pegavam e os cravavam no solo com as baionetas. Um oficial a cavalo, furioso e com a cara vermelha, carregou contra os casacas-vermelhas, mas Sharpe arremeteu com sua espada, atingiu a anca do cavalo e a besta virou-se, mostrando os dentes. O oficial arremeteu com sua espada de infantaria.

As lâminas se chocaram e o golpe subiu pelo braço de Sharpe. O cavalo empinou e golpeou com seus cascos, tal como fora ensinado a fazer, mas Sharpe introduziu a espada no focinho da besta, tal como lhe haviam ensinado a fazer.

O animal girou, o oficial tirou os pés dos estribos e, quando o cavalo caiu de lado, conseguiu se liberar dele. O cavalo desabou ao perder o equilíbrio, com os lábios sangrando; depois voltou a se levantar como se nada estivesse errado.

— Renda-se — disse Sharpe ao oficial.

A resposta, qualquer que fosse, não significava rendição. O francês sacou a espada vibrante com uma investida experta. O cavalo pastava no capim e o francês tentou alcançar os bridões com a mão livre.

Sharpe investiu; sabia que o homem contra-atacaria, assim que imediatamente retrocedeu. A lâmina se dirigiu para ele, espetou o ar e a pesada espada de Sharpe bateu com força a empunhadura da espada, forçando a arma para baixo. Sharpe avançou, golpeou com o joelho para cima e depois utilizou o horrível guarda-mão de ferro de sua espada para bater na cara do oficial.

— Renda-se, sapo sacana!

O oficial estava na grama, havia se esquecido da espada e com suas mãos agarrava a virilha. Ofegava, gemia e Sharpe decidiu que aquilo era uma rendição. De um chute enviou a espada do homem ao fosso, puxou para si o cavalo e subiu torpemente à sela. Queria mais altura para ver o que sucedia naquele momento no seu campo de batalha, bem escolhido.

Os franceses haviam fugido. Uma companhia estava se organizando quatrocentos metros ao norte, mas não era um problema imediato. Alguns sobreviventes ainda se aferravam aos carros, alguns haviam morrido de algum golpe de baioneta, mas a maioria seriam prisioneiros. Os carros ficaram abandonados e Sharpe supôs que seus condutores, junto com outros fugitivos, fugiram para o bosque de faias.

— Capitão Palmer?

Palmer parecia admirado em ver Sharpe a cavalo.

— Sim, senhor.

— Um pelotão de homens para o faial. Desaloje o lugar. Não se corte e assuste os sacanas!

— Sim, senhor.

— Capitão Frederickson! — Sharpe se retorceu sobre o cavalo, para o extremo da estrada. — Mantenha a companhia ocupada! — Sharpe apontou para o norte. — Pegue a metade dos homens de Minver e aperte-os, William, aperte-os.

Tinha que postar piquetes nos flancos e levar os feridos para o abrigo dos carros, que deviam ser revistados. Aproximaram os duas carruagens, com os cavalos tremendo. Uma estava vazia, na outra havia duas mulheres que estavam sentadas aterrorizadas, com frascos de sais odoríferos abertos.

— Ponha um guarda com elas, capitão Palmer! Tire os arreios dos cavalos.

Sharpe deixaria as mulheres onde estavam, mas os cavalos, assim como os bois, soltaria nos pastos. Alguns homens teriam preferido matar os animais, para impedir que os franceses os usassem no futuro, mas Sharpe não era capaz de dar essa ordem.

Os bois se foram lentamente, protestando pelas espetadas que lhes davam com as baionetas. Uma besta, ferida de bala de mosquete na batalha, foi sacrificada e Sharpe observou como dois soldados cortavam a carne fumegante, que seria um jantar delicioso nessa noite.

Outros soldados da infantaria se amontoaram nos carros, arrancaram as cobertas de lona e desataram as cordas. Puxaram os barris e as caixas para as bordas da estrada, onde estavam sentados os prisioneiros, tremendo e aterrorizados, sob vigilância.

A carnificina havia durado vinte e cinco minutos de fogo, fumaça, truque e sangue; fora capturado um comboio francês, em terra francesa e guardado por meio batalhão. O melhor, e ainda mais inexplicável, era que a dor de cabeça de Sharpe havia desaparecido por completo.

Capítulo 11

O tenente da infantaria naval Fytch, com quem Sharpe quase não havia falado desde que adentraram no país, levou os civis até o major Sharpe. O tenente os conduzia juntos à ponta de pistola, até que Sharpe disse para afastar seu maldito brinquedo. Fytch, com seu ardor marcial ofendido pelo fuzileiro, fez um gesto indicando os quatro homens corpulentos e preocupados que o olhavam.

— São da vila, senhor. Os sacanas querem se render.

Os quatro homens, todos eles vestidos com boas roupas de lã, sorriram nervosos para o oficial montado. Todos levavam a roseta branca, que era o símbolo do rei Luiz XVIII no exílio e portanto um emblema de sentimento antinapoleônico. Ao ver a roseta e a evidente disposição dos quatro homens a aderir a uma vitória britânica, Sharpe se lembrou das esperanças de Bampfylde. Talvez Bordéus, assim como aquele povoado, estivesse maduro para uma rebelião? Sharpe sabia que já devia ter interrogado um oficial francês capturado, mas sua determinação a obedecer as ordens que Elphinstone lhe dera em particular, fizera-o prescindir desse dever.

— Pergunte-lhes amavelmente — disse Sharpe a Fytch que evidentemente sabia um pouco de francês — se ainda querem se render quando entenderem que partirão daqui esta tarde e talvez não regressem até daqui a vários meses.

O entusiasmo monárquico do major se evaporou rapidamente. Sorriu, se inclinou, indicou a roseta nervoso e se retirou., mas ainda queria assegurar ao cavalheiro inglês que qualquer coisa que a vila pudesse oferecer a seus homens estaria a sua disposição. Apenas tinham que perguntar para o senhor Calabord.

— Livre-se dele — disse Sharpe. — Com educação! E tire aqueles malditos civis da ponte!

A gente da vila, ao ouvir os estalidos dos mosquetes, havia se aproximado para contemplar a batalha. O cobrador de pedágio tentava em vão fazer-lhes pagar pelo privilégio de uma vista de tribuna.

O ruído dos fuzileiros de Frederickson provinha do norte e acoitava os restos da infantaria afastando-os do cenário de sua derrota. Dois dos carreteiros e quatro cavaleiros, com as mãos ao alto, foram sacados a empurrões do bosque de faias e conduzidos para onde estavam os desconsolados prisioneiros. A infantaria naval amontoava os mosquetes capturados.

Os soldados da infantaria mais afortunados futucavam nos carros. A maior parte do butim não era de utilidade para um saqueador. Havia tinas de tinta amarela e negra com a qual os franceses pintavam as carretas; os soldados as derramaram na estrada e se misturaram com o sangue e os excrementos dos bois. Dois dos carros não continham mais que suprimentos de engenharia. Havia bobinas de três polegadas de cabo branco, forçados de escavação, serras de corte transversal, martelos, gizes, raspadores, machados, brocas e tambores. Havia cartuchos de reserva para a infantaria. Em cada bolsa havia um bloco de madeira furado para conter os cartuchos. Em outras carroças havia correntes de arraste, esponjas retorcidas, amortecedores, buchas, cápsulas e alavancas. Havia grinaldas para armar as salvas e mesmo alguns instrumentos de música, como um que um soldado foi tocando orgulhoso por entre os carros e suas diminutas campainhas montadas sobre uma estrutura de madeira faziam um estranho som festivo naquele dia frio e sombrio. Outro homem fez soar os pratos até que Sharpe o ordenou secamente que largasse os malditos címbalos.

Em um carro havia caixas com comida enlatada. Fazia pouco que os franceses tinham inventado esse processo para a conservação de alimentos e Sharpe achava um milagre que a comida permanecesse fresca durante semanas ou mesmo meses. Com as baionetas forçaram como alavancas e abriram as tampas. Cortaram os frangos em gelatina e o cordeiro assado em porções e

as caras dos homens, enegrecidas com a fumaça da pólvora, se mancharam também de gordura. Sharpe aceitou uma coxa de frango e a achou deliciosa. Ordenou que separassem duas dúzias de latas para os fuzileiros de Frederickson.

E no centro, em duas carroças, atados com três cabos e cobertos por um duplo envoltório de lona, havia pólvora. Eram barris de pólvora negra destinados aos morteiros de Bayona e havia também rolos de mecha rápida que seriam cortadas e se converteriam em estopins para os projéteis.

— Tenente Minver!

— Senhor?

— Estes carros! Arrastem-nos para a ponte. Quero que abarrote a pista de pólvora.

Não seria uma explosão cientificamente controlada, daquelas que Hogan lhe ensinara a preparar fazia tempo, mas poderia debilitar muito a estrutura de pedra nova com suas orgulhosas urnas trabalhadas e a intenção de Sharpe era fazer com que os aprovisionamentos dos franceses se atrasassem. Com a ponte desmoronada, teriam que dar um rodeio pela vila que causaria um atraso considerável.

— E coloquem a carga dos outros carros ao redor!

Isso levaria pelo menos duas horas. Enquanto isso as pás capturadas cavavam as tumbas na terra fria. Um cavaleiro francês, com tranças nas têmporas, as chamadas *cadettes* foi o primeiro em ser enterrado. Os prisioneiros franceses fizeram o trabalho para os vinte e dois franceses mortos, enquanto que os soldados da infantaria cavaram as tumbas de seus três mortos.

— Parabéns, senhor — disse Palmer.

— Seus homens se saíram bem, capitão.

Sharpe assim acreditava. Havia se impressionado pela firmeza daqueles soldados e pela rapidez com que recarregaram os

mosquetes. Essas qualidades ganhavam batalhas e as batalhas mudavam o curso da história.

Patrick Harper, com um frango em conserva em uma mão, levou para Sharpe uma pasta de couro que havia tirado de uma carruagem abandonada.

— São garranchos em franchinote, senhor.

Sharpe deu uma olhada nos papéis e suspeitou que eram exatamente o tipo de coisa pela qual suspirava Michael Hogan. Hogan talvez já estivesse morto, mas os documentos seriam uma mina de ouro para quem quer que o tivesse sucedido em seu trabalho.

— Guarde-os, Patrick.

Harper também havia ficado com uma elegante pistola de prata gravada que tinha sido abandonada na carruagem.

O sol, que uma nova nuvem e a neblina empalideciam como um disco de prata, estava baixo. Um vento frio, o primeiro vento desde que Sharpe havia poupado a vida de Killick, soprava gelado sobre as tumbas. Ouviu-se um grito procedente da fazenda e alguns vivas se elevaram. Foram lançados pelos soldados da infantaria que revistavam o último carro onde haviam encontrado garrafas de vinho metidas em pó de serra. Um cabo levou uma para Sharpe.

— Senhor?

— Obrigado, cabo.

Sharpe deu a garrafa a Harper e este quebrou o gargalo com a lâmina de sua baioneta. Voltou-se a se ouvir o grito. Um grito de garota.

Sharpe soltou o vinho e esporeou o cavalo. Os prisioneiros saíram da frente quando o cavalo mergulhou na beira, saltou por cima de um fosso pouco profundo e depois Sharpe puxou as rédeas da besta para girar à direita, agachou-se para passar sob uma macieira com os galhos despidas e virou para a esquerda. Ouviu

alguns passos atrás de si, mas Sharpe não viu mais que um homem que fugia, que corria para o rio e voltou a esporear o cavalo.

O homem era um soldado da infantaria. Com uma mão agarrava sua casaca vermelha aberta e com a outra segurava as calças desabotoadas. Olhou por cima dos ombros, viu Sharpe e virou para a direita.

— Pare!

O homem não parou, entrou por um espaço que havia na cerca de arbustos e a casaca se rasgou e escapuliu de sua mão. Abandonou-a e começou a correr pelo campo. Sharpe levou seu cavalo até o espaço, fez que o chutasse e desembainhou a espada. O homem cambaleava, perdia o equilíbrio com o capim do pasto, então o plano da pesada espada desceu desenhando uma curva desajeitada e o atingiu em um lado da cabeça. O soldado caiu, a espada não o havia cortado, e Sharpe fez que o cavalo desse voltas ao redor do homem caído.

A causa de tudo era a garota da fazenda; a pequena pálida e trêmula e de olhos verdes que o homem havia arrastado até o pequeno palheiro e atacara. Ela estava agora sentada, tremia e cobria o magro corpo com os pedaços de sua roupa rasgada.

— Ela quis — disse o soldado, a quem Sharpe trazia de volta para o fedido curral.

— Cale a boca! — Harper havia nomeado a si mesmo sargento da marinha. — Ela não estaria gritando e você não estaria fugindo, não acha?

— Vá procurar alguma roupa para ele — grunhiu Sharpe para um dos soldados que haviam feito um círculo ao redor do prisioneiro. — Capitão Palmer! O senhor avisou a este homem?

Palmer, pálido, consentiu com a cabeça.

— E então? — Sharpe queria uma resposta verbal.

— Sim, sim, senhor — respondeu Palmer. —, mas a garota não foi estuprada, senhor.

— Quer dizer que gritava muito alto., mas vocês conhecem as ordens, não? — A pergunta era dirigida a todos os soldados que observavam com uma hostilidade pouco dissimulada o oficial de fuzileiros que ameaçava enforcar um de seus companheiros. Houve silêncio quando Sharpe embainhou a espada. — Agora de volta a suas obrigações! Todos! — desceu do cavalo de um salto.

O capitão Palmer, um sargento da marinha, Harper e Sharpe ficaram com o prisioneiro. A história se começou a conhecer primeiro lentamente e depois com rapidez. Não tinha havido tentativa de estupro. A garota, disse o soldado, o havia animado., mas seus gritos e os machucados e arranhões que tinha em seus magros braços não corroboravam essa história.

— Matthew Robinson é um homem sério, senhor.

Palmer caminhava com Sharpe até o extremo do curral. Sharpe viu que os fuzileiros de Minver haviam conseguido levar o primeiro carro de pólvora até o extremo da ponte, porém, diante da ladeira da pista, não podiam avançar mais. O que estavam fazendo era levar rodando os barris de pólvora até o arco.

— O senhor conhece as ordens — disse Sharpe com frieza.

— Não voltará a acontecer, senhor — falou Palmer contrito.

— Sei perfeitamente que não voltará a acontecer! — soltou Sharpe com ódio por se ver metido em tal situação. — Por isso vamos enforcar o sacana!

— Eu acho que não seja necessária a morte de Robinson para dar exemplo, senhor — rogou Palmer.

— Não se trata de ser um exemplo. — Sharpe virou-se e apontou em direção ao granjeiro e sua mulher. — Faço por eles! Se os franceses acharem que somos selvagens, Palmer, lutarão contra nós. O senhor sabe o que é ter guerrilheiros pelas costas quando se está combatendo? Para cada carroça proveniente da costa seria necessária a vigilância de um batalhão! Para cada uma! Foi assim como expulsamos os franceses da Espanha, capitão, não só triturando os bastardos nas batalhas, mas porque a metade de seus

exércitos se dedicava a proteger os carros dos camponeses espanhóis. Camponeses como estes! — voltou a apontar para o casal francês.

— A garota não sofreu nenhum dano, senhor — insistiu Palmer.
— E com nossa atuação demonstramos que podemos oferecer proteção.

— E a história vai se espalhar — disse Sharpe. — Que um homem pode estuprar uma garota e que seus oficiais o perdoarão.

Palmer se mantinha firme.

— Se Robinson fosse um de seus homens, senhor, um de seus fuzileiros, o senhor...

— Sim — disse Sharpe, cortante.

Sabia perfeitamente que se ele fosse Palmer e Bampfylde fosse o oficial que exigia a execução, Sharpe lutaria da mesma forma que Palmer pela vida daquele homem. Maldição, sim! Anos atrás, Sharpe inclusive havia chegado a defender o homem mais inútil de sua companhia ligeira na mesma situação.

Palmer percebeu as dúvidas de Sharpe.

— Robinson lutou muito bem, senhor. Seu marechal de campo não rebaixa os castigos quando se mostra coragem na batalha?

Sabia-se que Wellington havia perdoado uma meia dúzia de execuções porque os batalhões dos prisioneiros haviam combatido bem. Sharpe amaldiçoou; odiava tomar aquela decisão.

— Ordens são ordens, senhor Palmer.

— As mesmas ordens que nos mandam enforcar aos corsários e desertores, senhor? — inquiriu Palmer direto e desafiando a ira de Sharpe.

— Maldito insolente — disse Sharpe sem convicção alguma, quase como uma compensação pela fraqueza que estava mostrando. — O senhor se desculpará com a garota e seus pais. Dê-lhes isto. — Sacou duas moedas de prata de dez francos da bolsa.

— Obrigado, senhor — disse Palmer com um amplo sorriso enquanto pegava as moedas.

— Ainda não acabei com ele — advertiu Sharpe. — Sargento-mor do regimento, Harper!

Harper fez de conta que não percebia que lhe restituíam a graduação.

— Senhor?

— Leve o soldado Robinson e o pai da garota à parte detrás do celeiro. Quero que esteja na ponte dentro de dez minutos!

— Preciso de uma corda, senhor?

— Não., mas dê ao pai uma oportunidade.

Maldição pensou Sharpe, havia voltado a desobedecer ordens. Primeiro salvara um maldito americano, agora um soldado e que sentido tinham as ordens se o sentimentalismo debilitava um homem a ponto de chegar a descumpri-las?

— Obrigado, senhor — voltou a dizer Palmer.

— Não me agradecerá quando vir o que é capaz de fazer Patrick Harper a um homem. Terá que levar Robinson para casa.

— Melhor que enterrá-lo, senhor.

O incidente havia posto Sharpe de mau humor e se sentia pior ao haver se mostrado indulgente. Já eram duas as vezes que havia revogado uma execução e se perguntava se teria algo a ver com o fato de ter se casado com uma mulher respeitável. Os soldados veteranos afirmavam que o matrimônio enfraquecia um homem e Sharpe suspeitava que tivessem razão. Seu mau humor foi crescendo ao ver com que lentidão exasperante se colocava a pólvora entre as grades da ponte. O tenente Fytch havia ordenado ao cobrador de pedágio e a sua esposa que saíssem de casa e a mulher, que antes havia ameaçado Sharpe com o trabuco, chorava agora pela perda de seu lar. Seu marido, com a perna de pau, arrastava seus pertences até a estrada.

Já não se ouviam os fuzis dos homens de Frederickson e Sharpe viu que a companhia se dirigia para a ponte. Isso significava que os franceses já haviam partido, ainda que soubesse que o Doce William teria posto piquetes para que vigiassem caso retornassem.

Com a ajuda dos soldados da infantaria, os fuzileiros se apressavam a colocar os explosivos. Os outros suprimentos, destinados ao exército de Soult, foram amontoados ao redor dos barris de pólvora. Frederickson fez soar seu apito para chamar os piquetes e o pelotão de homens de Minver tirava da ponte os lugareiros com empurrões. Estava escurecendo e Sharpe queria se pôr em marcha.

— Senhor! — exclamou Patrick Harper que, em silêncio havia reaparecido na ponte e apontava em direção norte. — Senhor!

Apareceram dois cavaleiros. Não tinham vindo para a estrada, mas que, talvez advertidos pela retirada da infantaria, haviam dado um bom rodeio atravessando os campos. Agora, com lenços brancos nas pontas das espadas como improvisadas bandeiras de trégua, galopavam sobre seus cavalos para a ponte.

Os cavalos eram bons, alimentados com milho e com fortes ancas. Ambos avançavam sobre aquele terreno como puros-sangues e quase não ofegaram quando foram contidos junto a Sharpe, que fez sinal para os cautelosos fuzileiros da recém-chegada companhia de Frederickson.

O conde de Maquerre, vestido com seu uniforme de *Chasseur britannique* sob uma capa pálida, fez um sinal para Sharpe com a cabeça. O outro cavaleiro era um homem de meia idade, magro e vestido de civil. Seu rosto refletia tal surpresa e amável honestidade que o cansaço e indignação de Sharpe se desvaneceu como a geada com o sol nascente. O homem se mostrava tão calmo e sereno que Sharpe respondeu instintivamente com um sorriso a sua saudação, que havia consistido em um leve assombro ante a carnificina que havia na estrada e uma franca mostra de admiração ante o êxito de Sharpe.

Era francês, mas falava bem o inglês e sua lealdade era anunciada por rosetas brancas que levava não somente sobre a capa marrom, mas também no chapéu bicorne.

— Sou Jules Favier, ajudante do alcaide de Bordéus — disse ao descer da sela. — E estou ao seu serviço, major.

O conde de Maquerre ficou no cavalo. Seu rosto magro, avermelhado pelo frio, revelava nervosismo.

— Bordéus se rebelou, major.

Sharpe ergueu o olhar para o conde.

— Rebelado?

Esta era a notícia que Sharpe mais temia, o estímulo que provocaria o que Elphinstone havia descrito como uma loucura.

— Rebelou-se a favor do rei! — disse Favier contente. — Os bonapartistas foram expulsos! — Favier, cuja cara honesta e cortada pelo frio ressumava satisfação, sorriu. — O levante terminou quando a guarnição se pôs de nosso lado. A bandeira branca dos Borbones ondeia, as defesas estão nas mãos dos súditos de sua cristã majestade o rei Luiz XVIII, que Deus o abençoe.

— Que assim seja — disse Sharpe.

Essa notícia explicava por que o conde de Maquerre estava vestindo um uniforme inimigo no interior da França, mas também significava muito, muito mais. Se fosse verdade que a terceira maior cidade da França havia se rebelado contra Bonaparte e havia convencido às tropas da guarnição a renunciar a sua lealdade ao Império, Sharpe estava escutando o final desta guerra. Isso demonstraria que Wigram e Bampfylde estavam certos. Sharpe sabia que o que tinha que sentir era euforia, que todos os sacrifícios valeram à pena e que vinte e um anos de brutalidade implacável haviam terminado com uma paz que propiciava a queda de Napoleão, mas o único que lhe saiu foi um sorriso sardônico para responder ao entusiasmo que mostrava Favier.

— Vimos em busca de sua ajuda — disse De Maquerre sem convicção, quase como se o que dizia o perturbasse.

Favier sacou um papel de um alforje.

— Se puder aceitar isto, *monsieur*, de parte do Governo Provisório e monárquico de Bordéus — disse entregando-lhe um documento a Sharpe com uma leve inclinação.

O papel estava escrito em francês e decorado com um selo elaborado. Sharpe viu que seu nome estava mal escrito, sem o “e” final.

— O que é isto?

— Não têm ninguém que fale francês? — perguntou Favier com educação, mas surpreso.

— *Monsieur*, é uma nomeação que converte o senhor em general de divisão das forças de sua muito católica majestade, o rei Luiz XVIII da França, que Deus o abençoe.

— Que assim seja — disse Sharpe automaticamente. — General de divisão?

— Sem dúvida — acrescentou de Maquerre de sua sela.

A ideia fora de Ducos; um soldado tão ambicioso como Sharpe não resistiria a tal chamariz.

Sharpe se perguntava o que faria Wellington com aquela nomeação e imaginou o macabro regozijo dos aristocratas ao saber que haviam oferecido semelhante graduação a alguém que fora soldado raso.

— Eu... — Começou a dizer, mas Favier o interrompeu.

— Nossos cidadãos tomaram Bordéus, *monsieur*, mas sua confiança requer a presença de um aliado. Em particular de um aliado tão famoso e temível como o senhor. — Favier suavizou aquela adulação com um sorriso de honestidade. — E uma vez que se saiba que as tropas aliadas estão na cidade, a totalidade do campo se sublevará conosco.

Favier falava com um entusiasmo e uma confiança das quais carecia totalmente o conde.

Sharpe pensou no alcaide que já havia tentado se render. Sem sombra de dúvidas, a França estava cheia de homens e mulheres desejosos de renegar seu passado napoleônico e se declarar a favor do lado ganhador, mas Sharpe estava igualmente seguro de que os partidários fanáticos de Napoleão não estavam tão dispostos a se render. As forças aliadas mais próximas a Bordéus, fora Sharpe, estavam a uns cento e sessenta quilômetros de distância e o marechal Soult com um exército francês cobria seu avanço.

— Eu não tenho ordens de meu general — disse Sharpe — que me permitam ajudá-los. — Devolveu a Favier a nomeação.

— O senhor tem ordens — disse De Maquerre friamente — de proporcionar-me qualquer tipo de ajuda.

Pareceu que Favier se molestava com o tom hostil de De Maquerre. Sorriu para Sharpe.

— Seu marechal de campo, acredito, admiraria um soldado que tenha sabido aproveitar o momento.

— Talvez.

— E sua reputação, *monsieur*, é a de um homem que não teme os grandes riscos.

Sharpe não disse nada. Havia recebido a encomenda em segredo de Elphinstone de frustrar os planos de Bampfylde. Uma parte de Sharpe, aquela parte que tantas vezes havia desafiado o impossível, o impulsionava para Bordéus, mas o soldado que em seu interior imaginava seus homens sitiados naquela cidade e rodeados por uma população que, com uma brigada de veteranos do exército de Soult perto, pudesse perfeitamente decidir que o troca de bando fora prematura.

— Não posso, senhor. — Voltou a estender a nomeação. — Sinto muito.

A cara de Favier se encheu de decepção, sugerindo que se sentia ferido em sua pessoa.

— Pelo que entendi, major, sua expedição está ao comando do capitão Bampfylde, da Armada de sua majestade britânica.

Sharpe parou para pensar que em terra Bampfylde ostentava a mesma patente que ele, ainda que a bordo do *Vengeance*, Bampfylde tivesse a graduação equivalente à de um coronel, portanto, e conhecedor disso, Sharpe consentiu com discordância.

— Ele está ao comando, sim.

Favier deu de ombros.

— O senhor se ofenderia, major, se o conde e eu fôssemos em busca da aprovação do capitão Bampfylde?

— Não posso impedi-lo — disse Sharpe descortês —, mas tenho de dizer-lhes que, dentro de uma hora, iniciarei o caminho de volta. Espero estar em Arcachon amanhã a esta mesma hora.

O conde de Maquerre, desejoso de empreender o caminho já, fizera girar seu cavalo. Favier, deixando a nomeação falsa nas mãos de Sharpe, pegou as rédeas de seu cavalo e subiu à sela.

— Espero encontrá-lo pela manhã, major, com ordens que o façam mudar a marcha. Deus salve o Rei Luiz!

— Deus salve o rei.

Sharpe observou que os dois franceses se dirigiam com seus cavalos para o vau. Quando chegaram às pedras Favier virou-se sobre a sela para dizer adeus com a mão, depois esporeou o cavalo.

— O que queriam? — perguntou Frederickson com curiosidade e sem ruborizar-se.

— Fazer-me general de divisão — disse Sharpe. Rompeu em pedaços a nomeação e os atirou ao rio Leyre. — Dizem que Bordéus se levantou e se declarou a favor do gordo Luiz. — Sharpe viu que os cavaleiros desapareciam no entardecer. Era evidente que os dois homens conheciam um atalho até Arcachon, pois não seguiram a

margem do rio como fizera Sharpe a noite anterior. — Pretendiam que fôssemos até lá.

— Então o maldito Bampfylde tinha razão? — Frederickson pronunciou a suspeita que Sharpe não se atrevia a aceitar.

Mas Sharpe se perguntava por que o conde de Maquerre havia deixado que o ajudante do alcaide falasse em seu lugar. Os aristocratas não costumam delegar a burocratas. E por que, se havia tropas francesas naquela estrada, ainda que fossem tropas derrotadas, De Maquerre se atrevia a usar com tanta tranquilidade o uniforme de *Chasseur britannique*.

— Eu acredito que mentiam — disse Sharpe — e não vou a Bordéus.

O Doce William deu de ombros.

— O melhor da guerra acabou?

— Talvez. — De repente uma rajada de vento se levantou sobre os restos dispersos do comboio francês. Umas diminutas chamas se acenderam nas lamparinas da carruagem onde se refugiavam duas damas francesas. —, mas de toda forma explodiremos a ponte — disse Sharpe — porque ninguém nos disse para não o fazer.

Já estava quase escuro quando a pequena força formada pelos fuzileiros e os soldados da infantaria naval se reunia nos pastos junto ao rio. Iam carregados com o butim, com pedaços dos bois mortos, com o vinho capturado metido ilegalmente nas mochilas e com as armas do inimigo que todo soldado gostava de conservar, mas que inevitavelmente jogava à medida que a marcha se fazia mais comprida e pesada. A maior parte dos cavalos franceses sobreviventes foi encurralada e embridados e eram utilizados para carregar as mochilas ou os feridos, entre os quais estava o soldado Matthew Robinson cujo rosto parecia tinha recebido a coronhada de um canhão de campanha. Os prisioneiros franceses, com os suspensórios, cinturões e cordões cortados, haviam sido soltos do outro lado do rio.

Sharpe olhou ao seu redor pela última vez. A mecha de ação rápida que fora capturada saía serpenteante dos explosivos, passava pela casa do cobrador de pedágio, descia para a margem, atravessando a cerca espinhosa e chegava até o centro do pasto. Os lugareiros estavam bem resguardados, os prisioneiros oitocentos metros estrada acima e apenas os estúpidos bois estavam perto da pólvora. Sharpe fez um sinal com a cabeça para Minver.

— Acenda-a.

A pederneira bateu contra o aço, as linhas se acenderam e a chama desceu até a mecha.

— Espere! Espere! — gritou meia dúzia de soldados de repente.

Minver olhou para Sharpe, que consentiu com a cabeça, e apagou a chama. Os homens olhavam em direção nordeste, para o outro lado do rio e sob a luz do crepúsculo Sharpe viu uma silhueta magra, vestida de branco, que corria frenética para a ponte.

Era a garota esbelta de olhos verdes que havia recebido arranhões e golpes quando Robinson tinha tentado estuprá-la. De forma desesperada, com suas saias ao vento, trepou pela mureta da ponte, passou sobre a pólvora e depois saltou ao pasto. Seguiu correndo e passou diante de Sharpe, diante da companhia de Frederickson que formaria a retaguarda e seguiu correndo para o homem com a cara machucada que a havia levado à força ao estábulo e lhe havia rasgado a roupa.

— Deus santo — disse Sharpe.

A garota pegou uma das mãos de Robinson, olhando-o fixamente, e falando-lhe rápido em francês, mas a expressão de seu rosto era de adoração.

O capitão Palmer, tão surpreso como Sharpe, riu.

— Coisa estranha, as mulheres. — Viu que a garota subia para compartilhar a sela com Robinson. — Uma garota solteira, senhor, não quer mais que um marido.

— E uma vez que tem um — disse Sharpe com amargura — ela quer tudo. Teria sido melhor para ambos que tivesse enforcado o sacana. — Olhou para Minver. — Acenda-a, tenente.

O pederneira voltou a golpear o aço, a chama iluminou a mecha que estava no capim, a pólvora se acendeu, fischou e correu sussurrando para a ponte.

— Em marcha! — Sharpe virou-se para sua tropa carregada até os topos e apontou o caminho para casa. — Em marcha!

— É um casco, senhor — disse o tenente Tom Martin, do bergantim *Cavalier*, retorcendo seu chapéu bicorne entre as mãos.

— Um casco? — inquiriu Bampfylde franzindo o cenho.

Estavam no antigo quartel general do major Lissan onde, devido à falta de lenha, o camareiro de Bampfylde alimentava o fogo de seu senhor com alguns volumes pegos ao acaso das estantes. Os livros eram escritos em francês, em consequência ilegíveis, assim que tanto o camareiro como seu amo consideravam que o estrago que faziam à posteridade era praticamente irrelevante.

Martin soltou seu chapéu e mostrou ao capitão Bampfylde sobre o mapa onde havia encontrado o *Thuella*. A escuna estava em terra, na ponta de uma enseada que a maré forma para a vila de Gujan.

— Está desaparelhada, senhor, encalhada e abandonada.

— Disparou nela?

— Sim, senhor.

Martin, quando finalmente a maldita névoa havia se dispersado, havia avistado o *Thuella* ao longe nos bancos de areia. A maré estava baixa e seguia baixando, assim que o máximo que podia fazer era disparar de longe. Dois ou três disparos haviam se chocado contra as madeiras do *Thuella*, mas a essa distância e com

canhões de tão pouco calibre como os do *Cavalier*, os danos seriam leves.

— Abandonada, o senhor disse? — perguntou Bampfylde.

— Tocando fundo, vazia, desaparelhada, queimada e fumegando — foi soltando Martin com a esperança de que tais palavras fossem suficientes.

O barômetro ia descendo de forma ameaçadora e todos os marinheiros experientes queriam estar no mar antes que a tormenta iniciasse, mas se o capitão Bampfylde acreditasse que o *Thuella* ainda podia se salvar, então talvez tivesse a tentação de ficar em Arcachon e só Deus sabia o estrago que uma tormenta podia causar a um bergantim naquelas águas fechadas.

— Fumaça?

— Parecia que os americanos tinham ateado fogo, senhor, mas a madeira devia de estar úmida, porque não ardeu totalmente.

— Podia — disse Bampfylde com amargura — ter enviado uma patrulha para queimá-lo bem, senhor Martin. Dessa maneira estaria seguro.

— Tinham montado uma bateria em terra, senhor. Haviam armado todos os canhões de frente para o mar. — Thomas Martin percebeu que talvez devesse ter informado ao capitão Bampfylde da destacada ação que havia sucedido anteriormente. — Não responderam ao fogo, senhor, mas os vimos.

Maldito Sharpe, pensou Bampfylde. O *Thuella* existia e sua tripulação fizera uma fortaleza em terra e tardariam dois dias para extirpar aquele ninho de piratas. Bampfylde talvez não tivesse esses dois dias. O tempo estava se tornando ruim, ameaçava uma tormenta. Durante dois dias a névoa havia envolvido a baía, e agora, quando finalmente se dissipara, todos os marinheiros prudentes aconselhavam Bampfylde para que desse a seu esquadrão espaço de manobra.

— Podem voltar a pô-lo flutuando?

— Não, senhor. Tive a impressão de que levaram tudo o que servia e abandonaram o resto.

O capitão Cornelius Killick teria se encantado em ouvir semelhante afirmação, pois havia trabalhado muito para que desse essa impressão. Havia virado a escuna, manchado as madeiras e o cobre com breu para que parecessem manchas de fuligem e fizera acender fogueiras com capim úmido para que parecessem restos de brasas na bodega abandonada.

— E cortaram a figura de proa — acrescentou Martin com esperanças.

— Ah!

Este pequeno detalhe satisfez a Bampfylde. Nenhum marinheiro tiraria o mascarão de proa de um navio se ainda lhe restasse vida.

— Parece que está acabado! E sem dúvida a tormenta acabará de rematar!

— Verdade, senhor.

Martin se despediu e saiu do aposento.

A tormenta, não o *Thuella*, era a principal preocupação de Bampfylde. O ar imóvel se via agora revoltado por um vento estranhamente quente e cada olhada ao barômetro confirmava que o mercúrio se encolhia no interior do tubo de um metro e vinte. A persistente existência do navio corsário americano, ainda que encalhado e abandonado, era um incômodo, mas isto se via paliado pelo êxito que Bampfylde havia conseguido ao encontrar dois esplêndidos bergantins franceses que eram agora seus troféus e já estavam a caminho da Inglaterra. Os lugres haviam partido para o sul, os soldados da infantaria constituíam a guarnição do forte e, apesar dos americanos, o capitão Bampfylde podia ficar satisfeito com seu trabalho. Só o que necessitava agora era que De Maquerre confirmasse que Bordéus estava pronto para se render.

Mas o conde de Maquerre não havia regressado e Bampfylde não se atrevia a zarpar até ter notícias de Bordéus. Se De Maquerre não regressasse até quinta-feira, a tormenta pegaria a flotilha e

faria falta um gênio da náutica para barlaventear aquela costa pouco profunda.

Mas pelo menos, tinha de esperar até a quinta-feira, Bampfylde podia enviar os soldados restantes com chalupas para atacar os americanos pelos bancos de Gujan. Isto fez Bampfylde franzir o cenho. Palmer tinha que ter revistado a vila de Gujan, onde estava o maldito capitão da infantaria naval? Capturado? Perdido na névoa? Maldito homem! Maldito uma e mil vezes. Bampfylde ficou olhando o mapa. Se os dois bergantins cobrissem a bateria terrestre de Killick com fogo de canhão, os soldados poderiam entrar com barris de pólvora, pavios e tochas para pôr fogo no *Thuella* até queimar suas costelas. Se o tempo aguentasse. Sim.

Subiu para as muralhas da *Teste de Buch* onde caía uma chuva quente, pesada e ameaçadora que agravava seus temores. O vento este, pensou, iria melhorar. Levaria então seus navios para o alto mar onde se encontrariam mais a salvo em caso de tempestade, mas o vento oeste o destruiria e por muitos que fossem os informes arrogantes, nada perdoaria a um capitão que perdesse seu 74 em uma costa de sotavento. Bampfylde olhou em direção norte, as diminutas luzes cintilavam em um povoado. Se De Maquerre chegasse pela manhã, Bampfylde deixaria uma guarnição no forte, faria sua flotilha zarpar águas adentro para contornar o temporal e depois regressaria para encabeçar o avanço para Bordéus em revolta. A tormenta poderia atrasar esse momento glorioso durante dois dias, mas também acabaria com a escuna ferida americana.

Contudo, durante a ameaçadora noite do mercúrio em queda, as esperanças de glória do capitão Bampfylde se viram truncadas sem piedade. O tenente Ford despertou o capitão às duas e meia.

— Senhor!

Bampfylde, despertando de um sono, percebeu que o vento era mais forte, soprava como o fizera antes da névoa.

— O que foi?

— O conde de Maquerre, senhor. Com um homem da prefeitura de Bordéus. Dizem que trazem notícias urgentes.

Urgentes ou não, Bampfylde quis se vestir adequadamente e passou meia hora antes que, com os trajes de capitão de navio, recebesse os dois franceses. Tanto Favier como De Maquerre mostravam o cansaço de dois homens que haviam cavalgado sobre bons cavalos até deixá-los meio mortos, que tinham todos os ossos cansados e estavam ensopados. Suas novas produziram no capitão Bampfylde um arrepio.

— Capturaram o major Sharpe — disse De Maquerre.

— Capturado? — foi o único que disse Bampfylde.

— Os bonapartistas — continuou Favier — sabiam que o senhor vinha, capitão. Enviaram uma brigada. Ela se atrasou, mas amanhã ao meio-dia estará aqui.

— Uma brigada? — Bampfylde, que havia ido dormir felicitando-se pelo êxito de sua expedição, ficou olhando para Favier. — Uma brigada francesa?

Favier se perguntava de que outro tipo podia ser.

— Naturalmente, *monsieur*. Derrotou o major Sharpe, a infantaria naval que estava com ele e agora vêm para capturar o senhor.

Bampfylde se sentia constrangido.

— Infantaria naval?

Parecia que só era capaz de articular poucas palavras ante aquela avalanche de notícias.

— Infantaria naval — disse Favier, compassivo.

Então foi para aí que Palmer fora! Exibir-se com os fuzileiros! Bampfylde teria arrancado as tripas de Palmer e o teria enforcado, mas Palmer agora era prisioneiro. Ou estava morto.

— Vêm aqui? Uma brigada?

Favier consentiu com a cabeça.

— Nós viemos, correndo um grande risco. Bordéus estava agitado, entende? E nosso alcaide teria dado apoio ao regresso do rei Luiz, mas ai! — Favier deu de ombros. — O tirano volta a nos esmagar e nós, como sempre, temos de nos submeter.

Bampfylde, ao ver que seus sonhos de glória se desvaneciam, ficou olhando para o conde de Maquerre.

— Mas o senhor assegurou que Bordéus não dispunha de tropas de combate!

— Agora as tem — disse De Maquerre em tom grave.

— E Sharpe está preso? — voltou a perguntar Bampfylde.

— Ou morto. Foi uma carnificina horrorosa — disse Favier franzindo o cenho. — Os homens do general Calvet são veteranos da Rússia, capitão, e tais fanáticos são impiedosos. Não pensam em outra coisa do que beber o sangue de seus inimigos. Se eu lhe contasse. — Favier deu de ombros, como se as histórias fossem horríveis demais para um capitão da marinha.

— E vêm para cá?

— Sem dúvida. — De Maquerre se perguntava quantas vezes mais teriam que dizer para que aquele tonto os acreditasse. — Ao meio-dia, amanhã.

Repetiu a mentira. Tinha dúvidas de que as tropas de Calvet chegassem a Arcachon nas próximas quarenta e oito horas, mas Ducos queria que Sharpe ficasse sem rota de fuga e a presteza do temor bem poderia fazer Bampfylde se apressar na evacuação.

Bampfylde olhou consternado para os dois franceses. Suas esperanças, alimentadas pelo coronel Wigram, de encabeçar um desembarque com êxito que se adentraria por Bordéus estavam se desvanecendo, mas de momento, Bampfylde tinha outras preocupações mais urgentes. Virou-se e deu um golpe no barômetro e a coluna de mercúrio desceu sensivelmente.

— Os senhores virão conosco, certamente.

Jules Favier, coronel do exército francês e um dos homens de maior confiança de Ducos, sentiu uma súbita exultação. Havia funcionado!

— Não posso, *monsieur*. Minha família está em Bordéus. Tenho de partir, temo por sua vida.

— Certamente.

Bampfylde imaginava os guerreiros, curtidos na carnificina da Rússia, entrando na fortaleza.

— Eu não tenho nada o que fazer aqui. — De Maquerre queria desesperadamente permanecer na França, mas Ducos havia insistido em que regressasse com o exército britânico para proporcionar notícias de qualquer plano que substituísse o do desembarque em Arcachon. — Portanto zarparei com o senhor, capitão.

Bampfylde voltou a golpear o barômetro para confirmar a má notícia. Iria ter tormenta, uma tempestade devastadora, mas esta mistura confusa de notícias havia acabado com a última necessidade de permanecer em Arcachon. Olhou para o conde.

— Saímos com a maré da manhã.

O cansaço de Favier desapareceu repentinamente. O plano de Ducos havia sido melhor do que Favier se atreveria a pensar, graças a um vento forte e a um barômetro que descia. E graças a algumas mentiras bem contadas, um fuzileiro ficaria isolado na França e as mandíbulas da armadilha se fechariam sobre Sharpe.

Capítulo 12

Jules Favier dormia. Já não importava se Sharpe havia dado a volta para Bordéus ou se se dirigia à costa; de qualquer maneira o fuzileiro tinha ficado preso e o plano britânico de acabar com a guerra desferindo uma estocada mortal no ventre da França fracassara.

O vento aumentou enquanto Favier dormia. Gritava sobre as muralhas, às vezes se convertia em um leve gemido e depois voltava a soprar com um frenesi temível. As águas do canal, normalmente fechadas demais para que nada exceto a maré as agitasse, formavam ondinhas com a primeira luz do amanhecer. O menor barco da flotilha levantava as âncoras e passado o cabo, a grande proa do *Vengeance* se estremecia ao cortar as águas e formava penachos de espuma branca que se elevavam com as rajadas de vento.

Os botes, um atrás do outro, entravam remando no canal. Os suprimentos eram levados do forte; esvaziavam-no de alimentos e vinho. Mandaram dois soldados para encurralar uma vaca, coisa que fizeram com dificuldade, e empurraram a pobre besta para o forte onde lhe dispararam, a esquartejaram de qualquer maneira e meteram as peças ensanguentadas em barris, seria a carne dos marinheiros. Cortaram a haste da bandeira e os soldados da infantaria e os marinheiros receberam a ordem de usar o profundo poço da guarnição como latrina para que a água salobra ficasse suja. Dois marinheiros, homens robustos com músculos endurecidos por anos de serviço, levaram machados até as entradas principais do forte e as reduziram a lascas e depois as queimaram. A ponte levadiça foi erguida até onde ardiavam as portas para que fosse reduzida a cinzas.

O oficial de navegação do *Vengeance*, com um olho no barômetro e o outro nas nuvens baixas que corriam sobre suas

cabeças e que às vezes deixavam cair alguma enxurrada sobre o fogo nas madeiras da porta, aconselhavam rapidez, mas Bampfylde estava decidido a fazer esse trabalho bem. As notícias do conde de Maquerre significavam que não se podia realizar nenhum desembarque em Arcachon; por tanto o forte seria abandonado, mas não antes de ficar inservível para os franceses. *Teste de Buch* ficaria abandonado.

Foi ordenado a alguns homens que fossem para as muralhas e lá cravaram a marteladas pregos de ferro nos ouvidos dos enormes canhões de trinta e seis. Recortaram os pregos e os aplainaram para que não restasse nenhum extremo do qual se pudesse puxar para extraí-los. Equipes de marinheiros, com polias, moitões e cordas procedentes do *Cavalier*, tiraram os enormes canhões das ladeiras e os lançaram ao canal. Os canhões de vinte e quatro, como os seis canhões de campanha que deveriam ser entregues a Baltimore, também foram tapados com pregos, tirados das carretas e jogados ao fosso inundado. Empurraram as carretas dos canhões de doze para a porta que ardia e depois lançaram umas lanternas de sinalização, feitas com salitre, sulfeto e antimônio, entre as carretas para que a chama acendesse mais.

Os soldados da infantaria que haviam permanecido na *Teste de Buch* foram os primeiros a abandonar a fortaleza inservível. Foram levados a remo até o bergantim e no caminho foram atirando nas águas do mar os mosquetes que haviam achado na armaria do forte. O conde de Maquerre, depois de se despedir com emoção do recém-despertado Favier, se foi à *Scylla*.

Pelas dez da manhã somente um punhado de marinheiros restava em terra. Colocaram as mechas nos paióis do forte e em um monte de barris de pólvora que foram dispostos na cozinhas debaixo do bloco do quartel. Puseram a munição de fuzil reserva, que Sharpe havia deixado para quando regressasse, em cima desse monte. Jules Favier, que havia levado seu cavalo a salvo para o outro lado da ponte levadiça antes que começasse a destruição, estendeu a mão para Bampfylde.

— Deus salve o Rei Jorge, capitão.

— Deus salve o Rei Luiz.

Favier fez uso de uma escada naval para descer pelas muralhas do oeste, depois abriu caminho pela areia até onde seu cavalo estava atado com uma corda. Pela última vez se despediu com a mão do capitão Bampfylde que, rodeado por seus acólitos, se dirigia ao bote que o esperava. Um tenente parou, virou-se para o extremo da mecha e Favier viu a cintilação que se produziu quando a pederneira tocou o aço.

Houve uma pausa quando o fogo consumia a mecha de ação rápida de estambre que havia se empapado com uma solução líquida à base de pólvora moída, álcool de vinho e cola de pescado. Bampfylde foi levado a remo sobre o mar encrespado para o *Cavalier*. Umas gotinhas de chuva se cravavam na areia e as gaivotas, volteando sem esforço, sulcavam o vento que soprava das colinas para o mar. Favier montou sobre seu cavalo.

A mecha de ação rápida, assobiando cintilante, se precipitou por uma fresta da *Teste de Buch*. O primeiro bergantim havia levantado sua âncora e já estava, com as velas estendidas, lutando pela boca do canal. Da *Scylla*, o *Amelie* e o *Vengeance*, com as velas rizadas, somente os mastros já eram vistos.

O capitão Bampfylde subiu à inclinação dos costados do *Cavalier*. A guarda de portaló do bergantim apitou, se levou o âncora e o tenente Martin ordenou que se caçassem bem as velas. Tinha que levar o capitão Bampfylde ao *Vengeance* e a operação com aquele tempo requeria uma boa dose de saber náutico.

Bampfylde, antecipando seu sorriso como um jovem guarda-marinha, estava na amurada do pequeno tombadilho do *Cavalier*.

— Que quadro, Ford!

— Certamente, senhor.

Ford abriu seu relógio e viu que ainda faltava uma hora para o meio-dia, a hora em que deveria chegar a brigada francesa. Agora achariam uma fortaleza destruída.

Os dois homens esperaram. A chuva que golpeava contra a carangueja do *Cavalier* produzia um som de acordo com o tremor dos excitados dedos de Bampfylde.

O tenente Ford estava nervoso.

— Talvez, senhor, a chuva...

Porém, enquanto estava falando, o fogo da mecha chegou até a pólvora.

Um clarão, branco, afiado e reto como uma espada, atravessou a nuvem baixa do centro da *Teste de Buch*. Foi seguido por uma fumaceira; uma fumaça gordurosa que expulsava chamas vermelhas com violência.

Então veio o ruído; o retumbo, estrondo, martelada dos paióis que explodiam; e entre esse ruído ensurdecedor, pôde-se ouvir outro rugido proveniente dos explosivos do quartel que haviam pegado fogo. O capitão Bampfylde aplaudiu com deleite enquanto as pedras, telhas e madeiras saltavam pelos ares.

A última chama se desvaneceu e se viu substituída por uma horrível fumaça suja carregada de cinzas, que a chuva empapou. Do mar podiam ser vistos ainda umas poucas chamas que vacilavam brilhantes sobre as muralhas incólumes, depois, as rajadas de chuva as fizeram desaparecer. Bampfylde, satisfeito de seu trabalho, sorriu.

— A nação francesa se vê despojada de uma fortaleza, Ford. Isso é um consolo para nós.

— Certamente, senhor.

Bampfylde virou-se.

— Usarei seu camarote, senhor Martin. Peça que me tragam café ou, se não for possível, um chá.

— Como não, senhor.

Os bergantins giraram ali onde os bancos de areia marcavam o limite do Cap Ferrat e se adentraram no mar debaixo das rajadas

de chuva. A costa ficou deserta, seu forte vazio e destroçado, o esquadrão tinha partido.

A última visão que Sharpe teve da ponte sobre o Leyre foi da pólvora explodindo em chamas e fumaça, de pedras caindo da mureta e salpicando na água pouco profunda, das janelas do cobrador de pedágio arrebentando para o interior e das quatro pedras das urnas derrubadas. A ponte seguia em pé, mas estava debilitada e nenhum artilheiro se atreveria a deixar que os pesados canhões passassem por aquele caminho de pedra até que um engenheiro competente, amante da vida, se oferecesse como voluntário para permanecer sob o arco enegrecido enquanto os canhões fossem rodando por cima de sua cabeça.

Os fuzileiros e os soldados da infantaria acamparam a apenas oito quilômetros, deixaram a margem do rio e se dirigiram para uma casa enorme que se erguia em um amplo jardim de gramado e lagos. A casa permaneceu fechada apesar de todos os golpes que deram nas portas e, ainda que Sharpe tenha visto umas sombras recortadas pela luz de velas, que fechavam as basculantes no piso superior, não apareceu ninguém que perguntasse aos soldados quem eram. Um escudo de armas esculpido na porta principal fazia supor que a casa fora, e talvez ainda fosse, morada de aristocratas.

Havia um celeiro na parte posterior da casa que era um lugar para acampar mais que adequado. Havia palha, lenha para fogo, e bendito refúgio contra a chuva que havia começado a açoitar à rajadas no jardim.

Sharpe comeu frango enlatado com o queijo que Jane Ihe havia preparado e regou ambos os com um pouco do vinho que haviam apanhado do comboio da emboscada. Frederickson estava agachado junto dele no fundo do celeiro, lugar que havia se designado como território dos oficiais.

— Ela disse — disse Frederickson a Sharpe — que não pretendia gritar. Chama-se Lucille. É bastante atraente, não acha?

— Não é feia — admitiu Sharpe.

Observava a garota pálida que estava sentada timidamente com seu homem no outro extremo do celeiro.

— Mas Robinson é um soldado da infantaria naval! Não se podem levar as mulheres no navio!

— Ela diz que ele pagou por ela. Vinte francos. — Frederickson chupou um osso das asas. — Esse é um bom preço por uma noiva nestas paragens.

— Fui eu que paguei isso! — protestou Sharpe.

— Então suponho que é sua — disse Frederickson passando a rir.

— O que ele vai fazer? Despedir-se dela com um beijo em Arcachon? Ela já sabe que é um soldado da infantaria naval?

— Eu lhe disse — disse Frederickson.

Sharpe deu de ombros. Qualquer tropa que atravessasse o campo acabava com uma cauda de mulheres, mas uma coisa era ser soldado, arraigado na terra, e outra bem diferente era ser um soldado da infantaria naval que não podia oferecer um lar a uma esposa.

— Podem enviá-la de navio para a Inglaterra? — perguntou Sharpe a Palmer.

— Não. — Palmer estava limpando o ouvido de sua pistola. — De toda maneira, Robinson já é casado. Tem uma mulher e duas crianças em Portsmouth. — Soprou a poeira que havia no ouvido da arma.

— Suponho que quando tenha acabado com ela — disse Frederickson — faria melhor em partir com um de meus homens. Podemos introduzi-la às escondidas no *Amelie*.

Ninguém pôs obstáculos. Era uma solução bastante normal para um problema rotineiro e sempre havia homens dispostos a ficar com uma mulher abandonada ou viúva. Sharpe se lembrou que depois de Badajoz havia se encontrado com uma mulher chorando que acabava de perder seu marido na horrível carnificina daquele

combate. Não chorava pela perda, mas porque havia aceitado de forma precipitada a proposta de matrimônio de outro homem e depois um sargento lhe pedira o mesmo e este teria sido melhor partido.

Sharpe dormiu sete horas, despertou na escuridão anterior ao amanhecer ouvindo o sussurro da chuva sobre o telhado de madeira. Os sargentos despertaram às sacudidas os dorminhocos com as botas e as primeiras fogueiras se acenderam para ferver água.

Sharpe saiu ao exterior e se apoiou contra a parede do celeiro onde Frederickson se reuniu com ele.

— Ele se foi — disse o Doce William.

Sharpe bocejou.

— Quem se foi?

— Robinson. Se há largado com seu Lucille. Outro ferido do Cupido.

— Maldição.

— Palmer tampouco gostou disso. — Frederickson se afivelava as calças.

— Os piquetes não viram nada?

— Dizem que não. — Frederickson caminhava junto a Sharpe para uma fogueira na qual o sargento Harper preparava chá. — Bom dia, sargento! Suponho — Frederickson virou-se para olhar para Sharpe — que os piquetes olharam para o outro lado.

A infantaria naval fizera a guarda da última noite.

— Ou ele lhes deu um galope na potranca — disse Harper. — Já vi muito disso.

— Deveria escrever suas memórias — disse Frederickson alegremente. Deu uma olhada na paisagem molhada por onde Robinson havia desaparecido. — Não voltaremos a vê-lo...

E assim foi. O amor havia dado com tanta força no alvo como a bala de um mosquete disparada contra um batalhão e um homem corria para sua liberdade, enquanto Sharpe se adentrava com sua tropa no amanhecer manchado de chuva, marchando para os navios, marchando para sua própria mulher com quem havia se casado com tão pouca premeditação como o soldado Robinson mostrara em sua deserção, e voltando para seu lar.

Primeiro Sharpe pensou que um navio devia ter posto fogo a suas amarras, depois pensou em um palheiro ardendo, depois supôs que Bampfylde tinha que ter queimado o povoado. Finalmente, debaixo do vendaval que soprava contra sua tropa que avançava com dificuldade pela estrada da zona pantanosa, viu que não havia mastros no canal e que a fumaça, cinzenta e brumosa sob a luz do entardecer, provinha da fortaleza.

— Santo Deus — disse Frederickson.

— Deus salve a Irlanda! — exclamou Harper olhando fixamente o espaço que fora a entrada para o forte. — Foi capturado?

— Os franchinotes ainda estariam aqui.

Sharpe virou-se e olhou para o povoado, para as árvores do sul, mas não se movia nada naquela paisagem. Havia alguns poucos aldeãos observando-os, mas nada mais.

— Partiram! — disse Palmer horrorizado.

Era um pesadelo. Tardaram alguns minutos em confirmar que verdadeiramente não havia navios, nenhum, que não se escondia nem um só mastro atrás das dunas de areia, que não restava nenhum bergantim no canal e que nenhuma fragata lutava contra as águas do cabo. Havia sido abandonados.

A porta da entrada do forte havia se convertido em escombros fumegantes, mesclados com os restos carbonizados de carretas. A ponte levadiça havia sido reduzida a correntes que pendiam, enegrecidas pelo fogo e a vigas de madeira enegrecida que caíram de lado no fosso, sobre os canhões de doze que estavam meio afundados na água turva.

Dois dos soldados atravessaram o fosso e um levantou o outro até a plataforma de pedra onde ficava articulada a ponte levadiça. Os dois homens desapareceram no interior do forte e regressaram com as vigas de madeira que serviriam de cadafalso para os americanos. As madeiras eram compridas o bastante para transpor o espaço do fosso e, de maneira tão precária, depois de soltar os cavalos no pasto, Sharpe e seus homens entraram na *Teste de Buch*. Suas muralhas de granito e os escritórios ainda estavam intactos, mas pouco mais estava de pé.

Não havia canhões. Não havia pólvora. As arcadas que conduziam aos paióis estavam arruinadas. O quartel era um monte de cinzas úmidas. Frederickson, desconfiando ao ver que o balde do poço estava em seu lugar, cheirou a água.

— Suja.

Sharpe subiu até a muralha mais alta e escrutinou o mar com sua luneta. O oceano era uma massa vazia, cabeceante e cinzenta que o vento açoitava com salpicos brancos. Vazio. O fio entrecortado, carbonizado e molhado que tinha sido deixado por uma mecha rápida ao queimar mostrava o lugar onde a haviam colocado. Soltou uma maldição.

— Não voltaremos a ver aqueles franchinotes! — disse Harper.

— Maquereau.

Sharpe disse o apelido em voz alta, recordando suas suspeitas, pois o aristocrata havia se mostrado nervoso em seu último encontro. Não que importasse agora. A triste verdade era que, com menos de duzentos homens e com não mais que a munição que os homens levavam em suas mochilas, encontrava-se abandonado na costa francesa a cento e sessenta quilômetros de distância de um lugar seguro. Seus fuzileiros podiam cobrir essa distância em quatro dias, mas os soldados da infantaria naval poderiam? E o que dizer dos feridos? E Sharpe sabia que se os pegassem estariam acabados. Mesmo a mal montada cavalaria francesa logo saberia dos cento e setenta homens.

Esses homens largavam-se no pátio e pareciam ainda mais abatidos com os açoites do vento e da chuva.

— Capitão Palmer! — gritou Sharpe entre a trovoada. — Quero que encontre alojamento para todo mundo! Limpem as galerias. Envie uma patrulha para cortar lenha.

Ele os manteria ocupados. Alguns homens poderiam construir uma nova passarela sobre o fosso e outros cortar pinheiros para fazerem uma barricada no espaço da arcada. Tais trabalhos florestais seriam lentos com as baionetas, mas eram melhor que nada. Um grupo extraiu dois dos canhões de doze do fosso e os deixaram cair dentro de duas carretas que estavam mais abrasadas que queimadas. Os canhões grandes, os que alcançavam os navios e jaziam nas águas pouco profundas dos limites do canal, eram pesados demais para serem arrastados.

— Tenente Fytch! Reviste absolutamente todas as habitações. Traga qualquer cartucho, bala ou barril de pólvora.

Alguns homens foram cozinhar, outros foram para as muralhas onde fizeram guarda ao anoitecer. O vento rugia, a chuva caía a jorros pelas pedras dos muros, mas as fogueiras ardiam nas galerias perfuradas bem fundo na pedra das muralhas e a carne de boi cozida em panelinhas de ferro saía dos escombros da cozinha. Frederickson utilizou os carros de munição para recolher barris no povoado e os encheu com água limpa procedente de um riacho.

— Não sabemos o que houve aqui — explicava Sharpe aos oficiais no quartel general de Lassan onde ainda restavam alguns livros sobre as estantes — portanto não tem sentido especular. Bampfylde se foi. Nós estamos aqui.

— E quem está em Bordéus? — perguntou Frederickson lentamente.

— Sabe Deus. Se forem homens de Bonaparte então devemos acreditar que ouvirão falar de nós e virão para nos buscar. Quero que dois de seus melhores homens, William, façam esse caminho a cavalo pela manhã. Que evitem problemas, que observem e

regressem ao anoitecer com quaisquer notícias. E quero que interrogue os aldeãos amanhã.

— Sim, senhor.

Sharpe olhou para Palmer.

— O senhor leve amanhã seus homens a todos os povoados vizinhos e a Arcachon. Revistem todas as casas! Tragam todo grão de pólvora e pedaço de chumbo que encontrem.

Palmer consentiu com a cabeça.

— E a ordem de não causar problemas à população?

— Dê-lhes promissórias. Tragam também comida. Tudo o que encontrem.

Frederickson lançou outro pedaço de pinheiro ao fogo que crepitou com a resina.

— Acha que ficaremos aqui?

— Não podemos nos dirigir para o sul, não se os franchinotes vierem atrás de nós e eu prefiro estar atrás de uma muralha que em campo aberto. Além disso, se a Armada regressar para nos buscar é melhor que fiquemos onde possa nos encontrar.

Era isto o que Sharpe achava mais provável, que este tempo tivesse feito os navios zarparem e que, tão logo o mar se acalmasse e o vento ficasse mais suave, as grandes velas voltariam a aparecer. Contudo, outros pensamentos mais reflexivos lhe sugeriam outras coisas. Por que Bampfylde havia inutilizado o forte? Por que não havia deixado um punhado de soldados na praça? E por que não havia deixado nenhuma nota cravada em uma porta? Estas perguntas indicavam a Sharpe que o capitão Horace Bampfylde fugira. Havia abandonado seus imaturos planos de invadir a França e havia escapulado. Quanto mais pensava nisso, menos provável achava que as velas da flotilha de Bampfylde voltassem a aparecer.

— E se ficarmos aqui, cavalheiros, talvez tenhamos que lutar.

Fytch e Minver pareciam um pouco pálidos, enquanto que Frederickson esboçou um sorriso, depois riu e finalmente se benzeu

sobre sua casaca verde descolorida.

— Tal como diria Patrick Harper, Deus salve a Irlanda.

— Não deveríamos ter uma bandeira? — perguntou Minver.

— Uma bandeira?

— Para o caso de um navio da Armada passar, senhor. Algo que possam reconhecer.

— Ocupe-se disso. Cortem uma nova haste amanhã.

Reinou o silêncio durante alguns segundos. O fogo ardia com força e logo ia se apagando. O tenente Fytch sorriu nervoso.

— Talvez a paz tenha chegado?

— Talvez cresçam asas na lua e ela nos dê um pouco de artilharia — disse Sharpe —, mas até que alguém com uniforme britânico me diga para parar de lutar, vou a manter esta praça e vocês vão me ajudar a fazê-lo.

— Sim, senhor.

— Então vamos ao trabalho.

No exterior soprava um vendaval, gritava sobre as águas e fazia que as rajadas de chuva açoitassem. Sharpe e Frederickson correram para se refugiar em um dos pequenos baluartes onde se acomodaram para observar os movimentos vacilantes que atraíam os sentinelas. Ambos os oficiais tinham trabalho a fazer, mas tinham ido instintivamente àquele lugar para dizer o que não se podia dizer abertamente.

— Você diria — perguntou Sharpe em voz baixa — que temos uns duzentos e noventa metros de muralha aqui?

Frederickson deu uma tragada em seu charuto.

— Eu diria que algo mais. Talvez trezentos?

— Isso são mais de um metro e meio de muralha para cada homem. — Sharpe estivera calculando e odiava o resultado. — Se vierem, William, e atacarem simultaneamente por toda parte, vão nos crucificar.

— Os franchinotes nunca atacam por toda parte de uma vez — disse Frederickson depreciativamente.

Pegou o charuto de Frederickson e deu uma tragada profunda que penetrou em seus pulmões.

— Recorda-se da Entrada de Deus?

— Ali ganhamos. — Frederickson voltou a pegar o charuto que Sharpe lhe dava.

— Sim! — disse Sharpe. — Pergunto-me o que aconteceu com aqueles americanos?

— Terão partido se têm algo na cabeça. Sacanas com sorte, provavelmente têm uma prostituta cada um em Paris.

— Se pudéssemos encontrar uma barca amanhã — disse Sharpe especulando.

Frederickson despachou sem rodeios tal sugestão.

— Com este tempo? E você sabe manejar uma barca? Ainda que o mar estivesse calma em alguns minutos teríamos o traseiro na água.

— Os soldados da infantaria naval devem saber como navegar.

— Esses não sabem — disse Frederickson. — Além do mais qualquer barca na qualoubéssemos Bampfylde a teria confiscado. Recorde que é um oficial da marinha. Tem o dever patriótico de fazer-se rico.

Sharpe deu de ombros na escuridão.

— Vamos ter que manter esta praça, não é mesmo? Vencer os sacanas e depois arrancar as tripas de Bampfylde.

Estas últimas palavras foram ditas tão selvagememente que mesmo Frederickson se estremeceu.

Sharpe se tocou a cabeça e tirou a venda que usava ali desde que capturaram o forte. Lançou a maldita venda na escuridão.

— Por duas moedas, William, me dirigiria para o sul amanhã. Diga-me que possibilidades temos.

— É uma zona vazia — disse Frederickson — com poucos lugares onde se esconder. E os feridos nos atrasariam.

— Portanto ficaremos. Você ficará ao comando das muralhas leste e sul e lhe darei a metade da infantaria de marinha, servirão de tropas de choque. Palmer pode contar com a companhia de Minver e o restante da infantaria para estas muralhas. Quero seis de seus melhores homens. Vou tomar o mesmo número de cada companhia.

— Você, Harper e o melhor do restante? — Frederickson sorriu.

— Para o caso de surgir um ponto sensível. — Sharpe se levantou. — Tente dormir um pouco, William. Amanhã provavelmente seja um dia longo.

— E o último pacífico durante um tempo?

— Se os franchinotes sabem que estamos aqui, sim — Sharpe deu uma palmada contra o granito do baluarte. — Um lugar asqueroso para morrer, não?

— Você o ensinará a combater contra nós.

— Sim. — Sharpe riu, se afastou e logo parou. Sua voz surgiu da escuridão. — O que quer dizer *Teste de Buch*, William?

— Não o sei., mas sei o que quer dizer *Tele de Buche*. — Para Sharpe dava no mesmo.

— O quê é?

— Tosco, burro, idiota.

— Maldição.

Sharpe achou divertida a coincidência, pois somente um burro se encontraria nesta circunstância, contudo pela manhã esse burro tinha que preparar seus soldados para combater e, não somente para isso, também para ganhar. Aqui, no limite da França, nos piores dias do inverno, tinha que converter uma derrota em vitória e manter o forte.

Capítulo 13

O major Pierre Ducos cavalgou ao longo da linha formada pelos recrutas mal vestidos, molhados e abatidos. Uns poucos, uns poucos preciosos, eram veteranos que proporcionavam força à tropa, mas a maioria daquelas rostos eram de jovens cansados e aterrorizados. Não era de se estranhar, pois no dia anterior alguns desses jovens tinham sido atacados selvagememente e seu relato havia se propagado com pessimismo pelo restante da meia brigada.

— O inimigo contava com um batalhão — explicava nervoso um chefe de batalhão francês a Ducos —, e além disso tinham escaramuçadores.

— Havia menos de duzentos homens, coronel — disse Ducos com voz implacável. — Vocês eram seiscentos.

Santo Deus, mas como Ducos desprezava os soldados! Todos uns fanfarrões, até que o inimigo os deixava sem fôlego, depois do que se asseguravam que o inimigo os superava em número ou que o sol os havia cegado ou que tinham a pólvora úmida. Somente Deus sabe por que os políticos recorriam aos soldados como último instrumento da política; era como apostar em uma briga de galos para decidir o futuro dos impérios.

— E agora coronel, vai enfrentar esses poucos inimigos com um pouco mais de dois mil homens. Acha que será suficiente? — perguntou Ducos com inquietação brincalhona.

— Estão atrás de muralhas — disse o coronel, nervoso.

— Em uma fortaleza destroçada — disse Ducos com mordacidade —, carece de canhões e tem muito pouca munição para os mosquetes.

Pierre Ducos sentia um grande prazer ao saber que Richard Sharpe se achava abandonado e preso. Sem dúvida, teria sido muito mais elegante se Favier tivesse convencido Sharpe a avançar

em direção a Bordéus atravessando o campo aberto, mas o truque da falsa nomeação havia falhado e Ducos admitia que Favier e De Maquerre agiram bem. O esquadrão de navios havia partido e Sharpe estava desconsolado. Evitaram a ameaça de um desembarque britânico e em poucas horas o major Richard Sharpe se veria rodeado de baionetas e ameaçado por duas baterias de artilharia. O major Henri Lassan também avançava com as tropas de sítio e, ainda que o major estivesse desonrado por ter perdido seu comando, havia recebido a promessa de que ele lhe seria restituído se seu íntimo conhecimento das defesas da *Teste de Buch* permitissem ao general Calvet recapturar o forte costeiro com rapidez.

Pelo menos, consolava-se Ducos, o general desta meia brigada conhecia seu ofício. Calvet era um velho soldado da França, um veterano das guerras revolucionárias e um homem duro que havia ascendido desde a tropa. Havia forjado um nome na Rússia onde, em meio à retirada do grande exército, mantivera sua brigada unida. Outros homens morreram de fome ou de frio e cortados pelos cossacos, mas os homens de Calvet, temendo mais seu general que o inimigo ou o clima, se mantiveram em seu lugar. Dizia-se que a esposa de Calvet dormia com um travesseiro recheado com o cabelo cortado dos cossacos que seu marido havia matado com sua própria espada. Era um traço curioso de imaginação tendo em conta que era um homem conhecido por lutar de forma direta, honrada e sangrenta. O general Calvet era um bruto, um açougueiro, um homem duro em uma profissão sangrenta e Ducos, se acreditasse em Deus, lhe teria agradecido por ter tal instrumento em suas mãos.

Jules Favier, de novo vestido de uniforme e de bom humor, avançava com seu cavalo junto a Ducos.

— Calvet — disse como se fosse uma leve advertência — não nunca lutou contra os ingleses.

— Os ingleses — respondeu Ducos — nunca lutaram contra Calvet.

O coronel Favier admitiu aquela certeza e depois olhou para o céu.

— Os marinheiros disseram que haveria uma tempestade.

— Eles se equivocaram — disse Ducos.

E era verdade, durante toda a noite havia trovejado e retumbado e ventado com força, mas a manhã havia se apresentado acalmada e com vento forte. O sol reluzia de forma intermitente nos charcos que cresciam com as acéguas transbordadas. A cavalaria havia partido para o sul atravessando esses campos, para o caso de Sharpe ter decidido ir a um lugar a salvo pela costa, mas Ducos estava seguro de que o fuzileiro ficaria na fortaleza aguardando com a esperança de que seus navios regressassem.

— Calvet a assaltará — disse Ducos esboçando um sorriso estranho em seu rosto de erudito cansado.

As rodas dos canhões retumbavam mais fortes que o trovão sobre a ponte de pranchas em *Facture*, depois as tropas se acharam na zona pantanosa. A laguna de *Arcachon* se estendia com sua amplitude à direita e a fortaleza da *Teste de Buch* estava a um dia de marcha pela frente.

Calvet, Ducos e um merecido castigo iam para buscar um fuzileiro.

Durante a noite um relâmpago com suas ramificações em ziguezague tão largas que abraçaram todo o céu do norte, havia descido para as águas do canal e as havia iluminado com uma luz de aço que havia lampejado e desaparecido. O vento havia brincado com o forte mas, ao amanhecer, que se mostrou com farrapos de nuvens, o vento admiravelmente havia deixado de soprar e o ar de repente era quente. Patrick Harper, raspando com uma navalha de barbear desafiada sua barba incipiente, afirmou que havia inclusive um toque de primavera no ar de fevereiro.

— O pequeno completa hoje dois meses — disse a Sharpe.

— E seria melhor que tivesse ficado com o batalhão — grunhiu Sharpe.

— Absolutamente! — exclamou Harper com um bom humor implacável. — Os navios virão, senhor, já o verá.

Um dos feridos foi colocado nas muralhas do oeste para vigiar a chegada de tais navios, enquanto que o outro foi colocado nas do leste para observar o inimigo. Dois dos alemães de Frederickson, homens de confiança, foram enviados ao interior com cavalos capturados da cavalaria para obter notícias. Outro, um cabo silencioso de rosto curtido, foi enviado ao sul com o melhor dos cavalos capturados.

— Sinto perdê-lo — disse o Doce William —, mas se conseguir em três dias então talvez possamos sobreviver.

Ao homem, um voluntário, o enviavam para que tentasse passar entre as linhas inimigas e conseguir informar ao exército britânico da situação em que Sharpe se encontrava. Este duvidava se voltariam a ver aquele homem, mas não tinha que descartar a possibilidade de que enviassem alguns barcos para o norte em missão de resgate.

O tempo calmo e quente elevou os ânimos dos homens. Os uniformes, empapados após dos esforços dos últimos dias, eram pendurados para secar nas muralhas, proporcionando à *Teste de Buch* um aspecto doméstico. Os soldados de Palmer, despidos da cintura para cima, pegaram machados e podadeiras dos aldeãos e foram aos bosques onde derrubaram uma árvore atrás de outra e as arrastaram até o forte para que servissem de combustível e para as barricadas. Destroçaram as barcas pequenas e levaram as madeiras para o interior das muralhas. Transportaram qualquer tipo de recipiente que pudesse conter água, desde barris até panelas, até um armazém vazio e chamuscado para mantê-los a salvo.

Não era momento para se preocupar com a opinião dos franceses. Revistaram as casas em busca de comida, pólvora e armas. Levaram presuntos e bacones defumadas até o forte, sacrificaram o gado e tomaram as provisões de trigo para o inverno,

pateticamente ocultas, que transportaram em pesados sacos pela estrada arenosa.

Em um dos merlões, parte de parapeito entre duas canhoneiras, fixaram com força um tronco de pinheiro descascado. Era a árvore mais alta que encontram no bosque e agora, de seu extremo afiado, ondeava uma bandeira grosseira.

Não era a bandeira da União, pois os homens de Minver não encontraram bastante tecido azul para fazê-la. Era a bandeira da Inglaterra; a cruz vermelha de São Jorge feita com as mangas dos uniformes da infantaria naval e costuradas em um campo branco que anteriormente servira de toalha de mesa na casa do inspetor de aduanas de *Le Moulleau*. Uma cruz vermelha sobre branco, a bandeira do homem que havia matado o dragão, e ainda que poucos homens de Sharpe se mantivessem leais à Inglaterra, já que procediam da Alemanha, Irlanda, Escócia, Gales ou Espanha, a bandeira era estranhamente reconfortante. Flutuava entre as rajadas de vento como um sinal em um mar vazio.

A preocupação de Sharpe eram as defesas. Havia quatro muralhas e nos cantos do forte alguns baluartes mais altos, pouco mais que guaritas para abrigo dos sentinelas, mas os baluartes de fato impediam o movimento rápido de uma muralha para a seguinte. Um soldado que quisesse ir da muralha norte à do leste tinha que atravessar as duas entradas do baluarte nordeste e para que o trânsito fosse mais rápido, Sharpe fizera que prendessem vários pedaços de pinheiro e os colocassem como uma passarela em diagonal entre os cantos.

O pátio não era quadrado, as construções que se protegiam sob a muralha lhe davam uma forma irregular. O quartel queimado ocupava o canto nordeste enquanto que os escritórios da guarnição e os alojamentos dos oficiais ficavam no sudeste. No espaço entre eles haviam posto barricadas, de forma rudimentar, mas consistente, com um disforme de pinheiros sem podar. Se o inimigo penetrasse no pátio enfrentaria uma grossa cerca de pinheiro eriçado.

A maior preocupação de Sharpe era a munição. O tenente Fytch, que tinha a missão de contar os cartuchos que restavam à infantaria naval, informou tristemente que cada homem quase não tinha trinta disparos. Os fuzileiros, que sempre levavam mais quando entravam em combate, tinham mais de sessenta, mas a quantidade total de cartuchos que havia no forte não chegava aos nove mil. Um batalhão disparava tal quantidade nos primeiros cinco minutos de uma batalha e Frederickson, fazendo uns cálculos improvisados em um baluarte com a pederneira de um fuzil reserva, grunhiu.

— Calculo que temos o suficiente para uma batalha de dezoito minutos. Depois disto teremos que lançar bolas de betume.

— Temos a pólvora dos cornos.

Sharpe se referia à pólvora fina que cada fuzileiro levava em um corno. Reservada para os disparos especiais, quando a pontaria poderia ser prejudicada pela pólvora mais grossa dos cartuchos, mas Sharpe sabia que, ainda que se pudessem encontrar mais balas, a pólvora extra não seria suficiente para mais de seiscentos ou setecentos cartuchos.

Então enviaram mais homens em busca de pólvora. Os aldeãos tinham escopetas para caçar patos, portanto tinha que haver pólvora na zona e Sharpe deu permissão aos homens para que derrubassem paredes em busca de munições ocultas. Pensou que se daria por satisfeito se chegasse a multiplicar por dois suas munições, assim que tinha de buscar outras maneiras de matar franceses.

O tenente Fytch pôs uma dúzia de homens para afiar estacas de pinheiro que primeiro cravaram no leito do fosso com água. As estacas, que eram afiadas com facas e baionetas, ficavam ocultas sob as águas naqueles lugares que Sharpe pensou que estariam mais expostos ao assalto dos franceses. Acima das estacas, amontoadas sobre as muralhas, estavam os restos de alvenaria que haviam caído com as explosões provocadas por Bampfylde. Se uma pedra da construção caísse mataria um homem com tanta

efetividade como qualquer bala, contudo a alvenaria amontoada era uma arma patética contra qualquer força proveniente do leste.

— Talvez não venham — disse Patrick Harper.

— Acredita-se que não há muitas tropas nesta área — disse Sharpe esperançoso.

— Suponho que serão os fantasmas com os que lutamos há dois dias? — perguntou Harper inocentemente. — E talvez não necessitemos deste sacana — acrescentou, dando um golpezinho na recâmara de um dos dois canhões de doze recuperados do fosso.

Harper tinha se empenhado em fazer os canhões funcionarem. Naquele momento não havia sequer pólvora suficiente para disparar um canhão, mas Harper rezava para que se reunisse material suficiente no povoado. Como muitos soldados da infantaria, era fascinado pelos canhões e queria com desespero fazer pelo menos um dos canhões ser capaz de disparar uma bala. Com uma ternura que surpreendente em um homem tão enorme, e com uma tenacidade que Sharpe já conhecia, Harper utilizava uma sovela para ir extraindo lasca por lasca a ponta de ferro colocada no ouvido.

— É possível extrair? — perguntou Sharpe.

Harper fez uma pausa como sugerindo que o trabalho poderia ser realizado se os oficiais não se empenhassem em fazer perguntas tontas, depois deu de ombros.

— Extrairei a ponta deste sacana ainda que leve o dia e a noite toda, senhor.

Pela tarde Sharpe desejou fervorosamente que os canhões pudessem ser consertados, pois o tenente Minver havia dado com ouro, ou quase. Na câmara encouraçada das aduanas de *Le Moulleau* havia encontrado oito barris de pólvora negra.

— É um material ruim — disse Minver indeciso.

Sharpe pegou um punhado de pólvora com a mão direita. Era velha, cheirava a umidade e era do pior tipo de pólvora negra;

provinha dos restos de pólvora mais fina e estava adulterada com carvão moído, mas seguia sendo pólvora. Pôs uma pitada na caçoleta de seu fuzil, fez estalar a pederneira e a pólvora borbulhou.

— Misture-a com a outra pólvora capturada. E bem feito.

Na capela se fez um laboratório onde três homens iam arrancando páginas dos livros que restavam de Lissan, enrolavam o papel e formavam grosseiros cartuchos que recheavam com a pólvora ordinária. Não tinham balas, mas Frederickson tinha um pelotão de homens roubando o chumbo da igreja de Arcachon e o sargento Rossner reavivava o fogo no forno que anteriormente havia esquentado os projéteis franceses e o tenente Fytch tinha uma pistola que vinha com uma fôrma para fazer balas. Ainda que de calibre ligeiramente inferior ao dos mosquetes ou fuzis seriam eficazes. Também haviam recuperado algumas balas que não estavam estragadas no quartel onde, achava Sharpe, Bampfylde fizera explodir sua munição reserva.

Chegou mais pólvora de Arcachon e dos povoados de *Le Teste*, *Pyla* e *Le Moulleau*. Havia bolsas de couro com pólvora, caixas de pólvora e barris pequenos de pólvora. Havia inclusive mosquetões, seis trabucos, oito escopetas para patos e uma pistola de duelo que tinha outra fôrma para balas.

Os homens estavam atarefados e como sempre a atividade os satisfazia. Quando uns gritos anunciaram que Patrick Harper havia conseguido devolver a utilidade a um dos canhões de doze, aquela satisfação cresceu e se converteu em uma confiança que desvirtuava o desesperado da situação. Harper começou com o segundo canhão de doze.

— A menos que queira que trabalhe em um daqueles sacanas grandes? — perguntou a Sharpe esperançado.

Sharpe disse que não. Não tinha homens suficientes para retirar um dos enormes canhões de trinta e seis do canal, nem podia contar com a pólvora que necessitava uma dessas enormes bestas. Mesmo aqueles canhões de campanha menores, se os dois

pudessem disparar, não poderiam ser usados mais de uma ou duas vezes. Eram armas apenas para uma emergência.

— Senhor! — o ferido que vigiava a parte de terra fez um sinal para Sharpe com a mão. — Visita, senhor!

Sharpe correu à porta, atravessou a precária ponte de pranchas e viu um homem alto, de cabelo comprido que avançava pela esplanada.

Era Cornelius Killick, e ao ver o americano Sharpe se surpreendeu. Achava que Killick teria partido fazia tempo para o interior, contudo ali estava o capitão corsário como se simplesmente fosse dar um passeio vespertino. Sharpe se encontrou com o americano após o talude.

— Pensava que tinha ido a Paris, senhor Killick.

Killick não ligou para as palavras de boas-vindas de Sharpe e ficou olhando o trabalho que era realizado para se pôr uma barricada na entrada enegrecida.

— Parece que está à espera de problemas, major.

— Talvez.

— Encontra-se encalhado? Um Robinson Crusóé moderno?

— Talvez.

Killick riu ante as respostas evasivas de Sharpe e depois deixou que o tirassem do forte.

— Eu também estou fazendo alguns reparos.

— É?

— Estou pondo um fundo de madeira de olmo em um navio de carvalho. — O americano sorriu irônico. — O *Thuella* não estava tão ruim como eu pensava. Quer uma passagem, major Sharpe?

— Para a América? — perguntou Sharpe divertido.

— Fazemos um uísque estupendo, major — disse Killick com persuasão — e mulheres lindas!

— Se o senhor o diz, mas não de toda maneira.

Os dois homens se dirigiram para as dunas de areia junto ao canal, onde o americano abriu um saco de couro e ofereceu a Sharpe uma ostra.

— Já comeu alguma vez ostras cruas, major?

— Não.

— Talvez seja melhor que não o faça. Talvez me acuse de quebrar minha palavra de não combater contra os ingleses. — Killick riu, abriu uma concha com uma faca e levou a ostra à boca. — Então está com problemas.

— Não posso negar.

Killick se sentou e depois de alguns instantes de dúvida Sharpe se sentou junto a ele. Suspeitava que o americano houvesse ido até ali com alguma intenção, ainda que Killick quisesse que a visita parecesse casual. O propósito podia ser simplesmente espiar os preparativos que Sharpe fazia, mas Killick não havia se esforçado realmente em entrar no forte e parecia satisfeito com a atenção que Sharpe lhe dava. O americano ia atirando as conchas vazias na areia.

— Alguns de meus homens, major, por serem menos civilizados que eu, não estão contentes comigo. Tudo por culpa da meu juramento, entenda. Se não podemos lutar, não podemos ganhar dinheiro.

— É por isso que o senhor luta?

Killick deu de ombros.

— É um negócio, major. O *Thuella* me custou cento e sessenta e três mil dólares. Já deu benefícios, mas conhece algum comerciante que se contente com pouco benefício? E se meus homens não obtiverem recompensa, passarão fome e não estão contentes.

— Mas estão vivos — observou Sharpe ironicamente.

— Aí está — admitiu Killick. —, mas seu orgulho está ferido. Tiveram que se esconder em Gujan enquanto um bergantim

britânico lançava descargas contra seu navio e eu não lhes deixava responder. Agora me acusam de covarde, de falta de patriotismo, de sacana, inclusive de ateu! A mim! — o tom de Killick sugeria que podia suportar perfeitamente as acusações de sua tripulação.

— Sinto muito.

Killick dirigiu a Sharpe um olhar detido e pensativo.

— Suponho que não me vai liberar de minha promessa?

Sharpe sorriu com a inocência com que se expunha a pergunta.

— Por que diabos deveria fazê-lo?

— Não me ocorre nenhuma boa razão — disse Killick alegremente —, salvo que me chateia. Oh, foi justo! Eu reconheço. E voltaria a fazê-lo se me salvasse por uns anos mais, mas me chateia. Esta é minha única guerra, major, e sou terrivelmente bom. — Esta afirmação não era uma bravata, mas uma realidade e fez Sharpe se recordar daquela noite em *Saint Jean de Luz* em que aquele homem grande e seguro havia ridicularizado a Armada. Killick deu de ombros. — Quero que me libere do juramento. Não me deixa dormir à noite, me corrói, me chateia.

— A resposta segue sendo não.

Killick consentiu com a cabeça como se já soubesse que não mudaria a mente de Sharpe, mas fizera o esforço.

— Por que aqueles sacanas o abandonaram?

— Não sei.

O americano levantou um olho para o céu.

— Talvez tenha sido por causa do tempo. Eu pensava que desencadearia uma tempestade, mas a maldita coisa desapareceu. Tempo estranho aqui, major. Espera que regressem?

— Talvez.

— Mas hoje não vieram, amigo, portanto algo me diz que o senhor tem problemas. — Killick sorriu leve, mas amigavelmente. — Está entre a espada e a parede, não?

— Talvez.

O americano riu.

— Sempre poderia se alistar em minha tripulação, major. Só tem que levar seus homens para Gujan e eu lhes assino o papel. Quer ser um cidadão americano?

Sharpe riu. Era uma zombaria sem maldade e provinha de um homem que agradava a Sharpe instintivamente. Se Killick fosse britânico, pensou Sharpe, e teria vestido uma casaca verde, teria sido um fuzileiro fantástico.

— Talvez o senhor quisesse que seus homens se unissem aos fuzileiros? Poderia fazer-lhe cabo para começar.

— Acho que já tive bastante combate em terra — confessou Killick com uma honestidade não carente de tristeza. Deu uma olhada melancólica para o mar aberto e depois, após uma pausa, voltou a olhar para Sharpe antes de dizer: — Sentiria muito vê-lo derrotado, major.

— Não tenho intenções de que assim seja.

— E sou consciente — continuou o americano como se Sharpe não tivesse falado — de que me salvou a vida. Assim que ainda que não me libere do juramento, considero que estou em dívida com o senhor. Não é assim, major?

— Se o senhor o diz.

Sharpe falava com a cautela de um homem que desconfia do inimigo que lhe oferece um presente, mas este inimigo sorria, chupava uma ostra, depois lançava as conchas à areia que Sharpe tinha na frente.

— Costumavam recolher toneladas destas coisas da baía. Toneladas! Levavam-nas a um lugar no fundo do canal — Killick apontou com um polegar para o norte — e as queimavam, major. Eles as queimavam. Deixaram de fazê-lo há alguns anos porque já não podiam transportá-las, mas tem um celeiro de pedra cheio delas. Totalmente cheio. — Killick sorriu.

Sharpe franziu o cenho, sem entender.

— Cheio de quê?

— Major! Poderia trazer-lhe calças, mas não pense que vou vesti-lo. — Killick abriu outra ostra com sua espada, depois deu de ombros. — Sempre penso que vou encontrar uma pérola dentro destas malditas coisas e nunca é assim. Lissan ficou muito surpreso por o senhor nos salvar a vida, major. — Esta última frase foi pronunciada de forma fortuita, como a das ostras.

— Lissan? — perguntou Sharpe.

— Era o major disto. Um tipo escrupuloso. Por que o fez, major?

Era evidente que a pergunta era séria e Sharpe pensou bem na resposta.

— Não gosto de enforcar as pessoas, mesmo os americanos.

Killick riu entre dentes.

— Melindroso, hein? Eu tinha a esperança que eu o tivesse ganhado. Toda aquela conversa de não enforcar nunca um marinheiro quando não tem vento. — Killick sorriu irônico, satisfeito com sua inteligência. — Era uma bobagem, major. Eu inventei.

Sharpe ficou olhando para americano. Durante dias Sharpe havia acreditado com todas as forças, por causa da superstição, que ser indulgente com Killick tinha salvado a vida de Jane. E agora era uma bobagem?

— Não é verdade?

— Nem uma palavra, major. — Killick estava encantado com a surpresa que mostrava Sharpe. —, mas lhe agradeço igualmente.

Sharpe se levantou.

— Tenho coisas a fazer. — Suas esperanças se tornavam desânimo. — Desejo-lhe um bom dia.

Killick observou a figura alta que se afastava.

— Recorde, major! Conchas de ostras! A meio caminho entre aqui e Gujan, e isso não é uma bobagem!

Sharpe entrou na fortaleza. Queria falar com alguém. De repente todos os preparativos que fizera contra o sítio pareciam inúteis, desprezíveis e patéticos. Os rastelos, trazidos dos povoados, pareciam instrumentos débeis para derrubar as escadas. Os dois canhões que Harper havia recuperado eram brinquedos para esmagar um monstro. A barreira feita com pinheiros era uma miudeza, um obstáculo não maior que uma cerca. Jane estava morrendo. Sharpe não era capaz de pensar em outra coisa.

— Senhor! — Frederickson subia correndo pela rampa de pedra.
— Senhor!

Sharpe, que estava sentado em uma das frestas que davam para o canal, levantou o olhar.

— William?

— Dois mil sacanas, mais duas baterias de artilharia.

Os fuzileiros que Frederickson enviara a cavalo acabavam de regressar com as más notícias.

Sharpe voltou a olhar para baixo, perguntava-se para que haviam servido as linhas brancas que havia na muralha, cada uma com um número.

— Senhor? — inquiriu Frederickson franzindo o cenho.

Sharpe voltou a levantar a cabeça.

— Dois mil, você disse?

— Pelo menos.

Sharpe fez um esforço para se ocupar da novidade.

— A que distância?

— Três horas.

— Chegarão ao escurecer — disse Sharpe em voz baixa. De toda maneira não lhe importava se eram dois ou vinte mil.

— Senhor? — Frederickson estava admirado com o comportamento de Sharpe.

— Diga-me — disse Sharpe de repente se levantando —, o que ocorre quando se queimam conchas de ostra?

— Conchas de ostra? — Frederickson franziu o cenho ante aquela pergunta estranha. — Se obtém cal viva, certamente.

— Cal? — disse Sharpe como se não pudesse submergir da pena de si mesmo. Tinha homens para defender e um inimigo ao qual enfrentar. — Cega as pessoas?

— Sim — disse Frederickson.

— Então temos três horas para buscar alguma.

Sharpe voltava à normalidade. Seguiu adiante com as instruções de Killick e ordenou que se levasse uma das carroças de munição ao norte.

Duas horas depois, quando a luz já não era mais que um rubor no horizonte oeste, oito barris de cal viva se transportaram até o interior da fortaleza. Assim como a pólvora das aduanas, era velha e estava úmida depois de ser armazenada por tanto tempo atrás dos fornos de cal e estava amontoada formando pedaços do tamanho de um punho de cor branco sujo, mas Frederickson levou os barris à galeria onde os fornos da cozinha foram acesos e com uma alavanca tiraram as tampas dos barris para que o pó pudesse começar a secar.

— É uma arma asquerosa, — disse a Harper.

— É uma guerra asquerosa — Harper desfez um dos pedaços. — E se os franchinotes decidirem não combater, senhor, sempre podemos pintar este maldito lugar de branco.

Proveniente do pátio exterior se ouvia o ruído de pedras que assobiavam em contato com o aço; eram as baionetas que se afiavam. O trabalho se ia realizando com a obsessão e a meticulosidade de homens que sabem que uma preparação cuidadosa podia inclinar a fortuita balança da vida e da morte a seu favor. Sharpe, ao ouvir o sussurro do aço, tentou adivinhar o que devia estar planejando seu inimigo.

Os franceses, decidiu, seriam principalmente tropas novas. Chegariam cansados com a escuridão e se dirigiriam à vila em busca de abrigo e água. Contudo, seu general saberia que um ataque noturno de surpresa poderia lhe proporcionar uma vitória rápida. Se Sharpe fosse o general reuniria os veteranos e os enviaria em silêncio para o norte, de onde, enquanto os defensores estivessem distraídos com o ruído provocado pelas tropas no povoado, estes veteranos atacariam.

Então Sharpe devia atacar primeiro.

Só que, sentado ao anoitecer, Sharpe se sentia assaltado por grandes dúvidas. Cento e setenta homens, desesperados pela falta de munição, enfrentariam uma força dez vezes superior. O inimigo trazia canhões e Sharpe só tinha os dois de doze que estavam carregados, assim como as escopetas de caça, com lascas de pedra e metal. Era uma loucura lutar aqui, contudo era impensável se render sem lutar.

O capitão Frederickson, com a cara manchada de negro pelas raspaduras de fuligem úmida procedentes da chaminé da cozinha se acorrou junto de Sharpe.

— Escolhi uma dúzia de homens, senhor. Incluído Harper.

— Bom. — Sharpe tentava infundir entusiasmo a sua voz, mas não conseguia. — Não entendo, William, por que os sacanas combatem contra nós. Por que não deixam que apodreçamos aqui? Por que desperdiçar homens com nós?

— Sabe Deus, senhor. — Para Frederickson obviamente não importava. Somente previa um combate estranho. — Vai querer algum prisioneiro, sem dúvida.

— Seria útil, William. — Sharpe olhou para o leste, mas não havia sinal algum das tropas francesas se aproximando. — Gostaria de ir com vocês.

— Não pode, senhor.

— Não.

Este era um dos sacrifícios do comando; que Sharpe tinha que delegar. Anos atrás, não teria desejado nada mais que ir à cabeça de uma incursão contra o inimigo, mas agora tinha de permanecer na fortaleza onde a guarnição, nervosa, pudesse ver seu comportamento calmo e pegasse confiança.

Foi caminhando com Frederickson para o canto nordeste do forte onde, com a ajuda de uma rede de pesca pendurada de uma fresta, os fuzileiros desceram para a areia que a noite tingia de sombras. O metal brilhante de suas armas e de seus uniformes havia sido enegrecido assim como seus rostos. Não levavam mochilas, nem cantis, somente munição, baionetas e armas de fogo. Eram os melhores homens de Sharpe e se os perdesse esta noite perderia esta batalha.

Quando desapareceram na escuridão, Sharpe virou-se e se pôs a caminhar, sentindo-se de repente sozinho, pelas muralhas do leste. Ali esperou, escrutinando terra adentro, até que por fim se ouviram alguns sons na escuridão.

— Senhor? — Era um sentinela nervoso.

— Já ouvi, garoto.

Sharpe ouvia o tilintido de correntes, os golpes das rodas, o ruído da artilharia que era arrastada por cavalos. Também ouvia o trovejar suave das botas. Os franceses chegavam.

Durante um bom tempo não foi capaz de ver o inimigo. Não havia lua e a terra estava às escuras. Ouvia os ruídos, ouvia as vozes que se elevavam ao dar ordens, depois se viu o lampejo de uma lanterna, e outra, e lentamente, Sharpe foi distinguindo a massa mais escura que parecia adentrar no povoado pelo sul.

O inimigo havia chegado e a segunda batalha de Arcachon estava a ponto de começar.

Capítulo 14

O general Calvet estava sentado em uma choça em um pequeno povoado em um extremo miserável da cada vez mais miserável França.

— O senhor diz que Sharpe é bom?

— Tem sorte — disse Ducos com desprezo.

— O Imperador — disse Calvet — dirá que um soldado necessita mais de sorte que de inteligência. Foi promovido desde a tropa?

— Como o senhor, general — respondeu Ducos.

— Então deve ser bom. — Calvet esfregou as mãos com regozijada antecipação. A cara do general era larga, marcada com cicatrizes, queimada com manchas de pólvora como se fossem tatuagens escuras. O bigode era de veterano, negro e denso. — Favier! Você que já lutou contra os ingleses, como eles são?

Favier sabia que era o momento de dizer a verdade, não bravatas.

— Sem imaginação no ataque, sólidos como uma rocha na defesa e rápidos com os mosquetes, muito rápidos.

— Mas esses infames estão com falta de munição. — O general havia ouvido que os britânicos tinham revistado os povoados da zona em busca de pólvora. Calvet se sentou junto a uma mesa cheia de marcas com um mapa, desenhado pelo major Lassan, junto a um pedaço de pão e um de queijo que eram seu jantar. — Portanto quanto mais rápidos sejam com os mosquetes, mais cedo acabarão com a pólvora. — Calvet olhou para o mapa. Um fosso duplo, um deles com água, rodeava os três lados do forte, mas o quarto, o que dava para o canal, não tinha fosso inundado. O baluarte principal ficava no baixio da maré, mas a metade norte da muralha oeste limitava-se com areia até a saída do fosso. Esse era o lugar vulnerável.

A saída do fosso era a comporta de um dique pequeno de alvenaria situado no canto noroeste do forte. Esse dique faria as funções de ponte até a base das muralhas e a estratégia desse ataque consistia em fazer os defensores se descuidarem da vigilância nesse lugar.

— Atacará esta noite? — perguntou Ducos com impaciência.

— Não seja idiota, homem. Isso é o que eles esperam! Tem seus homens em alerta! Eles passarão uma má noite e eu pior, mas não atacarei.

Calvet percebeu no rosto de Ducos sua desaprovação e, conhecendo o sinistro poder que às vezes Ducos exercia sobre o Imperador, se dignou a explicar-se.

— Tenho tropas novas, Ducos, pouco mais que granjeiros. O senhor já atacou alguma vez de noite? É o caos! Um verdadeiro desastre! Se repelirem nosso ataque, e assim será, conhecerão a derrota e a um recruta novo sempre se deve dar primeiro uma vitória. Para fazê-lo invencível! Não. Atacaremos amanhã. Os ingleses não terão dormido, estarão nervosos como virgens em um quartel de granadeiros e os esmagaremos. — Calvet se reclinou na cadeira e sorriu para todos os que estavam no cômodo. — Amanhã pela noite teremos o major Sharpe como convidado para o jantar.

Um ajudante acendeu uma vela nova.

— Se estiver vivo, senhor.

— Se não estiver, nós o comeremos. — Calvet riu. — Nós comemos bastantes homens na Rússia. A carne humana tem sabor de arraia, sabia disso, Ducos? Da próxima vez que coma arraia, lembre-se disso.

— Obrigado, senhor — disse Ducos sem sorrir.

— Nádegas de cabo cozidas, bem temperadas com pimenta — refletiu Calvet. — Já jantei coisa pior. Que alcance têm seus malditos fuzis?

— Duzentos passos — disse Favier —, mas podem ser um incômodo em até quatrocentos.

— Então poremos obuses aqui. — O polegar de Calvet manchou os sinais de lápis que indicavam a localização do povoado no mapa. — Eu os quero deitados como morteiros.

— Certamente, senhor — disse o coronel da artilharia.

— E os outros canhões aqui. — O polegar voltou a golpear e deixou um resto de queijo junto ao moinho de água. — Façam frestas nas muralhas, mas não abram fogo esta noite. Esta noite quero os atiradores avançando para o talude. Muitos. Mantenham os sacanas preocupados. Quero ruído, disparos, gritos. — Olhava para um dos coronéis de seu batalhão. — Escolham um lugar diferente a cada intervalo de poucos minutos, que não seja regular. Já sabem como fazê-lo.

— Sim, senhor.

— Façam com que gastem algumas de suas preciosas munições, mas afastem-se deste lugar. — Calvet indicou o dique. — Quero que isto vazie.

— Sim, senhor.

— E ao amanhecer não quero que ninguém esteja à vista. — Calvet se levantou. Era um homem enorme, com um ventre como um barril de pólvora para obus. Estendeu os braços, bocejou e se dirigiu ao colchão de palha junto ao fogo. — Agora vou dormir, portanto saiam. Despertem-me às cinco.

— Sim, senhor.

— Quando atacarmos — a voz que retumbava do general deteve a saída dos oficiais uniformizados — será com rapidez e eficácia. Qualquer homem que me decepcione terá que se explicar, sozinho, ante mim. — Levantou um punho do tamanho de uma bala de canhão. — Agora vão e façam com que os sacanas passem a noite dando saltos.

As ondas rompiam e lambiam a praia na entrada do canal, o vento fazia vibrar os galhos dos pinheiros e gemia sobre as muralhas e os homens escolhidos do melhor batalhão francês se dirigiram para sua tarefa noturna enquanto os outros dormiam. Enquanto isso, o general Calvet, com a cabeça sobre uma mochila e as botas prontas junto a sua cama, roncava.

— Não disparem! — gritou Sharpe, um sargento repetiu e depois correu pela muralha sul.

Seis ou sete disparos de mosquete foram ouvidos procedentes do talude, as balas sussurraram sobre suas cabeças e dois soldados e um fuzileiro haviam devolvido os disparos instintivamente.

— Não disparem — disse Sharpe — a menos que recebam a ordem de disparar ou a menos que os sacanas estejam subindo pelas muralhas! Entenderam?

Nenhum dos três homens respondeu. Agachados sob as defesas, recarregaram suas armas.

Sharpe enviou Fytch pelas muralhas com o aviso de que nenhum homem devia disparar. Sharpe achava que os franceses tentavam provocar um fogo defensivo para ver que partes da muralha respondiam com maior força. Que adivinhem, os sacanas.

Havia sessenta homens nos antigos escritórios da guarnição, totalmente armados, mas receberam ordens para que dormissem o que pudessem. Quando se iniciasse o ataque, e Sharpe não o esperava até as horas mais avançadas da noite, esses homens poderiam estar nas muralhas em minutos.

Ele se acorou em uma fresta. Notava o vento frio sobre a crosta de sangue de sua testa e o gemido que soprava em seus ouvidos lhe impedia de ouvir bem. Achou ter ouvido o ruído de uma bota ou de uma culatra de mosquete no talude, mas não estava seguro. Fosse o que fosse, era leve demais para pressagiar um verdadeiro ataque. Sharpe tinha se acorado do outro lado das defesas da fortaleza, com a garganta seca e um medo crescente e conhecia o alvoroço repentino que provoca uma massa de homens

avanzando para escalar. Ouviriam as escadas avanzando aos esbarrões, o tilintido dos equipamentos, o raspar de centenas de botas, mas ele não ouvia nada, salvo o vento, e não via nada, salvo a escuridão.

Foi para a muralha leste e se acocorou junto ao sargento Rossner.

— Há algo?

— Nada, senhor.

O sargento alemão tinha o gorro militar virado de boca para cima e meio cheio de cartuchos. A seu lado havia uma trouxa de feno. Se houvesse um ataque, acenderia o feno e o lançaria por cima das muralhas para iluminar os alvos. Não se permitia luz alguma no pátio ou nos muros da *Teste de Buch*, pois poderia recortar as silhuetas dos defensores e favoreceria aos atiradores franceses.

Sharpe ia de um lugar para outro, acocorava-se para falar com os homens, lhes oferecia vinho de seu cantil e sempre lhes transmitia a mesma mensagem. Não havia nada a temer dos disparos fortuitos ou dos gritos que às vezes se ouviam na escuridão. Os franceses tentavam enervar os defensores e Sharpe teria feito o mesmo. Uma vez se ouviu um som de pés concentrados, gritos e uma rajada de mosquetes que se estrelou contra os muros, mas não apareceu nenhuma sombra do outro lado do talude. Da escuridão provinham vivas e insultos, mais disparos, mas os homens de Sharpe, uma vez vencido o primeiro medo, aprenderam a não se importar com os sons.

No antigo quartel general do major Lassan dois soldados, um que fora ajudante de um cirurgião e outro que fora aprendiz de açougueiro, dispunham as ferramentas de carpintaria, navalhas e caixas de costura sobre uma mesa. Não tinham grampos, mas havia um caldeirão com breu fervendo com o que cauterizar um toco. Não tinham vinho canforado, nem solução alguma de acetato de chumbo, mas tinham um barril de água salgada para limpar as feridas e um pote cheio de teias de aranha que poderiam recheiar

os cortes profundos. Patrick Harper, o enorme irlandês, havia recomendado o uso de vermes para limpar as feridas, mas a dignidade de seu orgulho profissional não permitia aos dois soldados aceitar aquela panacéia. Escutavam os disparos na noite, bebiam o conhaque que se supunha deveria suavizar a dor dos feridos e se perguntavam quando chegaria o primeiro ferido.

O capitão Palmer, tentando dormir ali onde os sessenta homens se mantinham em reserva, sabia que não se descansaria muito naquela noite. Os disparos de mosquete e os gritos repentinos chegavam muito amortecidos aos antigos escritórios, mas nem tanto para não causar inquietação nos homens.

— Oxalá chegassem logo, os sacanas — murmurou um soldado.

Palmer pensava o mesmo. Era melhor enfrentar-se a isso, pensou, que esta maldita espera.

Um fuzileiro espanhol situado na muralha sul foi atrás de Sharpe.

— Pode ouvir, senhor?

Sharpe escutou. Muito fraco, mas inequívoco, chegava o som de picaretas e pás cavando na terra, depois o ruído de uma alavanca sobre pedra.

— Estão preparando uma bateria — disse ao espanhol.

— No povoado? — inquiriu o fuzileiro.

Sharpe voltou a escutar.

— Acho que sim.

— Então estão ao alcance de um tiro — disse o espanhol golpeando seu fuzil.

— De longo alcance — disse Sharpe, duvidoso.

— Não para Taylor — disse o espanhol.

O atirador americano era uma lenda entre os homens de Frederickson.

Mas Taylor, essa noite, estava entre a escuridão; havia saído com Harper e Frederickson, partira para semear o terror entre os homens que tentavam manter acordada uma guarnição com a gritaria, havia partido para matar.

Os homens não emitiam nenhum som. Estavam estirados para que seus olhos se acostumassem à escuridão.

O céu não era tão escuro como a terra. Não havia lua, mas as estrelas que se espalhavam entre as nuvens podiam revelar as silhuetas e por isso os fuzileiros estavam deitados na areia de boca para baixo, imóveis.

Eram os melhores. Cada homem era um veterano, cada um deles havia lutado em mais batalhas que podiam recordar e cada um havia matado e tinha traspassado o ponto em que o homem se surpreende por ter matado outro ser humano.

William Frederickson, cuja paixão era a arquitetura do passado e que era tão bem educado como qualquer outro homem do exército de Wellington, considerava a morte como uma necessidade lamentável, mas inevitável, de sua profissão. Para Frederickson lhe satisfaria se as guerras pudessem ser ganhas sem matar, mas até o momento a humanidade não havia concebido tal coisa. E a guerra, acreditava ele, era necessária. Para Frederickson o inimigo era a personificação das ambições imperiais de Napoleão, o inimigo do qual ele mais gostava, mas não era tão tonto nem tão cego para ignorar sua humanidade, contudo era uma humanidade com ordem de matar. Portanto, era necessário matar com mais rapidez e eficiência que o inimigo.

Thomas Taylor, o americano de Frederickson, considerava a morte algo tão comum como uma comida ou uma mulher. Era parte do estar vivo. Desde jovem conhecera apenas a crueldade, a dor, a doença, a pobreza e a morte e não via nada de estranho em nenhuma dessas coisas. Se o fizera insensível, também lhe proporcionara o orgulho de sobreviver no vale da sombra. Era capaz de matar com um fuzil, uma faca, a lâmina de uma baioneta ou

com as mãos e era bom com todas as armas. Era um homem de grande ressentimento e pouco remorso tinha ressentimento por um destino que o havia tirado de sua própria terra, que o havia condenado a um exército que não amava, mas seu orgulho não lhe permitia ser um mau soldado.

Para Patrick Harper matar era a profissão de um soldado e um ato que provocava tanto pesar como orgulho. Por natureza, o irlandês era um homem amável e pacífico, mas havia uma raiva nele que brotava na batalha e o convertia em um guerreiro tão temível como qualquer um dos que se mencionam nas canções irlandesas. Somente um combate era capaz de fazer brotar essa ira.

Às vezes, pensando nos homens que havia matado e em cujos rostos havia visto a última emoção de vida, Harper teria desejado retirar a estocada, despregar a baioneta ou não ter apertado o gatilho, mas sempre era tarde demais. Outras vezes, quando dava uma olhada para os homens que guiava, se sentia orgulhoso de ser do melhor, de que suas façanhas fossem celebradas e de que nunca se falasse dele com desdém. Amava os homens com quem lutava e suas mortes lhe faziam estrago, portanto lutava por eles como um demônio. Era um soldado, e bom, e agora estava deitado na areia e atento aos casacas-verdes que estavam a sua esquerda e a sua direita e dos ruidinhos que provinham das dunas à sua frente.

Durante uma hora ou mais os franceses dispararam contra o forte, provocando os defensores, mas sempre de uma distância segura. Estavam do lado das muralhas sul e leste e agora figuras escuras se viam no terreno ermo do norte onde estavam os homens de Frederickson.

O Doce William fez estalar a língua suavemente, levantou uma mão para que sua silhueta se recortasse no céu escuro e lentamente fez um sinal para avançar para o norte.

Treze sombras se moveram na areia. Tinham as caras e as mãos tismadas e as armas escurecidas. Levavam os fuzis pendurados e bem apertados às costas pois Frederickson, conhecedor do valor do medo que penetra no coração do inimigo, queria que a matança

desta noite fosse silenciosa. Usariam as lâminas, não as balas, e os treze homens se moviam com o silêncio e a destreza que pressagia a morte. Todos os fuzileiros estiveram naquele mesmo terreno à luz do dia e, ainda que as dunas parecessem diferentes sob o manto da noite, o conhecimento que tinham era uma vantagem da qual careciam seus inimigos.

Um pelotão de dez franceses estava reunido sob a dobra de um duna que dava para o talude. Era um dos seis grupos que estavam fora naquela noite e desfrutavam com seu trabalho. Parecia que nenhum perigo os ameaçava nem mesmo os disparos de mosquete fortuitos provenientes das escuras muralhas que se viam por cima do talude. Durante a primeira hora de sua excursão, andando por uma escuridão desconhecida, haviam avançado com cautela e nervosos, mas o inocente silêncio da noite havia adormecido seus temores e os havia deixado valentes.

A cinquenta metros à esquerda, o pelotão do tenente Piellot de repente gritou como um selvagem e disparou contra o forte. Os homens que estavam ao abrigo da duna sorriram irônicos. Seu oficial sussurrou que podiam descansar um pouco e um sargento cobriu sua cabeça com o gabão e, debaixo do capuz escuro, acendeu a pipa.

A cinco metros de distância, sem ser visto, Thomas Taylor ia avançando pela areia sobre seus cotovelos. Na mão direita, enegrecida com betume para botas, levava uma espada de baioneta de sessenta centímetros que havia afiado até conseguir igualá-la a uma lâmina de barbear.

O oficial francês, um capitão de infantaria, trepou engatinhando até a parte mais alta da duna sem prestar atenção aos ruídos que fazia a areia que caía como em cascata. O tenente Piellot fazia alvoroço suficiente para despertar os mortos e o risinho e as vozes baixas de seu próprio pelotão não lhe preocupavam. Ficou olhando a fortaleza e acreditou ver uma figura movendo-se nas muralhas. De noite os olhos enganavam e fixou o olhar no lugar onde pensava que havia visto movimento e decidiu que estava equivocado.

Desejava que os ingleses se rendessem com rapidez. O capitão, que tinha a sua prometida em Reims e a sua amante em Bordéus, não desfrutava com a ideia de morrer pelo Imperador escalando inutilmente aquela fortaleza arruinada.

Os homens de Piellot dispararam uma descarga e o ruído ressoou nas dunas em duas ondas; a primeira proveniente dos mosquetes e a segunda procedente do eco da muralha da fortaleza. O pelotão gritou alguns insultos, os homens esfregaram os canos quentes com as varetas e o capitão percebeu que não tinha sentido que seus rapazes assustassem o inimigo enquanto os outros homens de Piellot não abandonassem seu entretenimento. Deslizou pela areia, disse a seus homens que relaxassem, mas de repente lhe agarraram os pés e os puxaram com força, o capitão escorregou pela duna abaixo, escarrapachado e debatendo-se até que uma bota lhe golpeou no ventre, um joelho lhe caiu sobre o peito e uma voz sussurrante em um bom francês lhe disse que a menos que ficasse muito calado a faca que tinha no pescoço o racharia até a coluna. O capitão ficou mais que muito calado.

Não via nada, mas ouvia grunhidos e brigas. O mosquete de um de seus homens disparou para o ar e sob o resplendor vermelho do tubo da arma, o capitão percebeu sombras negras que se levantavam e desciam, lâminas jorrando e de repente um odor de sangue fresco entrou por seu nariz. Carne e aço, uma lâmina esfregou em um osso ao ser retirada, os homens respiravam com força, depois houve uma pausa na matança.

— Um. — Frederickson, ajoelhado junto ao capitão, sussurrou a palavra sob aquele repentino silêncio.

— Dois — sussurrou Harper.

— Três — disse um alemão de Mainz que contava os franceses que matava em combate.

— Quatro — disse Thomas Taylor.

— Cinco — replicou um jovem do qual se dizia que havia esfaqueado sua mãe em Bedford e fugira para o exército antes que

a lei o pegasse.

— Seis — disse um espanhol recrutado em Salamanca que veio engrossar as filas tão minguadas com a guerra.

E foi assim até treze. Todos os homens de Frederickson estavam presentes, nenhum estava ferido e, do inimigo, apenas restava vivo o capitão francês.

Esse capitão, sentindo que já havia mostrado coragem insuficiente naquela noite, levou a mão até o cinturão onde estava a pistola. Uma faca lhe apertou a garganta.

— Não se mova — disse uma voz.

O capitão ficou gelado.

Frederickson percorreu com sua mão o corpo do capitão e encontrou uma pistola e uma espada e as desatou. Pôs a pistola na casaca e depois usou a faca para cortar o bernal com a munição do francês. Os fuzileiros se apropriavam dos cartuchos dos mortos. As balas dos mosquetes franceses, por serem levemente menores que as britânicas, podiam ser usadas nas armas dos soldados da infantaria naval e dos fuzileiros, enquanto que as balas capturadas dos britânicos eram inúteis para os franceses.

— Sargento-mor Harper? — Frederickson se separou de seu cativo. — Leve este sacana. — O Doce William, sem se importar com as convenções desta guerra, primeiro amordaçou o oficial. — Tommy? John? Vão com Harper. — Frederickson tratava Harper como sargento-mor do regimento.

Vinte minutos mais tarde puxavam o oficial francês atado com o laço de uma corda até as muralhas da face leste, seguido por nove apreciadas caixas de munição e Harper e sua escolta levaram outros dez minutos para regressar para Frederickson. Identificaram-se com o grito do bacurau, responderam da mesma forma e continuaram para o leste onde lhes esperavam mais franceses na escuridão.

— Ele diz, senhor — o tenente Fytch servia de intérprete —, que não vai haver um ataque esta noite.

— Ele diz, não é? — Sharpe olhava fixamente para o oficial francês preso que tremia em um canto do quarto.

Sharpe não o culpava. O capitão francês fora levado à enfermaria improvisada para responder algumas perguntas e sem dúvida o homem achava que as filas de pinças, serras, sondas e lâminas de barbear seriam usadas nele. Cada borbulha e arroto lento do breu fervente fazia o capitão Mayeron se estremecer.

— Pergunte quem está ao comando — ordenou Sharpe.

Ia escutando pela metade a conversa enquanto explorava os pertences de Mayeron. Tinha um relógio bom com a tampa de prata gravada que marcava três e quinze da madrugada. Havia um feixe de cartas, atadas com uma fita verde, todas foram escritas em Reims e assinadas por Jeanette. Havia um retrato em miniatura dentro de uma carteira de pele e provavelmente era da própria Jeanette que sorria com afetação para quem a observava. Havia um lenço, uma faca, três nozes, um garfo e uma colher sem lavar, um frasco de conhaque, um toco de lápis e um pequeno diário forrado em pele que continha esboços da paisagem e um retrato feito a lápis de uma garota chamada Marie. Na mesma página havia um pedaço de papelão sobre o qual se haviam colado algumas flores secas e que havia firmado, evidentemente com amor, a mesma Marie.

— Calvet — disse Fytch. — Um general.

— Nunca ouvi falar dele. Pergunte se Bordéus se levantou a favor do rei.

A pergunta provocou uma resposta comprida e indignada que foi traduzida com um simples não.

Sharpe não se surpreendeu com a resposta, mas quis se aprofundar mais.

— Pergunte se houve algum tumulto recentemente na cidade.

O capitão Mayeron, animado por uma erupção das bolhas do caldeirão de breu, disse que tinha havido alguns tumultos por causa do pão pelo Natal, mas nenhum problema político, salvo as usuais queixas dos comerciantes empobrecidos por causa do bloqueio. E não, a guarnição não havia se rebelado; e não, não achava que a população estivesse pronta para se rebelar contra o Imperador. Pareceu pensar nesta última resposta, deu de ombros, e depois a repetiu.

Sharpe escutava a tradução e começou a entender o truque do conde de Maquerre. Hogan, em seus delírios causados pela febre, fizera uso do nome daquele homem, junto com o de Pierre Ducos, e agora Sharpe suspeitava que fora vítima das maquinações do astuto francês.

Era assim? Nestas últimas horas, sozinho com seus pensamentos, Sharpe havia começado a suspeitar de uma intriga mais profunda e mais secreta. Por que Wellington permitia que homens como Wigram e Bampfylde abrigassem aqueles grandiosos planos de invasão? Nem os coronéis do estado maior nem os capitães da marinha tinham autoridade para permitir tais aventuras, contudo não se fizera calar a nenhum homem, salvo a Elphinstone que tinha sua própria categoria. Wellington ou o almirante do esquadrão do golfo de Biscaia podiam ter ordenado a ambos os homens que detivessem seus planos, contudo haviam permitido que seguissem adiante com seus sonhos de loucura. E por que fora enviado a Bordéus o conde de Maquerre? Provavelmente a resposta era que Wellington queria que os franceses acreditassem que ia haver um desembarque em Arcachon. A presença do general Calvet em Arcachon significava que não podia apresentar oposição a uma ponte que atravessasse o Adour. Portanto a vítima não era Sharpe, mas os franceses, contudo a traição de De Maquerre havia deixado Sharpe sozinho ante seu destino em uma fortaleza meio desmoronada.

O capitão Mayeron, temeroso do caldeirão de breu, falou de repente.

— Está perguntando — traduziu Fytch — se pode ser trocado.

— Por quem? — perguntou Sharpe. — Não fizeram nenhum dos nossos prisioneiro! Devolva-lhe seus pertences e depois o prenda na adega.

Sharpe regressou às muralhas onde estava a metade de seus homens e os mandou dormir um pouco. O capitão Mayeron havia convencido Sharpe que o inimigo a quem enfrentava, ainda que muito superior em número, não estava completamente instruída e era incapaz de realizar uma escalada noturna. O francês também havia convencido Sharpe de que não fora preso em uma armadilha, mas que era uma parte involuntária de um complô maior, mas isso não era um consolo, pois pela manhã os canhões franceses começariam a disparar e chegaria o momento da verdade.

Frederickson primeiro levou seu esquadrão para o leste e depois para o sul atravessando a confusão de pequenos pastos. Era atraído por um som metálico e rítmico que provinha da direção onde estava o moinho de água.

Parou ao abrigo negro do estábulo onde Harper havia arrancado seu dente. Ouvia-se o bater das asas das corujas sobre suas cabeças, depois outra vez silêncio salvo o badalar de picaretas ou alavancas que golpeavam contra as pedras do moinho de água.

Frederickson fez um sinal para seus homens para que se escondessem e ficou observando o moinho. Um levíssimo resplendor de luz desenhava as portas e janelas e fazia supor que havia homens trabalhando dentro do grande edifício de pedra, à luz das lanternas.

— Estão colocando canhões aí — disse Harper com um sussurro.

— Provavelmente.

A artilharia situada no moinho ficaria protegida atrás das paredes de pedra do fogo dos fuzis e poderia varrer os flancos sul e leste da fortaleza sitiada.

Frederickson virou-se para a vila aonde havia ido o grosso das forças inimigas. Percebiam-se mais luzes meio protegidas entre as pequenas construções, mas não via movimento algum entre o povoado e o moinho. Perguntava-se quantos piquetes vigiavam a grande edificação de pedra que se estendia sobre o curso d'água.

— Hernández?

O fuzileiro espanhol de Salamanca apareceu junto de Frederickson. Movia-se com um silêncio misterioso; um silêncio aprendido quando era guerrilheiro e um silêncio muito apreciado pelo capitão Frederickson. O espanhol escutou as rápidas ordens dadas por seu capitão, esboçou um sorriso brincalhão e branco em contraste com sua pele enegrecida e se foi em direção sul. Frederickson achava que Hernández seria capaz de esvaziar os bolsos do próprio diabo.

Os outros fuzileiros esperaram vinte minutos. Um pelotão francês disparou do talude, lançou insultos para as muralhas, mas nenhum defensor respondeu com um disparo. Um cachorro ladrou no povoado, depois ganiu como se tivessem lhe dado um chute para que calasse.

Frederickson farejou Hernández antes de vê-lo, ou melhor farejou sangue, depois ouviu dois grandes golpes e o espanhol se fez visível saindo das sombras.

— Há quatro homens na vereda que vai do moinho ao povoado — sussurrou Hernández — e havia dois vigiando a ponte.

— Havia?

— Sim, senhor — respondeu Hernández apontando para o piso e isso explicava os dois golpes que haviam anunciado seu regresso.

— Não cortou as cabeças deles, né, Marcos? — perguntou Frederickson em tom reprovatório.

— Sim, senhor. Agora não podem dar o alarme.

— Disso não resta dúvida.

Frederickson se alegrava de que a escuridão encobrisse os horrores que havia a seus pés.

Conduziu seu pelotão para o sul, seguindo a vereda que Hernández havia reconhecido, um caminho que levava a um pontilhão junto ao moinho. Uma vez na ponte estariam perto o bastante para ver as sombras dos homens que trabalham no interior da edificação. Um grupo de homens, fazendo uso de alavancas, marretas e picaretas, estava abrindo frestas na grossa parede exterior do moinho, enquanto que os outros tiravam a maquinaria do moinho para abrir espaço para os canhões.

— Havia vinte sacanas franceses aí dentro — sussurrou Hernández.

— Canhões?

— Não os vi.

Uma das lanternas protegidas foi erguida e um homem se inclinou para acender um charuto. Frederickson achou ter visto a sombra de um canhão de campanha francês em um lugar afastado do moinho, mas era difícil dizer o lugar exato por causa das silhuetas. Mesmo assim, Frederickson sabia que pelo menos vinte homens trabalhavam dentro e outros quatro franceses estavam perto do moinho. O Doce William tinha treze homens, mas os seus eram fuzileiros. Parecia que a sorte era então contrária aos franceses, em cujo caso não tinha sentido esperar, portanto Frederickson, com a espada desembainhada, conduziu seus homens ao ataque.

O general Calvet não estava excessivamente preocupado, estava inclusive divertido.

— Isso é bom! Isso o converte em um inimigo valioso. Comerei outro ovo.

Ouviu-se o estalido de outro fuzil e outro grito delatava que algum tonto havia se deixado ver no extremo norte do povoado.

— Quatrocentos passos! — Calvet olhou para Favier.

— Eles têm alguns atiradores — disse Favier desculpando-se.

— Nunca entendi — Calvet partiu um pedaço de pão com o qual molhar na gema do ovo — por que o Imperador não usa fuzis. Eles me agradam!

— São lentos de carga — aventurou-se Favier.

— Diga a esse pobre sacana que vai a caminho dos cirurgiões.

— Calvet agradeceu sucintamente ao seu criado que lhe servia outro ovo da frigideira ao prato. — Onde está o bacon?

— Os britânicos levaram tudo para o forte.

— Portanto eles têm bacon para desjejuar e eu não. — Resmungou Calvet, depois olhou para Ducos que estava sentado em um canto com uma pena e uma caderneta. — Diga a seu amo, Ducos, que perdemos trinta e quatro homens, temos seis feridos e um canhão de doze chamuscado. Perdemos duas carroças de munição. Não é uma grande perda! Recordo-me de uma noite contra os russos em Vilna. Eu tinha dois deles nesta espada! Um atrás do outro como frangos em um espeto. E o da frente estava sorrindo para mim e tagarelava em sua língua bárbara. Lembra? — virou-se para olhar para seu ajudante. — Quantos canhões tomamos?

— Quatro, senhor.

— Pensava que tinham sido seis.

— Foram seis — disse com rapidez o ajudante.

— Seis canhões! — disse o general encantado. — E Sharpe nenhum na noite passada! Nem um! Apenas chamuscou uma carreta!

O moinho havia ardido, mas as paredes de pedra ainda estavam intactos e estavam colocando os canhões atrás das frestas já acabadas e chamuscadas. Calvet reconhecia que as tropas britânicas haviam trabalhado bem de noite. Eliminaram os homens do moinho, explodiram as carroças de munição, mas podiam ter

feito melhor. Sharpe, pelo livro de Calvet, tinha cometido um erro. Enviara apenas uma pequena força e ainda que tenha cometido uma carnificina, não havia provocado o grande estrago que conseguiria com uma força maior. Calvet ria entre dentes.

— Ele pensava que íamos atacar, portanto deixou a maioria dos homens em casa. — O general recolheu com a colher a metade do ovo frito e a meteu na boca, depois seguiu falando apesar de estar com a boca cheia. — Portanto só o que temos de fazer é surpreender esse pederasta esperto, não? — Limpou seu queixo melado de gema de ovo com a manga e depois olhou para Favier. — Vá falar com esse Sharpe. Já sabe o que tem que dizer.

— Certamente, senhor.

— E diga que eu agradeceria por um pouco de bacon. Que seja bem gorduroso.

— Sim, senhor — respondeu Favier. — Provavelmente queira um pouco de conhaque em troca.

— Pode dar! Eu o recuperarei ao final do dia, mas gostaria de bacon bem gorduroso para almoçar. Certo, cavalheiros.

Calvet deu um golpe sobre a mesa para mostrar que as amabilidades terminaram e que o cerco, propriamente dito, podia começar.

Capítulo 15

No momento em que o coronel Favier tirou o chapéu, Sharpe reconheceu o homem com quem havia falado na ponte sobre o Leyre. Favier sorriu.

— Meu general lhe envia felicitações.

— Dê a ele meus pêsames.

O cabo francês que segurava a bandeira branca de trégua estava junto ao cavalo de Favier e este percorria as muralhas com o olhar. Não se via ninguém mais que a Sharpe. Favier sorriu.

— Meu general informa que o senhor se portou nobremente e que pode se retirar com todas as honras. — Favier gritava muito mais que o necessário para que Sharpe o ouvisse, queria que a guarnição oculta escutasse também sua oferta. — Ele os prenderá, certamente, mas serão tratados como adversários valentes e horados.

— Eu lhe darei uma resposta — disse Sharpe — ao meio-dia.

Favier, que conhecia todas as regras deste jogo, sorriu.

— Se não tivermos uma resposta em dez minutos, major, suporemos que recusam a generosa proposta. Enquanto isso, poderíamos tirar nossos mortos do campo norte?

— Podem enviar seis homens sem armas e uma carreta leve. Deveria saber que o capitão Mayeron é nosso prisioneiro.

— Obrigado.

Favier acalmou seu cavalo que de repente se afastava do caminho que atravessava o talude.

— E o senhor deveria saber, major, que seus navios acreditam que o senhor foi derrotado e preso. Não voltarão para buscar vocês. — Esperou uma resposta, mas Sharpe não disse nada. Favier sorriu.

— O senhor e seus oficiais estão convidados para almoçar com o general Calvet.

— Eu lhe darei uma resposta junto com a outra — disse Sharpe.

— E o general Calvet lhe pede um favor. Agradeceria que lhe dessem um pouco de bacon. Oferece isto em troca. — Favier levantou uma garrafa negra e gorducha. — Conhaque!

Sharpe sorriu.

— Diga ao general que temos toda a comida e bebida que necessitamos. Quando vier buscar as respostas lhe darei o bacon.

— Que pena que homens valentes tenham que morrer! — voltava a gritar Favier. — Por nada!

Oito minutos mais tarde Sharpe respondeu a Favier o que os franceses esperavam, recusava as condições e lançou uma perna de bacon envolvida em musselina que o portador da bandeira teve que recolher do parapeito da contraguarda. Favier disse adeus amigavelmente com a mão, depois deu a volta em seu cavalo.

Pelo norte, um carro seguia recolhendo os mortos que os homens de Frederickson haviam deixado nas dunas. Sharpe queria que os recrutas franceses vissem aqueles cadáveres e que tremessem a noite. Os franceses poderiam governar de dia, mas seus fuzileiros podiam converter os arredores da *Teste de Buch* em um pesadelo.

Contudo, nos dez minutos seguintes à marcha de Favier, Sharpe percebeu que o francês havia semeado certo medo em seus próprios homens. O tenente Fytch, ainda que docilmente, queria saber se tinham alguma esperança ao lutar.

— Quem manda no mar, tenente? — perguntou Sharpe.

— A Grã-Bretanha?

Sharpe apontou para o mar.

— Esse território é nosso. Em qualquer momento, tenente, aparecerá um navio. Quando chegue o momento, estaremos a

salvo. Como se sentiria se nos rendêssemos e uma hora depois aparecesse uma esquadra?

O simples fato da pergunta já era motivo de preocupação. Sharpe não temia pela moral de seus fuzileiros, mas a infantaria naval nunca havia lutado contra os franceses e, privados de seus barcos, sentiam que o medo lhes roía a confiança.

— Enviamos uma mensagem para o sul, a armada patrulha por esta costa, apenas temos que resistir.

— Sim, senhor.

Contudo, para dizer a verdade, Sharpe teria compartilhado o indício de desesperança que deixava ver a pergunta do tenente. Não havia navios à vista, ainda que as águas do outro lado de Cap Ferrat não apresentassem mais que um suave ondear deslumbrado pelo sol. Esperou nas muralhas, perguntando-se que surpresas planejava o general francês e se viu considerando a proposta de Favier: a rendição.

Sharpe se disse que estava preso, em desvantagem numérica e com provisões de alimentos, água e munições limitadas. Quando uma dessas coisas se esgotasse, estava condenado.

Contudo, converter-se em prisioneiro significava que os levariam para longe daquela parte da França, que se dirigiriam para o norte para a escura cidade de Verdún e estaria ainda mais longe de Jane. Dissera a seus homens que lutavam com a esperança do resgate, mas havia mentido.

Os pensamentos atormentados de Sharpe se viram interrompidos por Frederickson que subia pela rampa.

— Pensava que estava dormindo — disse Sharpe.

— Dormi por três horas.

Frederickson dirigiu o olhar para o mar. Estas muralhas do leste eram as mais seguras, a única parte que as forças francesas não cobriam e os dois oficiais se inclinaram em uma fresta e ficaram olhando para as ondas.

— Há algo que eu deveria ter dito a você — disse Sharpe indeciso.

— Você tem uma paixão natural por minha beleza. — Disse Frederickson enquanto soprava sobre uma caneca de chá. — Eu entendo.

Sharpe sorriu agradecendo-lhe a lealdade.

— Jane.

— Ah. — Frederickson, deixou a brincadeira, virou-se e apoiou o traseiro contra a pedra. — E então?

— Tem a febre.

O único olho de Frederickson examinou Sharpe.

— Estava bem na noite anterior...

— Os sintomas apareceram na manhã seguinte.

Frederickson soltou um suspiro.

— Oxalá fosse capaz de expressar o quanto sinto muito, senhor.

— Não é isso — continuou Sharpe, perturbado e um pouco incoerente. — Acho que estou aqui lutando porque não posso suportar deixá-la. Se morrer e eu não estiver lá. Entende? Se me render — indicou levemente para o norte —, serei levado para longe dela.

— Entendo.

Frederickson pegou um charuto do bolso. Restavam-lhe apenas seis e ele estava racionando um ao dia. Acendeu-o e aspirou a fumaça para seus pulmões. Observava Sharpe, sabia o que queria escutar algo, mas era incapaz de expressá-lo e estava pouco disposto a fazê-lo. A presença de três fuzileiros o salvou da resposta; levavam um barril de cal para um dos baluartes.

Frederickson não conhecia Jane. Apenas a havia visto uma vez e descobrira uma garota de surpreendente beleza, mas isso não a convertia em especial. Muitas garotas, mais ou menos, eram bonitas. Marine Robinson, a garota de olhos verdes, por quem

Robinson se arriscava a morrer como desertor, seria tão linda como qualquer garota da sociedade se estivesse asseada e vestida de forma apropriada e aprendesse as bobagens de salão. Frederickson percebera que Jane era uma pessoa doce, sorridente e agradável, com uma personalidade vivaz, mas tais coisas eram normais nas jovens que querem se casar. Qualquer pai medianamente normal na Grã-Bretanha e desejoso de que sua filha se casasse com alguém das melhores classes se assegurava que sua filha se enfeitasse com tais atrativos. E quanto à inteligência, coisa que Jane parecia ter, do ponto de vista de Frederickson a maior parte da humanidade feminina tão bem-aventurada desperdiçava sem remédio esse dom com romances baratos, fofocas e a religião evangélica.

Portanto sofrer por uma garota, como era evidente que Sharpe estava sofrendo, não afetava absolutamente a Frederickson. Admitia que Jane Sharpe talvez um dia demonstrasse ser acima da média, inclusive pudesse demonstrar que tinha uma distinção e um caráter que sobreviveriam a sua beleza perecível, e sem dúvida Sharpe via estas possibilidades nela, mas Frederickson, que não a conhecia, não. O Doce William não entendia que se pudesse sofrer angustiosamente por uma esposa, nem sequer entendia que um soldado tivesse esposa. As prostitutas enchiam esse espaço, portanto Frederickson sabia que não podia dizer nada que servisse de consolo a seu amigo. E sem compaixão alguma, fez uma pergunta.

— Se você morresse esta manhã, que Deus não queira, eu tomaria o comando?

— Sim — respondeu Sharpe. Sabia que a ascensão de Frederickson era anterior à de Palmer.

— Então eu — disse Frederickson com força — lutaria contra os sacanas.

— Por quê?

— Por quê! — exclamou Frederickson olhando para Sharpe surpreso. — Porque são uns miseráveis! Porque são uns malditos franchinotes! Porque enquanto estejam lutando contra nós não

poderão se dirigir para o sul e causar dor de cabeça a Wellington! Porque os ingleses têm o dever divino de limpar o mundo dos franceses! Porque é para o que me pagam! Porque não tenho nada melhor para fazer! Porque Napoleão Bonaparte é um verme asqueroso que rasteja em seu próprio excremento! Porque ninguém me deu ordem de me render, e simplesmente porque a sorte não está do nosso lado! Porque não quero viver sob o domínio francês e quantos mais sacanas mate, antes o entenderão! Precisa de mais? — Observou Sharpe. — Se não estivesse casado, você se renderia?

— Não.

— Portanto o matrimônio o enfraqueceu. Ele faz isso, já sabe. Esgota um homem. — Esboçou um sorriso brincalhão para mostrar que não queria que levasse a sério, ainda que tivesse falado com total convicção. — Sinto muito por Jane, de verdade., mas sua luta não está aqui, a do senhor sim.

— Verdade. — Sharpe se sentia envergonhado. Queria explicar a Frederickson sobre a superstição que o havia impulsionado a realizar a emboscada e como Killick, inconscientemente, havia se aproveitado dele, mas não era capaz de dizer nada. — Sinto muito.

— Você precisa de um bom combate — disse Frederickson alegremente. — Não há nada como uma boa luta para elevar os ânimos. E dentro de duas semanas, meu amigo, abriremos uma garrafa e nos envergonhará termos tido esta conversa.

— Sim. — Sharpe havia esperado algo um pouco de compaixão e não havia encontrado nenhuma. — Vieram parlamentar.

— Eu soube.

— Disseram que Bampfylde acredita que fomos derrotados. Por isso a armada partiu.

— Astuto. — Frederickson soltou fumaça ao vento.

Era De Maquerre, pensou Sharpe. Talvez Hogan soubesse que De Maquerre era um traidor, mas ninguém mais sabia., mas agora Sharpe sabia e se prometeu, se sobrevivesse ao sítio, que iria à procura do francês. Então o primeiro projétil estourou e os dois

homens giraram para a explosão ainda que os cascos da bainha do projétil, saindo da fumaça zumbindo e efervescendo, salpicaram ao seu redor.

Um obus não era mais que um canhão de tubo curto que se utilizava para disparar projéteis. A perda de precisão que ocasionava o pequeno tubo era compensado pelo diâmetro da explosão do projétil.

Em combate eram apropriados para lançar obuses por cima das tropas amigas. Por isso, ao contrário dos canhões de tubo comprido, eram disparados com um pequeno ângulo de elevação.

Contudo, o general Calvet não queria usar uma trajetória baixa. Queria que seus quatro obuses disparassem como morteiros, quase na vertical, de maneira que os projéteis caíssem reto e mortalmente dentro dos limites das muralhas da fortaleza.

Portanto tinha-se que sacar com grande esforço cada canhão de quatrocentos quilogramas de sua carreta e colocá-lo em um leito de madeiras especialmente fabricado. As madeiras foram das casas do povoado e arrancadas e serradas. Foram feitos encaixes para os operadores dos obuses e depois os calçaram bem com cunhas de madeira. Agora, apontando para cima, os projéteis descreveriam um arco bem por cima das muralhas. Ou pelo menos assim era em teoria.

Os problemas, além do deslocamento e ajuste das vigas de madeira depois das marteladas de cada disparo, eram de dois tipos. Primeiro, o artilheiro tinha que calibrar com precisão a quantidade de pólvora que lançaria a bala no interior do pátio da *Teste de Buch*. Sete grammas a mais mandaria o projétil muito mais além do inimigo. Segundo, tinha que calcular a duração do voo da bala e escolher o tipo de mecha apropriada. Era uma ciência que se desenvolvia com o instinto e as primeiras tentativas do coronel da artilharia francesa foram um tributo a sua experiência.

Ordenou que usassem cento e quarenta e duas grammas de pólvora, muito menos do que um morteiro necessitaria para a mesma distância e escolheu uma mecha média. O primeiro canhão,

no primeiro tiro experimental, atingiu as vigas de madeira e uma cunha saiu disparada, mas o coronel, ao observar o diminuto rastro de fumaça procedente da mecha ardendo, viu que o projétil descrevia um arco suave para o forte, depois caía cada vez mais depressa e provocava uma explosão no próprio centro do inimigo.

O obus era uma esfera de ferro fundido cheia de pólvora. Quando a mecha ardia em direção à pólvora, o obus explodia e os fragmentos de ferro saíam disparados assobiando e cobriam um círculo mortal de dezoito metros de diâmetro. Os projéteis caíam quase verticalmente.

— Protejam-se! — gritou Sharpe entre a fumaça.

Dois homens estavam no chão, um gritando e agarrando o ventre, o outro sem consciência.

Um segundo obus atingiu as muralhas, ricochetou e desceu pouco a pouco pela rampa de pedra. Sharpe esperou a explosão.

Um terceiro projétil atravessou as vigas dos escritórios da guarnição e explodiu no andar superior. O tenente Fytch que saiu disparado pela porta como um coelho perseguido por um furão gritava pedindo água.

O quarto obus meteu-se nas cinzas e madeiras enegrecidas do quartel queimado e lançou aqueles restos ao ar com a grande explosão.

— Temos um morto, senhor!

Um fuzileiro apontava para o segundo obus que havia ficado descansando na rampa. Não saía fumaça, mas Sharpe havia visto coisas dessas que explodiam de forma inexplicável.

— Mantenham-se afastados!

Houve uma pausa, durante a qual, Sharpe sabia que o inimigo estava voltando a alinhar os canhões e punha pólvora negra nos tubos lavados. Sharpe estava furioso consigo mesmo. Por algum motivo não havia pensado na possibilidade do fogo de morteiro e o impacto o havia aturdido.

— Suponho — disse Frederickson — que vamos ter que resistir a isso durante um tempo.

— Acho que sim.

Mas o laboratório de pólvora estava ameaçado, assim como que a sala do cirurgião e Sharpe chamou aos gritos o tenente Minver para que organizasse um grupo que os trasladasse para um lugar mais resguardado nas galerias de pedra.

Seis homens iam correndo com água suja procedente do poço e entregavam os baldes no interior dos escritórios, onde outros homens lutavam contra o fogo. Dois soldados da infantaria carregaram o ferido para a enfermaria enquanto um fuzileiro arrastava o morto para um lado do pátio. Sharpe viu, com aprovação, que recuperavam a munição do morto.

Mais dois canhões dispararam, desta vez com um som diferente e Sharpe virou-se bruscamente e viu que dois dos canhões de doze do inimigo, as “belas filhas” de Napoleão, estavam bem dispostas no moinho chamuscado. Disparavam potes de metralha, provavelmente para limpar as muralhas de defensores, e as pesadas balas atingiam a pedra ou assobiavam sobre suas cabeças.

— Fuzileiros! Vigiem aqueles sacanas!

Os artilheiros, quinhentos metros a sudeste, podiam ser vistos através de uma janela do moinho, mas a fumaça de seus canhões proporcionavam um escudo protetor contra a pontaria dos fuzileiros. Então, com um ruído estrondoso, os outros seis canhões de doze, alguns dentro do moinho e os outros protegidos pela parede de pedra situado ao longo do córrego, abriram fogo.

Um obus desceu gritando, explodiu a cinco metros acima dos paralelepípedos do pátio e um fragmento da bainha atingiu a cabeça de um dos homens que havia se agachado em busca de refúgio atrás do forno. A fabricação de balas tinha sido interrompida pelo ataque e o chumbo fundido, derramado pela explosão do obus, derramava lentamente sobre a cara do morto.

Outro projétil aterrissou nas muralhas do leste e lançou um fuzileiro ao interior do pátio. O obus seguinte passou direto e explodiu no fosso seco do norte, enquanto que o último desta segunda descarga, com a mecha úmida, quicou, deu várias voltas despreendendo fumaça e Patrick Harper, que surgiu casualmente de uma galeria, parou o movimento giratório com sua bota, chupou o dedo indicador e o polegar, depois se agachou e arrancou a mecha ardendo.

— Bom dia, senhor!

— Bom dia, sargento-mor. Obrigado pela noite passada.

Harper aguçou o ouvido para ouvir bem os sons da manhã.

— Não parece que desanimou os sacanas, senhor.

Sharpe deixou uma dúzia de homens no abrigo que oferecido pelos baluartes, em sua maioria fuzileiros, e os demais se meteram bem a salvo nas galerias do forte. Os escritórios teriam que queimar.

Sharpe ficou nas muralhas assim como que o capitão Palmer, mas Frederickson recebeu ordem de se abrigar. As balas dos potes de metralha tamborilavam e arranhavam contra as pedras, ricocheteavam girando desde o talude e faziam farrapos da bandeira improvisada. Uma vez um artilheiro francês deixou ver no lado do moinho, quatro fuzis estalaram, mas o homem, fazendo um gesto de zombaria, saltou e se pôs a salvo.

Tinha que resistir aos obuses. Caiam com uma frequência horrível, já não se espaçavam em turnos de quatro porque cada canhão francês, que já havia pegado ritmo, disparava a sua própria velocidade. Algumas vezes dois ou três caíam juntos, outras vezes havia uma pausa de uns trinta segundos em que não caía nenhum, mas a manhã para Sharpe parecia um retumbar sem fim. Uma e outra vez soavam as explosões, retumbavam e rugiam, e a fumaça com odor apodrecido azedava o ar e as chamas se reavivavam no quartel destruído e se igualavam às chamas que se erguiam por cima das muralhas procedentes dos escritórios. Seis homens,

conduzidos por Minver, haviam ajudado a transferir a enfermaria improvisada para um armazém, enquanto que outros seis, guiados por Harper, resgataram o laboratório com sua preciosa carga de cartuchos quase prontas.

Um jovem soldado da infantaria, agachado ao lado de Sharpe na segurança duvidosa oferecida pelo baluarte do sudeste, estremecia cada vez que um obus explodia.

— Sacanas — dizia —, sacanas.

Os fragmentos das cápsulas dos projéteis escavavam na pedra; um pedaço entrou pela porta do baluarte e caiu ainda fumegante aos pés de Sharpe.

— Sacanas — disse o soldado.

Uma bomba atingiu o telhado do baluarte e o ruído produzido foi como o estalido de uma marreta. Sharpe ouviu o chiado do projétil deslizando pela pedra do telhado para o fosso e percebeu que se explodisse fora das frestas o ferro cortaria aquele marco como o cutelo de um açougueiro, mas o obus explodiu dentro do fosso.

— Sacanas — disse o soldado.

A fortaleza se estremecia com as explosões, o ar pulsava com elas e os paralelepípedos ficavam chamuscados. Um dos canhões de Harper, tão amorosamente restaurado, foi arrancado de sua carreta. Um cadáver, atingido no ventre pela explosão de um obus, salpicou os muros de carne e sangue. Uma das passarelas que Sharpe fizera para evitar os baluartes foi arrancada do lugar e lançada contra os escombros do quartel. Outra, no canto sudeste, foi queimada pelas chamas que subiam dos escritórios de Lassan.

Os canhões de doze, ao não ver movimento nas muralhas, começaram a disparar balas e as marteladas repercutiam como sinos discordantes por toda a *Teste de Buch*. A oitocentos quilômetros, sem obstáculos, os artilheiros não podiam falhar. Seus disparos de ferro sobrevoavam o talude e golpeavam as muralhas, e as pedras, com pouca argamassa, começaram a se mover.

— Sacanas.

Os nós dos dedos do soldado, que se agarrava à culatra de seu pesado mosquete, estavam brancos.

— Como você se chama? — perguntou Sharpe.

O soldado que teria uns dezesseis anos pestanejou.

— Moore, senhor.

— De onde você é?

— Exminster, senhor.

— Onde fica isso?

Sharpe olhava pela seteira vigiando um ataque, mas ao ver que o rapaz não respondia virou-se para ele.

— E então?

— Fica perto de Exeter, senhor. Em Devon.

— Granjeiros?

— Meu pai tem um pub, senhor. O Stowey Arms.

Explodiram dois obuses, o ar se encheu de fumaça, trovão e o sopro quente das chamas e o soldado Moore, por uma vez, não xingou.

— Um dia — disse Sharpe — você e eu tomaremos umas jarras de cerveja no Stowey Arms de Exminster e ninguém acreditará no que contaremos.

— Sim, senhor — disse o rapaz sorrindo.

— É uma boa taberna?

— A melhor, senhor.

— E a cerveja?

— Excepcional, senhor. Melhor que a porcaria que tem aqui.

— A cerveja francesa — disse o major Richard Sharpe com tom autoritário — é mijo de virgem. — Viu que o rapaz sorria, tal como esperava, e lhe deu uma palmadinha no ombro. — Soldado Moore, olhe por esse buraco. Se vir algum movimento, grite. Entendido?

— Sim, senhor.

— Confio em você.

Sharpe, ocultando seu terror que era bastante similar ao de Moore, saiu do abrigo oferecido pelo baluarte. Ajeitou a casaca e a espada, depois foi caminhando para a muralha sul. Viu a destruição no pátio, ouviu um disparo estremecer um merlão a uns seis passos, mas seguiu caminhando com calma. Os homens, protegidos nas arcadas do pátio ou agachados nos baluartes das muralhas, deveriam vê-lo. Tinha que parecer calmo diante daquele terror, tinha que fazê-los acreditar que os obuses e disparos, ainda que potentes, não eram o fim do mundo. Recordava que quando era um jovem soldado observava seus oficiais e sargentos e acreditava que se eles podiam suportar aqueles sons mortíferos ele também poderia.

Parou na metade da muralha e olhou para o sul. Tinha todos os sintomas do medo. Seu coração golpeava o peito, o estômago doía, tinha a garganta seca, sentia que um músculo de sua coxa tremia e que não podia pará-lo e suave, ainda que o dia fosse frio, a pele pinicava. Disse a si mesmo que não tinha que se mover daquele ponto até que tivesse contado até vinte, depois pensou que um homem valente contaria até sessenta.

Fazia aquilo para que seus homens o vissem, não porque acreditasse que estava a salvo. Um disparo ricochetou no cordão da mureta e Sharpe percebeu que os canhões de doze, com os tubos já quentes, disparavam alto demais. Notou que os morteiros eram menos frequentes e menos precisos e supôs que as madeiras deviam ter se deslocado na terra arenosa. Chegou a cinquenta, decidiu que estava contando muito depressa, portanto voltou a começar a partir de quarenta.

— Senhor! Senhor Sharpe!

Era Moore. O rapaz apontava para o sudeste, terra adentro, e Sharpe, olhando fixamente naquela direção, viu a massa de homens que estava parada atrás do povoado e que agora, com os tambores redobrando e os estandartes bem levantados, emergia e se fazia

visível. Sharpe percebeu, com grande surpresa, que os morteiros haviam parado de disparar. Olhou para os canhões de campanha e essas armas, as oito, estavam em silêncio. A fumaça se elevava sobre os pastos. Percebeu que havia um toque de primavera no ar e algo bonito na forma como o sol reluzia sobre as águas.

Sharpe virou-se.

— Capitão Frederickson! A seus postos! Todos!

Fez soar seu apito, observou os homens que saindo correndo dos túneis de pedra e depois voltou a girar para ver o que o inimigo faria.

O assalto se aproximava.

O general Calvet, com uma fatia de bacon em uma mão e um relógio na outra, sorria irônico.

— Você acha que já terão guarnecido as muralhas, Favier?

— Creio que sim, senhor.

— Então dê o sinal. Eu voltarei a almoçar.

Favier fez um sinal com a cabeça ao trompete, este fez soar o instrumento e a infantaria imediatamente se sentou.

Os artilheiros, que estavam pondo as cunhas na base dos obuses, recuaram de um salto quando acenderam o fogo e os tubos voltaram a golpear com força.

— Ao chão!

Sharpe estava furioso. Havia caído na trapaça como se fosse um oficial recém-saído da escola e fizera seus homens saírem ao exterior, justo o que os franceses queriam que fizesse e agora os projéteis subiam até o extremo de seu arco, envoltos em fumaça, e depois mergulhavam para o forte.

— Ao chão!

Os canhões de campanha disparavam, os projéteis explodiam e o pesadelo de fogo, estouros e de gritos ao atingir as cabeças e de

chamas e de fragmentos sussurrantes voltava a começar.

Um tiro sólido, que acertou em uma seteira, lançou pedaços de pedra nos olhos de um homem. Um obus, que aterrissou na muralha oeste entre dois soldados, arrancou o ventre de um e deixou o outro ileso, mas gritando.

— Eles fizeram isso perfeitamente — disse Frederickson.

— E eu caí — disse Sharpe com amarga indignação.

Frederickson olhou por uma seteira. A infantaria francesa estava junto ao riacho como se estivesse de férias.

— Atacarão a porta quando venham para cá.

— É o que acho.

— Sacanas seguros de si mesmos.

Os dois oficiais se agacharam quando um disparo fez que o pó e a argamassa seca das pedras estremecesse por cima deles. O grande bloco de alvenaria havia se movido uma polegada com o golpe.

Sharpe ficou olhando a muralha do outro extremo.

— Tenente Minver!

— Senhor?

— Faça que repartam pão e carne quente!

Minver, horrorizado de que por ser ordenado a enfrentar o pátio onde explodiam a maioria dos obuses, consentiu com a cabeça. Sharpe deixaria seus homens expostos ao perigo pois não tinha ideia de quando se iniciaria o ataque da infantaria concentrada. Viriam pelo sudeste e os obuses seguiriam disparando até que os franceses estivessem praticamente nas muralhas. Os canhões de campanha, disparando muito perto da linha de avanço, teriam que cessar fogo antes do começo do ataque.

Sharpe queria que chegassem. Queria ouvir o som *pas de charge* dos tambores, queria ouvir os gritos dos homens que atacavam, o estalido dos mosquetes, pois aquilo seria preferível a essa espera

impotente. De repente queria imitar o jovem Moore e insultar inutilmente os artilheiros que suavam e disparavam e esfregavam e voltavam a disparar.

Harper, que esperava na muralha oeste com o pelotão escolhido por Sharpe, foi até o soldado que gritava e lhe deu um bofetão para que calasse.

— E afaste para um lado essa sujeira com uma pá, rapaz — disse apontando os intestinos espalhados do morto. — Não vai querer atrair moscas, não?

— Moscas no inverno?

— Não seja sem-vergonha, garoto. Faça-o.

Um dos soldados da infantaria que estava com Harper parecia imperturbável diante do bombardeio. Passava uma pedra pelo alfanje, uma e outra vez até conseguir o corte perfeito da lâmina. Outro, apoiando-se contra a inclinação da carroça de munição abandonada de um dos canhões de Lassan, lia um livrinho com evidente fascinação. De vez em quando levantava a vista, via que seus serviços ainda não eram requeridos e voltava à leitura do livro. O capitão Palmer, que vigiava o norte e o leste, achou ter visto um movimento nas dunas, mas quando examinou o lugar com sua luneta apenas viu areia e capim.

O bombardeio continuou por mais meia hora. Os obuses berravam e explodiam, as chamas crepitavam nas vigas que desabavam provocando uma chuva de faíscas nas ruínas dos escritórios e as cápsulas de ferro cuspiam morte no interior da guarnição. Os homens tremiam. Olhavam fixamente a pedra que tinham a uma polegada de seu rosto, maldiziam os franceses, seus oficiais, sua sorte, a todo mundo asqueroso que os havia levado ao olho daquele inferno humano, até que finalmente, o som dos trompetes soou levemente por entre o estrondo e os distantes vivas revelaram que uma massa humana avançava para o ataque e que os homens do forte, homens vestidos de vermelho e de verde e homens com as caras sujas, preparavam-se para combater.

Capítulo 16

Dois soldados do pelotão de Sharpe calcularam os intervalos entre as quedas dos obuses e se precipitaram ao pátio para recuperar os projéteis que não tinham explodido. Havia seis. As mechas de dois não haviam acendido, outros dois as tinham queimadas pela metade, enquanto que os dois restantes simplesmente não haviam explodido. Os quatro que tinham as mechas aproveitáveis foram levados para o baluarte sobre a edificação da porta de entrada, onde o tenente Fytch lambia os lábios, nervoso, e apalpava a empunhadura de sua pistola.

Havia sido repartido pão e carne, mas a maioria dos homens custava mastigar ou tragar a comida. À medida que a coluna francesa se aproximava e a ameaça de seus tambores se escutava com mais força, o pão foi abandonado junto das barretinas viradas de boca para cima que serviam para guardar os cartuchos.

Um obus que aterrissou no fosso salpicou de água uma seteira. Um homem passou a rir nervoso. Um pardal atrevido por causa da fome de inverno bicou em um dos pedaços de pão afastados e depois se afastou voando.

O soldado Moore, pela vigésima vez, levantou a tampa da caçoleta para comprovar que o mosquete estava escorvado. Pela vigésima vez viu que estava.

Os tambores franceses eram ouvidos claramente no interior do forte, apenas eram interrompidos pelos disparos dos grandes canhões. Entre os intervalos dos redobres se fazia uma pausa enchida por centenas de vozes.

— *Vive l'Empereur!*

— É divertido a primeira vez — disse Fytch.

— Eu o ouvi mais vezes do que posso recordar — disse Sharpe com sinceridade — e em cada uma delas vencemos esses sacanas.

Olhou a coluna, um grande massa de homens que avançavam implacavelmente pela esplanada arenosa. Eram colunas tão enormes e de aspecto tão invencível como as que haviam aterrorizado a metade das nações da Europa e as levaram à rendição, mas também eram uma formação desenhada para hospedar tropas meio instruídas e que, por conseguinte, podia ser atemorizada e vencida. Os atiradores franceses iam se dispersando pelo talude e um deles disparou uma bala que passou a seis polegadas da cara de Sharpe. Um fuzil estalou e Sharpe viu o francês retroceder atrás da neblina formada pela fumaça de seu mosquete.

Sharpe havia espalhado todos seus fuzileiros nas muralhas leste e sul. Esperou que o inimigo estivesse a duzentos passos, então tomou ar.

— Fuzileiros! Fogo!

Mais de cem fuzis cuspiram fogo.

Talvez uma dúzia de homens que encabeçavam a fila de vanguarda da coluna francesa desabou. Imediatamente, com um estremecimento, a coluna passou por cima de seus corpos. Um leve burburinho pareceu percorrer a coluna enquanto as filas seguintes se ocupavam dos mortos e feridos.

Os fuzileiros estavam concentrados recarregando; trabalhavam com mãos rápidas e com eficácia, atacavam a bala e a pólvora nos canos limpos, voltavam a apontar, voltavam a disparar, voltavam a carregar.

A cem passos Sharpe deu duas apitadas com seu apito. Os fuzileiros situados nas outras muralhas regressaram correndo para seus postos.

Os canhões de campanha pararam de disparar.

Tudo parecia estranhamente silencioso. Os redobres e os gritos continuavam, mas a percussão ensurdecadora dos canhões de doze havia cessado. Os obuses, que ainda eram disparados, faziam um ruído mais amortecido. Ouviam-se os gritos de um ferido

procedentes da enfermaria e um soldado da infantaria vomitou, sem motivo aparente.

— A esta distância — Sharpe percorria a linha de soldados da infantaria e falava com voz de sargento de instrução — apontem setenta centímetros acima do alvo. — Deu uma olhada no inimigo. — Apontar!

Os homens com casacas vermelhas empurraram seus mosquetes por cima das frestas.

— Fogo! Recarregar!

Um francês se arrastava pela areia do talude deixando um fio de sangue.

Um soldado, atingido pela do mosquete de um atirador, retrocedeu girando, cambaleou e depois caiu no interior da barreira de pinheiro que ardia.

— Fogo!

Um obus caiu junto de Sharpe e penetrou no pátio girando; ali sua explosão provocou uma bola de fumaça suja com chamas vermelhas.

— Fogo! — gritava o tenente Fytch.

Apontou com sua pistola para um oficial francês a menos de cinquenta metros e apertou o gatilho. O disparo provocou um impacto no seu braço e sua vista foi tampada pela fumaça.

O mosquete de um soldado falhou e este lançou a arma dentro do pátio e pegou a de um morto. A munição que restava no bernal do cadáver que caíra nas chamas da barreira começou a explodir.

Os fuzileiros, sabendo que a sobrevivência dependia da rapidez de seu trabalho, já não atacavam a fundo, recarregavam as armas golpeando as culatras nas muralhas e depois disparavam pelo espaço entre os desníveis do talude. As balas dos mosquetes e dos fuzis cuspiam contra o inimigo, mas a coluna seguia avançando. Sharpe, ainda que já tivesse visto isso muitas vezes, estava outra vez surpreendido com o castigo que uma coluna francesa

aguentava. Três soldados da infantaria, equipados com as escopetas dos civis que haviam confiscado nas vilas vizinhas, lançavam seus disparos contra a cabeça da coluna.

A estratégia do ataque já estava clara.

Na vanguarda da coluna o general francês havia colocado os novos recrutas, granjeiros, garotos cujas mortes não prejudicariam o Império, e havia convidado os britânicos a massacrá-los. Agora, empurrados pelos oficiais e sargentos, os recrutas sobreviventes se dispersavam ao longo da contraguarda ou se refugiavam no fosso seco e disparavam seus mosquetes contra o muro envolvido em fumaça que tinham por cima.

Atrás iam os veteranos. Vinte homens ou mais carregavam grandes feixes de galhos atados com cordas e grandes colchões de madeira que os protegiam das balas e que tinham de lançar ao interior do fosso, no lugar que ocupara a ponte levadiça. Atrás deles, com rostos sérios e bigodudos, vinham os granadeiros, as tropas de assalto.

Frederickson havia acendido a vela de uma lanterna. Com uma lasca pegou o fogo da vela e acendeu o primeiro obus que não havia explodido. Observou que a mecha sussurrava, esperou até que o fogo penetrasse no buraco da bomba e depois, com um gemido, lançou-a para cima.

— Fogo! — o tenente Fytch, com sua pistola recarregada, desperdiçou a bala contra uma faxina.

O obus quicou no caminho, desapareceu sob a fila de vanguarda e explodiu.

Um buraco se abriu entre os homens que carregavam os grandes volumes, mas tão logo a fumaça se levantou o espaço se encheu e um sargento francês dava chutes nos mortos e descartava os volumes lançando-os ao fosso.

— Patrick! A porta!

Sharpe havia esperado até o último momento convencido de que a intensidade do fogo proveniente das muralhas conteria a

vanguarda da coluna e agora se perguntava se não tinha esperado demais. Pensara em atacar com seu próprio pelotão, mas agora preferia controlar esta luta das muralhas e sabia que qualquer ataque que fosse encabeçado por Harper seria realizado com brutalidade profissional.

— Fogo! — gritou Frederickson e uma vintena de balas caíram com ruído surdo.

Algumas levantaram poeira no caminho, uma fez um francês girar, mas o restante pareceu que ser absorvido pela massa que empurrava e avançava em tropel lutando para chegar à proteção do arco de entrada. Esse arco estava bloqueado por pinheiros, mas a barricada havia partido derrubando com os disparos e os atacantes que iam à cabeça, lançando as faxinas e saltando sobre elas, viam alguns vãos entre as galhos onde apoiar os pés.

Um homem perdeu o equilíbrio na ponte improvisada e caiu sobre as estacas ocultas. Seus gritos foram calados pela água que lhe entrava pela boca.

Outro obus explodiu no caminho. Os assobios das balas, o ruído dos mosquetes ao disparar e o esfregar das varetas enchiam o ar.

— Agora! — gritou Sharpe para o sargento Rossner.

O sargento, oculto pelas muralhas no canto sudeste do forte, tinha uma pá de madeira de padeiro e a introduziu em um barril de cal. Lançava pela borda uma pazada após outra de pó branco.

— Fogo! — gritou Frederickson.

O tenente Fytch, apontando com sua pistola, recebeu um disparo no peito e retrocedeu cambaleando, com a surpresa desenhada no rosto e os cintos cruzados no peito manchados de sangue.

— Estou...

Não pôde dizer o que queria, começou a ofegar; cada exalação era um gemido terrível e lastimoso.

— Deixe-o! — gritou Sharpe para um soldado da infantaria.

Não era o momento de resgatar os feridos. O momento era de lutar ou se não todos acabariam feridos.

— Todo o barril, sargento!

Rossner se inclinou, levantou o barril e o verteu do outro lado da muralha. Duas balas o acertaram, mas o pó caiu, o vento o levou e Sharpe observou que, como se fosse fumaça dos mosquetes, se elevava sobre as tropas de assalto.

Alguns homens, a salvo sobre o fosso, se arrastavam com as mãos agarradas aos galhos do arco de entrada.

— Fogo! — Harper gritou a ordem a seu pelotão e apertou o gatilho de sua arma de sete canos.

As balas atravessaram a barreira e derrubaram os homens.

— Atravessem esses sacanas!

Harper soltou a arma e desceu o fuzil. Incrustou sua baioneta entre dois galhos e fez a lâmina girar no interior do braço de um francês.

Os atacantes tossiam, choravam e esfregavam os olhos enquanto a cal ia se espalhando entre os granadeiros.

— Fogo! — gritou Sharpe e uma vintena de mosquetes martelou contra a multidão que estava abaixo.

Os recrutas que estavam na contraguarda disparavam para o forte, mas a maioria disparava alto. Algumas balas acertavam. Um cabo da infantaria, atingido no ombro, continuou carregando seu mosquete apesar da dor.

— Vocês estão vencendo! — Frederickson lançou um terceiro obus que explodiu entre os homens meio cegos. Agora matem esses sacanas, matem-nos!

Os homens carregavam tão rápido como suas mãos cortadas e arranhadas permitiam. Uma bala atrás de outra era cuspidada contra a massa de franceses que seguia avançando empurrada pelas filas de retaguarda.

Sharpe disparou com seu próprio fuzil contra aquele caos.

— Gritem vivas! Que saibam que perderam! Vivas!

O tenente Fytch, com a boca cheia de sangue, tentou aclamar, mas morreu.

— Fogo! — gritava Frederickson por cima dos vivas.

A zona em torno da entrada estava cheia de chamas, fumaça e balas carregadas de morte. Homens gritando, homens cegos, homens sangrando, homens se arrastando.

— Fogo!

Os homens de Harper, uma vez que limpavam o espaço da entrada, se ajoelharam com armas recarregadas e dispararam à queima-roupa contra os derrotados.

— Disparem, sacanas, disparem!

Harper cantava com o entusiasmo da batalha, estava submerso nela, desfrutava, cuspiam ódio por homens que nunca havia visto, homens com os quais teria se sentado para beber em um dia de verão se a vida tivesse sido diferente; mas eram homens que agora se dobravam ao receber suas balas e derramavam sangue brilhante sobre um caminho empapado em sangue.

— Fogo!

O último explosivo foi lançado longe e explodiu onde o caminho se estreitava; os homens que estavam na retaguarda da coluna, percebendo que as filas de vanguarda se redobravam entre gritos e dor, titubearam.

— Fogo!

Os fuzis cuspiram fogo contra os recrutas que da contraguarda. Os garotos granjeiros, que cinco semanas antes nunca tinham visto um mosquete, deixavam cair seu sangue na areia.

— Bravo! Bravo! — gritavam os homens com as bocas secas pela pólvora arenosa.

— Mantenham o fogo! Até que se retirem!

Os homens tinham os rostos negros por causa da pólvora. Suas unhas sangravam de tanto rasgar os cartuchos sobre as pedrneiras. Os dentes, cuja brancura se destacava nas caras enegrecidas, sorriam. Faltava-lhes a respiração. Todo mundo não era mais que alguns metros cheios de fumaça, fedendo a fogo, na qual o homem atacava e carregava, disparava e matava, atacava e carregava e outros homens gritavam e alguns se arrastavam sangrando pelas muralhas e outro homem resvalava com os miolos espalhados e amaldiçoava porque seu mosquete caía no pátio.

Os franceses se recolhiam centímetro a centímetro. As balas estalavam contra eles, metiam-se na carne e os disparos seguiam soando. Nenhuma tropa disparava os mosquetes com maior rapidez e a nenhuma tropa fora apresentada semelhante alvo.

— Fogo!

Sharpe, com o fuzil recarregado, apertou o gatilho. A fumaça que as armas de seus homens produziam ocultava os indivíduos, mas sabia onde estava o inimigo e sua bala removeu a fumaça ao atravessá-la.

Harper, ao não ver nenhum inimigo à frente, gritou para seus homens pararem de disparar. Afastou um pinheiro de lado, se agachou e depois fez sinais para Taylor.

— Munição.

Foram até a borda do fosso, encontraram os homens a quem haviam matado e lhes cortaram as bolsas de cartuchos. Lançaram as bolsas para a arcada, regressaram e voltaram a bloqueá-la. Não tiveram tempo de usar o canhão que estava em seu posto de combate e Harper, lamentando a oportunidade perdida, foi comprovar se a mecha ainda estava enfiada no ouvido até a carga. Estava bom, então, tranquilizado, começou o laborioso processo de carregar a arma de sete canos.

Um oficial francês, que ia galopando pela esplanada para ver por que o ataque titubeava, foi avistado por dois fuzileiros postados no

baluarte sudoeste. Os dois dispararam. O homem e o cavalo deram uma sacudida, a areia se encheu de sangue cuspidos; então o cavalo ferido, gritando e se sacudindo, arrastou seu dono morto descrevendo um grande círculo para a retaguarda da coluna.

— Fogo!

Frederickson gritou e mais balas pesadas traçaram a fumaça. A coluna retrocedeu mais. Os tambores vacilavam, depois se fez o silêncio.

— Cessar fogo!

Sharpe via que o inimigo fugia correndo, e ainda que desejasse poder disparar até que o último inimigo se perdesse de vista, não tinha munição suficiente.

— Cessar fogo! Cessar fogo!

Sentiu a euforia selvagem de uma batalha ganha, de um inimigo derrotado. O espaço que havia entre a entrada e o forte estava cheio de mortos e feridos e manchado com uma mistura de cal e sangue.

— Parem de disparar!

Naquele momento o verdadeiro ataque de Calvet começou no canto noroeste da *Teste de Buch*.

Do norte se aproximavam nuvens negras. O capitão Palmer as havia observado, vira uma mancha cinzenta de chuva por baixo e calculou que naquela noite a *Teste de Buch* voltaria outra vez a ser açoiado pela chuva. O golfo de Biscaia, pensou, estava honrando sua reputação de tormentas repentinas e calmarias agitadas.

Então começou o ataque à entrada do forte.

Os homens que estavam na muralha norte giraram para olhar. Parecia como se um caldeirão fervesse na entrada, um caldeirão que lançava fumaça ao céu.

Os mosquetes se fundiram em um único estalido. Os gritos o iam interrompendo. Um odor de ovos podres, o fedor da fumaça da pólvora, cobria o pátio. Palmer viu Fytch ser atingido, o viu cair, o imaginou morrendo. O sangue que manava da boca do tenente foi gotejando e, com uma lentidão obscena, caiu na muralha interior.

Palmer viu que o grupo de Harper atravessava o pátio correndo, pisoteando as inúteis barreiras queimadas, e que os homens disparavam como possuídos para o interior da escuridão do arco da entrada.

O forte fedia a sangue e fumaça, o odor dos soldados.

Palmer, agradecendo que os obuses já não caíssem dentro do forte, virou-se para o norte. Um gaivotas lutavam na praia do canal a quatrocentos metros de distância. Não parecia que a chuva estivesse perto. Abaixo das gaivotas que mergulhavam e gritavam, dois homens em um bote a remos dispunham nassas feitas com salgueiro trançado.

Parecia que o ruído e a carnificina que envolvia a *Teste de Buch* pouco lhes importava.

O mar estava vazio. Nem uma só vela cinzenta lhes oferecia alguma esperança.

Palmer pensava na esposa que deixara em Gravesend, em dois meninos que passavam fome três dias de cada sete, em suas esperanças para aquela família quando esta guerra acabasse. Um horto, pensou, longe do mar e sem fumaça alguma, seria um lugar apropriado. Algum lugar com uma cabaninha, não muito grande, mas com um quarto onde pudessem dormir os meninos, outro para ele e Betty e um aposento onde seus poucos livros pudessem justificar o nome de estúdio. Um cavalo, pois nenhum cavalheiro caminhava se pudesse ir a cavalo, e talvez seu sogro, que havia se oposto ao casamento de Betty com um soldado da infantaria, poderia emprestar-lhe um pouco de dinheiro para que o soldado se convertesse em hortense.

— Senhor? — Era um fuzileiro que estava perto de Palmer e olhava para o canal.

— O que foi?

— Acho que vi algo.

Palmer ficou olhando, mas não viu nada e baixou a vista até as gaivotas que lutavam junto às nassas.

Estava seguro de que a frágil saúde de seu filho mais velho se devia ao fato de viver em uma cidade. Gravesend era um lugar sujo pela fumaça do carvão e no inverno a névoa marinha se colocava no peito do pequeno. Dois dos filhos de Palmer morreram bebês e foram enterrados em uma vala comum, pois um oficial da marinha não tinha dinheiro para gastar em grandes funerais para os recém-batizados. Um horto seria um lugar ideal para crescer, pensou Palmer, um horto com muitas maçãs e com pereiras que crescessem pelas treliças junto a um muro aquecido pelo sol.

Um viva lançado da porta de entrada fez que girasse. Os homens que havia nas muralhas seguiam disparando, mas aqueles vivas indicavam a Palmer que tinham ganhado aquela partida. Somente Deus sabia como, os soldados da infantaria e os fuzileiros haviam carregado e disparado freneticamente. Os vivas se elevaram de novo e de repente se fez um silêncio anormal porque todos os mosquetes se haviam calado e só se ouvia o vento suspirando sobre a pedra fria, os choros dos feridos e um grito repentino e assustador vindo da direita de Palmer.

Ele passou a correr.

Trezentos franceses haviam saído do povoado antes do amanhecer e avançaram às apalpadelas na escuridão. Haviam marchado formando um grande círculo este-norte-oeste e chegaram, uma hora antes que despontasse o dia, ao extremo do canal ao norte da fortaleza.

Uma centena daqueles homens eram recrutas novos que tinham de disparar os mosquetes quando lhes dessem a ordem.

Os outros duzentos eram os melhores homens da força de Calvet. Estavam sob o comando do capitão Briquet, cujo nome, que significava sabre, lhe dava força e uma estranha confiança. Henri Lassan os guiava no assalto e tinha naquele ataque a oportunidade de sua redenção.

Briquet, ainda que fosse um oficial jovem entre as forças de Calvet, já havia ganhado uma reputação. Era valente, cuidadoso e um grande agitador.

Sua missão consistia em se aproximar do forte uma vez a batalha principal tivesse começado. Contando com a cobertura que lhes dava o fragor e confiando na distração, planejava se aproximar da parte inferior da esquina vulnerável do forte, a noroeste. Lassan havia assegurado que a aproximação podia ser realizada sem serem vistos porque as dunas de areia permitiam que se ocultassem. E Lassan tinha razão.

Uma vez no lugar, e oculto perto da fortaleza, um esquadrão suicida atravessaria a ponte de alvenaria do dique, colocaria as escadas contra as frestas mais próximas e escalaria. Os homens do pelotão, que iam morrer, eram encabeçados por Briquet, que esperava ser major quando o sol se ocultasse.

Os recrutas, sob as ordens dos sargentos experientes, açoitariam as muralhas direita e esquerda do assalto com fogo de mosquete.

O pelotão suicida, ao alcançar as muralhas, reteria uma pequena parte enquanto os outros veteranos, com mais escadas, inundariam a faixa de areia que se estendia entre o forte e o canal para colocar mais escadas. Briquet, sabendo que as muralhas que davam para o canal seriam as que estariam menos defendidas, se preparava para tomar aquela muralha. A rampa de pedra que Lassan havia desenhado em seu minucioso mapa os conduziria ao coração da *Teste de Buch*.

Duzentos homens, disse Briquet, podiam capturar aquele forte. Não tardariam mais de vinte minutos, se a primeira tentativa tivesse êxito.

Contudo, para que fosse assim tinha que fazer os sentinelas britânicos olharem para o outro lado e nessa intenção alguns homens tinham de morrer na entrada principal. Assim fora ordenado pelo general Calvet, mas o temor do capitão Briquet, pois era um homem sedento de glória, era que o ataque importante penetrasse na fortaleza antes de seu pelotão suicida. Briquet sabia que o coronel que estava ao comando do ataque principal queria triunfar desesperadamente e não havia sequer um homem que avançasse com os tambores que não acreditasse que os britânicos seriam varridos de forma vergonhosa quando as faxinas estivessem em seu lugar e os bigodudos granadeiros vagueassem pelo fosso.

A força de Briquet, com cautela e cuidado, ia avançando em direção sul entre as dunas e a água. Dois homens, que colocavam nassas desde um diminuto bote, fizeram sinais quando umas caras apareceram no canto noroeste do forte.

Briquet escutava o caos vindo da entrada do forte. Nem uma vez levantou a cabeça para olhar o forte, nem uma vez se arriscou a ser descoberto. Isso podia esperar até o último momento, a corrida por cima do dique.

— Até aqui podemos chegar sem que nos vejam — disse Lissan.

Os disparos na porta principal iam diminuindo e Briquet sabia que aquele era o momento e que já não haveria outro.

— *Vértex!*

Seus pés lutavam para manter o equilíbrio na areia, um sargento o levantou e de repente o forte surgiu em sua frente. Briquet teve a impressão de que nenhum homem vigiava as muralhas, mas não se atrevia a procurar o inimigo pois havia muito que fazer. Viu o dique de pedra, exatamente como Lissan o havia descrito, e saltou a cerca de madeira que dava ao mar; suas botas ressoaram sobre a pedra, que estava levemente coberta de areia.

Ouviu um mosquete em algum lugar, depois outro, mas Briquet não prestou atenção. Saltou por cima das peças oxidadas do

mecanismo da eclusa e se levantou com uma mão na parede da fortaleza.

— Um! — disse apontando à direita. — Dois! — indicando à esquerda.

As escadas que foram carregadas com tanto cuidado pela borda do canal avançaram. Havia quatro homens para cada escada, dois plantavam os pés na areia e os outros levantavam as escadas; as madeiras rangiam contra a alvenaria. Briquet afastou de lado um sargento de um grunhido e escalou a primeira escada como se o estivesse perseguindo alguém.

Por cima dele apareceu um homem sobressaltado, mas um disparo de mosquete procedente de baixo destróçou a cara do homem e Briquet, salpicado pelo sangue derramado, cuspiu ao mesmo tempo em que sua cabeça se alçava pela borda da fresta.

Ele a alcançou, agarrou-se ao extremo superior do merlão e se impulsionou para cima. Deu um tropeço com uma bainha vazia, se ergueu e o sargento já estava a seu lado.

Briquet desembainhou a espada, o aço sussurrou no gargalo da bainha.

— Sigam-me!

Os homens sabiam pelas escadas aos montes. Mais homens, aclamando, seguiam com mais escadas e Briquet, à cabeça do ataque que avançava pela muralha oeste, soube que o forte era seu.

Havia conseguido que fosse um ataque surpresa, havia conquistado a muralha e seria major ao pôr do sol.

O capitão Palmer salvou a muralha norte. A passagem feita com pinheiros atados ainda estava em seu lugar, rodeando o baluarte; agarrou as madeiras, resmungou e depois empurrou os pesados troncos de pinheiro até o interior do pátio. Agora o único acesso

possível era através do baluarte que estava bloqueado por um barril de cal.

— Fogo!

Palmer, apertado no interior da guarita com cinco soldados, disparou por cima do barril contra os uniformes azuis que haviam aparecido tão subitamente na plataforma.

— William! Fique aqui!

Sharpe necessitava de um homem em cima da entrada. Se os franceses vissem que a nova ameaça fazia os defensores se retirarem, voltariam a atacar e então um homem como Frederickson faria falta para contê-los.

— Infantaria! Infantaria! — gritava como se fosse um grito de guerra.

Sharpe foi correndo para a muralha oeste.

Os soldados da infantaria naval, instruídos na sangrenta abordagem de navios inimigos, eram as tropas que necessitava naquele momento. Os fuzileiros podiam defender a entrada, mas a infantaria naval poderia mostrar seu valor no combate corpo a corpo.

Sharpe jogou seu fuzil, puxou sua pesada espada de cavalaria e a sacou de sua bainha. Como diabos os franceses tinham conseguido entrar no forte? Uma bala de mosquete bateu contra o muro próximo de si; fora disparada por um francês situado na muralha oeste. Sharpe via que os uniformes vermelhos se embolavam no distante baluarte; isso indicava que a muralha norte aguentava. A missão de Sharpe e dos soldados da infantaria que corriam atrás dele era tirar o inimigo dos baluartes do oeste.

A passagem que atravessava o canto das muralhas havia desaparecido, tinha queimado, portanto Sharpe tinha que conduzir seus homens pelo caminho ziguezagueante do baluarte. O inimigo sabia disso, seus mosquetes estariam esperando os homens que aparecessem pela estreita entrada, mas não tinha sentido deixar-se invadir pelo medo. Sharpe viu que um oficial francês, empunhando

uma espada, conduzia seus homens a toda pressa pela muralha oeste e percebeu que se tratava de correr para ver quem chegava ao baluarte primeiro. Apertou o passo, com a munição de seu bernal saltando, depois atravessou a porta depressa e diminuiu sua velocidade golpeando contra a parede interna.

Frederickson, com os fuzileiros, mandou uma descarga contra os franceses que haviam subido pelas escadas. Àquela distância, para canto do forte, o disparo de um fuzil era mortal.

Os soldados se apertaram no interior do baluarte e Sharpe, confiando em que lhe seguiriam, saltou para a entrada.

— Venham!

Apareceu sob a luz de inverno e viu um espaço vazio de cinco metros depois do qual, gritando e ameaçando, a fila de vanguarda dos franceses carregava contra ele.

O inimigo era impetuoso. Vinha correndo e Sharpe acabava de aparecer procedente do obstáculo que era o baluarte. Este era o momento que produzia um medo puro e visível, a visão do aço; Sharpe rosnou seu desafio e desenhou um arco brilhante e sussurrante com sua espada para deter o avanço impetuoso dos franceses.

— Baionetas! — gritou Sharpe para os dois homens que o haviam seguido até as muralhas. Atrás vinham outros soldados empurrando, mas era Sharpe quem tinha que abrir o caminho. — Agora, matem-nos!

Deu um salto para frente para se antecipar ao ataque dos franceses. O oficial francês, um homem baixinho de rosto feroz, arremeteu com sua espada. Era flanqueado por dois gigantes bigodudos com baionetas.

A pesada espada de cavalaria, com uma lâmina de açougueiro, afastou de um golpe o mosquete. A espada do oficial francês passou ao longo, pois Sharpe girou bruscamente, e um soldado se agarrou instintivamente a sua lâmina e se pôs a gritar pois Briquet a puxou e cortou os dedos dele.

Sharpe golpeou o soldado que estava mais perto com o guarda-mão da espada e depois a dirigiu para o oficial. Briquet, ao perceber o lampejo do aço, se inclinou, mas a baioneta de um soldado da infantaria lhe golpeou nas costelas e a pesada espada de cavalaria o atingiu em um lado do pescoço e acabou com suas esperanças de glória.

Uma bota golpeou Sharpe na virilha e lhe atingiu na parte superior do coxa. Sua espada se prendeu com a queda do oficial, mas a arrancou e a fez avançar com ambas as mãos até que a ponta se achou na garganta de seu assaltante.

Uma baioneta proveniente da segunda fila de franceses tentou alcançar Sharpe.

Havia homens grunhindo e dando chutes e cortes ao seu redor. Sentia seu suor, seu fôlego e precisava de espaço. Um mosquete disparou com grande ruído, mas era impossível dizer de onde vinha o disparo.

Os franceses, que eram mais numerosos, pressionavam e faziam o punhado de britânicos se recolher. Sharpe tinha meio metro de espaço atrás dele, retrocedeu e soltou seu grito de guerra ao brandir a grande espada e arremeter de forma temível. Um homem se agachou, Sharpe girou a munheca para investir, pisou com força para frente e um francês gemeu quando a grande lâmina entrou em seu ventre.

— Infantaria! Infantaria!

Um soldado ficou prostrado no chão tossindo e sangrando, mas outros dois conseguiram passar por cima de seu corpo e entraram no combate com baionetas. Mais dois vinham atrás deles. Aquilo era como luta de rua, algo que se aprendia quando pequeno e que nunca era ensinado pelos sargentos de instrução. Aqui os homens se arranhavam, se chutavam e cheiravam o bafo dos homens aos quais matavam.

Um soldado tropeçou no corpo do capitão Briquet e uma baioneta francesa arremeteu contra suas costas. Imediatamente

outro soldado, gritando como um espírito maligno, carregou com sua lâmina contra a cara do francês. Os corpos formavam uma barricada, mas os soldados da infantaria os empurravam aos chutes para os restos fumegantes dos escritórios queimados e seguiam arremetendo com suas lâminas úmidas.

Sharpe utilizava a espada para obrigar os homens a retroceder. Olhava o inimigo nos olhos e ainda que não o conhecesse, sorria para ele. Atacava, parava, assaltava, acometia e cada ação era como um reflexo. Dezesesseis anos de batalhas se concentravam naquele momento.

Um mosquete explodiu perto de Sharpe e a bala bateu contra seu peito. Um tenente francês, com sangue na cara e na casaca, saiu da fila de vanguarda do inimigo e arremeteu com sua espada delgada e flexível para a cara de Sharpe. Sharpe desviou a espada e atacou com sua pesada arma contra os olhos do oficial.

— Avançar! Avançar!

Estavam resistindo. Uma dúzia de soldados da infantaria já estava nas muralhas e os franceses, detido o ímpeto de sua primeira carga, não confiavam em suas baionetas. Alguns dos franceses, ao verem o caminho bloqueado, regressaram em bando para os baluartes semicirculares onde tinham estado situados os canhões de trinta e seis. Outros desceram correndo pela rampa de pedra para o pátio.

Frederickson havia levado uma dúzia de fuzileiros a meio caminho da muralha sul e os estava instruindo como se estivessem em Shorncliffe. Apontem, carreguem, disparem, apontem, carreguem, disparem. E cada descarga açoitava os franceses que seguiam subindo aos montes pelas escadas para as muralhas.

Os franceses que estavam nas defesas, ao ouvir vivas quando seus camaradas desciam em tropel pela rampa, cederam terreno para Sharpe. Se o pátio fosse tomado, não haveria necessidade de lutar contra aquele fuzileiro selvagem cujo rosto estava tismado pela pólvora. Seus olhos e dentes brilhavam em contraste com a pele curtida.

Sharpe percebia que o combate nas muralhas estava esmorecendo, pois os homens de ambos os lados se tornavam mais prudentes ao se sentirem invadidos pelo medo do frio aço. Ele não tinha intenção de que esmorecesse. Gritou para os soldados que voltassem a carregar, pisoteou o corpo do tenente francês morto e estocou um sargento francês, retirou a lâmina da carne e seus soldados penetraram no novo o espaço ganho com suas lâminas, espetando o inimigo com ataques rápidos e profissionais.

Ouviram-se disparos no pátio. Um grito e depois o rugido de uma grande arma indicaram a Sharpe que Harper entrava em ação.

Outra descarga dos homens de Frederickson.

As pedras das muralhas resvalavam com o sangue. Um soldado perdeu o equilíbrio e um francês alto o matou de um só golpe com um machado de engenheiro. O homem do machado proporcionou ao inimigo novos ânimos.

Sharpe percebeu que o forte estaria perdido se o francês do machado continuasse vivo. Acometeu contra o homem e sua espada se meteu entre as costelas do francês, rangeu, depois uma mão francesa agarrou a espada de Sharpe, com sangue nos dedos, mas o homem aguentava, puxava e outro homem arranhou Sharpe na cara. Uma baioneta lhe golpeou na coxa, Sharpe caiu para trás, perdeu a espada no tumulto e se viu com o bafo de um francês em sua cara e dedos no pescoço. Sharpe estava agora deitado de costas com dois franceses em cima. Levantou um joelho e arranhou os dedos do homem que tentava sufocá-lo. O homem gritou quando Sharpe meteu os dedos no seu olho esquerdo.

Já não restava destreza, nem ordem, só uma massa de homens que se destroçavam uns aos outros com espadas, com chutes e arranhões e de novo facadas. Um sargento da infantaria, gritando algo incompreensível, atravessou com uma baioneta um dos atacantes de Sharpe e deu um chute na cara do outro. O homem do machado, com os pulmões afogados em sangue, caiu de lado e dois soldados gemeram ao introduzirem suas baionetas em seu tronco. Em algum lugar um homem chorava e outro gritava.

Sharpe, que perdera a espada, pegou o machado de grandes lâminas. O sargento de infantaria não ouviu o agradecimento quando Sharpe lhe deu e seguiu atacando com sua baioneta ensanguentada.

Um francês tropeçou, se fez um espaço e Sharpe arremeteu com seu machado, depois gritou e o inimigo retrocedeu mais dois passos.

Uma explosão ressoou no pátio, um som que retumbou como um redobre do inferno nas muralhas da *Teste de Buch*. O fragor se encheu de fumaça.

Harper havia girado o canhão e depois disparara sua carga de pedras, pregos restos de chumbo contra os franceses que desciam pela rampa de pedra. A expansão do ar do canhão o havia lançado a cinco metros.

— Agora os matem!

— Os fuzileiros de Minver, na muralha norte, disparavam nos franceses que estavam no pátio. Alguns dos fuzileiros, desejosos de saquear os mortos, saltavam abaixo se arriscando a quebrar os tornozelos e rebuscavam com suas compridas baionetas com empunhadura de cobre.

Sharpe gritando brandiu o machado e a lâmina meteu-se em um corpo, arrancou-a entre um jorro de sangue e seguiu avançando.

Percebeu um movimento a sua esquerda, se inclinou e um homem que saltava de uma escada tropeçou com as costas de Sharpe e foi parar entre os soldados da infantaria. Um deles deu-lhe uma pancada com a culatra e o matou tão limpamente como a um coelho.

Sharpe virou-se, protegido pela fresta, e viu que os franceses disparavam desde as dunas. Outro homem se aproximava do extremo da escada e Sharpe arremeteu com o machado contra sua cara, ouviu o grito, depois pegou a escada e a empurrou de lado para baixo e ouviu os gritos enquanto ela caía.

— Atrás!

Uma voz o advertiu, Sharpe se agachou e uma baioneta passou roçando por suas costas. Carregou com o machado contra o ventre do francês e depois retrocedeu, girou arma e com um balanço mortífero esta se enfiou nas costelas do homem. O machado ficou ali.

A seus pés tinha um mosquete francês com a baioneta calada. Parecia contra a natureza, mas era útil. O brandiu para frente tal como aprendera há muitos anos. Estocar, retorcer, puxar, avançar um passo, acometer, retorcer, puxar.

Ele gritava ordens, não se dava conta. Sentia-se irado, não percebia. Simplesmente lutava para limpar uma muralha dos inimigos.

Teve aquela estranha sensação que já tivera outras vezes em combate, uma estranha lentidão do mundo, como se os homens que tinha ao redor fossem títeres que alguém movesse. Parecia que só ele se movia depressa.

Um francês, com os olhos desencaixados de medo, atacou e Sharpe achava uma coisa simples afastar o mosquete de lado e enfiar a baioneta no ventre do homem, retorcê-la, retirá-la e depois voltar a avançar um paço. Outro francês, à esquerda, manipulava o mecanismo do mosquete e Sharpe, sem saber que o mosquete que havia capturado estava carregado, apertou o gatilho e não sentiu surpresa alguma quando fez um buraco na garganta do inimigo.

Aquilo abriu um espaço. Um sargento francês, experimentado na guerra, viu Sharpe e arremeteu, mas Sharpe foi mais rápido e sua baioneta acetou o braço do homem, atravessando até o osso e um soldado que estava junto do ombro de Sharpe meteu sua espada na virilha do sargento.

Para Sharpe, o forte podia cair. Só o que pensava era que tinha que lutar por aquelas pedras escorregadias de sangue e que os soldados da infantaria naval estavam lutando como homens possuídos, dominando o inimigo com uma ferocidade e uma confiança que infundia terror nos franceses que tinham que lutar contra eles. E o terror era a primeira e a principal arma de guerra.

Era o terror que conduzia àquela ira mortífera sob a bandeira que ondeava ao vento acima do combate.

Um grito, prolongado, quase um grito que gelaria os cavaleiros do diabo, foi ouvido do outro lado do inimigo.

Sharpe conhecia aquele som.

— Patrick!

Harper, com o pátio limpo de inimigos, subia pela rampa que palpitava com os feridos abatidos pelo canhão. Encabeçava uma carga de baionetas para as muralhas e os franceses, atacados por três lados, começaram a ceder.

Os soldados franceses que chegavam à parte superior das escadas com medo viam que seus temores eram justificados. Começaram a descer e gritavam para os homens que esperavam atrás que o inimigo estava em cima. Uma escada, com os degraus verdes, se rompeu e seis homens caíram na areia.

Os fuzileiros que Frederickson enviara à muralha oeste limpavam o baluarte voltado para o mar e, inclinando-se nas canhoneiras, empurraram as escadas pelo flanco. O capitão Palmer trouxe mais infantaria naval do norte.

— Ataquem!

Os gritos de Sharpe eram desnecessários, pois a vitória estava clara. A infantaria havia lutado por quase metade de uma muralha e agora faziam o restante do caminho com as espadas, e os franceses, que viram os casacas-vermelhas converterem uma derrota em vitória, pegaram as escadas para saltar ao interior do fosso.

Harper arremeteu com sua baioneta calada contra a coxa de um inimigo, mas ele se desviou, portanto balançou o fuzil e a culatra de metal acertou o homem na mandíbula. Chutou o homem para o lado, estocou outro homem com a lâmina e viu que na muralha já não havia adversários. Os soldados da infantaria naval estavam de joelhos nas frestas disparando nos recrutas franceses. O capitão

Palmer, com a espada ensanguentada, estava de pé junto à toska bandeira que, não se sabe como, seguia ondeando ao vento.

— Deus salve a Irlanda!

Harper, respirando fundo, sentou-se em uma rampa de canhão. Com o rosto salpicado de sangue, olhou para Sharpe.

— Santo Deus.

— Acabou.

Sharpe, respirando como um cavalo arruinado, deu uma olhada para trás para a entrada, mas lá não havia nada ameaçador. Olhou o estranho mosquete que tinha nas mãos e o lançou ao piso.

— Deus.

Os franceses fugiam em direção norte pelas dunas.

— Não disparem! Não disparem!

Um fuzileiro, pisando sangue, trouxe a espada de Sharpe.

— Obrigado — disse Sharpe, e a pegou. Queria sorrir, mas parecia que seu rosto havia se congelado com a expressão de batalha.

O forte havia aguentado. O sangue gotejava pelas calhas das muralhas.

Os homens de Briquet, vencidos, corriam.

O grande ataque, derrotado na porta de entrada, era um caos em retirada. Se aquele ataque tivesse durado cinco minutos mais, apenas cinco minutos, o forte teria caído. Sharpe sabia disso. Estremeceu só de pensar nisso, depois ficou olhando a lâmina ensanguentada de sua espada.

— Deus.

Então os obuses voltaram a cair.

Capítulo 17

Um homem chorava e não podia ser consolado. Um obus arrancara a perna direita à altura da coxa. Chamava por sua mãe, mas morreria. Os outros feridos, tremendo no túnel fétido que conduzia à improvisada enfermaria, desejavam que parasse de dizer bobagens. Um cabo de infantaria, com o ombro destroçado por uma baioneta, lia o Evangelho segundo São João em voz alta e os homens também desejavam que se calasse.

Os soldados que se ofereceram como voluntários para agir com cirurgias levavam as roupas empapadas em sangue. Cortavam, atavam e serravam, ajudados por feridos leves que seguravam os malferidos enquanto cortavam suas pernas ou os braços, atavam artérias e cauterizavam a carne com fogo, pois não sabiam se todos os vasos sanguíneos estavam bem fechados.

Os feridos franceses, sob a horrível chuva de obuses, foram levados até a entrada do outro lado da rudimentar ponte de faxinas, e os deixaram no caminho entre seus companheiros mortos. Dez soldados, protegidos por dez fuzileiros, rebuscavam entre a carnificina que havia do outro lado da porta de entrada e recolhiam munição inimiga. O coronel da artilharia francês, ao ver que seus camponeses feridos eram tirados do forte, quis deter o fogo, mas Calvet resmungou para os artilheiros que continuassem. Os canhões de doze, carregados com pesados potes de metralha, tentavam afastar os que recolhiam a munição, mas os soldados da marinha se escondiam entre os corpos e lançavam os bornais do inimigo para o arco de entrada. Quando se retiraram, o general Calvet ordenou aos canhões que cessassem o fogo para que os franceses, com bandeiras brancas, pudessem avançar e resgatar os feridos.

Dentro do forte uma dúzia de prisioneiros franceses ilesos foi conduzida em tropel até a adega onde estava o capitão Mayeron.

Vinte franceses jaziam mortos no interior das muralhas. Um deles, estendido entre as brasas dos edifícios queimados, se sacudiu com a explosão das munições que levava no bernal. O odor de carne assada se misturava com o fedor de sangue e pólvora. Os homens que viram a repentina sacudida do corpo riram porque, disseram, parecia uma rã de verdade. Era melhor rir que chorar.

— Sinto muito, senhor — Palmer voltou a dizer.

Sharpe sacudiu a cabeça.

— Conseguimos nos livrar deles.

— Tinha que ter vigiado — disse Palmer decidido a manifestar sua culpa.

— Sim, deveria.

Sharpe havia usado um balde de água do poço para limpar a espada. Os soldados e os fuzileiros mijavam nas armas, bloqueavam os canos e agitavam a urina para limpá-los da pólvora.

Ninguém falava muito. A maioria dos homens, com as armas limpas, estavam sentados junto às frestas e olhavam fixamente para o ar vazio. Levaram baldes de água potável até as muralhas enquanto a fumaça se elevava dos fogos que haviam no pátio. O forte estava em ruínas, havia sangue, fumaça, cinzas e esgotamento por toda parte, como se os defensores tivessem sofrido uma derrota em lugar de vencer.

— Se tivessem chegado à muralha norte — disse Sharpe a Palmer —, agora estaríamos nos rendendo. Fez bem ao detê-los.

Sharpe embainhou sua espada. Não se recordava de nenhum outro combate tão amargo e tão de perto, nem mesmo em Badajoz. Lá o terror fora semeado pelos canhões que disparavam das muralhas, não a infantaria que vinha por trás deles.

— E sua infantaria — disse Sharpe — lutou estupendamente.

— Obrigado, senhor. — Palmer fez um gesto indicando o peito de Sharpe. — Isso deve ter doído.

Sharpe olhou para baixo. O pequeno estojo do apito, metido entre os cintos cruzados no peito, estava amassada no centro. Recordou-se do disparo do mosquete francês e percebeu que se a bala tivesse atingido levemente qualquer outro ponto teria atravessado o coração. O combate agora era uma nebulosa, mas depois os momentos isolados apareceriam em seus sonhos em forma de pesadelo. A recordação do momento em que o francês o jogara ao piso, a recordação da bala golpeando seu peito, o terrível medo da primeira visão dos homens com uniforme azul nas muralhas; aqueles eram os incidentes que faziam um homem estremecer de terror. Sharpe nunca se lembrava dos momentos de triunfo depois de um combate, somente daqueles momentos próximos à derrota.

Harper, com um pedaço de papel sujo na mão, subia pela rampa de pedra.

— Dezessete mortos, senhor. Incluído o tenente Fytch.

Sharpe fez uma careta.

— Pensei que viveria.

— Difícil com uma bala nas tripas.

— É. — Pobre Fytch, lembrou Sharpe, que era tão orgulhoso de sua pistola. — Feridos?

— Pelo menos trinta estão feridos gravemente, senhor — disse Harper com voz triste.

Um obus aterrissou no pátio, quicou e explodiu. Os projéteis pareciam pouca coisa depois do combate. Se os franceses tivessem algo na cabeça, pensou Sharpe, assaltariam agora. Deveriam mandar seus homens escalar pelas muralhas gritando, mas talvez os franceses estivessem tão emocionados como ele.

O fuzileiro Taylor subiu do pátio e cuspiu tabaco nas muralhas. Levantou o dedo polegar sinalizando o canhão de Harper.

— Está fodido.

— Fodido? — perguntou Sharpe.

O munhão esquerdo do canhão de campanha saíra do lugar e havia quebrado a cinta de metal que o sustentava. Sem dúvida fora por causa do fogo que Bampfylde mandara acender e agora o canhão de doze estava inservível. Sharpe olhou para Harper.

— Veja o que pode fazer, Patrick.

— Posso dar vinho aos rapazes? — sugeriu Harper com frieza.

— Faça isso.

Sharpe saiu caminhando pelas muralhas. Os franceses mortos, despojados de seu equipamento, eram jogados na areia junto ao canal. Se alguns de seus homens tivessem dado mostras de energia, Sharpe teria ordenado que cavassem covas rasas, mas mesmo seus próprios mortos jaziam sem enterrar. Dois soldados da marinha, com os rostos ainda cheios de pólvora, puxaram com desânimo uma escada francesa abandonada por uma fresta e a levaram até a entrada onde engrossaria a nova barricada.

Sharpe foi até o baluarte sudoeste, perguntando-se como havia conseguido atravessá-lo em pleno ataque. Os artilheiros franceses, informados de que os feridos já haviam sido retirados, voltaram a abrir fogo. As labaredas voltaram a golpear procedentes do moinho e os disparos dos canhões de doze se estrelavam contra a muralha para atemorizar os defensores, com os nervos já em frangalhos.

Sharpe encontrou Frederickson.

— Obrigado, William.

— Por cumprir o meu dever?

O suor havia sulcado a cara cheia de pólvora de Frederickson e lhe desenhara estranhas marcas na pele queimada pelo sol.

— Deixo você ao comando — disse Sharpe — enquanto vou ver os feridos.

— Eu me ocuparei disso.

Frederickson fez um gesto indicando a coxa esquerdo de Sharpe onde o sangue provocado por uma baioneta francesa havia se ressecado sobre as calças.

— Não dói.

Sharpe alçou bem a voz para que todos os homens que estavam perto da porta de entrada pudessem ouvi-lo.

— Muito bom!

Dois soldados que carregavam um corpo sorriram para ele. Sharpe viu que o corpo era o do jovem Moore, o rapaz de Devon que fora atingido na testa e que devia ter morrido instantaneamente.

Sharpe sentiu um nó na garganta e os olhos lhe arderam, mas soltou uma maldição. Moore era mais afortunado que os feridos que, na asquerosa galeria de pedra, esperavam o açougueiro. Sharpe foi dar um pouco de consolo aos homens inconsoláveis cujo futuro não lhes deparava mais que dor e pobreza.

Os obuses seguiam caindo, o sangue fedia e os homens de Sharpe esperavam o próximo assalto.

Os restos da força do capitão Briquet regressaram ao povoado. Caras sombrias, esgotadas e ensanguentadas. Um ferido, que usava o mosquete como muleta, desabou na areia. Um garoto com o tambor, que havia sobrevivido ao ataque da entrada principal e que não tinha ainda os doze anos, chorava porque seu pai, um sargento, havia morrido com o capitão Briquet na muralha oeste do forte. Os sobreviventes da força de Briquet contavam histórias de espadas e sangue, de caras que gritavam com ódio, de um fuzileiro brandindo um machado, de um canhão que cuspia metralha contra a rampa, de soldados cortando, cortando e morrendo. Os cirurgiões usavam água do mar para limpar a cal dos olhos dos homens derrotados. Nenhum homem havia ficado cego, pois instintivamente os atacantes haviam fechado os olhos que ardiam e se afastaram da nuvem branca, mas o uso da cal viva havia exasperado ao general Calvet.

— São selvagens! Selvagens! Pior que os russos!

Os oficiais franceses de maior graduação estavam reunidos no casebre que era o posto de comando de Calvet. Observavam o mapa, esquivando-se de seu olhar, e se alegraram quando Calvet, buscando um culpado, escolheu a Pierre Ducos.

— Diga-me — disse Calvet a Ducos — exatamente por que os homens morreram hoje?

— Morreram — Ducos se mostrava imperturbável à fúria do general — por uma vitória que a França necessita.

— Vitória sobre o quê? — perguntou Calvet mordazmente. — Um bando de refugiados ingleses que usa cal viva? — Ficou olhando para Ducos. — Concordamos que os planos para um desembarque foram frustrados, portanto por que não posso deixar que esse Sharpe apodreça atrás das muralhas?

Ninguém no aposento achava estranho que um general tivesse de pedir permissão a um major, se esse major era Pierre Ducos com seu estranho poder sobre o Imperador.

— Porque — disse Ducos — se Sharpe escapar, levará a prova que atraçoaria o conde De Maquerre.

— Então avise a De Maquerre! — soltou Calvet. — Por que homens devem morrer aqui por uma carta?

Ducos não respondeu, dando a entender que Calvet se metia em um território proibido. O general deu um tapa sobre o mapa, em um gesto de frustração e irritação.

— Deveríamos estar abaixo, no sul, dando a Wellington e não perdendo tempo com um maldito major. Eu vou deixar um batalhão aqui para manter o sacana encurralado e nós poderemos ir para o sul onde nos necessitam.

Pierre Ducos sorriu levemente. O general falava com grande senso militar, mas Pierre Ducos queria Sharpe em seu poder e por isso jogou sua última cartada.

— Pode me dizer, general, como explicarei ao Imperador que um major britânico, com menos de duzentos homens, derrotou o

grande Calvet?

Aquelas palavras mordazes eram agressivas. Por um momento pareceu que Ducos havia ido longe demais, mas então Calvet começou a se render.

— Espero que você tenha razão, Ducos. Espero que os ingleses não lancem homens ao Adour enquanto perdemos tempo aqui. — Soltou um grunhido que não era mais que uma ameaça de impotência e depois deu um tapa sobre o mapa. — Se temos que fazê-lo — disse Calvet —, como tiramos esse sacana das muralhas? Preciso de uma brecha!

— Pode ter uma, senhor.

Para surpresa de todos era o major Lassan, que havia regressado são e salvo do ataque, quem falava; agora explicava a Calvet que havia escrito não menos de doze vezes nos últimos oito anos ao ministério da marinha, responsável pelos fortes costeiros, queixando-se de que a entrada principal da *Teste de Buch* corria o perigo de desmoronar. As pedras haviam se deslocado tanto que as dobradiças não estavam bem alinhadas e haviam aparecido fendas nos muros do quartel da guarda. O ministério não fizera nada.

— A entrada pode ser derrubada — disse Lassan.

O general Calvet acreditou nele. Ordenou que os canhões de doze concentrassem seu fogo contra a arcada; os disparos da artilharia produziram uma avalanche de pedras que cairia no fosso e o encheria, proporcionando assim uma ladeira pela qual os atacantes poderiam subir.

— Aí é onde concentraremos nosso ataque pela manhã. — Calvet pegou um pedaço de carvão e marcou uma grande flecha sobre o mapa da fortaleza. A flecha apontava para a entrada. — Eu encabeçarei o ataque — resmungou Calvet —, enquanto que você — apontou para um coronel da infantaria — fará uma demonstração aqui. — Desenhou outra flecha que apontava para a muralha norte. — Isto dividirá os defensores.

Calvet ficou olhando a grande flecha e imaginou a arcada caindo, lançando as pedras no fosso e formando uma ponte; viu seus homens saindo em tropel das barricadas e empunhando suas baionetas contra aquela suposta elite de fuzileiros e infantaria naval.

— Faremos os prisioneiros desfilar por Bordéus para mostrar o que acontecerá à escória que acredita que pode desafiar a França.

— Insisto — disse Ducos — que o major Sharpe seja entregue a meu departamento.

— Pode ficar com o sacana. — Calvet voltou a olhar o mapa e, com um gesto repentino, estendeu a flecha maior até o interior do pátio. — Digam aos homens que o inimigo anda com pouca munição. Digam aos homens que matamos a metade dos sacanas hoje, digam-lhes que há mulheres e vinho lá dentro. Digam-lhes que há uma medalha para cada um dos dez primeiros homens que entrem.

Calvet olhou a flecha e se lembrou da quantidade de disparos que os malditos haviam lançado contra sua coluna. Recordou-se dos homens gritando, levando as mãos aos olhos e dos rastros de sangue que atravessavam a esplanada do forte.

Seus homens o recordariam com a mesma clareza e os homens derrotados estariam nervosos diante da expectativa de um novo ataque. Calvet necessitava de algo mais, um novo fator que mudasse o segundo assalto, e com repentina energia, desenhou sinais nas dunas de areia junto ao canal.

— Se pusermos dois canhões de doze aqui — perguntou ao coronel de artilharia —, podem varrer a brecha até o último minuto?

O coronel de artilharia tinha muitas dúvidas a respeito da capacidade de seus canhões de derrubar um arco em poucas horas. Mesmo os enormes canhões de sítio, duplamente grandes que aqueles de doze, podiam levar semanas para destroçar uma muralha bem construída e agora Calvet queria tirar dois canhões da bateria que deveria abrir a brecha.

— E se trasladarmos os dois canhões, senhor, como protegeremos as dotações dos fuzileiros?

Calvet queria que os dois canhões ficassem a duzentos metros das muralhas.

Calvet admitiu a pergunta com um grunhido. O obus que estava mais próximo disparou e o som e o ar golpearam o casebre, e o latido do grande canhão arrancou um pedaço do telhado de palha. Caiu sobre o mapa de Calvet, sobre o canal.

— Se tivesse um navio aí — murmurou Calvet —, nos faria ganhar, mas não tenho um navio, portanto suas duas dotações terão que assumir os mortos e seguir disparando. — Ficou olhando com agressividade para o artilheiro.

— Mas o senhor pode contar com um navio — disse Ducos em voz baixa de seu lugar ao lado do fogo.

Calvet girou para trás e olhou o pequeno major.

— Um navio?

— Há um americano — disse Ducos — e tem um navio.

— Então vá buscá-lo!

Calvet riscou a nova posição de seus canhões e traçou a linha de um navio ao redor do pedaço de palha.

— Vá buscá-lo, Ducos! E diga a seu aliado que ele tem que lutar! Vá buscá-lo!

Killick, a quem foram atrás em Gujan, se inclinou sobre a mesa onde estava o mapa do general. Viu que Calvet queria que a muralha sul fosse bombardeada. Um navio, atracado no canto sudoeste do forte, podia disparar até o último segundo de um assalto, muito depois que os canhões de doze que estavam no moinho fossem obrigados a calar por medo de atingir a própria coluna de atacantes. O canhoneio do *Thuella*, lançado em ângulo reto à linha de ataque e apontando para a brecha, obrigaria os defensores a se afastarem daquele ponto vulnerável. Killick

percebeu que uma bateria flutuante de tais características garantiria a vitória a uns homens desmoralizados. O americano consentiu com a cabeça.

— Pode ser realizado.

— Ao amanhecer? — perguntou Calvet.

Killick chupou seu charuto.

— Poderia se realizar, mas não por mim. Fiz um juramento de não lutar contra os britânicos.

Houve um silêncio e só o que se ouvia era a percussão de um obus que havia levantado mais poeira do telhado. Killick deu de ombros.

— Sinto muito, cavalheiros.

— Um juramento? — inquiriu Ducos em tom depreciativo.

— Um juramento — repetiu Killick. — O major Sharpe me salvou a vida em troca desse juramento — o americano sorriu irônico — e como a promessa não era para uma dama, tenho que cumpri-la.

A frivolidade de Killick feria profundamente Ducos.

— Não se cumprem os juramentos que se fazem aos selvagens. O senhor deveria saber.

— Por isso o senhor não me mandou as chapas de cobre? — Killick ficou olhando com aversão para Ducos. — Não me dê lições, major, sobre cumprir promessas.

As chapas de cobre não haviam chegado nunca, mas a escuna fora remendada com madeira de olmo dos caixões e recoberta com breu. O trabalho havia sido realizado com a maior rapidez que Cornelius Killick teria desejado.

Os mastaréis foram levantados com polias e haviam sido fixados. Os amantilhos enredados foram consertados e levantados com um torno. O *Thuella*, cujo aspecto fizera os britânicos acreditarem que estava morto e abandonado, estava vivo outra vez.

Naquela mesma manhã, enquanto os franceses morriam na entrada de um forte, as âncoras foram levadas para o canal de Gujan e, com a maré alta, os tornos haviam tirado o casco vazio do barro. O *Thuella* deslizara até a água. Em apenas alguns segundos, um casco deselegante e encalhado havia se convertido em um barco elegante que se estremecia ao contato do vento e das ondas. Colocaram em seu lugar o mascarão de proa. Havia levado a bordo carne, água, farinha, pão, vinho, bolachas, cebolas e mais vinho. O carpinteiro havia sondado as sentinas e ainda que um pouco de água infiltrasse através do casco reparado, havia manifestado que as bombas podiam dar conta da infiltração.

— Portanto, sim — disse Killick —, o *Thuella* pode ancorar no canal amanhã pela manhã, general, mas não pode disparar nem uma bala. Eu fiz um juramento.

Calvet, desejoso de se aproveitar do bombardeio do *Thuella*, sorriu.

— O major Sharpe perdeu toda sua honorabilidade, capitão Killick, quando escolheu utilizar cal viva contra minhas tropas. Portanto, o senhor deveria se considerar liberado de qualquer promessa que lhe tenha feito.

Killick, que já havia expressado sua profunda indignação pelo o uso da cal viva, sacudiu a cabeça.

— Acredito que seja o melhor juiz de minha honra, general.

— O senhor é um civil — Pierre Ducos, apesar de ser baixinho possuía uma voz que transmitia uma inusual autoridade — e pelo que está dizendo, senhor Killick, traficou com o inimigo. Suponho que não quer ser submetido a um longo período de interrogatórios em mãos das autoridades francesas.

Killick não disse nada. Os outros oficiais franceses, inclusive Calvet, se sentiram incômodos ante aquela ameaça, enquanto que Ducos, percebendo que tinha vantagem sobre o americano alto e simpático, sorriu.

— Se o senhor Killick não oferecer alguma explicação satisfatória a respeito de suas ações em solo francês, eu farei uso de minha autoridade para buscar tais explicações.

— Minha explicação... — Começou Killick.

Ducos o interrompeu.

— É melhor que dê as explicações com metralha ao amanhecer. O senhor me jura, senhor Killick, que estará lá? Ou devo investigá-lo?

O gênio do americano saltou.

— Fui capturado, sacana, porque me ofereci voluntário para defender seu maldito forte.

— E não perdeu nem um só homem — disse Ducos friamente — e o soltaram após poucas horas. Eu acredito que tais circunstâncias merecem uma investigação.

Killick olhou para Calvet, mas viu que o general francês não tinha poder para contradizer ao major magro e com óculos.

O americano deu de ombros.

— Não posso estar lá ao amanhecer.

— Então ordenarei que o prendam — disse Ducos.

— Não posso estar lá ao amanhecer, sacana — resmungou Killick —, porque a maré não serve. Tenho que negociar com vinte milhas de águas pouco profundas. A menos que o senhor possa ameaçar Deus para que envie uma maré antecipada. — Ficou olhando para Ducos desafiante, depois olhou o mapa. — Uma hora depois do amanhecer. Antes não.

— Mas uma hora depois do amanhecer — Ducos era implacável na vitória — estará ancorado diante da fortaleza e bombardeando as muralhas com metralha? — havia percebido um vislumbre de esperança no rosto de Killick e sabia que o americano pensava que, uma vez a bordo de seu navio, Pierre Ducos não teria poder algum para impor sua vontade. — Quero que me prometa, senhor Killick, que me jure.

Ducos havia agarrado um pedaço de papel e com o carvão do general rabiscou umas letras grandes que constituíam a confissão de que Killick fizera tratos ilegais com o inimigo e a promessa de que, em compensação, o *Thuella* bombardearia o forte até que a rendição ou a vitória acabassem com o combate da manhã. Empurrou o papel para frente.

— Então?

Killick sabia que se não assinasse Ducos, faria uso de sua autoridade para prendê-lo. Liam Docherty não zarparia sem Killick e o *Thuella* ficaria na laguna, um refém em mãos de Ducos. Rodeado de um silêncio perturbador o americano pegou o carvão e rabiscou seu nome.

— Uma hora depois do amanhecer.

Ducos, triunfante, assinou como testemunha.

— É melhor que faça seus preparativos, senhor Killick. Se tiver a tentação de romper este juramento, lhe prometo que seu nome será conhecido em toda América como o do homem que abandonou seus aliados e fugiu de um combate. Não é agradável, senhor Killick, que se recorde o nome de alguém para sempre nas listas de traidores. Primeiro Benedict Arnold, depois Cornelius Killick?

Por um momento, o olhar oferecido por Killick indicou a Ducos que havia falado demais, mas então o americano consentiu com docilidade.

Ao sair do casebre, Killick soltou um palavrão. Os canhões retumbavam e a primeira chuva pesada, procedente do norte, começou a cair. O americano sabia que aquela chuva podia durar toda a noite e que faria com que os fuzis e os mosquetes disparassem mal. Os franceses tinham agora a vantagem da chuva, portanto para que necessitavam de seu navio.

— O que o senhor vai fazer? — perguntou Henri Lissan.

— Sabe Deus.

Killick lançou os restos de seu charuto no barro, de onde um sentinela o recuperou imediatamente. O americano ficou olhando a silhueta do forte que desprendia fumaça a cada estouro de obus.

— O que é pior, atraiçoar o inimigo ou um aliado, Henri?

Henri Lassan, que odiava o que Ducos fizera, deu de ombros.

— Não o sei.

— Suponho que terei que disparar alto — disse Killick — e desejar que o major Sharpe me perdoe. — Fez uma pausa, perguntava-se que matança se estaria ocorrendo no interior daquele caldeirão que eram as muralhas do forte onde pulsava a fumaça procedente dos inexoráveis obuses.

— Aquele sacana é meu inimigo, Henri, mas não posso evitar gostar dele.

— Temo que se depender do major Ducos — disse Lassan —, o major Sharpe estará morto amanhã a esta hora.

— Portanto suponho que não importa o que faça. — O americano olhou para a fortaleza. — O senhor que acredita na oração, meu amigo, melhor que reze por minha alma.

— Já faço isso — disse Lassan.

— Porque minha honra — disse Killick em voz baixa — foi barganhada. Adeus, meu amigo! Até o amanhecer.

Portanto os franceses tinham dois aliados; a chuva e um americano, de modo que sua vitória parecia segura.

Uma hora antes da meia-noite a arcada vibrou quando as pedras da fachada caíram dentro do fosso com água. A partir desse momento cada disparo produzia maiores danos na entrada, arrancando entulhos e inclinando o pavimento das muralhas por cima do arco. Frederickson, com uma lanterna tapada, subiu pela escada interior da entrada para examinar o alcance da destruição. Saiu indignado.

— Vai cair.

— Vai cair? — perguntou Sharpe.

— A pedra foi colocada na direção contrária ao veio. — Frederickson fez uma pausa enquanto outra bala golpeava contra a arcada. — A pedra foi cortada verticalmente na pedreira e foi colocada horizontalmente. Deixa passar água. Essa entrada é muito mal feita. Deveriam se envergonhar disso.

Mas se os franceses não eram capazes de construir, eram capazes de disparar. Mesmo naquela escuridão que a chuva encobria, os artilheiros franceses acertavam o alvo e Sharpe suspeitava que deviam ter colocado lanternas com bloqueio na esplanada como indicadores do alvo. De vez em quando os franceses disparavam uma bala leve; uma jaula de metal envolvida em tecido com salitre, pólvora, enxofre, resina e óleo de linho. As balas ardiavam com força sussurrando debaixo da chuva e mostravam aos artilheiros o estrago que tinham ocasionado. Aquele estrago foi mais que suficiente para que Sharpe tirasse seus sentinelas das muralhas junto ao arco, abandonando desta maneira a entrada à artilharia inimiga.

Contudo, a chuva ocasionava maiores danos que os canhões aquela noite. À meia-noite, quando Sharpe caminhava pelas muralhas, tropeçou com um soldado que o procurava.

— O capitão Frederickson pergunta se o senhor pode vir, senhor.

Frederickson estava na caverna enegrecida do segundo armazém do forte, que havia sido a menos estragada pelo fogo de Bampfylde. Uma lanterna projetava uma luz pobre e vacilante sobre a parede escurecida do fundo e sobre a patética reserva de pólvora e de cartuchos que constituíam a reserva final de munições de Sharpe.

— Sinto muito, senhor — disse Frederickson.

Sharpe soltou um palavrão. A água havia infiltrado pelos blocos de granito do teto abobadado do armazém e ensopara a pólvora, portanto os barris estavam agora cheios de uma lama cinzenta,

enquanto que os cartuchos caseiros se desfizeram e eram uma mistura de papel, chumbo e pólvora molhada. Os cartuchos conseguidos dos franceses também tinham muita água e Sharpe soltou mais palavrões.

Frederickson passou um dedo pela parede que havia sobre os barris.

— A explosão deve ter afogado a alvenaria.

— Estava seco quando chegamos — disse Sharpe. — Eu comprovei!

— A chuva demora a infiltrar, senhor — disse Frederickson.

Seis soldados da marinha carregaram a pólvora até a galeria de pedra onde ardiam os fogos para cozinhar. Ali a pólvora poderia ser estendida e uma parte estaria seca pela manhã, mas Sharpe sabia que aquele desastre significava o fim de seu desafio.

A culpa era sua. Tinha que ter coberto a pólvora com lonas, mas não havia pensado nisso. Era muito o que devia ter feito. Tinha que ter previsto que o inimigo teria morteiros, tinha que ter prevenido Palmer sobre o dique, tinha que ter feito uma expedição maior na primeira noite, tinha que ter levado os canhões de Harper até a muralha, onde estivessem mais a salvo dos obuses. Tinha que ter preparado água para combater os incêndios, e, talvez, não tivesse que ter lutado.

Sharpe se sentou no armazém e sentiu o desespero o invadir.

— Usamos a metade de nossa munição boa?

— Mais da metade.

Frederickson estava tão triste como Sharpe. Sentou-se em sua frente, com as pernas encolhidas; a lanterna refletia as sombras dos dois fuzileiros sobre o arco do teto do armazém.

— Poderíamos trazer os feridos para cá. Ficarão melhor.

— Sim. —, mas nenhum dos homens se moveu. — Tem um pouco de munição dos franceses nos armazéns, não? — perguntou Sharpe.

— Somente cinquenta cartuchos para cada um.

Sharpe pegou um pedaço de pedra e desenhou um quadrado no piso do armazém. Indicou a posição da entrada no lado sul.

— A pergunta — falava lentamente — é se estão nos enganando com a entrada e planejando atacar por algum outro lugar ou não.

— Virão pela porta — disse Frederickson.

— Também acho. — Sharpe desenhou marcas por cima da entrada. — Poremos todo mundo aqui. Deixe somente Minver com um punhado de homens para vigiar as outras muralhas.

Sharpe se aferrava à esperança patética de que um bergantim britânico, que andasse espiando pela costa inimiga com a impunidade que as vitórias de Nelson haviam proporcionado à Armada Real, visse aquela estranha bandeira. Um bergantim, ancorado no canal, poderia destruir e converter em um inferno uma coluna francesa que atacasse. Contudo, com aquele tempo, aquele vento mutável e irregular e a chuva que borbulhava e que quicava dez centímetros ao bater contra os paralelepípedos esburacados do pátio, Sharpe sabia que não apareceria nenhum bergantim.

— Seu rapaz já deve de ter alcançado nossas linhas. — Estava se agarrando a qualquer coisa e o sabia.

— Se sobreviveu — disse Frederickson tristemente. — E se alguém o levar a sério. E mesmo nesse caso o exército teria que se ajoelhar ante a armada e rogar para que arrisquem um barquinho.

— Sacana de Bampfylde — disse Sharpe. — Queria que pegasse a varíola.

— Amém.

A bala de um canhão de doze esmurrou contra a porta de entrada e depois houve uma pausa, um rangido como o de um osso ao se romper, depois estrondo, queda, fragor de toneladas de alvenaria que desabavam para dentro e para fora. Os dois oficiais ficaram se olhando, imaginavam as pedras desabando e deslizando até o interior do fosso com água, e se assentando formando um

montículo caótico enquanto a poeira, levantada pela velha argamassa, ficava empapada pela chuva.

— Têm uma brecha — disse Frederickson com uma voz que, por seu tom preocupado, revelava temor.

Sharpe não respondeu. Se seus homens pudessem resistir mais um ataque, somente um, ganhariam tempo. Tempo para que um navio os encontrasse, tempo para que os franceses ficassem com medo. Talvez, se Calvet voltasse a ser rechaçado, o general deixasse o forte sozinho e se conformaria em cercá-lo com meio batalhão de homens. O barulho das pedras que desabavam foi se desvanecendo sob a chuva.

— Faz uma semana — disse Sharpe com humor — os homens desejavam que Bordéus se levantasse. Seríamos heróis, William, acabando com a guerra em um grande gesto.

— Alguém mentiu — disse Frederickson.

— Todos mentiram. Wellington deixou que esses sacanas acreditassem que haveria um desembarque para enganar aos franceses. O conde de Maquerre era um traidor. — Sharpe deu de ombros como se tudo isso já não importasse. — O maldito conde de Maquerre. Chamam-no de Maquereau. Que bom nome, hein? Cafetão de merda.

Frederickson sorriu ante aquela estranha exibição de conhecimentos de Sharpe.

— Mas na realidade é Ducos — disse Sharpe.

Hogan, sob os efeitos da febre, havia mencionado ambos os nomes, Ducos e Maquerre, e aquele truque tão absoluto que abandonara os homens de Sharpe tão longe de qualquer ajuda, fedia a Ducos.

— Ducos?

— É só um sacana a quem matarei um dia — disse Sharpe muito prosaico, depois fez uma careta porque sabia que se o sítio

realmente era obra de Ducos, o francês estava muito perto de conseguir a vitória.

— Amanhã vamos ter muito trabalho, William.

— Muito.

— Os homens têm vontade de lutar?

Frederickson pensou. A forte voz de Harper ressoava no pátio, punha ordem nos homens que tinham ido ver a entrada desmoronada.

— Meus fuzileiros, sim — disse Frederickson. — A maioria são alemães e nunca se renderão. Os espanhóis detestam os franchinotes e só o que querem é matar mais. Acho que a infantaria naval lutará para mostrar que são tão bons como os fuzileiros.

Sharpe esboçou um sorriso que parecia uma careta.

— Podemos resistir um ataque, William., mas e depois?

— É.

Frederickson sabia perfeitamente como as coisas estavam ruins. E aquela maldita chuva, pensou, não ajudava nada.

Sharpe sabia que depois de um ataque tinha que pensar no impensável. Render-se. O orgulho exigia que defendessem a brecha pelo menos uma vez, mas a ira francesa poderia não lhes permitir uma rendição depois da defesa. Sharpe vira homens, com uma sede de sangue insaciável, que saqueavam as fortalezas capturadas. Os franceses iriam à caça com suas afiadas baionetas pelas pedras dos corredores para vingar-se dos defensores. O massacre seria importante, mas o orgulho era o orgulho e lutariam pelo menos uma vez mais. Sharpe tentou imaginar o que Wellington faria, tentou se recordar de todos os sítios nos quais combatera para ver se lhe restava algo a fazer, tentou pensar em algum movimento inteligente para inquietar o inimigo. Não lhe ocorreu nada útil.

— Eu aposto que o general disse aos sacanas que temos cem mulheres aqui dentro — disse Sharpe passando a rir.

Frederickson sorriu.

— Darão a cada homem um copo de vinho, dirão que podem estuprar todas as mulheres que estejam dentro e depois lhes apontarão a brecha. Não falha nunca. Deveria nos ter visto em São Sebastián.

— Eu perdi.

Sharpe estava na Inglaterra quando os britânicos capturaram São Sebastián.

Frederickson sorriu.

— Não foi bonito.

Um obus explodiu no pátio.

— Vão ficar sem munições — disse Sharpe.

Era estranhamente agradável ficar ali sentado, compartilhando a intimidade de uma amizade, sabendo que não havia nada o que fazer para reduzir a matança que sucederia ao amanhecer. Os canhões de doze franceses seguiam disparando, ainda que a brecha já estivesse aberta, mas agora varriam as pedras caídas com metralha para evitar que grupos de trabalho as movessem para aumentar a inclinação da superfície por onde se apinhariam suas tropas pela manhã.

— Se nos capturarem — disse Frederickson —, talvez nos mandem para Paris a caminho de Verdún. Gostaria de ver Paris.

Aquelas palavras lembraram a Sharpe os desejos que Jane tinha de conhecer a capital francesa quando a guerra acabasse. Pensou em sua mulher morta, em seu corpo levado em um enterro apressado. Maldito Cornelius Killick, pensou, por tirar-lhe as esperanças.

Frederickson de repente se pôs a cantar.

— *Ein Schifflein sah ichfahren.*

Sharpe reconheceu aquela melodia, que era popular entre os alemães que lutavam no exército de Wellington.

— O que diz?

Frederickson sorriu com tristeza.

— Vi um barquinho navegando. Reze para que venha uma fragata pela manhã, senhor. Pense em seu bombardeio varrendo o acampamento dos franchinotes.

Sharpe sacudiu a cabeça.

— Não acredito que Deus escute os soldados.

— Ele os ama — disse Frederickson. — Somos os tontos do Senhor, os últimos homens honestos, os bodes expiatórios da criação.

Sharpe sorriu. Pela manhã, pensou, proporcionariam ao general Calvet um combate que ele se recordaria e depois, quando tudo tivesse acabado..., mas não devia pensar nisso. Então, de repente, ficou olhando para seu amigo.

— *Ein Schiff?* — perguntou Sharpe. — Como era?

— *Ein Schifflein sah ichfahren* — disse Frederickson pouco a pouco. — Vi um barquinho navegando.

— Maldição! — A impotência de Sharpe desapareceu de repente ao conceber uma ideia brilhante como a explosão de um obus. — Que tonto! — Enfrentava-se a uma derrota pela falta de um navio, mas o navio existia. Sharpe se levantou e gritou que fossem buscar uma corda. — Você fica aqui, William. Prepare-se para um assalto na entrada, entendeu?

— E você?

— Vou lá fora. Estarei de volta ao amanhecer.

— Lá fora? Onde?

Mas Sharpe havia partido para as muralhas. Trouxeram uma corda para que pudesse descer por ela até a areia onde ainda jaziam os cadáveres franceses, e assim, em uma noite chuvosa, se dispôs a fazer um pacto com o diabo que poderia trazer a libertação dos tontos do Senhor.

Capítulo 18

Pela manhã caía um aguaceiro. A água martelava e agitava, quicava no forte, corria pelas muralhas e caía a cântaros no pátio cheio de charcos. Parecia impossível que a chuva pudesse ser tão selvagem, contudo continuava. Retumbava contra os chapéus dos homens, fluía ao interior das galerias e seu ruído fazia que o bombardeio dos canhões de doze se ouvisse amortecido. Era como as chuvas anteriores à grande inundação, o dilúvio.

Apagava os fogos para cozinhar dos franceses e inundava os casebres onde os homens de Calvet haviam tentado dormir. Convertia a pólvora dos mosquetes em uma pasta arenosa. O tempo entre cada disparo havia se alongado porque as bolsas de sarja com a pólvora tinham que ser protegidos da chuva e o ouvido tinha que ser coberto até o último momento antes de se acender a mecha. O coronel da artilharia amaldiçoava os britânicos que haviam queimado e destroçado o telhado do moinho e voltou a amaldiçoar quando seus obuses tiveram que abandonar aquela luta desigual porque os buracos tinham se enchido de água amarelada.

— Bacon para desjejuar! — antecipou-se Calvet encantado.

Os cozinheiros, que trabalhavam debaixo de um teto, fritaram bacon para o general. O odor atormentava àquelas pobres almas que se apinhavam contra as paredes dos casebres e maldiziam a chuva, o barro, os ingleses e a guerra.

A cavalaria havia sido enviada ao norte ao amanhecer. Um sargento, com a capa totalmente molhada e colada à anca do cavalo, regressou com a notícia de que, por causa do fraco vento daquela manhã, duas chalupas tinham tido que rebocar o *Thuella* pelo canal de Arcachon.

— Porcaria de vento — disse Calvet — e porcaria de chuva.

Saiu pisando com força pelo barro até as dunas de areia e olhou para o norte. Longe, negra e com as velas brancas, a grande escuna se fazia visível.

— Não atacaremos — resmungou Calvet — até que aquela maldita coisa esteja em seu lugar.

— Talvez — aventurou Favier cautelosamente — os canhões do capitão Killick não possam disparar com este tempo.

— Não seja idiota. Se alguém pode fazer os canhões funcionarem no molhado, é um marinheiro, não acha?

Calvet pegou sua luneta, limpou as lentes e observou a fortaleza. A entrada era um monte de escombros, um montículo de pedra molhada, um caminho para a vitória. Regressou com seu bacon com a segurança de que o assunto da manhã não levaria muito tempo. Os fuzileiros britânicos não contariam com aquela chuva e seu cal se converteria em caiado.

Calvet olhou para o ordenança que afiava sua espada.

— Assegure-se que esteja perigosa!

— Sim, senhor.

— Não vai ser um dia para usá-la, Favier. — Calvet sabia que os uniformes molhados são mais difíceis de atravessar com uma espada que os secos. — Vai ser um dia para estocar. Enfiar e puxar, Favier, enfiar e puxar! — Calvet, que se sentia melhor depois do desjejum, deu uma olhada para a porta onde de repente Ducos aparecera. — Parece que se molhou, Ducos, e comi seu bacon.

Ducos não se importava que o general o quisesse espetar. Hoje capturaria Richard Sharpe e isso constituiria um consolo para Pierre Ducos em meio às tragédias que acoassavam a França.

— O vento está se levantando.

— Esplêndido.

— A escuna estará logo ancorada.

— Deus bendiga aos nossos aliados — disse Calvet. — Talvez tenham demorado vinte anos para entrar na guerra, mas melhor tarde do que nunca.

Foi até a entrada e viu que o *Thuella* sem dúvida fizera uso do vento para se pôr em marcha. Um salpico de água indicou que havia jogado a âncora dianteira.

— Acredito — disse Calvet quando se abriram as canhoneiras da escuna — que finalmente estamos prontos. — Pediu seu cavalo e montado na sela viu suas tropas molhadas e abatidas que formavam em coluna de ataque. — Vamos dar a nossos valentes aliados vinte minutos de exercícios de tiro — disse Calvet — depois avançaremos.

Ducos observava o *Thuella*.

— Se Killick abrir fogo — disse.

A escuna estava silenciosa no canal. As velas molhadas se aferravam nas vergas, mas esse era o único movimento que se percebia no barco.

— Não vai disparar! — disse Ducos com dureza.

— Dê-lhe tempo — disse Calvet que também observava o *Thuella* e imaginava que a chuva estaria fervendo sobre as cobertas de madeira.

— Ele faltou com sua palavra — disse Ducos amargamente; então, de forma quase repentina, a bandeira de combate da escuna se desdobrou e umas chamas cortaram a água, uma nuvem de fumaça se ergueu sobre o canal e o costado do *Thuella* abriu fogo e iniciou o que seria o ataque final à *Teste de Buch*.

Sem dúvida os temores a respeito da honra de Cornelius Killick haviam se desvanecido e o americano havia aberto fogo.

A metralha disparada pelo americano assobiava sobre a cabeça de Sharpe. Algumas balas acertaram a bandeira de São Jorge, mas o restante passavam bem acima da fortaleza. Sharpe estava sentado debaixo da bandeira molhada, com as costas contra as

muralhas. Estava terrivelmente cansado. Regressara ao forte meia hora antes do nascer do sol, escapando da cavalaria francesa e agora, depois de outra noite sem dormir, enfrentava a um ataque francês.

— Os franchinotes se movem? — gritou para Frederickson que esperava junto à brecha.

— Não, senhor.

Os homens de Sharpe feridos, com as vendas empapadas em sangue e chuva, estavam estirados na muralha oeste. A infantaria naval, com as faces pálidas sob a luz débil e molhada, se agacharam detrás do granito quando um segundo disparo do americano passou sobre suas cabeças. Sharpe, bem agachado, fez um sinal para Harper com a cabeça.

— Agora.

O enorme irlandês fez uso da lâmina de sua baioneta para cortar as cordas que atavam a haste ao merlão. Serrava, enquanto amaldiçoava a dureza do sisal, mas os fios foram cortados um a um e, justo depois da terceira descarga de Killick, a haste caiu. A bandeira de São Jorge, com o tecido de toalha de mesa branca manchada de vermelho e as mangas que formavam a cruz, caiu.

— Cessar fogo! — Sharpe ouviu a voz de Killick sobre as águas.

Sharpe se levantou. O capitão americano, com uma casaca azul em honra àquele dia, estava saltando para uma das duas chalupas do *Thuella*. A tripulação americana sorria junto aos canhões e observava a fortaleza.

Richard Sharpe acabava de se render.

O general Calvet também observava o forte. A fumaça procedente das descargas do americano se elevava com o escasso vento e lhe tampava a vista, mas Calvet estava seguro de que os britânicos haviam arriado a bandeira.

— Sigo disparando, senhor? — perguntou o coronel da artilharia, com o uniforme ensopado pela chuva, que avançava chapinhando

nos charcos em direção ao cavalo do general.

— Não mostraram uma bandeira branca — disse Pierre Ducos —, sigam disparando.

— Espere! — Calvet abriu de um golpe a luneta. Viu umas figuras nas muralhas, mas não era capaz de distinguir o que sucedia. — Coronel Favier!

— Senhor?

— Adiante-se com uma bandeira de trégua — ordenou Calvet — e averigue o que os sacanas estão fazendo. Não, espere!

Finalmente, Calvet podia ver algo que tinha algum sentido. Alguns homens tinham ido até a muralha sul, voltada para os franceses, e ali abriram um grande pedaço de tecido e o penduraram nas muralhas molhadas e desmoronadas. O pedaço de tecido significava que a fortaleza da *Teste de Buch* já não estava em poder dos britânicos, mas que havia se rendido aos Estados Unidos da América.

— Maldição — disse Calvet ao olhar as barras e estrelas —, maldição.

Cornelius Killick, ao lado de Sharpe na muralha sul, observava a grande coluna francesa que esperava ao lado do povoado.

— Se decidirem lutar, major, já sabe que não posso disparar contra eles.

— Concordo que seria difícil para o senhor. — Sharpe abriu a luneta e observou os franceses até que a chuva embaçou a lente. Dobrou bruscamente os tubos. — Tenho permissão, capitão Killick, para subir meus feridos a bordo?

— Tem a minha permissão — disse Killick solenemente, como para dar dignidade àquela farsa. — Também tem permissão para ficar com a espada que o senhor se esqueceu de me dar.

— Obrigado. — Sharpe sorriu, depois se virou para as muralhas do oeste. — Capitão Palmer! Pode começar a evacuação! Os feridos e a bagagem primeiro!

Todas as mochilas da pequena guarnição de Sharpe estavam amontoadas junto aos feridos, pois estava decidido a não deixar nada para os franceses.

Os homens de Sharpe, ao perceberem que seu sofrimento havia acabado, relaxaram. Sabiam que o major Sharpe havia se adentrado na noite e tinha circulado o rumor de que falara com o americano e que este concordara em tirá-lo dali. A bandeira americana, resplandecente na face externa do forte, testemunhava isso.

— Tudo isso porque não enforcamos esses sacanas — disse um sargento da marinha. — Nós os ajudamos e agora eles nos ajudam.

O fuzileiro Hernández, que observava a coluna francesa, se perguntou em voz alta se iria para a América e, se fosse assim, se lá havia franceses para matar. William Frederickson lhe assegurou que seu destino não era os Estados Unidos. Frederickson observava os franceses e viu três cavaleiros que de repente avançavam esporeando seus cavalos. Afunilou as mãos e gritou para Sharpe.

— Senhor! Está vindo alguns franchinotes!

Sharpe não queria que os três oficiais inimigos se aproximassem demais do forte, portanto correu, saltou das muralhas caídas e pousou no cume da brecha. Desceu engatinhando pelas pedras externas e depois saltou para um espaço que havia na estrada. Frederickson e Killick o seguiam mais lentamente.

Sharpe esperou na estreita vala que atravessava o talude. O caminho estava cheio de balas de mosquete que quase já haviam se afundado na superfície arenosa molhada. Levantou uma mão quando os cavaleiros se aproximaram.

Favier vinha na frente. Atrás de Favier vinha um general, com a capa aberta para que se vissem seus galões, e detrás do general vinha Ducos. Sharpe, advertido por Killick de que talvez visse seu antigo inimigo, o olhou com ódio, mas não tinha nada a dizer a Ducos. Ele falou com o coronel Favier.

— Bom dia, coronel.

— O que significa isto? — perguntou Favier, apontando a bandeira americana.

— Significa — Sharpe falava em voz alta para que Ducos ouvisse — que nos rendemos às Forças Armadas dos Estados Unidos e nos pusemos sob a proteção de seu presidente e seu congresso.

Killick lhe havia dito as palavras adequadas e Sharpe percebeu um sinal de ódio em Pierre Ducos.

Houve um silêncio. Frederickson e Killick se uniram a Sharpe, então o general exigiu uma tradução daquelas palavras e Favier lhe proporcionou. A chuva gotejava pelas braçadeiras e as bainhas das espadas.

Favier voltou a olhar para Sharpe.

— Como aliados que somos da América responsabilizaremos pelos prisioneiros do capitão Killick. — Tirou o chapéu para Killick. — Nós o felicitamos, capitão.

— Foi um prazer — disse Killick. — E como são meus prisioneiros, eu os embarcarei.

De novo se fez uma pausa durante a qual se realizou a tradução e, quando Favier voltou a olhar, estava chateado.

— Esta terra é francesa. Se as tropas britânicas se rendem nesta terra, então as tropas se convertem em prisioneiras do governo francês.

Sharpe escavou com o salto na estrada molhada e arenosa.

— Esta terra é britânica, Favier, foi capturada por meus homens, eles a mantiveram contra todos seus esforços e agora ela foi rendida aos Estados Unidos. Sem dúvida os senhores podem negociar com esses estados a sua devolução.

— Acho que os Estados Unidos estará de acordo em devolvê-la — disse Killick sorrindo, divertido com a pomposidade do momento.

Uma pedra caiu da brecha e os seis homens, atraídos pelo ruído, viram a enorme figura de Patrick Harper, descoberto, de pé no cume da brecha. De seu ombro direito, como uma horrível ameaça,

pendurava o machado do engenheiro francês que Sharpe havia utilizado no dia anterior. Favier voltou a olhar para Killick.

— Pelo que parece não desarmou seus prisioneiros, senhor Killick?

— Capitão Killick — corrigiu Killick. — Deve entender, coronel, que o major Sharpe me jurou que não levantaria suas armas contra os Estados Unidos da América. Portanto não tive necessidade de tomar nem as armas dele nem a de seus homens.

— E a França? — Era Ducos que falava pela primeira vez.

— A França? — inquiriu Killick inocentemente.

— Seria normal, capitão Killick, exigir a um prisioneiro capturado que não levante suas armas contra os aliados de seu país. Ou esqueceu que seu país e o meu firmaram um tratado?

Killick deu de ombros.

— Suponho que com a emoção da vitória, major, me esqueci dessa cláusula.

— Então a imponha agora.

Killick olhou para Sharpe e ao se mover a água jorrou por seu chapéu bicorne.

— Então, major?

— Os termos da rendição — disse Sharpe — não podem ser mudados.

Calvet exigia uma tradução. Favier e Ducos iam atropelando as palavras, ansiosos em revelar a perfídia daquela rendição.

— São todos anglo-saxões — disse Ducos com amargura.

Calvet fez uma pergunta em francês, Killick a respondeu e Frederickson sorriu.

— Perguntou — disse a Sharpe — se Killick vai nos levar para a América. Killick disse que é para lá que o *Thuella* vai.

— E sem dúvida — Ducos fizera seu cavalo se aproximar mais para poder olhar de cima de Sharpe — o senhor liberou o capitão Killick de seu juramento de não lutar contra os britânicos.

— Foi — respondeu Sharpe —, isso mesmo.

Esse era o pacto do diabo, selado sob a tormenta da noite passada. Sharpe prometera que nem ele nem sua guarnição lutariam contra os Estados Unidos e em troca Sharpe havia liberado Killick de seu juramento. O preço era aquela rendição que faria possível que os homens de Sharpe escapassem.

Ducos olhou de forma depreciativa para Sharpe.

— E acredita que um capitão corsário cumpre suas promessas?

— Eu cumpri com a promessa que lhe fiz — disse Killick. — Disparei até que o inimigo se rendesse.

— O senhor não tem nada o que dizer! — soltou Ducos. — O senhor não é um oficial do exército, senhor Killick, é apenas um pirata.

Killick abriu a boca para responder, mas Ducos afastou seu cavalo de forma depreciativa. Falou com o general, sacudindo a mão enluvada para dar mais ênfase a suas palavras.

— Não creio que estejam impressionados — disse Frederickson em voz baixa.

— Pouco me importa — resmungou Sharpe. — Os botes já devem estar levando os feridos para o *Thuella* e os soldados da infantaria naval os seguirão depois. Quanto mais discutam mais homens estarão a salvo.

Favier olhou com tristeza para Sharpe.

— Isto é desprezível, major.

— Não mais coronel que seu débil esforço para me fazer marchar contra Bordéus como general de divisão.

Favier deu de ombros.

— Aquilo foi um *ruse de guerre*, uma manobra legítima.

— Tão legítimo como o direito de me render a quem queira.

— Para voltar a lutar? — Favier sorriu. — Não concordo. Isso é uma conveniência cínica, major, não honra.

O general Calvet se sentia enganado. Seus homens haviam morrido lutando por aquilo e nenhuma rendição ia lhes negar a vitória. Olhou para Sharpe e fez uma pergunta.

— Quer saber — disse Frederickson — se é verdade que foi promovido da tropa.

— É — disse Sharpe.

Calvet sorriu e voltou a dizer algo.

— Diz que será uma pena matá-lo — disse Frederickson.

Sharpe respondeu encolhendo os ombros e Calvet falou com dureza para Favier e este, por sua vez, traduziu as palavras para Sharpe.

— O general informa, major Sharpe, que não aceitamos seus arranjos. Têm um minuto para se render a nós. — Favier olhou para Killick. — E lhe aconselho que afaste seu navio desta fortaleza. Se interferir agora, senhor Killick, pode estar seguro que se apresentarão ao seu governo os oportunos protestos. Que tenham um bom dia.

Seguiu com seu cavalo Calvet e Ducos pela esplanada.

— Maldição — disse Killick. — Eles vão lutar?

— Sim — disse Sharpe. — Eles vão.

Os soldados da infantaria escalavam pelos costados do *Thuella* e deixavam sozinhos os fuzileiros na fortaleza. Seria difícil, muito difícil.

— Pegue sua bandeira, capitão — disse Sharpe a Killick.

O americano observava a coluna francesa que voltava a formar.

— Lá há centenas de sacanas.

— Somente dois mil — disse Sharpe enquanto arranhava com uma pedra um dente em sua espada.

— Queria... — Começou a dizer Killick instintivamente.

— Não pode — disse Sharpe. — Esta batalha é nossa. E se não conseguirmos, zarpe sem nós. Tenente Minver!

— Senhor?

— Seus homens são os seguintes! Desça-os para a água. Sargento-mor do regimento!

Harper estava dentro da fortaleza ao pé da brecha.

— Senhor?

— Bloqueia-a!

Harper esperava com um pelotão de homens junto a um *cheval-de-frise* fabricado com uma viga chamuscada à qual foram atados e pregados cinquenta baionetas francesas. As lâminas sobressaiam por todos os ângulos e formavam uma barricada selvagem que Harper, com seis fuzileiros, levou com grande dificuldade até o cume da brecha. Enquanto o faziam, começou de novo o bombardeio dos canhões de doze contra a face exterior da brecha. Uma lasca de pedra passou assobiando por cima da cabeça de Harper, mas levantou o extremo da viga, gritou para seus homens empurrarem e a grande viga ficou em seu lugar.

Sharpe estava na muralha oeste. Os homens de Minver desciam pelas escadas até a areia, enquanto a primeira das chalupas de Killick já se afastava do *Thuella*. Sharpe calculou que tardariam uns dez minutos para embarcar a companhia de Minver e outros cinco até que as chalupas regressassem para buscar os últimos defensores da *Teste de Buch*. A maré do canal era muito forte para se arriscar a ir nadando até a escuna, portanto Sharpe tinha de lutar até que as barcas pudessem levar todos seus homens. Killick, com sua bandeira americana na mão para pô-la a salvo, parou junto de Sharpe e ficou olhando para as hordas francesas.

— Desejo-lhe sorte, major?

— Não.

Killick parecia debater-se entre seu desejo de ficar para presenciar o que prometia ser uma luta admirável e seu desejo de que as chalupas se apressassem sob a chuva que caía no canal.

— Terei uma garrafa de conhaque esperando em meu camarote, major.

— Pensarei nela.

Sharpe era incapaz de expressar suas emoções, portanto, torpemente, agradeceu ao americano por ter mantido seu pacto.

Killick deu de ombros.

— Por que me agradece? Diabos, outra oportunidade para lutar contra vocês, sacanas!

— Mas, seu governo... Terá problemas por ter me ajudado?

— Enquanto obtenha dinheiro — disse Killick —, o governo não se importará.

Os tambores franceses começaram a soar, depois, de forma igualmente repentina, pararam. O americano ficou olhando para a coluna.

— Dois mil deles e cinquenta de vocês?

— Algo assim.

Killick riu com vontade e de repente sua voz se tornou quente.

— Major, alegro-me por não ser um daqueles sacanas. Terei o conhaque esperando, assegure-se de que virá e o beberá.

Fez um sinal com a cabeça e depois partiu caminhando para seus chalupas.

Sharpe foi caminhando até o extremo derrubado das muralhas por cima da brecha onde estava a metade da companhia de Frederickson. A outra metade, com próprio Frederickson, estava no pátio.

Harper continuava na brecha, embutindo as baionetas capturadas entre as pedras. A chuva seguia caindo, arrastava a argamassa e a poeira da brecha e espalhava fora do fosso a água suja e amarelada.

Os tambores franceses, empapados em chuva, voltavam a repercutir desde o sul. Um fuzileiro lambeu os lábios cortados. A chuva, cinzenta e deprimente, borrava as baionetas francesas concentradas, por cima das quais e como ouro resplandecente, se alçava o estandarte do inimigo. Aquela era a visão da morte, pensou. Os franceses se aproximavam.

O major Henri Lassan marchava, por petição própria, na fila de vanguarda da coluna. Havia escrito para sua mãe, pedindo desculpas por ter perdido a fortaleza e dizendo que apesar de tudo podia ficar orgulhosa de seu filho. Enviara seu rosário para ela e lhe pedira que as contas brilhantes e muito usadas repousassem na capela da família.

— Estão embarcando na escuna — informou Favier a Calvet.

O ataque desde o norte havia sido descartado e tudo se lançaria nesta única tormenta final. Favier achava que era um erro. O ataque do norte, entre a fortaleza e a água, teria bloqueado a fuga da guarnição, mas Calvet não se preocupava.

— A cavalaria pode ir brincar na praia. Faça-lhes chegar a ordem.

Calvet desmontou, depois brandiu sua espada, com a qual havia atravessado dois cossacos juntos como se fossem frangos espetados. O general tirou a capa para que seus homens vissem os galões dourados de sua casaca, então caminhou para a cabeça da coluna e levantou seus braços gorduchos e musculosos.

— Rapazes! Rapazes!

Os tambores, silenciados pelos oficiais, pararam as baquetas.

A voz de Calvet chegava até a última fila da coluna.

— Têm mais frio que vocês! Estão mais molhados! Estão mais atemorizados! E vocês são franceses! Em nome do Imperador! Em nome da França! Avançar!

Os tambores puxaram as cordas para esticar as peles úmidas e então, quando os vivos foram correndo pela coluna como se fosse fogo, as baquetas voltaram a iniciar seu repique. Como um monstro, dando solavancos e estremecendo, acompanhada pelas batidas das baquetas e com as baionetas brilhantes e excitada por um valente general, a coluna avançava.

Um dos fuzileiros alemães, com o braço esquerdo vendado, tocava flauta. A melodia atravessava o aguaceiro e enchia Sharpe de melancolia. Sempre desejara saber tocar flauta, mas nunca havia aprendido. Pouco consolo lhe proporcionavam aqueles pensamentos portanto o tirou da cabeça e se perguntou se os botes teriam chegado à margem para recolher os homens de Minver, mas não dava para ver dali e não podia perder tempo indo olhar.

A coluna francesa, balançando-se para a esquerda e para a direita ao avançar, estava a meio caminho da fortaleza. Os homens de Sharpe sabiam esperar, mas Sharpe se temia que a metade dos fuzis molhados pela chuva não dispararia quando chegasse o momento. A chuva caía por suas mangas, empapava as calças e enchia as botas. Asquerosa chuva traidora de merda.

Harper, Frederickson e uma dúzia de fuzileiros estavam de cócoras sobre a brecha, justo detrás do *cheval-de-frise*, Frederickson olhou para Sharpe e este sacudiu a cabeça. Ainda não, ainda não. O flautista alemão envolveu com cuidado seu instrumento, guardou-o na casaca e pegou seu fuzil que tinha umas tiras de aniagem envolvendo o mecanismo.

Os canhões de doze franceses haviam parado de disparar. Os artilheiros, sabendo que aquele clima não era bom para os fuzileiros, haviam saído do moinho para contemplar o assalto.

A chuva brilhava como lâminas polidas. Caía na vertical. A água saía fluindo aos jorros das muralhas até o fosso interno. Um relâmpago, repentino e aterrador, retumbou no leste.

Os franceses estavam a uns cem metros. Gritavam *Vive l'Empereur* a cada pausa dos tambores, mas o grande grito ficava abafado pela chuva prateada que quicava e salpicava contra as pedras chamuscadas e destroçadas do forte.

Sharpe virou-se. A muralha oeste estava pronta. Ali não podia fazer nada mais. Aquele era seu refúgio, o lugar onde tinha de conter os franceses o tempo necessário para que seus homens chegassem até os botes. Voltou a girar e viu os escaramuçadores franceses, com as abas vermelhas dos ombros escurecidas pela chuva, que subiam correndo torpemente pela ladeira do talude. Perguntava-se se Calvet teria enviado homens pelo norte que pudessem meter-se entre a muralha oeste e a água e assim fechar a fuga de seus fuzileiros.

Os franceses estavam nervosos agora. Alguns desejavam que a chuva tivesse destroçado a carga de todos os fuzis, mas os veteranos sabiam que mesmo com aquela chuva algumas armas disparariam. Começaram a se apressar, ansiosos de que o primeiro choque acabasse. Os escaramuçadores iam se espalhando pelo talude e os primeiros mosquetes dispararam fumaça da ladeira.

— Atacar! Atacar! — rugiu Calvet como um grito de guerra enquanto conduzia seus “resmungões”, seus veteranos, pelo espaço vazio do talude.

Carregaram. A coluna perdeu então sua ordem. Alguns homens, os medrosos, se protegiam no fosso exterior e faziam ver que disparavam para cima, mas a maioria, os valentes, se apinhava pelo caminho em direção ao caos de pedra, à ponte destroçada, para a vingança.

Sharpe olhou para Frederickson.

— Agora!

Os homens de Frederickson arrancaram os farrapos do mecanismo e se levantaram para disparar diretamente por cima do cume da brecha, enquanto das muralhas todo homem que pudesse disparar uma arma se ajoelhou ou se levantou.

— Fogo!

Talvez metade das armas tenha disparado, enquanto que nas outras armas as pederneiras faiscaram em uma pólvora úmida. O fuzil de Sharpe retrocedeu de um golpe, então se pôs a gritar para os homens que vigiavam a parte destroçada das muralhas.

O chumbo arrancado do telhado da igreja e que não havia sido utilizado para as balas fora amontoado nas muralhas com pedras, cápsulas de obuses e a alvenaria caída. Tudo foi lançado contra os atacantes. Os mosquetes dos franceses estavam tão inservíveis como os dos defensores. Uma carga de pólvora seca bem protegida podia acender, mas uma vez que havia se disparado era inútil pensar em recarregar sob aquela chuva.

Os fuzileiros se levantaram e atiraram e o ataque falhou. Havia mortos aos pés da brecha; os havia matado a descarga de Frederickson, mas então os vivos, excitados pelos rugidos de Calvet, surgido de entre os corpos, avançaram. Uma chapa de chumbo atingiu a cabeça de um homem e um obus quicou nas pedras.

— Avançar! Avançar!

Calvet estava vivo. Não sabia quantos haviam morrido, mas sentia o júbilo da batalha e sua tremenda voz empurrava os homens a subir pela rampa de pedras. Brandiu sua espada contra o *cheval-de-frise*, mas cambaleou para um lado quando uma pedra lhe golpeou na cabeça.

— O Imperador! O Imperador!

Uma maré de homens trepava pela brecha. Um oficial, armado com uma pistola de fulminantes à prova de chuva, disparou para cima e um fuzileiro caiu das muralhas e as baionetas o destroçaram.

— Empurrem!

Calvet dava empurrões para frente no *cheval-de-frise*, tentando fazer um espaço. Um obus, lançado da muralha, bateu em seu braço esquerdo, deixando-o aturdido, mas viu um espaço no extremo da viga cheia de espetos e saltou por ele. Ainda tinha bom o braço com o que empunhava a espada e indicou o caminho enquanto alcançava o cume da brecha.

— Carreguem!

A cheia de homens, que empurravam desde trás e se desesperava para fugir da chuva de projéteis que caíam desde cima, fluiu sobre a brecha.

Harper os observava. Viu o general, o chamativo galão dourado e arrancou o trapo que cobria o mecanismo da arma de sete canos. Apertou o gatilho e três franceses foram lançados para trás contra a face interna da brecha. Calvet, que ia à cabeça daqueles mortos, sobreviveu.

— Fogo!

Frederickson, repartidos os trabucos, gritou a ordem e três das seis armas cuspiram os pedaços de pedra contra o inimigo.

Um francês foi atravessado com uma das baionetas metidas entre as pedras e, apesar de seus gritos desesperados, seus camaradas o pisotearam e o cravaram ainda mais na lâmina. Outros homens, soluçando e forcejando, se haviam visto encurralados contra o *cheval-de-frise* que estava agora virado para a face interior da brecha. Contudo, a maioria dos homens sobrevivia e saltava sobre os paralelepípedos do pátio.

— Recuar! Recuar!

Os homens de Frederickson não estavam ali para defender a brecha, mas para vigiar a rampa. Recuaram horrorizados ante a maré humana que penetrava na fortaleza.

Sharpe, ao ver que a brecha estava perdida, assobiou duas vezes.

— Recuar! Recuar!

Seus homens corriam para as muralhas.

Aos pés da rampa de pedra, em frente à entrada desmoronada, havia um único canhão. Não estava intacto, mas o tubo estava carregado com a última pólvora seca que havia na guarnição e o haviam atacado com pedaços de metal, fragmentos de pedra e pregos oxidados. Colocaram um fio de pólvora até o interior do ouvido e depois o haviam coberto com um pedaço de encerado.

Harper estava junto ao canhão. A seu lado, protegida em um buraco sob a rampa de pedra, havia uma tocha feita com palha retorcida, farrapos de tecido e breu. Ele a pegou e a girou no ar para que as chamas se avivassem e se convertessem em uma labareda brilhante debaixo da chuva.

— Agora! — gritou Frederickson que estava a meio caminho rampa acima com seus homens.

Harper tirou o encerado e meteu a mistura ardente de breu e palha no buraco do ouvido. Viu que a pólvora acendia e saiu de lado. O canhão disparou.

Retrocedeu de forma selvagem e o tubo, dando com toda a força da pólvora ruim que tinha em seu interior, se saiu da carreta, mas não antes que a descarga, espalhando-se como os disparos contra um pato, se esvaziasse no interior do pátio.

Os pedaços de pedra e metal surraram os franceses. Uma chuva de sangue rivalizou por um momento com o aguaceiro, depois o tubo caiu sobre a roda direita da carreta, partindo os raios como se fossem fósforos de madeira e Harper se foi subindo pela rampa e gritando em busca de seu machado.

Os homens gritavam no pátio. Alguns estavam cegos, estripados, rasgados. Calvet havia se lançado ao piso de forma instintiva e escutava o horror que tinha ao seu redor.

— Ataquem! — se levantou. — Ataquem!

Percebeu os poucos defensores que restavam para enfrentá-lo, mas pelo menos eram fuzileiros, a elite britânica, e poderia capturar aqueles poucos como recordação de sua vitória.

— Ataquem!

Os homens, excitados pela escassez de defensores e pela valente voz de seu general, obedeceram. Através dos feridos, dos mortos e da fumaça pegajosa do canhão, emergiu uma massa de homens gritando. Calvet ia à cabeça.

— Agora!

Frederickson tinha os últimos sete barris de cal na parte superior da rampa. O sargento Rossner lançou um, quicou, se abriu de golpe, e então, vomitando o pó que no mesmo instante a chuva converteu em caiado, bateu contra a fila de vanguarda dos franceses. Um homem gritou quando o barril o empurrou contra a carreta quebrada e a cal atingiu seus olhos.

Frederickson olhou atrás dele. Os homens de Sharpe, usando a cobertura do baluarte onde havia se armazenado a munição capturada dos franceses, retinham a muralha sul. Os homens de Minver, com grande lentidão, eram levados a remo para o *Thuella*.

Um segundo barril de cal desceu dando quiques pela ladeira, depois um terceiro. Mais franceses trepavam pelas muralhas para atacar os baluartes, mas os homens que havia nessas pequenas fortalezas contavam com as últimas cargas secas e obrigaram seus atacantes a se protegerem nas frestas.

— Agora!

Um quarto barril quicou e golpeou um homem em pleno peito.

Uma pistola disparou desde o pátio e Rossner soltou um gemido pois a bala atingira seu braço.

— Anda! — Frederickson o empurrava para o mar. — Anda!

Vinham mais franceses, se aferravam à rampa, abriam passagem pela carreta destróçada, sobre os barris arrebetados e

pelos corpos de seus próprios feridos. O pé da rampa era uma mistura grotesca de cal e sangue.

— Agora!

O quinto barril desceu e depois o sexto.

Sharpe tinha ido até a parte superior da rampa. Viu os homens de Minver subindo pelo costado do *Thuella*, mas não podiam conter os franceses por muito tempo. Alguns tentavam subir pelo muro interno até as muralhas, usando os escombros queimados dos escritórios como escada, e Sharpe correu para eles para detê-los. Arremeteu com sua espada, uma vez, duas, e um homem gritou quando a lâmina o arranhou a cara.

— Agora!

Harper lançou o último barril. Não quicou, mas desceu totalmente inclinado e se estrelou contra uma nova carga de homens. Os botes do *Thuella* ainda não haviam iniciado sua viagem de volta.

— Espadas! — gritou Frederickson.

Os franceses, estimulados por sua vitória na brecha e vendo que já não havia mais barris que pudessem ser jogados em suas filas, carregaram. Uma única fila de fuzileiros, com as baionetas caladas, os esperava.

Então Harper rompeu a linha.

Com um grito, cujo eco encheu totalmente o pátio, Patrick Harper carregou ao mesmo tempo em que descia a ladeira de pedra. Levava o machado grande e reluzente e por suas veias corria o entusiasmo de um milhar de guerreiros irlandeses. Gritava em gaélico e desafiava os franceses para que fossem pegá-lo, e os franceses que iam à frente não se atreveram.

Harper media um metro e noventa e três, um gigante, e seus músculos eram como os cabos de um mastro maior. Não atacava com prudência, compadecendo-se da fraqueza de seu inimigo, mas que gritava desafiante a toda velocidade. O machado acertou seis

homens no primeiro golpe, depois Harper girou a lâmina como se pesasse menos que uma espada, foi para frente, com a lâmina jorrando sangue, enquanto sua voz, repetindo sua língua antiga, fez os franceses retrocederem.

Um capitão francês, sedento de glória e sabendo que tinha que tomar a rampa, arremeteu e a lâmina do machado abriu seu ventre para a chuva. Harper gritou o triunfo, desafiando os franceses para que viessem desafiar sua lâmina. Parou a alguns centímetros do final da rampa, vitorioso, e a chuva que gotejava do machado que segurava em sua mão direita era rosa. Ele riu dos franceses.

— Sargento! — gritou Sharpe. — Patrick!

As chalupas, finalmente, regressavam para a praia.

— Patrick! — Sharpe afunilou as mãos. — Regresse!

Harper pôs o machado no ombro. Virou-se, não queria correr, e foi subindo caminhando pela rampa de pedra até onde Frederickson o esperava. Lá se virou e olhou para o pátio. O oficial que tinha a pistola de percussão, com o cano carregado com pólvora extraída de um corno seco, deslizou uma cápsula fulminante para o ouvido da arma, mas Calvet, que sabia reconhecer a valentia quando a via, sacudiu a cabeça. Aquele fuzileiro, pensou Calvet, deveria estar na Guarda Imperial.

— Baluartes! — o grito de Sharpe foi brusco no silêncio estranho que seguiu ao ataque solitário de Harper. — Retirada! Retirada!

Os fuzileiros que tinham vigiado os extremos da muralha oeste escapuliram dos baluartes e correram pelas escadas.

Calvet, ao ver isso, percebeu que seu inimigo estava acabado.

— Ataquem!

— Recuar! Recuar! Recuar! — Sharpe empurrava seus homens.

Agora os franceses podiam ficar com o forte, mas vinha o pior, o momento difícil, o final da batalha de Sharpe e a corrida até os botes.

Os fuzileiros não tinham tempo para fazer fila nos degraus, saltaram das muralhas e caíram de cabeça na areia. Sharpe esperava de pé em uma das frestas com sua espada desembainhada. Harper se pôs a seu lado, mas Sharpe resmungou para que se fosse.

Os franceses carregavam por cima dos corpos dos mortos. Queriam vingança, mas encontraram muralhas vazias. Vazias salvo por um oficial, empunhando a espada, cujo rosto era como o da morte. Aquele rosto os deteve alguns segundos, o suficiente para que os homens de Sharpe escorressem para a margem do mar.

Então Sharpe virou-se e saltou.

O golpe ao aterrissar tirou sua respiração. Jogou-se para frente, o fuzil caiu de seu ombro e seu rosto bateu contra a areia úmida.

Uma mão o agarrou pela gola e puxou até levantá-lo. Harper gritou:

— Corra!

Sharpe tinha a boca cheia de areia. Cuspiu. Tropeçou no corpo de um dos franceses abandonados naquela faixa de areia no dia anterior, caiu e depois voltou a correr. Perdera a boina. Os franceses estavam acima nas muralhas enquanto que a sua direita, proveniente do norte, apareceu a cavalaria.

As duas chalupas, com os remos levantando e caindo com lentidão e dificuldade, avançavam polegada a polegada para a pequena arrebentação de ondas na praia do canal. Os primeiros fuzileiros estavam na água, chapinhando para os botes, alcançando-lhes.

Cornelius Killick, no primeiro bote, gritou uma ordem e Sharpe viu que os remos retrocediam, viu que os desajeitados remos balançavam e percebeu que Killick estava fazendo o barco girar para que a popa mais larga desse de cara com a margem.

— Formem uma linha! — gritou Frederickson.

Sharpe virou-se para onde provinha o grito tirando a areia dos olhos. Trinta fuzileiros formavam uma linha rudimentar na borda da água. Sharpe e Harper se uniram a eles.

— Primeira fila de joelhos no chão! Apresentar armas!

Frederickson, como se estivesse em um campo de batalha, se enfrentava à cavalaria com duas filas eriçadas com as lâminas das baionetas. O cavaleiro que ia à frente, um oficial, se inclinou na sela para arremeter com o sabre, mas a leve lâmina se chocou com a linha de baionetas como o pau de menino que percorre um portão de ferro.

— Recuar! Recuar! — gritou Sharpe.

A reduzida linha retrocedia, passo a passo, entrando no mar. A água chegava às panturrilhas, às coxas, e o impacto do água fria chegou à virilha.

Os cavaleiros esporeavam os cavalos para que se metessem no mar. Os cavalos, assustados com as lâminas e as ondas, se empinaram.

— Andem, sacanas! — gritou Killick. — Nadem!

— Romper filas! — gritou Sharpe. — Vamos!

Ele ficou na retaguarda. O fuzil o atrapalhava e o deixou cair na água.

Um cavaleiro arremeteu com seu sabre contra Sharpe e a comprida espada do fuzileiro, segurada com ambas as mãos, quebrou o antebraço do homem. O francês gemia de dor, soltou seu sabre e seu cavalo retrocedeu para a terra seca. Outro cavaleiro retorcia a ponta de seu sabre no pescoço de um fuzileiro. Havia sangue, chapas e mais cavalos com dentes amarelados que se afundavam na espuma. Harper, que ainda tinha o machado, arremeteu contra o cavaleiro que se esquivou enquanto o corpo do fuzileiro era arrastado pela maré. Harper arrastou o corpo para os botes, sem perceber que o homem já estava morto.

A infantaria havia saltado das muralhas e gritava para que a cavalaria desse passagem. Sharpe, com os dentes rangendo, os desafiou a se aproximar. Ele os provocou. Avançou para eles, queria que um deles tentasse, somente um.

— Senhor! — gritou uma voz de trás. — Senhor!

Sharpe retrocedeu e, ao vê-lo, os franceses atacaram.

À cabeça ia um sargento. Era veterano, curtido em anos de campanha e sabia que o inglês acometeria.

Sharpe atacou. O francês moveu seu mosquete para um lado, parou e gritou sua vitória quando atacou para frente.

Ainda gritava quando a espada de Sharpe, que tinha girado sobre a punhalada da baioneta, lhe espetou no ventre. Sharpe girou a lâmina, empurrando, o sangue saiu aos borbotões e caiu na espuma enquanto a lâmina parecia que ser tragada pelo enorme ventre. Sharpe deu um passo para trás, puxou a espada e a lâmina saiu com um jorro de sangue.

— Senhor!

Retrocedeu. Outro cavaleiro penetrava na água e Sharpe arremeteu com sua espada para a cabeça do cavalo, este se empinou e então apareceu um homem pelo outro lado, um oficial com uniforme mais escuro, e Sharpe virou-se, parou desajeitado uma estocada e brandiu sua espada para dar-lhe o toque mortal.

— Ele não! Ele não! — gritou Killick.

Sharpe deteve o ataque.

Lassan, sabendo que não ia morrer naquele dia de chuva e crueldade, baixou sua espada na água.

— Vá embora.

Sharpe se foi. Virou-se e mergulhou no mar. As chalupas já estavam quase partindo. Alguns homens se agarravam às travessas do bote que tinham mais perto enquanto que outros, a salvo em seu barco, estiravam os braços e os fuzis para eles.

Uma bala de pistola levantou um penacho junto ao rosto de Sharpe. A água chegava até seu peito, ia meio caminhando e meio nadando e estirou sua mão esquerda e pegou o cano de um fuzil que lhe estendiam.

— Vamos remem! — gritava Killick. — Remem!

Um último cavaleiro levava sua carga até o mar, mas o baque de um remo contra a água assustou o cavalo. Os franceses, com seus mosquetes inutilizados pela chuva, só o que podiam fazer era olhar.

Sharpe se agarrou ao fuzil com a mão esquerda. O ponto de mira da arma se cravou na palma de sua mão. A espada que tinha na mão direita o estava afundando, assim como a pesada bainha. Esperneava com seus pés, a água entrava em sua boca e ele a fechava com força.

— Puxem! Puxem! Puxem!

Era a voz de Killick a que se ouvia rugir acima do ruído que produzia o torno do *Thuella* que recolhia a âncora e a tirava do lodo do canal. As velas se soltavam ao vento e o *Thuella* se movia na água.

Os botes se chocaram contra o costado do navio e os homens empurraram os fuzileiros para o convés. Alguém pegou Sharpe pela o gola e o arrastou jorrando até o interior da chalupa.

— Para cima!

Havia uma escada no lado do navio. Sharpe, cambaleando com o balanço da chalupa, pôs sua espada na bainha que salpicou para fora toda a água que havia dentro. Alcançou a escada, subiu, depois mãos americanas o puxaram até a cobertura do *Thuella*. Havia bebido água do mar e, com um espasmo repentino, a vomitou sobre o convés bem lavado. Fazia esforços para respirar, vomitou mais, depois se deitou, ofegando nos embornais.

Ouviu vivas, vivas dos alemães, espanhóis e ingleses, inclusive dos americanos, e Sharpe virou-se, olhou através de uma canhoneira e viu que a costa se deslizava ante ele. Os artilheiros franceses lidavam com os canhões de doze para a areia molhada,

mas era tarde demais e em vão. As chalupas eram arrastadas por cordas, as velas molhadas do *Thuella* se inchavam com uma nova brisa procedente do leste e os franceses ficavam para trás, impotentes.

Tinham escapado.

Epílogo

A cavalaria estava nervosa nos campos molhados. Os cavaleiros franceses adquiririam coragem, cavalgariam para frente alguns poucos metros e depois virariam repentinamente para evitar a descarga britânica. A artilharia oculta, que disparava em alvos ocultos, golpeava o ar envolvido em chuvisco, enquanto que a infantaria, tremendo com o frio de fevereiro, esperava as ordens.

A força de Sharpe, empurrando quatro carroças carregadas com os feridos, chegou à escaramuça procedente do norte. Um esquadrão de cavalaria francesa os viu, girou para a direita e depois brandiu os sabres curvos para carregar.

— Duas filas! Calar baionetas!

Sharpe pressentiu que o inimigo não carregaria a fundo, mas realizou os movimentos pertinentes e o oficial inimigo, ao ver as baionetas esperando e sem saber que não havia nem um só mosquete ou fuzil carregado naquelas duas filas, se retirou. A batalha, se é que foi isso, parecia muito dispersa para uma carga de cavalaria que podia deixar os cavaleiros expostos a um repentino contra-ataque. Além disso, viu que os franceses eram muito menos, como havia sucedido com ele na *Teste de Buch*. O inimigo, pouco mais que uma linha de piquetes, se via acossado por uma tropa cada vez maior de britânicos e portugueses.

Um quilômetro à frente se ouviu um rugido repentino, como uma onda rompendo na praia e Sharpe viu um foguete que se elevava no ar e descia vertiginosamente para o leste. Fazia mais de um ano que vira esses foguetes e achava que eram tão pouco precisos como sempre. Contudo, a visão daquilo o fez se sentir em casa.

— Recorda-se deles? — perguntou a Frederickson.

O Doce William, que estava com Sharpe quando haviam utilizado os foguetes pela primeira vez contra os franceses,

consentiu com a cabeça.

— Claro que sim.

Um capitão da infantaria a cavalo, com a casaca vermelha resplandecente, galopava pelo caminho em direção a Sharpe. Sua voz, quando conteve o cavalo, foi tão autoritária como a de um oficial do estado maior.

— Quem diabos é o senhor? O que estão fazendo aqui?

— Meu nome é Sharpe, sou major e trate-me como se deve.

O capitão ficou olhando com incredulidade, primeiro para Sharpe e depois para a mistura de fuzileiros e soldados da infantaria sujos que contemplavam insignificadamente o rastro de fumaça do foguete.

— Sharpe? — Parecia que o capitão perdia a voz. —, mas o senhor... — Calou-se. — Está vindo do norte, senhor?

— Sim.

Era difícil explicar tudo o que havia sucedido; explicar que um capitão corsário americano havia se prestado a resgatar uma guarnição e a desembarcá-la o mais perto possível das linhas britânicas; que o *Thuella* havia rumado para o sul numa noite chuvosa e que os fuzileiros e a infantaria naval haviam manejado as bombas manuais do barco até que os músculos lhes ardiavam apesar do frio ou que Sharpe, acabado seu turno nas bombas, havia partido para beber conhaque com um americano inimigo em um pequeno camarote e que prometera que, quando esta maldita guerra acabasse, voltariam a beber mais em um lugar chamado Marblehead. Ou explicar que, em um amanhecer chuvoso, Cornelius Killick havia desembarcado os homens de Sharpe ao norte do estuário do Adour.

— Quem dera pudesse levá-lo mais ao sul — dissera o americano.

— Não pode.

Avistaram uma vela estranha no sul, apenas um farrapo branco no horizonte neblinoso, mas a vela significava um perigo para o *Thuella*, portanto Killick tinha virado em direção à praia.

Agora Sharpe, que marchava para o sul, havia se encontrado com tropas britânicas ao norte do rio, o que significava que Elphinstone havia construído sua ponte.

— E o senhor quem é? — perguntou Sharpe ao capitão do estado maior.

— Primeira divisão, senhor.

Sharpe indicou com a cabeça em direção a outro rastro de fumaça de um foguete.

— O Adour?

— Sim, senhor.

Estavam a salvo. Teriam cirurgiões para os feridos e uma apreciada ponte para atravessar o rio, uma ponte que o conduziria a *Saint Jean de Luz* e para Jane.

Ali estava a ponte. A ponte milagrosa, a ponte que só um homem inteligente podia construir, uma ponte para transbordar pelo flanco o exército francês, uma ponte de barcas.

A ponte era feita com os lugres. Toda uma frota de lugres estava amarrada uns ao lado dos outros na larga boca do rio e, estendendo-se de uma margem a outra e presos por grandes cabos, uma ampla via de pranchas. Por cima da ponte marchavam as companhias de casacas-vermelhas, uma atrás de outra, um exército transbordando ao inimigo e adentrando-se na França. O oficial disse que o quartel general da divisão ainda estava ao sul do rio.

Sharpe levou seus homens à margem norte onde um cirurgião havia montado uma tenda e esperava a clientela.

— Melhor que espere aqui — disse Sharpe a Frederickson.

— Sim, senhor.

Sharpe olhou para seus marinheiros e fuzileiros, para Harper, Minver, Rossner, Palmer e para todos os homens que lutaram como nenhum homem teria que lutar.

— Regressarei para buscar vocês — disse sem convicção.

Sharpe se foi. Avançava contra a maré da divisão invasora, atravessando a ponte de tábuas que balançava para cima e para baixo com as pequenas ondas do estuário. Fora para conseguir essa ponte que seus homens haviam tomado a *Teste de Buch*. Atraíram o inimigo para o lugar errado para que a pudessem construir sem serem incomodados.

A ponte tinha quase um quarto de quilômetro de comprimento e tinha que aguentar as subidas e descidas das marés do oceano. Alguns marinheiros, sob as ordens de oficiais da marinha, dispunham os tornos que governavam as âncoras dos botes amarrados. Os tornos faziam equilibrar a longa ponte contra as correntes do rio, do oceano e contra a ampla maré que se adentrava no Adour.

A ponte, vigiada por uma frota de bergantins, era um milagre da engenharia.

E o homem que a havia construído esperava em um dique ao sul onde um cabrestante, construído no interior de uma jaula com barrotes de madeira, podia compensar os cabos da pista contra as descidas da maré do estuário. O coronel Elphinstone, de pé sobre a plataforma do cabrestante, observou o sujo fuzileiro manchado de sangue e pólvora que se aproximava. O rosto de Elphinstone mostrou surpresa e incredulidade primeiro e depois alegria.

— Disseram que o haviam capturado!

A chuva bateu no rosto de Sharpe quando levantou o olhar para o coronel.

— Quem, senhor?

— Bampfylde. — O olhar de Elphinstone pousou no sangue que Sharpe tinha na coxa e na cabeça. — Você escapou!

— Todos nós, senhor. Todos e cada um dos malditos homens que Bampfylde abandonou. Salvo os mortos, certamente. Morreram vinte e sete, senhor.

Sharpe fez uma pausa, recordando que havia morrido algo mais desde a última vez que os havia contado. Dois dos feridos morreram no *Thuella* e os desleixaram cair no mar cinzento. E Sharpe achava que o fuzileiro americano, Taylor, tinha que ser contado entre os mortos, ainda que estivesse vivo e navegasse para o oeste.

— Talvez trinta, senhor, mas os franceses enviaram uma brigada contra nós e lutamos como sacanas, senhor. — Sharpe se notou raiva na voz e sabia que aquele homem honesto não lhe merecia. — Sinto muito, senhor. Necessito de um cavalo.

— Você precisa descansar. — Elphinstone com uma surpreendente agilidade para um homem pesado e de meia idade se balançou e desceu da jaula de madeira. — Uma brigada, você disse?

— Meia brigada — disse Sharpe —, mas com artilharia.

— Deus todo-poderoso.

Sharpe virou-se e observou o batalhão de infantaria português que avançava para o dique pela ponte de tábuas.

— Já vejo que Bampfylde lhe trouxe os lugres. O grande sacana pelo menos fez algo de bom.

— Ele disse que tomou o forte! — disse Elphinstone. — Disse que você havia ido para o interior e que o tinham derrotado.

— Pois é um sacana mentiroso. Nós tomamos o forte. Depois fomos ao interior, derrotamos os franchinotes junto ao rio, regressamos e nos encontramos com o forte abandonado. E voltamos a derrotá-los.

— Não tão alto, Sharpe — disse Elphinstone —, cuidado com o flanco direito.

Sharpe virou-se. Vários metros rio abaixo na margem havia um grupo de umas duas dúzias de oficiais do exército e da armada que tinham ido ver aquele prodígio; uma ponte flutuante que cruzava um estuário. Com eles iam algumas damas às quais haviam convidado para serem testemunhas da distante fumaça de uma batalha. Algumas reluzentes carruagens estavam estacionadas em um caminho da zona pantanosa duzentos metros atrás.

— Aquele é Bampfylde?

— Vá com calma, Sharpe! — disse Elphinstone.

— Sacana de Bampfylde.

Sharpe estava manchado de barro, sangue seco, sal e queimado pela pólvora. Foi caminhando para o dique para os espectadores que se agrupavam ao redor de duas lunetas montadas em tripés. Ouviu-se uma salva de aplausos e admiração quando outro foguete se elevou formando um arco para as nuvens cinzentas.

Dois tenentes de navio impediram a passagem de Sharpe. Um deles, ao ver que o soldado estava sujo e andrajoso, sugeriu que desse um rodeio.

— Vá por ali.

O oficial lhe indicou a parte interior do muro cheia de barro.

— Afaste-se. Fora! — espetou Sharpe.

Aquela ordem repentina surpreendeu os espectadores. Uma mulher deixou cair a sombrinha e emitiu um grito ao ver o aspecto de Sharpe, sujo e ensanguentado, mas o capitão Horace Bampfylde, que explicava com grandes detalhes como havia capturado uma fortaleza e trazido os lugres para o sul para ajudar ao exército, ficou calado com terror.

— Sacana de merda — disse Sharpe. — Covarde!

— Senhor!

Um oficial do exército tocou no braço de Sharpe em sinal de protesto, mas Sharpe se virou contra o homem e este retrocedeu atemorizado ao ver aquele rosto selvagem.

Sharpe voltou a olhar para Bampfylde.

— O senhor fugiu.

— Isso não é...

— E tampouco tomou a fortaleza, sacana. Eu o fiz. E depois a mantive, sacana, frente uma maldita brigada de tropas franchinotes. Nós os derrotamos, Bampfylde. Combatemos contra eles e os vencemos. Perdi alguns de seus soldados, Bampfylde, porque não se pode lutar contra meia brigada sem perder algum homem, mas vencemos!

Fez-se um silêncio embaraçoso entre aquele grupo de gente elegantemente vestida. Um vento frio agitou a água à direita de Sharpe e depois o som de um disparo da artilharia cruzou o rio.

— O senhor me ouviu, Bampfylde?

O oficial não disse nada e seu rosto carnosos e jovem apenas mostrava terror. Os demais oficiais, horrorizados ao ver a cara de Sharpe e ao notar a ira em sua voz, ficaram como sorvetes.

— Mais de dois mil homens, sacana, e nós menos de duzentos. Lutamos contra eles até que já não nos restavam mais balas, então combatemos com o aço, Bampfylde. E ganhamos!

Sharpe deu outro passo adiante para o capitão da marinha que, aterrorizado, retrocedeu.

— Ele me disse... — Começou a dizer Bampfylde, mas não pôde seguir.

— Quem lhe disse o quê?

Os olhos de Bampfylde se dirigiram para trás de Sharpe e o fuzileiro se virou e viu o conde de Maquerre, de braços com uma garota, junto ao coronel Wigram. O conde olhou para Sharpe como se visse alguém saído de sua tumba. Sharpe, que não esperava encontrar o conde, ficou olhando ele com a mesma incredulidade.

Então, à mente de ambos veio a consciência da traição e o conde aterrorizado correu.

O conde corria para a ponte que conduzia à margem norte do Adour onde um punhado de tropas francesas se retiravam ao ver a primeira divisão. Tinha que ter mais tropas ali, as de Calvet, suficientes para que o sangue corresse pelo rio, mas De Maquerre havia sido enganado com a história do desembarque e as tropas de Calvet foram desperdiçadas em Arcachon. O conde de Maquerre, sem querer, havia servido bem a Wellington, mas era um traidor e como tal fugia.

Sharpe correu atrás dele.

O coronel Wigram levantou a mão como querendo manter o decoro ante as damas, mas Sharpe o empurrou até o dique e ele caiu no barro.

De Maquerre saltou pelo muro em ladeira, pôde manter milagrosamente o equilíbrio na borda escorregadia do rio e saltou sobre a ponte.

— Detenham-no! — gritou Sharpe.

Alguns soldados de infantaria portugueses que atravessavam a ponte viram o oficial, alto e distinto, com uniforme britânico perseguido por um infeliz sujo e andrajoso. Deixaram passar o conde.

Sharpe ia dando golpes contra o piso com sua coxa ferida. O sangue lhe corria pela coxa quando resmungou para os homens que o deixassem passar.

— Detenham-no!

Um cavalo nervoso ao qual haviam tapado os olhos para que cruzasse aquela pista estranha deteve a fuga de De Maquerre. Girou sua anca e se interpôs no caminho do conde que se viu obrigado a saltar a um dos lugres amarrados. Virou-se ao aterrissar em um convés, viu que já não podia correr mais e desembainhou sua espada.

Sharpe saltou desde as tábuas para a cobertura do bote e empunhou sua espada.

O conde de Maquerre, ao ver a sujeira e o sangue de combate Sharpe tinha que por cima decidiu que a luta estava perdida antes de começar. Baixou a espada.

— Eu me rendo, major.

— Espiões são enforcados, sacana — disse Sharpe.

De Maquerre deu uma olhada para a água e Sharpe percebeu que o homem estava pensando em saltar na água fria e cinzenta da maré, mas então uma voz fez que o francês dirigisse sua atenção para trás, para a ponte.

— Sharpe!

Era a voz petulante do coronel Wigram, todo manchado de barro, que com Elphinstone, abria passagem entre as tropas portuguesas que enchiam a ponte.

O conde de Maquerre olhou para Wigram e fez um gesto indicando para Sharpe.

— Está louco!

— Major! — Wigram desceu ao convés do lugre. — Há coisas que você não entende, major!

— É um traidor. Um espião.

— Tinha que se dizer aos franceses que se planejava um desembarque! Não entende?

Sharpe ficou olhando para o francês alto e magro.

— Trabalha para um homem chamado Pierre Ducos. Oh, o senhor foi enganado, Wigram, é o que sei, mas este sacana tentou me pegar.

De Maquerre, que notava que sua aliança com Wigram ainda estava viva, apontou para Sharpe.

— Está louco, Wigram, louco!

— Estou tão louco — disse Sharpe — que odeio que enforcem os homens.

O conde de Maquerre já não podia retroceder mais. Sua retirada se via bloqueada por dois marinheiros que se agachavam nervosos junto ao torno de uma âncora. O francês observou a espada de Sharpe e depois seus olhos. O bote tremeu quando Elphinstone saltou ao convés desde a via e o movimento provocou um estouro de súplicas em francês dirigido a Wigram.

— Em inglês, sacana! — Sharpe avançou para o francês aterrorizado. — Diga-lhe quem é Ducos! Diga-lhe quem é Favier! Diga-lhe que me ofereceu fazer-me general de divisão em seu exército realista!

— *Monsieur!* — De Maquerre, diante do fuzileiro, apenas podia rogar.

— Sharpe! — o coronel Wigram deu a sua voz um tom de calma e sensatez. — Terá que se fazer uma investigação formal diante de um tribunal constituído como é devido...

—... E o que farão? O enforcarão?

— Se for culpado, sim — disse Wigram, indeciso.

— Mas não me agrada que enforcem os homens! — Sharpe disse estas palavras com lentidão deliberada. — Descobri que tenho esta fraqueza, e sinto muito, mas não suporto que enforcem os homens!

— Muito compreensível — disse Wigram convencido de que falava com um louco.

O conde de Maquerre, percebendo uma trégua nas palavras de Sharpe, esboçou um sorriso nervoso.

— O senhor não entende, *monsieur*.

— Eu entendo que você é um sacana — disse Sharpe — e um espião, mas não vão enforcá-lo por isso. Isto é pelos homens que você matou, cafetão!

A espada arremeteu enquanto Sharpe gritava a última palavra. A lâmina, marcada com o óxido da água e do sangue, se retorceu quando Sharpe a empurrou, voltou a se retorcer quando penetrou

no ventre do francês, seguiu retorcendo-se quando o sangue salpicou meio metro para cima, e ainda se retorceu para que a carne do corpo não se colasse no aço quando o francês, com as calças manchados de sangue, caiu no rio que Calvet deveria ter defendido.

— Isso não foi bom — disse o coronel Elphinstone abrindo passagem junto a Wigram, aterrorizado, que observava o corpo do espião que estava rodeado de sangue diluído e flutuava para o mar.

— Era um traidor — disse Sharpe — e matou meus homens.

O cansaço lhe invadia. Queria se sentar, mas supôs que teria que se explicar. Contudo, era difícil.

— Hogan o sabia — disse recordando as palavras de seu amigo sob o efeito da febre. — Michael Hogan? — Olhou buscando compreensão no rosto honesto de Elphinstone.

Elphinstone consentiu com a cabeça.

— Foi ideia de Hogan deixar que os franceses acreditassem que planejávamos uma invasão.

— Mas Wigram enviou De Maquerre, não? — Sharpe ficou olhando para o coronel de rosto cinzento que não dizia nada. — Hogan nunca teria enviado um *cafetão* que pusesse em perigo nossas vidas!

— Hogan estava doente — disse Wigram na defensiva.

— Então esperem até que esteja bem — disse Sharpe — e chamem-no quando se constitua o tribunal.

— Isso não pode ser — disse o coronel Elphinstone. — Hogan morreu.

Por um momento parecia que a notícia não tinha sentido.

— Morto?

— A febre. Que descanse em paz.

— Oh, Deus.

Os olhos de Sharpe se encheram de lágrimas e para que nem Elphinstone nem Wigram as vissem, o fuzileiro se virou. Hogan, seu amigo íntimo, com quem tantas vezes havia falado dos prazeres que desfrutariam quando chegasse a paz, havia morrido de febre. Sharpe observou o corpo de De Maquerre que girava com a maré e a dor que sentia por seu amigo se converteu em raiva.

— Aquele tinha que ter sido Bampfylde! — disse apontando o cadáver e virou-se para Elphinstone. — Ele fugiu!

A dureza que mostrava o rosto de Sharpe fez que o coronel Wigram retrocedesse para a ponte de tábuas, mas Elphinstone simplesmente pegou a espada de Sharpe e lhe limpou o sangue com um canto da casaca. Devolveu-lhe a espada.

— Fez bem, major. — Tentou imaginar um punhado de homens enfrentado meia brigada e não pôde. — Você precisa descansar.

Sharpe consentiu com a cabeça.

— Pode me arranjar um cavalo, senhor? — perguntou com uma voz como se não tivesse ocorrido nada, como se não tivesse sangue gotejando na cobertura.

— Um cavalo? Certo.

Elphinstone percebeu em Sharpe o cansaço de um soldado empurrado até os limites da razão. O coronel era engenheiro, conhecia as tensões que podiam destroçar a pedra ou a madeira ou o ferro e agora via esse mesmo tipo de tensão capaz de fraturar em Sharpe.

— Certamente! — disse Elphinstone com voz de absoluta normalidade. — Está com vontade de ver sua mulher! Tive a honra de jantar com ela faz duas noites.

Sharpe ficou olhando para o coronel.

— Jantou com ela?

— Meu caro Sharpe foi totalmente correto! Em honra às mulheres! Havia ragu e um boi estupendo.

Sharpe se esqueceu de De Maquerre, se esqueceu da ponte e se esqueceu dos escaramuçadores que morriam do outro lado do rio. Inclusive se esqueceu de Hogan.

— E Jane está bem?

Elphinstone deu de ombros.

— Por que não deveria estar? Ah, me comentou algo sobre um resfriado, mas passou rápido. Um espirro invernal, nada mais. Estava abatida por causa de Hogan, naturalmente.

Sharpe olhava boquiaberto para o coronel.

— Não tem febre?

— Sua mulher? Santo céu, não! — Elphinstone se surpreendia por Sharpe sequer se atrever a perguntá-lo. — Não acreditava que o tivessem derrotado, certamente.

— Oh, Deus.

Sharpe se sentou na borda do lugre e, ao não podendo evitar, seus olhos se encheram de lágrimas que lhe correram pelas faces. Não tinha a febre. Havia deixado Killick viver por causa da febre de Jane e não havia pensado em se render a Calvet por culpa da febre e só era um resfriado, um espirro. Sharpe não sabia se ria ou chorava.

Um canhão retumbou do outro lado do rio e um foguete subiu ao céu vacilante e depois mergulhou na lama do rio. Um trompete de cavalaria tocava a retirada, mas Sharpe não se importava. Estava chorando. Estava chorando porque um amigo havia morrido e chorava de alegria porque Jane estava viva. Chorava porque finalmente tudo havia acabado; uma batalha que nunca deveria ter ocorrido, mas uma batalha que graças à teimosia, o orgulho e a promessa de um americano inimigo, havia lhe proporcionado a vitória naquele rio e aquele grande alívio. Finalmente tinha terminado.

Fim.

Nota Histórica

Havia um forte na *Teste de Buch*, ainda que a ação aqui relatada não tenha ocorrido. Contudo, a liberdade desfrutada pelos britânicos para realizar incursões costeiras havia se consolidado com as vitórias de Nelson e muitas de tais incursões realmente ocorreram. Foram possíveis, certamente, graças à supremacia nos mares da Armada Real.

A Armada Real havia alcançado seu apogeu de popularidade com Nelson (um fato que havia causado inveja no Exército, que caía cordialmente mal à maioria de britânicos), mas era uma popularidade não compartilhada pela maioria dos marinheiros da Armada Real que suportavam condições vis, salários baixos e, a menos que fossem afortunados com o capitão de seu navio, castigos físicos brutais e frequentes. Uma das formas mais fáceis de fugir de tal regime era para um navio americano, onde os homens ganhavam no mesmo instante a cidadania. O temor do castigo que os esperava no caso de serem capturados convertia tais desertores em lutadores magníficos. Cornelius Killick sem dúvida havia recrutado tais homens em sua tripulação.

Que um americano resgatasse Sharpe não é tão fantasioso. Colquhoun Grant, cujas aventuras reais já contribuíram antes para a carreira de Sharpe, foi resgatado sendo um prisioneiro fugitivo em Nantes pelo capitão de um navio americano que não sabia que Grant era inimigo de seu país. O sangue e a língua, ao que parece, eram amiúde mais fortes que as alianças formais. Isto, contudo, não teria evitado que a tripulação de um navio corsário americano fosse enforcada do penol pela Armada Real, em particular quando a armada estava ferida com os êxitos americanos no mar.

Estes êxitos foram obtidos na guerra de 1812, um conflito sem sentido entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. No mar, os americanos infligiram uma série de derrotas à Armada Real, e só

perderam a batalha de fragatas final, enquanto que em terra o curso da guerra era similar, mas ao contrário; Grã-Bretanha havia derrotado com facilidade as tentativas americanas de invadir o Canadá, capturando e queimando Washington, mas depois perdera a batalha final em Nova Orleans. As causas do conflito foram resolvidas antes que se declarasse a guerra e a batalha final foi travada depois de firmada a paz. Sharpe é certamente afortunado por Cornelius Killick amaldiçoar esse absurdo.

Os lugres existiram e foram alugados com o propósito de fazer uma ponte sobre o Adour. Os franceses não resistiram de forma efetiva a essa ponte e a ação na margem norte se distinguiu principalmente pela utilização da errática Artilharia de Foguetes (amplamente descrita em *Sharpe e seu pior inimigo*) em uma de suas escassas aparições nos campos de batalha de Wellington.

Wellington não avançou mais ao norte pela costa do golfo de Biscaia, girou para o leste e se dirigiu a Toulouse. Ao longo da campanha, seus homens foram recebidos com a roseta branca e não havia um movimento de resistência na França como o que incomodara os exércitos de Napoleão na Espanha ocupada.

Uma razão que justifica a quietude francesa, fora o cansaço dos franceses pelas guerras napoleônicas, era o trato sensato que Wellington dava à população francesa. Qualquer ato criminoso contra os franceses era castigado com uma execução sumária ainda que, para Sharpe e muitos outros oficiais tinham dificuldade de enforcar seus próprios homens. A polícia militar era menos melindrosa. Todo alimento tinha que ser comprado e com isto se ganhava simpatia de um povo acostumado ao hábito do roubo legalizado entre seu próprio exército. Que a comida fosse paga com moedas falsas não importava, pois as fundições de Wellington continham a quantidade de prata adequada e não se distinguiam do produto da casa da moeda de Paris.

O exército britânico, amplamente abençoado por presidiários, não tinha problemas para encontrar especialistas falsificadores entre suas filas.

Portanto, ainda que os comerciantes de Bordéus, empobrecidos pelo bloqueio britânico, estejam desejosos do fim da guerra, e ainda que a população francesa dê boas-vindas cautelosas a homens cuja disciplina era muito maior que a das tropas de Napoleão, a guerra ainda não terminou. O Imperador está em liberdade e muitos intransigentes na França acreditam que seu gênio ainda pode converter em glória um desastre. As últimas defesas são geralmente as que mais se custa a tomar, portanto Sharpe e Harper voltarão a marchar.